

FUTEBOL: CULTURA, POLÍTICA E SOCIEDADE

Futebol de Várzea e Comunitário: Políticas, gestão, relações de gênero e raça

Organização

Ari Lazzarotti Filho, Fábio Machado Pinto, Luiz Carlos Rigo, Mauro Myskiw



AB4 PUBLICAÇÕES

INCT FUTEBOL

CNPq

Futebol de Várzea e Comunitário: Políticas, gestão, relações de gênero e raça

Organização

Ari Lazzarotti Filho, Fábio Machado Pinto, Luiz Carlos Rigo, Mauro Myskiw



ABA PUBLICAÇÕES


INCT FÚTEBOL

 CNPq

ABA PUBLICAÇÕES

CONSELHO EDITORIAL DE LIVROS
CIENTÍFICOS DA ABA CELCA
(GESTÃO 2023-2024)

Coordenador

Carlos Alberto Steil (UFRGS, Unicamp)

Vice-Coordenadora

Tânia Welter (Instituto Egon Schaden)

Integrantes

Edimilson Rodrigues (FAMES)

Eva Lenita Scheliga (UFPR)

Marcelo Moura Mello (UFBA)

Martina Ahlert (UFMA)

Nathanael Araújo de Silva (Unicamp)

Conselho Editorial

Andrea Zhouri (UFMG)

Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)

Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)

Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)

Fabio Mura (UFPB)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPel)

Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)

María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)

Patrícia Melo Sampaio (Ufam)

Ruben George Oliven (UFRGS)

Wilson Trajano Filho (UnB)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
ANTROPOLOGIA
(GESTÃO 2023-2024)

DIRETORIA

Presidenta

Andréa Luisa Zhouri Laschefski (UFMG)

Vice-Presidenta

Sônia Maria Simões Barbosa Magalhães

Santos (UFPA)

Secretária Geral

Deborah Bronz (UFF)

Secretária Adjunta

Alexandra Barbosa da Silva (UFPB)

Tesoureiro Geral

Guilherme José da Silva e Sá (UnB)

Tesoureiro Adjunto

Gilson José Rodrigues Junior (IFRN)

Diretores

Flávia Melo da Cunha (UFAM)

Osmundo Santos de Araújo Pinho (UFRB)

Tonico Benites (CEFPI-MS)

Denise Fagundes Jardim (UFRGS)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bianca Mara Souza –Bibliotecária - CRB-14/1587

F996 Futebol de várzea e comunitário : políticas, gestão, relações de gênero e raça /
Organizado por Ari Lazzarotti Filho... [et al.]. -- Brasília : ABA Publicações, 2026.
228 p. : il. color ; PDF ; 3 MB.
(Futebol: Cultura, política e sociedade, v. 4)

Inclui índice e bibliografia.

ISBN 978-65-87289-68-7

1. Futebol. 2. Ciências sociais. 3. Várzea. 4. Cultura 5. Comunidade I. Lazzarotti
Filho, Ari (org.) II. Pinto, Fábio Machado (org.). III. Rigo, Luiz Carlos Rigo (org.).
IV. Myskiw, Mauro (org.). V. Título. VI. Série.

DOI Livro 10.48006/978-65-87289-68-7

CDD 316.796

Índice para catálogo sistemático:

1. 316.796 – Sociologia dos esportes, jogos e lazer.



COMITÊ EDITORIAL INCT FUTEBOL

Carmen Rial (UFSC)
Caroline Soares De Almeida (UFPE)
Cristhian Cajé Rodriguez (VU/Países Baixos)
Fábio Machado Pinto (UFPel)
Lia Ferrero (UBA/Argentina)
Luiz Carlos Rigo (UFPel)
Mariane Pisani (UFPI)
Rubens George Oliven (UFRGS)
Vanrochris Vieira (UFMG/UFSC)

INTERNATIONAL ADVISORY COMMITTEE

Pablo Alabarces (UBA/Argentina)
Lia Ferrero (UNLP)
Veronica Moreira (UBA/Argentina)
Igor Martinache (UPN/ França)
Jean-Michel De Waele (ULB/Bélgica)
Francisco Manuel de Jesus Pinheiro (UC/Portugal)
Roger Magazine (IBERO/México)
Richard Giulianotti (LU/Reino Unido)

EXPEDIENTE

Projeto Editorial INCT Futebol
Design editorial Ateliê da Casa
Revisão Português Luciane Silveira
Revisão Espanhol Espanglish

Futebol: Cultura, Política e Sociedade

Em novembro de 2025, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) propôs a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) a publicação da série Futebol: cultura, política e sociedade. A proposta aprovada, com selo ABA, vai ao encontro da sua política editorial de propor livros temáticos, de caráter teórico e etnográfico, que resultam de projetos de pesquisa, de teses e dissertações, de redes de pesquisa, de eventos científicos, como os organizados pelo INCT Futebol, bem como de outros projetos de pesquisas e atividades do instituto, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). As temáticas dos livros têm origem nos estudos e debates das seis linhas de pesquisa do instituto: Futebol de mulheres, de indígenas, paralímpico e LGBTQIA+; Clubes, formação, carreira e migração de futebolistas; Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol; Futebol de Várzea e Comunitário; Infraestrutura, torcida, estádio, museu e memória no futebol e; Instituições, economia e políticas do futebol.

A coordenação executiva deste projeto é da professora doutora Carmen Silva de Moraes Rial, membro da ABA e coordenadora do INCT Futebol, em colaboração com os pesquisadores Fábio Machado Pinto (UFPEl) e Caroline Soares de Almeida (UFPE). Fazem parte do Comitê Editorial pesquisadores de diversas universidades brasileiras e do exterior. A série tem como objetivo promover a reflexão sobre os estudos, abordagens e experiências de pesquisa e extensão universitária no campo das Ciências Sociais sobre futebol no Brasil e exterior.

A promoção do debate entre perspectivas de investigação interdisciplinar, a internacionalização dos estudos sobre o futebol e a formação de pesquisadores está entre os nossos desafios. O futebol é tomado como objeto de estudo e reflexão em diferentes países e culturas, abordagens e disciplinas, um fenômeno que nos permite melhor compreender o mundo atual e suas impactantes transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. A série pretende alcançar cursos de pós-graduação, graduação, bem como pesquisadores e estudiosos do tema, influenciar políticas esportivas e culturais, propor e promover avanços para o futebol em suas diferentes possibilidades.

Sumário

- 09** Prefácio - Deslocar o olhar: o futebol para além dos holofotes
Silvana Vilodre Goellner
- 12** Apresentação - Políticas, gestão, relações de gênero e raça
Ari Lazzarotti Filho, Fábio Machado Pinto, Luiz Carlos Rigo, Mauro Myskiw
- 19** Os nós das redes de autorias do futebol de várzea: tecendo descrições e análises sobre autoras/es, formações e instituições
Capítulo 1 | Mauro Myskiw, Sofia Covello da Rocha, Luiz Carlos Rigo

Seção 01 GESTÃO E POLÍTICAS DE FORMAÇÃO

- 48** Inserção de um jovem futebolista brasileiro em um clube comunitário italiano
Capítulo 2 | Ari Lazzarotti Filho
- 73** Los clubes de fútbol en Uruguay. Los Clubes de Barrio (OSC) y Sociedades Anónimas Deportivas (SAD)
Capítulo 3 | Diego Alsina Machado
- 94** “Eu treinava pelo zoom e jogava pelada com meus amigos no campo de terra no morro”: as marcas do futebol de rua durante a pandemia de covid-19 na vida de Alexander
Capítulo 4 | Gabriel Orenge Sandoval, Alcides José Scaglia
- 115** A ocorrência de lesões em atletas de futebol de periferia veterano no município de Pelotas: um estudo no âmbito do Projeto InterPeriferias do Futebol
Capítulo 5 | Marcelo Terra, Helen Strelow Knabach, Marcelo Cozzensa da Silva, Fábio Machado Pinto

Seção 02 RELAÇÕES DE PODER, GÊNERO E RAÇA

- 138** Várzea e gênero: amadorismo, masculinidades e futebol de mulheres em Belo Horizonte nos anos 1970 e 1980
Capítulo 6 | Raphael Rajão Ribeiro
- 172** Negociar feminilidades e pertencimentos por meio do futebol das advogadas: sentidos e fronteiras e na prática esportiva comunitária de mulheres adultas
Capítulo 7 | Mariana Zuaneti Martins, Samara Ventureli Furtado, Edinalva Brito Gomes, Sãmara Sena Araujo Franca
- 198** Outras arbitragens, outros futebóis: a atuação de árbitros negros em uma competição de várzea e no contexto da atuação profissional
Capítulo 8 | João Cauê Benedeti Morales, Arlei Sander Damo
- 223** AUTORAS E AUTORES

Prefácio

DESLOCAR O OLHAR: O FUTEBOL PARA ALÉM DOS HOLOFOTES

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Meu primeiro contato com práticas do futebol de várzea e comunitário se deu na década de 1990, quando atuei como coordenadora do Programa de Educação Física da Fundação de Educação Social e Comunitária (FESC), vinculada à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, então sob a gestão de Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores. À época, democratizar o acesso ao esporte não era apenas um objetivo programático: compunha uma aposta política na ampliação de direitos e na reconfiguração das formas de participação nos territórios da cidade.

Os centros comunitários, distribuídos pelas diferentes regiões de Porto Alegre, materializavam essa aposta. Eram espaços atravessados por desigualdades estruturais, mas também por experiências concretas de organização coletiva, tensionadas e potencializadas por iniciativas como o Orçamento Participativo. Mais do que equipamentos públicos, constituíam-se como territórios de disputa: pelo uso do espaço, pela definição de prioridades, pela legitimidade de práticas e sujeitos.

Foi nesses espaços que encontrei o futebol em sua forma mais persistente e também mais contraditória. De um lado, os campeonatos de várzea, protagonizados majoritariamente por homens adultos, mobilizavam pertencimentos, afetos e redes comunitárias. De outro, reproduziam, com notável aderência, a lógica do esporte espetacularizado: hierarquias rígidas, centralidade da competição, exclusões naturalizadas e a consa-

gração de um modelo único de prática, profundamente marcado por gênero, classe e, não raramente, por raça.

Reconhecer essa ambivalência foi decisivo. Tornou-se evidente que não bastava ampliar o acesso ao esporte se permanecessem intocados os modos pelos quais esse acesso era organizado e significado. Democratizar, nesse contexto, implicava também problematizar: interrogar as normas, desestabilizar hierarquias e disputar sentidos.

Foi a partir dessa compreensão que passei a investir em um diálogo mais sistemático com a comunidade local, com professoras e professores dos centros comunitários e com as/os usuárias/os desses espaços. Não se tratava de substituir uma forma de futebol por outra, como se houvesse um modelo “correto” a ser implementado, mas de abrir brechas no interior do já instituído: criar condições para que outras experiências pudessem emergir, ganhar legitimidade e disputar espaço.

Nesse processo, tornou-se incontornável perceber que o futebol não se restringia às competições formais. Ele se fazia, sobretudo, no cotidiano: nas peladas, nos encontros informais, nas ocupações persistentes dos espaços públicos. Era ali, especialmente entre meninos, que se teciam redes de sociabilidade, pertencimento e reconhecimento. Era ali também que se explicitavam ausências: onde estavam as meninas, as mulheres, outros sujeitos historicamente afastados desses espaços?

Essa experiência produziu um deslocamento irreversível em minha trajetória. O esporte (e o futebol em particular) passou a ser mais fortemente assumido como um campo atravessado por relações de poder. Um campo no qual se produzem inclusões e exclusões, visibilidades e silenciamentos, reconhecimentos e apagamentos. Foi nesse horizonte que se consolidou meu compromisso com a investigação e com a intervenção: ampliar as formas de apropriação das práticas esportivas por diferentes sujeitos e grupos, afirmando a legitimidade de modos plurais de jogar, viver e significar o futebol.

É precisamente esse deslocamento que reencontro ao ler esta obra que tenho a alegria e a honra de prefaciar. Ao reunir pesquisas sobre o futebol de várzea, comunitário e de lazer, o livro opera um gesto político fundamental: desafia a centralidade do futebol profissional como

medida única de valor e visibilidade. Desloca o olhar das arenas globais para os campos de terra, das grandes audiências para as comunidades, dos heróis consagrados para os sujeitos coletivos - muitas vezes minorizados - que sustentam, cotidianamente, a existência do futebol.

Os capítulos aqui apresentados são contundentes ao afirmar que o futebol de várzea não é uma versão menor, precária ou inacabada do futebol “verdadeiro”. Essa hierarquia, longe de ser natural, é produzida por regimes de visibilidade e por interesses econômicos, políticos e midiáticos que historicamente relegam essas práticas à margem. O que este livro evidencia é o contrário: estamos diante de um universo denso, historicamente enraizado e socialmente potente, no qual se elaboram formas próprias de organização, formação, pertencimento, disputa e resistência.

Mais do que descrever experiências, os textos se engajam em uma tarefa crítica: analisar como se produzem e se transformam os modos de gestão e participação nesses contextos e, sobretudo, explicitar as relações de poder que os atravessam, em especial aquelas marcadas por gênero e raça. Ao fazê-lo, a obra não apenas amplia o conhecimento sobre esses circuitos, mas também intervém no próprio campo de estudos, tensionando agendas e reposicionando objetos historicamente desvalorizados.

A diversidade de abordagens, territórios e estratégias metodológicas não fragmenta o conjunto; ao contrário, revela a complexidade e a vitalidade dessas práticas. Ao colocar em cena narrativas, documentos, etnografias e análises comparativas, o livro nos convida a pensar o futebol a partir de lugares historicamente tornados marginais e, ao fazê-lo, questiona o próprio gesto de marginalização.

Este não é, portanto, um livro apenas sobre futebol. É um livro sobre poder, sobre desigualdade, sobre resistência e sobre a disputa por reconhecimento. É um livro que nos obriga a rever o que consideramos central e periférico, legítimo ou secundário.

Que sua leitura nos desacomode. Que nos leve a tensionar hierarquias naturalizadas e a reconhecer que, nos campos de várzea e nos espaços comunitários, não apenas se joga futebol: ali também se produzem mundos, se afirmam direitos e se inventam outras formas de existir.

Apresentação

POLÍTICAS, GESTÃO, RELAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA

Ari Lazzarotti Filho

Universidade Federal de Goiás (PPGEF/UFG)

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel)

Luiz Carlos Rigo

Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel)

Mauro Myskiw

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

A coletânea Futebol de Várzea e Comunitário representa o trabalho desenvolvido por pesquisadoras e pesquisadores articuladas/os pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O objetivo deste INCT é exatamente formar e congregar pesquisadoras e pesquisadores, de diferentes universidades, regiões e de diferentes áreas de formação, que priorizem estudar e pesquisar o futebol. O ponto de partida é o reconhecimento da relevância do fenômeno futebol no Brasil, na América Latina e em muitos outros países, como atesta a própria aprovação e existência deste Instituto entre outras questões dignas de um investimento público estratégico.

Se este é o ponto de partida, podemos tomar esta obra como um ponto de encontro, com enfoque sobre práticas futebolísticas mencionadas como varzeanas, comunitárias ou de lazer, intensamente vividas e marcadas

pelos dramas e pelas tramas cotidianas locais e regionais, mas que, na maioria das vezes, não têm os mesmos regimes de visibilidade e de circulação dos circuitos profissionais. Isso não significa que seja um futebol de menor relevância, mas que, justamente pela sua histórica e insistente presença, suscita outra produção social, cultural, econômica e política. Este é o enfoque da atuação de pesquisadoras e pesquisadores da linha Futebol de Várzea e Comunitário do INCT, aglutinadas/os pelo interesse em estudar e compreender o futebol praticado na periferia do futebol profissional, a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

Nesse sentido, podemos dizer que estamos diante de uma continuação da publicação intitulada “Futebol Popular” realizada pela Editora Ludopédio, em parceria com o INCT Estudos do Futebol (Ribeiro; Spaggiari; Soares, 2024), na qual é discutido e analisado um aumento do interesse político-acadêmico em pesquisar uma diversidade de arranjos, configurações ou circuitos contra-hegemônicos, simbolicamente mais distantes da espetacularização, caracterizadas pela forte presença da classe trabalhadora e subalterna, pelas populações periféricas e interioresanas. Essa obra é especialmente importante pela retomada histórica e pelo arranjo de reflexões que caracterizam um campo de conhecimentos emergente e pulsante sobre o futebol popular, bem como pelos seus apontamentos de agendas de pesquisas presentes na realidade brasileira.

Também podemos mencionar a continuidade da publicação intitulada “Interperiferias do Futebol” (Pinto; Lara; Vaz, 2024), publicada com o apoio do INCT Estudos do Futebol, que contempla análises de narrativas no contexto de um projeto de intercâmbio esportivo, cultural e linguístico, no qual aciona a experiência vivida do “futebol periférico” como modo de produção a ser compreendido, numa perspectiva de formação e transformação social em sociedades contemporâneas. Ainda, lembramos a organização do dossiê “Futebol de Várzea e Comunitário” publicado no periódico INTERthesis, Revista Internacional Interdisciplinar da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o qual reúne trabalhos de diferentes temáticas e áreas disciplinares¹.

¹ Dossiê disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/about>

Com isso, queremos afirmar que a presente coletânea representa mais alguns passos na atuação da linha de pesquisa sobre Futebol de Várzea e Comunitário do INCT, com a marca de que, nesta obra, nos dedicamos a nos provocar e a nos reunir em torno de temáticas que estão agenciando os fazeres de pesquisadoras e pesquisadores, absorvendo arranjos de diferentes e múltiplos modos de constituir a produção de conhecimentos, em que pesem as abordagens teóricas, disciplinares e metodológicas. Nesta coletânea, especificamente, tratamos de dois eixos temáticos: a gestão e a política nas práticas de gestão e de formação; as relações de gênero e raça que atravessam diferentes modos de participação.

Mas, antes de entrarmos nos trabalhos que tratam destas temáticas, cabe destacar que o primeiro capítulo do livro contempla um texto que procurou investigar, analisar e representar os nós que, de certa forma, tecem as redes de produção de conhecimentos sobre futebol de várzea no Brasil. Neste capítulo, Mauro Myskiw, Sofia Covello da Rocha e Luiz Carlos Rigo partem de questionamentos sobre quem são as pessoas, suas formações, seus engajamentos e vínculos institucionais para mapear e desenvolver uma análise descritiva que permite compreender como ‘o futebol de várzea’ tem agenciado um circuito singular de produção de conhecimentos. A autora e os autores se apropriam de informações extraídas da plataforma *Lattes* do CNPq e, ao final, trazem elementos para entender a constituição das redes a partir de seus nós, trazendo pistas importantes para a continuidade dos trabalhos do INCT.

Depois deste texto inicial, a coletânea contempla uma seção com quatro capítulos, que abordam processos de formação de futebolistas, não apenas de jovens, mas também de veteranos. O que torna bastante rica esta seção é o fato de que estes trabalhos se aproximam por investigarem questões relacionadas à gestão e à política de formação, mas se diferenciam pelos territórios de investigação, pelos modos de pesquisar, assim como pelas abordagens teórico-metodológicas de análises e interpretações. A leitora e o leitor estarão diante de análises de experiências vividas, de documentos institucionais, de narrativas de um jogador e de levantamentos realizados por questionários e observações. Esta, aliás, é uma característica importante do que procuramos sistematizar e sublinhar com a presente obra.

Este eixo temático é iniciado com o segundo capítulo, intitulado “Inserção de um jovem futebolista brasileiro em um Clube Comunitário italiano”, de autoria do pesquisador Ari Lazzarotti Filho, que tem como temática a articulação das formações de jogadores entre o futebol comunitário e o sistema federado, desenvolvendo uma análise comparativa entre as experiências de um jovem jogador e sua família no Brasil e na Itália. De um lado, no Brasil, o autor nota uma relativa autonomia entre instituições comunitárias e as federadas, de outro, na Itália, percebe um campo simbólico que integra essas instituições. Com base em descrições das situações vividas, o texto coloca em questão – e também problematiza – a relevância dessa articulação para o processo de formação futebolística e social, sem deixar de ressaltar a diversidade de atores e de interesses presentes.

O terceiro capítulo, sobre “Los clubes de fútbol en Uruguay”, nos leva para outro território, o uruguaio. Nele, Diego Alsina manuseia informações de diferentes investigações sobre a organização futebolística contemporânea no Uruguai, especialmente no Departamento de Maldonado. Nesse contexto, apresenta-nos um campo em disputa a partir das peculiaridades dos processos organizacionais e de gestão que avançam sobre os Clubes de Bairro, destacando a crescente presença das Escolas e das Sociedades Anônimas de Futebol como formas de agenciamento mercantil que se entrelaçam aos associativismos comunitários. O texto nos interpela com questionamentos e tensionamentos acerca do capital econômico e o modelo neoliberal como modos de sistematizar as formações futebolísticas e, sobretudo, os lugares dos clubes como agentes comunitários.

Depois de tratar da experiência na Itália, das organizações no Uruguai, no quarto capítulo, escrito por Gabriel Orenge Sandoval e Alcides José Scaglia, intitulado “Eu treinava pelo ZOOM e jogava pelada com meus amigos no campo de terra no morro”, nos deparamos com análises e reflexões sobre narrativas e significados das práticas e dos coletivos informais e cotidianas na trajetória de formação futebolística de jogadores profissionais no Brasil. Os autores manuseiam narrativas de um jogador profissional (Alexsander) sobre a relevância de sua volta aos

campos do morro do Rio de Janeiro, de se desprender, durante o período de restrições relacionadas à pandemia de Covid-19, dos constrangimentos dos especialistas e das instituições formais. Essa leitura da narrativa, que instiga a pensar a educação do corpo-jogador-futebolista na rua, articula conhecimentos entre filosofia, memória e pedagogia do esporte, nos interpelando, inclusive, sobre a necessidade de epistemologias decolonialistas.

Até aqui, a formação, em diferentes territórios, foi abordada a respeito da trajetória de jovens futebolistas. Mas, para além dessa população, o quinto capítulo da coletânea, escrito por Marcelo Terra, Helen Strelow Knabach, Marcelo Cozzensa da Silva e Fábio Machado Pinto, nos faz olhar para a formação entre/dos jogadores veteranos, especificamente como eles ‘se formam’ a respeito dos desafios que enfrentam para continuar jogando nos seus momentos de lazer. Essa formação é retratada acerca da recorrência de lesões e a produção de conhecimentos relacionados a esse fenômeno, no contexto de um Projeto Unificado de pesquisa, ensino e extensão. Ao ler o capítulo “A ocorrência de lesões em atletas de futebol de periferia veterano no Município de Pelotas: um estudo no âmbito do Projeto InterPeriferias do Futebol” é possível saber mais sobre como os jogadores veteranos têm lidado com as lesões. A autora e os autores desenvolvem algumas análises que apontam questões importantes a serem consideradas, assim como caminhos para políticas de cuidados.

Esta formação sobre as lesões pelos futebolistas veteranos suscita debates e aprendizagens acerca da participação, que é a temática mobilizadora do segundo eixo da presente coletânea, tendo em vista as relações de poder implicadas por gênero e raça. Nos próximos três capítulos, traremos diferentes abordagens críticas e contestatórias sobre essas relações, as desigualdades e discriminações que atravessam a participação em configurações de futebol de várzea e comunitário, seja para trabalhar ou para fruir experiências de lazer. E, da mesma forma que na primeira seção do livro, nessa segunda, as leitoras e os leitores se deparam com distintas formas de produção de conhecimento, mobilizando investigações etnográficas, análises de documentos, de entrevistas e de grupos focais.

A segunda seção é iniciada pelo sexto capítulo, intitulado “Várzea e gênero: amadorismo, masculinidades e futebol de mulheres em Belo Horizonte nos anos 1970 e 1980”, produzido por Raphael Rajão Ribeiro. A partir de uma análise historiográfica, ele nos mostra como as relações de gênero foram agenciadoras de diferentes configurações do futebol de várzea de Belo Horizonte como um circuito particular. Trabalhando com as mudanças específicas ocorridas nas décadas de 1970 e 1980, mas contextualizando-as nos acontecimentos e discursos do século XX, o autor descreve e analisa, nessa perspectiva, a emergência das categorias de futebol de menores, do futebol de veteranos e, principalmente, do futebol feminino. A noção de liminaridade é uma das chaves de leitura que deixa o texto instigante e original, nos proporcionando ótimos entendimentos acerca das relações entre gênero e várzea.

No sétimo capítulo, desenvolvido por Mariana Zuaneti Martins, Samara Ventureli Furtado, Edinalva Brito Gomes, Samara Sena Araujo Franca, as autoras descrevem e analisam os sentidos das práticas de futebol comunitário por um grupo de mulheres advogadas. Essas análises estão articuladas pelo entendimento de que a prática do futebol por mulheres pode ser uma ação coletiva contestatória e reivindicatória quanto ao pertencimento e à identidade, mas que isso ainda ocorre nos interstícios dos discursos que estruturam as relações de poder em favor de homens. Não por acaso, a leitura do texto “Negociar feminilidades e pertencimentos por meio do futebol das advogadas: sentidos e fronteiras e na prática esportiva comunitária de mulheres adultas”, constituído por riquíssimos excertos de depoimentos, nos coloca junto com as mulheres em campo, nas idas-e-vindas, entre contestações, reivindicações, barreiras, discriminações, preconceitos, mas, ainda assim, na luta pelos seus direitos.

O oitavo e último capítulo continua nessa perspectiva de análise das relações de poder implicadas por marcadores de raça, porém nos engajamentos de trabalhadores no futebol de várzea e comunitário. O trabalho “Outras arbitragens, outros futebóis: a atuação de árbitros negros em uma competição de várzea e no contexto da atuação profissional”, de João Cauê Benedeti Morales e Arlei Sander Damo, aborda as relações

étnico-raciais no contexto da arbitragem de dois circuitos futebolísticos. Os autores analisam a formação e a atuação de homens negros na arbitragem, transitando entre as situações e experiências de duas pesquisas etnográficas, a primeira realizada numa competição municipal de futebol de várzea e a segunda num curso de formação, numa federação, preparatória para competições profissionais. Ao mesmo tempo em que aciona debates, pesquisas e casos de discriminações e desigualdades, o capítulo, criticamente, nos ensina sobre as singularidades dos circuitos a respeito de como, em cada um, o marcador racial produz efeitos na construção social das trajetórias e experiências de arbitragens.

Apresentados os oito capítulos que compõem a coletânea, nos cabe sublinhar que estamos diante de um grupo de pesquisadoras e de pesquisadores que, apesar da rica e relevante diversidade de interesses, de formas de pesquisar e de abordagens teórico-metodológicas, podem ser reunidos/os em eixos temáticos identificáveis. Assim, esta coletânea nos ensina, também, acerca de uma agenda de trabalho das pessoas que se engajam na produção de conhecimentos sobre futebol de várzea e comunitário.

REFERÊNCIAS

PINTO, Fábio Machado; LARA, Ricardo; VAZ, Alexandre Fernandez. *InterPeriferias do Futebol: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea?* Pelotas: Ateliê da Casa, 2024.

RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (Orgs.). *Futebol Popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024.

Capítulo 1

OS NÓS DAS REDES DE AUTORIAS DO FUTEBOL DE VÁRZEA: TECENDO DESCRIÇÕES E ANÁLISES SOBRE AUTORAS/ES, FORMAÇÕES E INSTITUIÇÕES

Mauro Myskiw

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Sofia Covello da Rocha

Graduanda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Luiz Carlos Rigo

Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel)

INTRODUÇÃO

Em 2022, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) aprovou a criação do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Estudos do Futebol Brasileiro, inicialmente composto por 10 consultores internacionais (de 10 Universidades estrangeiras), 21 pesquisadores e 20 colaboradores nacionais (de 12 Universidades brasileiras), sob a coordenação das pesquisadoras Carmen Rial e Mariani Pisani (Rigo *et al.*, 2023), tendo sua sede na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo deste INCT é “[...] formar e congregar pesquisadoras e pesquisadores, de diferentes universidades e de diferentes áreas de formação, que priorizem estudar e pesquisar o futebol brasileiro.” (INCT Estudos do Futebol Brasileiro, 2024).

Para operacionalizar este objetivo, foram estabelecidas 4 linhas de trabalho (Futebol de várzea e comunitário; Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol; Produção de carreiras de futebolistas;

Futebol de mulheres, indígenas, LGBTQIA+ e paralímpico), cada uma delas composta por coordenadoras/es, pesquisadoras/es, colaboradoras/es e um/a bolsista de iniciação científica. A linha Futebol de várzea e comunitário definiu como sua referência de atuação a seguinte ementa:

[...] configura-se num espaço-rede que aglutina pesquisadoras/es de diferentes áreas de conhecimento, interessadas/os em problematizar as práticas de futebol não profissionais. Entendemos como Futebol de Várzea e Comunitário as práticas futebolísticas marcadas pelos cotidianos locais/regionais, em especial aquelas vividas como experiência de lazer. Um futebol que não opera na mesma lógica do futebol profissional. A linha almeja constituir-se em uma referência dos estudos interdisciplinares, na interface com distintas áreas das Ciências Humanas e seus diversos modos de produção. (INCT Estudos do Futebol Brasileiro, 2024)

Um dos movimentos de membros desta linha foi mapear autoras/es, áreas, instituições e coletivos acadêmicos do futebol de várzea no Brasil. Foi realizada, inicialmente, uma pesquisa no Diretório de Grupos do CNPq², usando o termo “futebol” (Rocha; Rial, 2023). As autoras identificaram que, dos 67 grupos listados, 14 tratavam de futebol de várzea, comunitário e lazer. Ainda, notaram que as áreas vinculadas foram Educação Física, História, Sociologia, Antropologia, Letras e Comunicação, interessadas em 5 linhas temáticas (história, memória e identidade; comunicação, cinema, fotografia, arte e linguagem; sociabilidade, pertencimento e emoções; corpo, etnicidade, gênero e sexualidade; e políticas públicas e gestão).

Os primeiros resultados, somados à proposta de constituir a presente coletânea, nos provocaram a aprofundar a investigação, dessa vez, acessando os dados disponíveis na Plataforma *Lattes* do CNPq³ e mobilizados/as pelas seguintes perguntas: Quais os maiores títulos de formação das/os autoras/es e em quais instituições eles foram obtidos? Quem são as/os autoras/es que se dedicaram e/ou têm se dedicado a pesquisar e/

² O Diretório de Grupos do CNPq é um sistema de informação que reúne dados dos Grupos de Pesquisa do Brasil. Mais informações em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>

³ A Plataforma *Lattes* é um sistema de informações do CNPq que integra bases de dados de Currículos, de Grupos de Pesquisa e de Instituições vinculadas à produção científica. Mais informações em: <https://lattes.cnpq.br/>

ou orientar pesquisas sobre futebol de várzea no Brasil? Como essas/es autoras/es colaboram entre si e se agrupam?

Em que pesem as demandas investigativas dessas perguntas e a existência de levantamentos já realizados sobre a produção de conhecimentos sobre o futebol brasileiro (Giglio; Spaggiari, 2010; Souza *et al.*, 2017; Fensterseifer; Saad; Moro, 2018; Abrantes; Silva; Alves, 2019), nesta pesquisa temos um objetivo mais restrito: tecer descrições e análises de redes de formações, instituições e de autoras/es que estiveram ou estão engajadas/os em pesquisa e produção de conhecimento sobre futebol de várzea no Brasil. Usamos como referência de investigação a denominação ‘futebol de várzea’, o que expressa nosso interesse de entender a mobilização de pesquisadoras/es acerca desse modo de constituir o futebol, sem a pretensão de esgotar os debates sobre um futebol popular (Spaggiari; Ribeiro, 2024).

O QUE O PROCESSO DE PESQUISA E SISTEMATIZAÇÃO NOS DIZ?

Para este exercício de identificar e analisar, nós optamos por um trabalho analítico-descritivo, levando em consideração alguns elementos da área de estudos bibliométricos e sociométricos (Ferreira; Silva, 2019), em especial das análises da produção do conhecimento institucionalizado, no presente caso, tendo como referência básica as/os autoras/es de artigos, livros e capítulos de livros publicados, bem como teses, dissertações, trabalhos de conclusão de cursos de especialização e de graduação defendidos ou em andamento. Mas, além do mapeamento das pessoas, a presente pesquisa aciona alguns recursos de sociometria acadêmica, ao buscar descrever a construção de coletivos de co-autoras/es que se debruçam sobre a temática do futebol de várzea no Brasil.

Com o enfoque da investigação na construção das redes de autores/as, formações, instituições e áreas de produção, optamos pela utilização das buscas a partir da Plataforma *Lattes* do CNPq. Neste sistema de dados, realizamos a busca por temáticas, utilizando os termos “futebol” e “várzea”, com o operador *booleano AND*. Essa busca, realizada em maio de 2024, resultou no retorno do currículo *Lattes* de 653 pessoas cadastradas. Com o auxílio do Prof. Jesús Pascual Mena-Chalco, docente

e pesquisador da Universidade Federal do ABC (UFABC) - a quem agradecemos pela colaboração -, foram extraídos, através do aplicativo *ScriptLattes*⁴, os dados de publicações e de orientações de 650 pessoas (3 currículos não foram localizados pelo aplicativo).

Os dados dos 650 currículos foram organizados conforme a própria sistematização da plataforma *Lattes* e do *ScriptLattes*. Nesta pesquisa, utilizamos um conjunto específico de informações: produção bibliográfica (13896 artigos completos publicados/aceitos para publicação em periódicos; 2647 livros publicados/organizados ou edições; 7132 capítulos de livros publicados), orientações concluídas/em andamento (1910 teses de doutorado; 4691 dissertações de mestrado; 3543 monografias de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização; 17833 trabalhos de conclusão de curso de graduação) e colaborações endógenas (redes de parcerias) identificadas entre os/as autoras/es cujos dados dos currículos foram extraídos.

Com esses dados dos 650 currículos, passamos a desenvolver um primeiro crivo, com base nos títulos dos trabalhos (artigos, livros, capítulos de livros, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de especialização e graduação). Utilizamos, para tanto, a ferramenta ‘localizar’ com as palavras “futebol”, “várzea”, “varzeano”, “varzeana”, “football”, “soccer”. O objetivo foi identificar, através da leitura dos títulos e, se necessário, de buscas adicionais, as/os autoras/es que realizaram estudos voltados especificamente ao futebol de várzea, comunitário ou de lazer, tendo como referência a ementa da linha, descrita na introdução.

Neste processo, notamos que: 1) diversos currículos de autoras/es capturados na busca inicial, cujos dados foram extraídos pelo *ScriptLattes*, não continham publicações relacionadas a ementa da linha, os quais foram suprimidos da pesquisa; e 2) ao identificar a produção que nos interessava, através dos títulos dos trabalhos, percebemos a ausência de currículos de autoras/es na nossa base de dados, pois a busca inicial não os tinha listado. Assim, sempre que notamos ausências de co-autoras/es,

⁴ O *ScriptLattes* é um software desenvolvido para extração de informações de pesquisadoras/es cadastrados na Plataforma *Lattes* do CNPq. Ele gera relatórios de cada uma das pessoas, além de algumas análises de relações. Mais informações em Mena-Chaco e Cesar Júnior (2009).

com base nas publicações que nos interessavam, realizamos uma busca ativa na plataforma *Lattes* para localizar e extrair as informações dos outros currículos não capturados inicialmente. Ao final deste processo, identificamos, selecionamos e estivemos trabalhando com as informações de 449 autoras/es-currículos. Dessas/es 120 (26,7%) foram identificadas como autoras e 329 (73,3%) como autores.

Os desafios de localizar as/os autoras/es pelas informações das publicações nos fizeram proceder uma sistematização específica, emergente da própria experiência de aprendizagens sobre como as redes se constituem. No quadro 1 explicamos isso, descrevendo as duas formas de identificação e seleção dos/as autores/as, as quais passarão a ser mencionadas como Grupo 1 ('primeira forma') e Grupo 2 ('segunda forma').

Quadro 1 - Duas formas de identificação e seleção de autoras/es, bem como de organização dos dados.

	Primeira forma de identificação (GRUPO 1)	Segunda forma de identificação (GRUPO 2)
Identificação e seleção	Num primeiro momento, identificamos e selecionamos autoras/es através dos artigos publicados (ou aceitos para publicação) em periódicos, dos livros e/ou dos capítulos publicados.	Num segundo momento, notamos que muitas/os outras/os autoras/es não estavam presentes na 'primeira forma', mas foram identificadas/os e selecionadas/os através dos títulos de seus trabalhos de conclusão de curso de doutorado, de mestrado, de especialização e de graduação (concluídos ou em andamento).
Números de autoras/es identificadas/os e selecionadas/os	225 autoras/es 83 autoras (36,9%) 142 autores (63,1%)	224 autoras/es 37 autoras (16,5%) 187 autores (83,5%)

<p>Sistematização dos dados de cada autora/or</p>	<p>Acessamos o currículo de cada uma/um dessas/es autoras/es e extraímos, para uma planilha (cada autor/a compreende uma linha), as seguintes informações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - dados sobre a formação (maior título, ano, titulação em, orientador/a, instituição, estado/país, título do trabalho); - dados sobre a localização indicada pela/o autor/a de grande área e a área da CAPES; - dados do número de publicações específicas sobre futebol de várzea, comunitário, amador e de lazer (artigos, livros e capítulos); - dados de orientações concluídas/andamento sobre futebol de várzea, comunitário, amador e de lazer (doutorado, mestrado, especialização e graduação); dados de co-autorias dos trabalhos 	<p>Acessamos o currículo <i>Lattes</i> de cada uma/um dessas/es autoras/es, do qual extraímos, para uma planilha (cada autor/a compreende uma linha), as seguintes informações organizadas em colunas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - dados sobre a formação (maior título, ano, titulação em, orientador/a, instituição, estado/país, título do trabalho).
---	---	--

Fonte: elaborado pela autora e pelos autores.

Ao procedermos as primeiras sistematizações das informações no quadro 1, já notamos a importância do marcador de gênero na constituição da rede de pesquisadoras/es. No grupo 1 (primeira forma de identificação e seleção) percebemos a presença de uma autora para cada 3 autores (1/4), enquanto no grupo 2 (segunda forma de identificação e seleção) notamos a presença de 1 autora para cada 5 autores (1/5). Parece-nos, assim, que esse é um ponto de partida dos nossos entendimentos a respeito do nosso tecer de redes de futebol de várzea no Brasil.

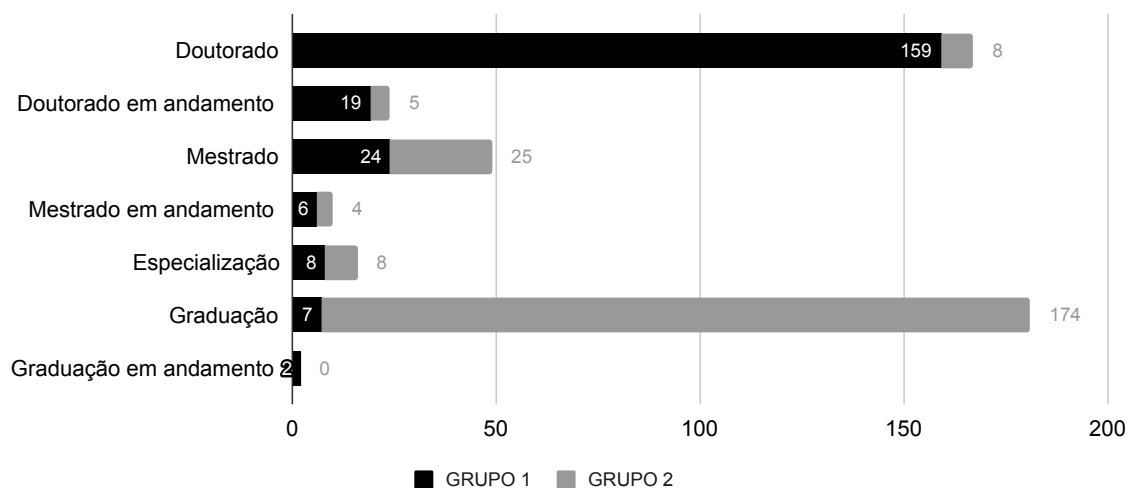
A partir deste entendimento inicial, organizamos outras análises em três interrogações: a primeira orientada para os cursos de maiores titulações; a segunda para os vínculos institucionais das maiores titulações; e a terceira para presença e parceria de autoras/es e suas instituições de trabalho. Apresentamos as informações na forma de gráficos e tabelas de frequência absoluta desenvolvidos no aplicativo *Excel* da *Windows*, na forma de frequências relativas e através de redes e *clusters* de colaboração entre autoras/es e instituições, usando o aplicativo *VOSviewer Online*⁵.

⁵ Ferramenta disponível em: <https://app.vosviewer.com/>

O QUE AS MAIORES TITULAÇÕES REGISTRADAS NOS DIZEM?

Quando olhamos para a maior titulação registrada pelas/os 449 autoras/es (gráfico 1), percebemos o destaque de dois grupos distintos que, juntos, compreendem 78,3% das pessoas identificadas: de um lado, notamos 178 (39,6% das/os autoras/es) que registraram o maior título de doutorado concluído ou em andamento; de outro lado, está a frequência mais recorrente de autoras/es que registraram o maior título a graduação (38,7%; 174 autoras/es). Com isso, entendemos que aquelas/es envolvidas/os com o desenvolvimento de teses, dissertações e orientações, que caracterizam um ‘engajamento continuado’, são mais frequentes no grupo 1 (nele, encontramos autoras/es que publicam artigos, livros, capítulos de livros e/ou orientam outras/os aluna/os; nele, ainda, encontramos 1/4 de autoras), ao passo que aquelas/es vinculados aos trabalhos de conclusão de cursos de especialização e de graduação, que caracterizam um ‘engajamento pontual’, estão mais vinculados ao grupo 2 (na maioria elas/es realizaram suas pesquisas de término de curso de graduação; nele, encontramos 1/6 de autoras).

Gráfico 1 - Frequência absoluta da maior titulação registrada na Plataforma *Lattes*, das/os autoras/es identificadas/os e selecionadas/os.

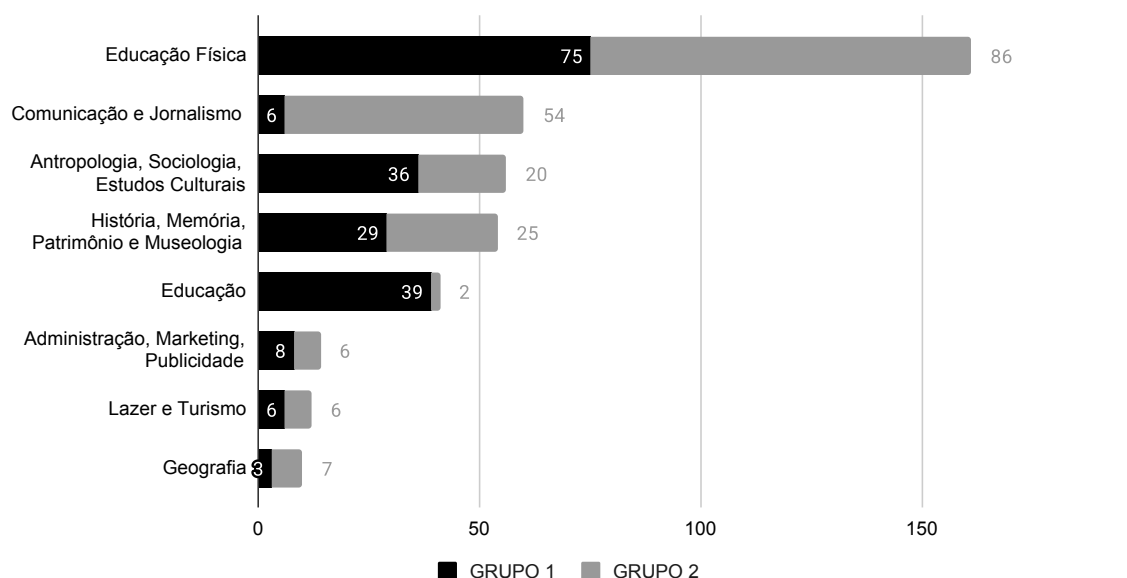


Fonte: elaborado pela autora e pelos autores.

Relacionando estas informações e estes entendimentos, compreendemos que o engajamento pontual (grupo 1), ao que nos parece, é fortemente caracterizado pela presença de autores, enquanto o engajamento continuado (grupo 2), ainda que de maneira tímida, cria mais condições de possibilidades para o interesse e participação das autoras.

Para entendermos mais acerca destes dois grupos distintos (engajamentos continuado e pontual), sistematizamos no gráfico 2 as informações sobre os cursos de formação, com enfoque sobre áreas disciplinares, considerando, também, a maior titulação concluída ou em andamento registrada na plataforma. Como a lista de cursos de graduação e/ou de pós-graduação (*lato* ou *stricto sensu*) foi bastante extensa e heterogênea - pois a plataforma permite às/aos usuárias/os redigirem os títulos dos cursos -, desenvolvemos um agrupamento deles, considerando as proximidades dos campos disciplinares e áreas de conhecimento. Finalizamos este exercício com agrupamentos de 20 cursos/áreas, mas, neste gráfico 2, optamos por apresentar aqueles nos quais pelo menos 10 autoras/es estivessem localizados. Nestes 8 cursos/áreas apresentados no gráfico, estão contemplados 90% das/os autoras/es⁶.

Gráfico 2 - Frequência absoluta dos cursos/agrupamentos de cursos em que as/os autoras/es foram (ou seriam) tituladas/os.



Fonte: elaborado pela autora e pelos autores.

⁶ Os cursos não listados no quadro 2 foram: Letras e Literatura, Epidemiologia, Medicina e Fisioterapia, Desenvolvimento, Política Pública e Ciência Política, Biologia e Bioquímica, Psicologia e Psicopatologia, Engenharia Civil, Serviço Social, Filosofia, Ciências da Religião, Análises de Sistemas

Este gráfico nos mostra que os cursos/áreas de formação mais registrados pelas/os autoras/es foram Educação Física e Comunicação e Jornalismo. Entretanto, as configurações destas duas áreas, quando consideramos os dois grupos sistematizados nesta pesquisa (engajamento ‘continuado’ e ‘pontual’), notamos diferenças importantes: no grupo da Educação Física há uma divisão equilibrada entre aquelas/es localizadas nos grupos 1 (continuado) e 2 (pontuais), bem diferente do que ocorre no caso daqueles/as que realizaram seus trabalhos sobre futebol de várzea, comunitário ou de lazer vinculados às formações na área de Comunicação e de Jornalismo. Nessa área, há uma predominância de trabalhos vinculados às conclusões de cursos que, na maioria das vezes, não se reverberam nos artigos, livros ou capítulos de livros.

Ainda no gráfico 2 notamos outras 3 áreas de cursos/áreas nas quais, podemos dizer, predominam os registros de autoras/es vinculados ao grupo 1 (frequência entre parênteses): Antropologia, Sociologia e Estudos Culturais (36 pesquisadoras/es); História, Memória, Patrimônio e Museologia (29 pesquisadoras/as); e Educação (39 pesquisadoras/es). Isso nos sinaliza que, no caso de autoras/es que registraram suas formações nestes cursos/áreas localizadas/os, há uma predominância das/os que estiveram (alguns estavam no momento do levantamento) realizando seus trabalhos de pesquisa e publicações vinculadas/os a cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) nessas áreas, na interface com as Ciências Humanas e a Educação.

A trajetória nesses cursos/áreas indica um maior engajamento nas pesquisas e publicações. Essa situação não se repete entre autoras/es que registraram suas maiores titulações (concluídas e em andamento) nos cursos/áreas de Administração, Marketing e Publicidade, Turismo e Lazer e Geografia. Para elas/es, as trajetórias se equivalem entre aquelas/as autoras/es dos grupos 1 e 2, em termos de publicações.

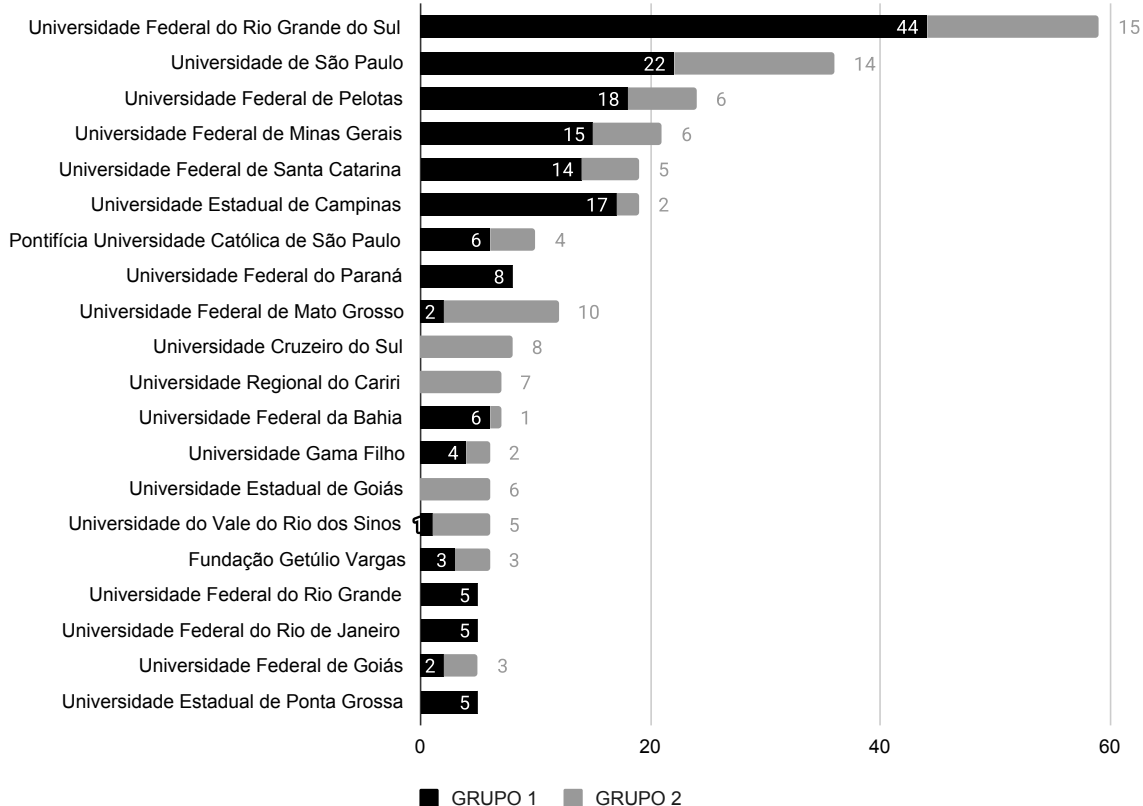
O QUE OS VÍNCULOS INSTITUCIONAIS DAS TITULAÇÕES NOS DIZEM?

Partimos das informações dos grupos 1 (engajamento continuado) e 2 (engajamento pontual) para analisarmos os vínculos com as Instituições de Ensino Superior (IES) registradas pelas/os autoras/es, especificamente nas quais elas/es obtiveram ou estavam obtendo a maior titulação. No gráfico 3, apresentamos as informações sobre a frequência absoluta das 20 IES mais registradas (elas compreendem 60,1%, um total absoluto de 270 pessoas-currículos)⁷. No gráfico 4, trazemos dados acerca das regiões geográficas em que se localizam as IES identificadas, bem como a sua configuração em termos de responsabilidade político-administrativa da formação.

A respeito do gráfico 3, destacamos que 6 IES juntas contemplam 39,6% dos registros das/os 449 autoras/es (13,1% registros ocorreram na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 8% na Universidade de São Paulo; 5,3% na Universidade Federal de Pelotas; 4,7% na Universidade Federal de Minas Gerais; 4,2% na Universidade Federal de Santa Catarina; e 4,2% na Universidade Estadual de Campinas). Estas Instituições, como reforçam os dados do gráfico 4, estão localizadas nas regiões Sudeste e Sul do país (41,8% dos 449 registros ocorreram em Instituições da região Sudeste; 33,1% na região Sul), mostrando que há um marcador regional e institucional na formação de pesquisadoras/es e seus interesses em produzir e publicam sobre futebol de várzea e comunitário.

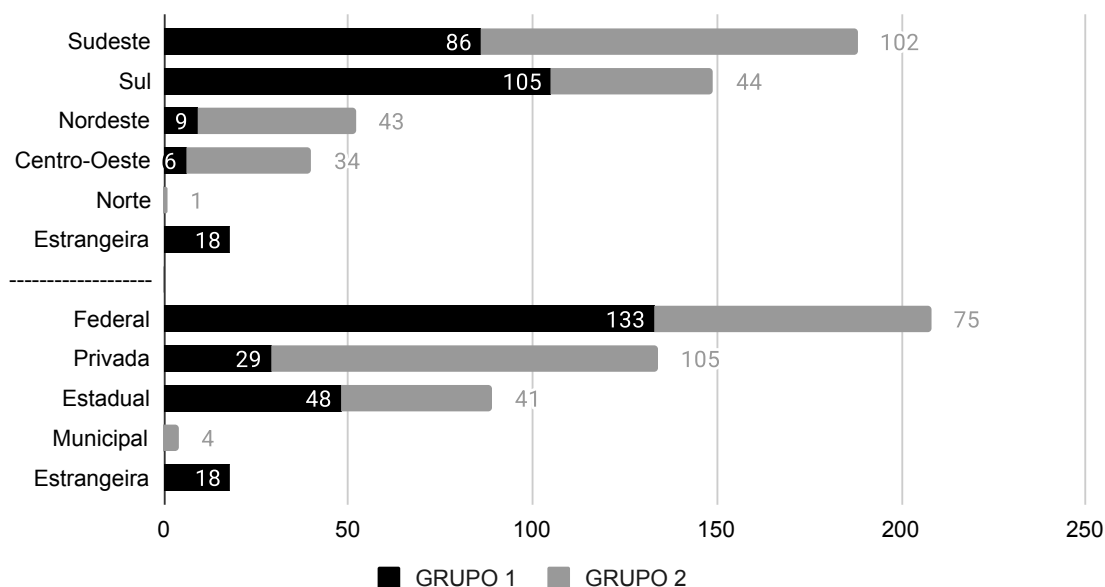
⁷ Além destas 20 listadas no quadro 3, outras 113 Instituições de Ensino (Universidades, Centros Universitários e Faculdades) foram identificadas. Estas contemplam 39,9% das pessoas-currículos.

Gráfico 3 - Frequência absoluta do vínculo institucional registrado pelas/os autoras/es na Plataforma *Lattes*, a respeito da maior titulação.



Fonte: elaborado pela autora e pelos autores.

Gráfico 4 - Frequência absoluta da região geográfica na qual está localizada a IES registrada na maior titulação, assim como a configuração de responsabilidade administrativa.



Fonte: elaborado pela autora e pelos autores.

Ainda olhando para os gráficos 3 e 4, percebemos que há um coletivo de 13 IES nas quais predominam vínculos de autoras/es identificadas/os e selecionadas/os no grupo 1 (Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade de São Paulo; Universidade Federal de Pelotas; Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Estadual de Campinas; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal da Bahia, Universidade Gama Filho, Universidade Federal do Rio Grande, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual de Ponta Grossa). Notamos, também, vínculos com Instituições Estrangeiras que não estão entre as 20 mais registradas (5 de Portugal; 4 da França; 2 da Alemanha; 2 da Espanha; 1 da Argentina; 1 da Inglaterra; 1 da Itália), mas que foram registrados por autoras/es selecionadas/os no grupo 1 (engajamento continuado).

Estes vínculos com o grupo 1, além de reforçarem o marcador regional e, em alguns casos estrangeiros, na formação (entendemos que se trata da mobilização e da formação do interesse), nos mostram que se trata de uma trajetória formativa mais vinculada ao setor público, se observarmos a predominância dos vínculos das/os autoras/es com as Instituições Federais e Estaduais (gráfico 4). Já os vínculos de autoras/es do grupo 2 com IES de administração privada (26,8% dos 449) nos fazem entender que, nestes casos, os investimentos são, em uma proporção significativa (78,3% das/os 134 autoras/es), realizados até o final dos cursos de graduação. Com isso, compreendemos que os investimentos mais continuados no futebol de várzea, comunitário e de lazer, como questão cultural, social e política, estão nas trajetórias tecidas em instituições públicas.

Além disso, as informações dos gráficos 3 e 4 mostram que as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte são mais registradas por autoras/es identificadas/os e selecionadas/os no grupo 2 (de engajamentos mais pontuais). Isso nos leva a crer que aquilo que tratamos de um marcador regional-institucional, no caso destas regiões, merece maior aprofundamento de estudos, seja pelo (não) uso da noção de futebol de várzea ou por outros interesses regionais-institucionais.

O QUE OS NOMES DAS/OS AUTORAS/ES E VÍNCULOS DE TRABALHO DO GRUPO 1 NOS DIZEM?

O nosso próximo passo foi desenvolver análises a partir dos nomes das/os autoras/es identificadas/os no grupo 1 (engajamento continuado) e seus vínculos institucionais de trabalho⁸, considerando que, a respeito delas/es, dispomos de informações sobre as publicações de artigos, livros e capítulos (um total de 687 produtos identificados). No quadro 2, abaixo, trazemos 61 autoras/es do grupo 1 (13,5% das 449 pessoas que identificamos os currículos), considerando que figuram como autoras/es em 67,9% do total da produção bibliográfica identificada e selecionada (467 trabalhos). Para compor este quadro, selecionamos as/os autoras/es que estiveram vinculados a, pelo menos, 4 produtos identificados (artigos, livros e/ou capítulos de livros).

Quadro 2 - Frequência absoluta de artigos, livros e capítulos de livros registrados nas publicações na Plataforma *Lattes*, por autoras/es e vínculos institucionais.

AUTORAS/ES	ARTIGOS	LIVROS	CAPÍTULOS	TOTAL	VÍNCULO INSTITUCIONAL
Enrico Spaggiari	21	2	7	30	Universidade de São Paulo (USP)
Luiz Carlos Rigo	21	1	7	29	Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
Raphael Rajão Ribeiro	15	2	5	22	Instituto Federal do Ceará (IFCE)
Bruno Otávio de Lacerda Abrahão	16	0	4	20	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Alberto Luiz dos Santos	15	0	0	15	Secretaria Municipal de Educação de Valinhos (SMED Valinhos)
Aira Fernandes Bonfim	10		3	13	Museu do Futebol
Euclides de Freitas Couto	6	2	5	13	Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJDR)
Antônio Jorge Gonçalves Soares	10	1	1	12	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

⁸ Este vínculo institucional de trabalho é registrado pelas/os autoras/es na Plataforma *Lattes*, constante no sistema em maio de 2024. Não é a mesma informação do vínculo com as IES vinculadas às maiores titulações que utilizamos nas análises anteriores.

Marco Paulo Stigger	8	I	2	II	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Miguel Archanjo de Freitas Júnior	10	I	0	II	Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
Janice Zarpellon Mazo	7	2	I	10	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Silvio Ricardo da Silva	6	I	3	10	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Edilson de Oliveira	7	I	I	9	Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes	7	0	2	9	Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP)
Felipe Vinícius de Paula Abrantes	6	I	2	9	Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)
Marco Antonio Bettine de Almeida	6	2	I	9	Universidade de São Paulo (USP)
Cláudia Samuel Kessler	5	I	2	8	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Daniel Venâncio de Oliveira Amaral	3	2	3	8	Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
Mauro Myskiw	8	0	0	8	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Raquel da Silveira	6	I	I	8	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Alexandre Fernandez Vaz	3	I	3	7	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Arlei Sander Damo	4	I	2	7	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Francisco Demetrius Luciano Caldas	6	0	I	7	Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSPE)
Gustavo da Silva Freitas	5	0	2	7	Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
José Geraldo do Carmo Salles	7	0	0	7	Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Bernardo Borges Buarque de Holanda	4	I	I	6	Fundação Getúlio Vargas (FVG)
Diana Mendes Machado da Silva	5	I	0	6	British Columbia University (BCU - Canadá)

Eliene Lopes Faria	4	0	2	6	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Georgino Jorge de Souza Neto	3	2	1	6	Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
José Tarcísio Grunennvaldt	1	0	5	6	Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Silvana Vilodre Goellner	3	1	2	6	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Simoni Lahud Guedes	3	1	2	6	Universidade Federal Fluminense (UFF)
Caroline Soares de Almeida	3	0	2	5	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Christian Ferreira Mackedanz	5	0	0	5	Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
Elcio Loureiro Cornelsen	2	1	2	5	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Igor Maciel da Silva	4	1	0	5	Prefeitura Municipal de Contagem (Prefeitura de Contagem)
Jaison José Bassani	1	1	3	5	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Luciano Jahnecka	4	0	1	5	Universidad de La República (UDELAR - Uruguay)
Luiz Henrique de Toledo	2	1	2	5	Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)
Miguel Enrique Stédile	2	1	2	5	Instituto de Educação Castro Alves (IE Castro Alves)
Sarah Teixeira Soutto Mayor	5	0	0	5	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Wanderley Marchi Júnior	3	1	1	5	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Allan Kardec Pinto Acosta Benitez	1	2	1	4	Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG)
Carmen Silvia Rial	3	0	1	4	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Cleber Augusto Gonçalves Dias	4	0	0	4	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Fábio Machado Pinto	4	0	0	4	Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
Flávia Garcia Guidotti	3	0	1	4	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Francisco Xavier Freire Rodrigues	2	1	1	4	Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Jones Mendes Correia	4	o	o	4	Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul (SEED RS)
José Guilherme Cantor Magnani	2	I	I	4	Universidade de São Paulo (USP)
Leandro Batista Cordeiro	3	o	I	4	Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
Leonardo Costa da Cunha	2	I	I	4	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRGS)
Lisandra Invernizzi	2	o	2	4	Prefeitura Municipal de Florianópolis (Prefeitura de Florianópolis)
Marina de Mattos Dantas	2	I	I	4	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Mariane da Silva Pisani	2	o	2	4	Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Micheli Vergínia Ghiggi	3	o	I	4	Universidade Federal Fluminense (UFF)
Paulo Roberto Ribeiro Fontes	I	I	2	4	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Priscila Augusta Ferreira	I	I	2	4	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Renan Vidal Mina	3	o	I	4	Universidade de São Paulo (USP)
Sérgio Settani Giglio	2	o	2	4	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Wagner Xavier Camargo	2	o	2	4	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Fonte: elaborado pela autora e pelos autores.

No primeiro movimento analítico do quadro 2, percebemos o predomínio de publicações no formato de artigos, seguido por publicações em capítulos de livros. Das 467 publicações destas/es 61 autoras/es do grupo I, 318 ocorreram/ocorreriam (quando estavam aceitos) na forma de artigos em periódicos (68%), 122 foram realizadas na forma de capítulos de livros (22%) e 43 na forma de livros (9%). Os periódicos e as coletâneas têm se configurado como os principais formatos de circulação e de comunicação de pesquisas, análises e reflexões nessa rede de autoras/es do futebol de várzea.

Continuando o exercício, rapidamente notamos a maior presença de autores (44 / 72,2%) em relação às autoras (13 / 27,8%), reforçando aquele

nosso entendimento inicial de que se trata de uma rede de produção de pesquisas e de conhecimentos marcada por relações de gênero, inclusive nas proporções (próximo de 1/4). E, observando a frequência dos vínculos das/os autoras/es com estas 3 formas de publicações, considerando as 678 produções identificadas de todas/os do grupo 1, as/os organizamos da seguinte forma⁹:

- 1 autora e 6 autores, cada um/a vinculada/os a 13 ou mais trabalhos publicados (20,9% do total da produção identificada): Enrico Spaggiari, Luiz Carlos Rigo, Raphael Rajão Ribeiro, Bruno Otávio de Lacerda Abrahão, Alberto Luiz dos Santos, Aira Fernandes Bonfim, Euclides de Freitas Couto.
- 4 autoras e 12 autores, cada um/a vinculadas/os de 7 a 12 trabalhos publicados (23,1% do total da produção identificada): Antonio Jorge Gonçalves Soares, Marco Paulo Stigger, Miguel Archanjo, de Freitas Júnior, Janice Zarpellon Mazo, Silvio Ricardo da Silva, Edilson de Oliveira, Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, Felipe Vinícius de Paula Abrantes, Marco Antonio Bettine de Almeida, Cláudia Samuel Kessler, Daniel Venâncio de Oliveira Amaral, Mauro Myskiw, Raquel da Silveira, Alexandre Fernandez Vaz, Arlei Sander Damo, Francisco Demetrius Luciano Caldas, Gustavo da Silva Freitas, José Geraldo do Carmo Salles.
- 13 autoras e 23 autores, cada um/a vinculadas/os de 4 a 6 trabalhos publicados (24,7% do total da produção identificada): Bernardo Borges Buarque de Holanda, Diana Mendes Machado da Silva, Eliene Lopes Faria, Georgino Jorge de Souza Neto, Tarcísio Grunennvaldt, Silvana Vilodre Goellner, Simoni Lahud Guedes, Caroline Soares de Almeida, Christian Ferreira Mackedanz, Elcio Loureiro Cornelsen, Igor Maciel da Silva, Jaison José Bassani, Luciano Jahnecka, Luiz Henrique de Toledo, Miguel Enrique Stédile, Sarah Teixeira Soutto Mayor, Wanderley Marchi Júnior, Allan Kardec Pinto Acosta Benitez, Carmen Silvia Rial, Cleber Augusto Gonçalves Dias, Fábio Machado Pinto, Flávia Garcia Guidotti, Francisco Xavier Freire Rodrigues,

⁹ Para desenvolver essa organização, consideramos um agrupamento próximo dos 20% do total dos 678 produtos identificados (o primeiro grupo com 21,9%, o segundo com 23,1% e o terceiro com 24,7%).

Jones Mendes Correia, José Guilherme Cantor Magnani, Leandro Batista Cordeiro, Leonardo Costa da Cunha, Lisandra Invernizzi, Marina de Mattos Dantas, Mariane da Silva Pisani, Micheli Vergínia Ghiggi, Paulo Roberto Ribeiro Fontes, Priscila Augusta Ferreira, Renan Vidal Mina, Sérgio Settani Giglio, Wagner Xavier Camargo.

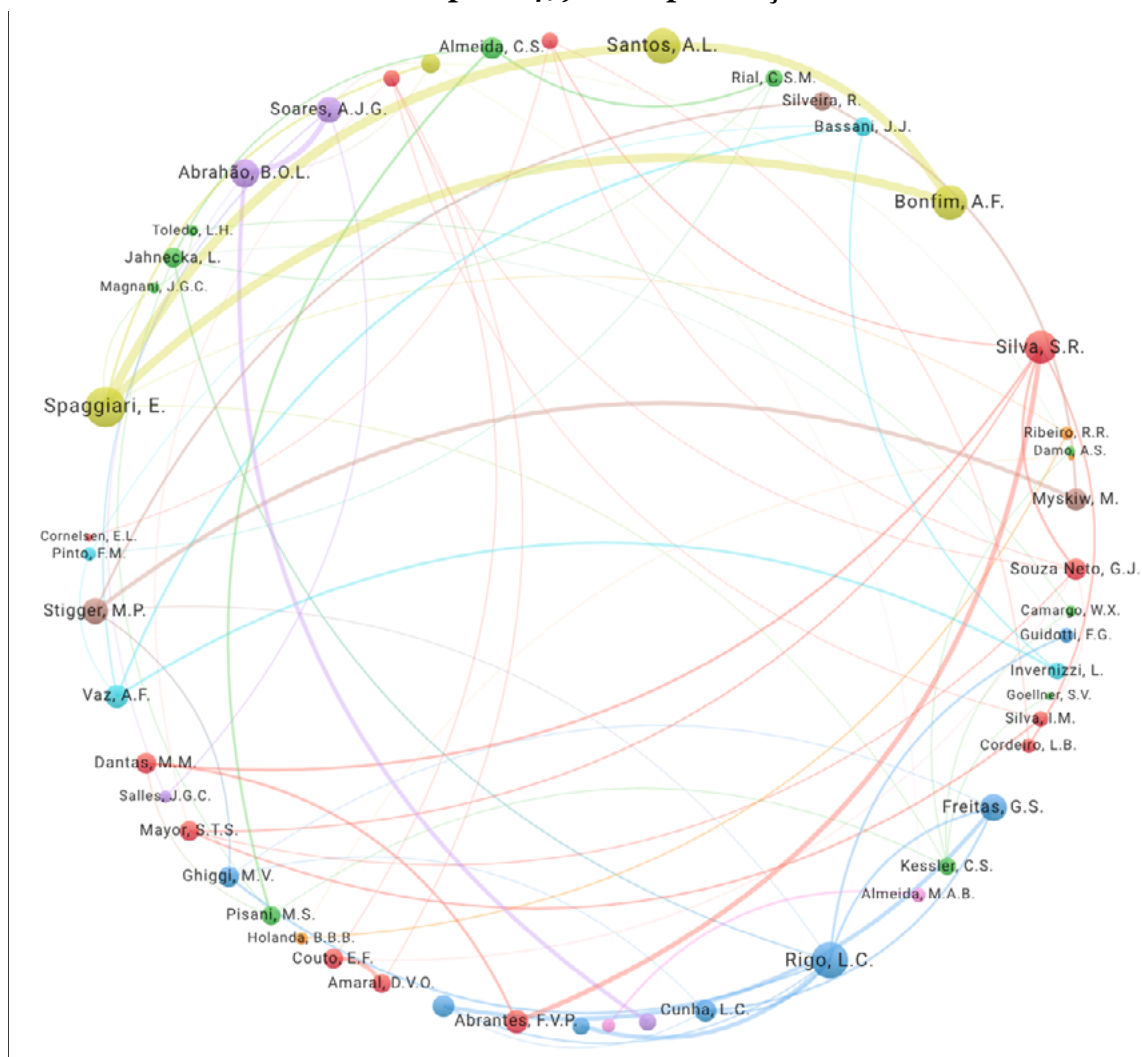
Feito este agrupamento das autoras e dos autores (as proporções generalizadas sem mantê-los neles), passamos a olhar para as relações entre elas/es e seus vínculos institucionais de trabalho registrados na plataforma *Lattes*. Nos gráficos 5 e 6, a seguir, trazemos essa organização realizada a partir do levantamento das co-autorias entre estas/es 61 autoras/es nos 467 trabalhos identificados deste grupo. Para cada relação registramos o número de co-autorias, informação que representava a densidade da parceria. A partir deste levantamento, utilizando a ferramenta *VOSviewer Online*, produzimos as representações gráficas dos *clusters*, compreendendo a formulação de agrupamentos representados pelas cores.

No gráfico 5, trazemos as relações de parcerias entre as/os autoras/es com as cores, representando a formação de agrupamentos e a espessura da linha a densidade da relação de co-autorias. Foram identificados, com o uso do aplicativo, 10 agrupamentos (*clusters*), nos quais nem todas/os estiveram juntas/os como co-autoras/es em pelo menos 1 trabalho, mas que, segundo as métricas operadas pela ferramenta, há uma rede de co-autorias que as/os aproxima. Os agrupamentos identificados foram:

- *Cluster 1* (4 autoras e 4 autores): Alexandre Fernandez Vaz, Caroline Soares de Almeida, Jaison José Bassani, Luciano Jahnecka, Carmen Silvia Rial, Fábio Machado Pinto, Lisandra Invernizzi, Mariane da Silva Pisani.
- *Cluster 2* (2 autoras e 5 autores): Luiz Carlos Rigo, Gustavo da Silva Freitas, Christian Ferreira Mackedanz, Flávia Garcia Guidotti, Jones Mendes Correia, Leonardo Costa da Cunha, Micheli Vergínia Ghiggi.
- *Cluster 3* (2 autoras e 5 autores): José Guilherme Cantor Magnani, Arlei Sander Damo, Silvana Vilodre Goellner, Luiz Henrique de Toledo, Sérgio Settani Giglio, Cláudia Samuel Kessler, Wagner Xavier Camargo.

- *Cluster 4* (2 autoras e 4 autores): Silvio Ricardo da Silva, Felipe Vinícius de Paula Abrantes, Elcio Loureiro Cornelsen, Leandro Batista Cordeiro, Marina de Mattos Dantas, Priscila Augusta Ferreira.
- *Cluster 5* (1 autora e 5 autores): Euclides de Freitas Couto, Daniel Venâncio de Oliveira Amaral, Georgino Jorge de Souza Neto, Igor Maciel da Silva, Cleber Augusto Gonçalves Dias, Sarah Teixeira Soutto Mayor.
- *Cluster 6* (4 autores): Bruno Otávio de Lacerda Abrahão, Antônio Jorge Gonçalves Soares, Francisco Demetrius Luciano Caldas, José Geraldo do Carmo Salles.
- *Cluster 7* (3 autores): Raphael Rajão Ribeiro, Bernardo Borges Buarque de Holanda, Paulo Roberto Ribeiro Fontes.
- *Cluster 8* (1 autora e 2 autores): Enrico Spaggiari, Alberto Luiz dos Santos, Aira Fernandes Bonfim.
- *Cluster 9* (1 autora e 2 autores): Marco Paulo Stigger, Mauro Myskiw, Raquel da Silveira.
- *Cluster 10* (2 autores): Marco Antonio Bettine de Almeida, Renan Vidal Mina.

Gráfico 5 - Representação das relações entre as/os 61 autoras/es responsáveis por 67,9% da produção.



Fonte: elaborado pela autora e pelos autores.

Observando as informações dos agrupamentos e a representação gráfica 5, notamos alguns nós (pontos agregadores) em termos de número de co-autorias, entre eles, Alexandre Fernandez Vaz e Caroline Soares de Almeida (*cluster 1*), Luiz Carlos Rigo e Gustavo da Silva Freitas (*cluster 2*), Silvio Ricardo da Silva e Felipe Vinícius de Paula Abrantes (*cluster 4*), Bruno Otávio de Lacerda Abrahão e Antônio Jorge Gonçalves Soares (*cluster 6*), Raphael Rajão Ribeiro (*cluster 7*), Enrico Spaggiari, Alberto Luiz dos Santos e Aira Fernandes Bonfim (*cluster 8*), Marco Paulo Stigger e Mauro Myskiw (*cluster 9*).

Contudo, quando aproximamos estas informações dos *clusters* com a do quadro 2, notamos algumas ausências. Além disso, no levantamento que realizamos, identificamos pelo menos outros 2 *clusters*: um deles de parceria entre Miguel Archanjo de Freitas Júnior e Edilson de Oliveira (ambos da Universidade Estadual de Ponta Grossa); e outro das colaborações entre Allan Kardec Pinto Acosta Benitez (Centro Universitário de Várzea Grande), Francisco Xavier Freire Rodrigues e José Tarcísio Grunennvaldt (ambos da Universidade Federal de Mato Grosso). Isso significa que há, pelo menos, outros 2 agrupamentos de pesquisas e publicações de autores que colaboram entre si e estão, digamos, mais isolados em relação à rede.

Da mesma forma, notamos um conjunto de autoras/es que aparecem nas publicações, mas não percebemos conexões nestas redes de co-autorias e *clusters* gerados e representados pelo aplicativo utilizado. Nos referimos a: Diana Mendes Machado da Silva (British Columbia University - Canadá), Eliene Lopes Faria (Universidade Federal de Minas Gerais), Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes (Prefeitura Municipal de São Paulo), Janice Zarpellon Mazo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Miguel Enrique Stédile (Instituto de Educação Castro Alves), Simoni Lahud Guedes (Universidade Federal Fluminense), Wanderley Marchi Júnior (Universidade Federal do Paraná).

Estas ausências nos levaram a olhar para as parcerias de pesquisas e publicações, considerando as instituições de trabalho registradas pelas/ os autoras/es na plataforma *Lattes*. Identificamos, nesse exercício, 5 *clusters*, os quais estão listados e representados no gráfico 6:

- *Cluster* 1: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), Prefeitura Municipal de Contagem (MG), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJD) e Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

- *Cluster 2:* Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (UFRGS), Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul (SEED RS).
- *Cluster 3:* Universidade de São Paulo (USP), Instituto Federal do Ceará (IFCE), Prefeitura Municipal de Valinhos (MG), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Museu do Futebol, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- *Cluster 4:* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidad de La República (UDELAR - Uruguay), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Prefeitura Municipal de Florianópolis (SC), Universidade Federal do Piauí (UFPI),
- *Cluster 5:* Universidade Federal da Bahia (UFBA), Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSPE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Viçosa (UFV).

presença na administração pública (Instituições Federais, Estaduais e Municipais). Nesta descrição dos *clusters* e do gráfico 5, sobre os vínculos institucionais de trabalho das/os autoras/es, notamos que é possível reafirmar isso, porém com inserções (nós) importantes na região Nordeste (Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Piauí, Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri, Instituto Federal do Ceará, Instituto Federal do Sertão Pernambucano), representadas pelo deslocamento das/os autoras/es de seus locais de formação para as de trabalho.

Mas, novamente, é preciso destacar a presença de outras instituições não representadas na composição das parcerias, mas que contemplam vínculos de autoras/es que se dedicaram a pesquisar e publicar suas análises. Referimo-nos ao Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG) e à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que pode ser entendido como um outro ponto agregador, bem como os trabalhos vinculados à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Esse dado reforça o entendimento de um deslocamento dos núcleos de produção de pesquisas e de publicações para outras regiões (aqui o Centro-Oeste, representado pela UNIVAG e a UFMT).

QUAIS SÃO OS NÓS QUE TECEM AS REDES?

Esta pesquisa se diferenciou dos estudos de revisão sistemática. Esse deslocamento metodológico se fez necessário porque nosso interesse não foi fazer um levantamento da produção acadêmica, mas mapear os autores e algumas marcas constituintes das microrredes que tratam do futebol de várzea e comunitário brasileiro. O propósito deste capítulo foi identificar e analisar nós que tecem redes de autoras/es vinculadas/os à produção acadêmico-científica sobre futebol de várzea, comunitário e de lazer, considerando informações sobre suas formações, instituições de ensino e de trabalho registradas na Plataforma *Lattes* do CNPq. Partimos da noção de ‘futebol de várzea’ para articular a pesquisa, até mesmo para entendermos a extensão de sua presença e o agenciamento das investigações e produções de conhecimento no Brasil.

Após desenvolvermos eixos analíticos baseados em interrogações, cremos que estamos em condições de apresentar algumas considerações finais, que serão caracterizadas pela sistematização dos nós e sínteses de entendimentos construídos ao longo desta trajetória de investigação e de análises. Como o trabalho analítico-investigativo foi eminentemente descritivo, para atender o objetivo apresentado no presente capítulo, desenvolvemos o quadro 3, com o que consideramos os 6 principais nós que nos fazem compreender as redes de produção de conhecimentos sobre futebol de várzea no Brasil.

Quadro 3 - Nós e sínteses conclusivas do trabalho.

NÓS DAS REDES	SÍNTESES CONCLUSIVAS
#1 Engajamento 'contínuo' e 'pontual'	Ainda no processo de identificação, seleção e de sistematização dos dados das análises, notamos dois grandes grupos: de um lado, estão presentes um grupo de pesquisadoras/es que demonstram um engajamento contínuo nas pesquisas e publicações, com maior vínculo em cursos de doutorado e de mestrado. De outro, notamos um grande grupo de pesquisadoras/es, a maioria vinculada a cursos de graduação, que demonstraram um engajamento pontual, restrito aos seus trabalhos de conclusão.
#2 Marcador de gênero	A mobilização, a formação ou o reforço do interesse de pesquisa é marcado por gênero. O ponto de partida ao tecer a rede do futebol de várzea nos coloca diante do entendimento de que há um importante marcador de gênero em favor dos autores. A presença e participação de autoras é restrita ($\frac{1}{6}$) no grupo de engajamento pontual (este mais vinculado aos trabalhos de conclusão de cursos), mas é menos tímida ($\frac{1}{4}$) no grupo de engajamentos contínuos (este vinculado a formações em cursos de pós-graduação). Estas proporções se reafirmam quando analisamos em agrupamentos de autoras/es.

<p>#3</p> <p>Interesse regional, de investimento público na formação</p>	<p>A formação continuada das/os pesquisadoras/es e a mobilização do interesse daquelas/es que desenvolvem investigações sobre o futebol de várzea, comunitário e de lazer é marcada pelas regiões geográficas brasileiras das instituições de formação e de trabalho (predominam as instituições de formação e de trabalho das regiões Sul e Sudeste), assim como pelo chamado setor público (predominam instituições Federais, Estaduais e Municipais) que está preocupado com o direito social à cultura, ao esporte e ao lazer. Contudo, é possível notar presenças/deslocamentos no/para o interior e para a região Nordeste e Centro-Oeste.</p>
<p>#4</p> <p>Ciências Humanas e Educação</p>	<p>As formações relacionadas aos cursos/áreas disciplinares de Educação Física, Antropologia, Sociologia, Estudos Culturais, História, Memória, Patrimônio, Museologia e Educação são as que compreendem mais autoras/es do grupo de pesquisadoras/es que se caracteriza por um engajamento continuado.</p>
<p>#5</p> <p>Publicações em periódicos e em coletâneas</p>	<p>A rede de produção de conhecimentos sobre futebol de várzea, no grupo de pesquisadoras/es com engajamento mais continuado, tem feito circular seus produtos e ‘se comunicado’ sobretudo a partir das publicações em periódicos científicos e capítulos de livros. A publicação na forma de livros aparece em terceiro lugar.</p>
<p>#6</p> <p>Autoras/es e instituições como pontos de agregação</p>	<p>Na constituição das redes de colaborações (co-autorias) foi possível identificar um conjunto de autoras/es e de instituições (vínculos de trabalho) que se estabelecem como pontos agregadores, pelos quais a produção e publicação de conhecimentos sobre futebol de várzea, comunitário e de lazer parece se articular. É um grupo de autoras/es e de instituições que compreendem projetos e programas continuados com capacidade de articular uma importante parcela da produção. São perceptíveis, nestes pontos de agregação, os atravessamentos de marcadores de gênero, de regiões e de investimentos de instituições públicas.</p>

Fonte: elaborado pela autora e pelos autores.

Apresentados os nós que constituem as redes de produção de conhecimento acerca do futebol de várzea no Brasil, entendemos que esta pesquisa (ainda com caráter descritivo) não está encerrada, pois cada um dos pontos destacados no quadro acima demanda investigações

aprofundadas específicas. Lançamos este desafio para a continuidade dos trabalhos na linha Futebol de Várzea e Comunitário do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Estudos do Futebol Brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, F.V.P.; SILVA, S.R.; ALVES, A.F. Futebol e lazer: levantamento e análise da produção sobre futebol no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 6, n. 2, p. 20-39, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/16136> Acesso em: 18 outubro 2024

FENSTERSEIFER, A.; SAAD, M.A.; MORO, A.R.P. Futebol: uma investigação do estado de conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil. *Pensar a Prática*, v. 21, n. 2, abr./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v21i2.44088>

FERREIRA, J.B.; SILVA, L.A.M. O uso da bibliometria e sociometria como diferencial em pesquisas de revisão. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 15, n. 2, p. 448-464, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.Org.br/rbbd/article/view/1251> Acesso em: 05 novembro 2022

GIGLIO, S.S.; SPAGGIARI, E. A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.voi163p293-350>

INCT Estudos do Futebol Brasileiro. *Quem somos*. Disponível em: <https://www.inctfutebol.com.br/> Acesso em: 10 novembro 2024

RIGO, L.C.; BRUM, M.S.; EIDT, A.; SOARES, C.A.; PISANI, M.; RIAL, C. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Estudos do Futebol Brasileiro: um relato de sua criação. In: 20. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; 10. Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Fortaleza, 2023. *Anais...* Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://www.cbce.Org.br/evento/upload/1289/VF-1289-101613.pdf> Acesso em: 02 janeiro 2024

MENA-CHALCO, J.P.; CESAR JÚNIOR, R. M. *ScriptLattes*: An open-source knowledge extraction system from the *Lattes* platform. *Journal of the Brazilian Computer Society*, v. 15, n. 4, p. 31-39, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF03194511>

SPAGGIARI, E.; RIBEIRO, R. R. Por um futebol popular. In: RIBEIRO, R. R.; SPAGGIARI, E.; ALMEIDA, C. (Orgs.). *Futebol Popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 27-60

ROCHA, S.C.; RIAL, C.S. INCT Estudos do Futebol Brasileiro: um olhar para a configuração de grupos de pesquisa sobre futebol de várzea e comunitário. In: 35. Salão de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023. Porto Alegre. *Anais...* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre, 2023. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/268897/Resumo_80276.pdf?sequence=1 Acesso em: 02 janeiro 2024

SOUZA, A.L.; ALVES, A.F.; ABRANTES, F.V.P.; SILVA, I.B.; AQUINO, J.N.Q.; NICÁCIO, L.G.; DANTAS, M.M.; CAMPOS, P.A.F.; SANTANA, T.J.S.; SILVA, S.R. *Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre o futebol 1980-2016*. Belo Horizonte: GEFUT, 2017. Disponível em: https://6fbe3b19-fc4b-459f-826b-07f6b63f1cdb.filesusr.com/ugd/34aa77_51d7dof060ec4a9aaa1041674d7d942f.pdf Acesso em: 18 outubro 2024

Seção 01

GESTÃO E POLÍTICAS DE FORMAÇÃO

Capítulo 2

INSERÇÃO DE UM JOVEM FUTEBOLISTA BRASILEIRO EM UM CLUBE COMUNITÁRIO ITALIANO

Ari Lazzarotti Filho

Universidade Federal de Goiás (PPGEF/UFG)

INTRODUÇÃO

O Brasil é frequentemente referido como o país do futebol, o que construiu o estereótipo de uma nação inteiramente dedicada a essa prática, no entanto, essa referência revela apenas uma meia-verdade. O futebol no Brasil é amplamente praticado como lazer, de forma desinteressada, como jogo, brincadeira ou diversão, como um fenômeno social e popular (Spaggiari, 2024). Talvez o mais adequado seria afirmar que o Brasil é o país dos futebolis por sua diversidade (Damo, 2019). Com a criatividade e astúcia do povo brasileiro, criamos variações dessa prática: o futebol de areia, o futevôlei, o futebol 7, o futebol society, o futsal, o golbol, o futmesa, etc., presentes em diversas regiões do país e praticados por uma parcela significativa da população brasileira, porém, a grande maioria não está articulado e controlado pelo sistema federativo.

A diversidade e o grande número de brasileiros e brasileiras envolvidos em práticas futebolísticas têm contribuído para a revelação contínua de jogadores e jogadoras de destaque no futebol profissional, frequentemente conquistando títulos de relevância mundial. No entanto, ao refletirmos sobre a formação desses atletas, surgem preocupações quanto ao perfil de profissional que estamos formando e ao custo desse processo. Essa inquietação é fundamentada nas crescentes ocorrências de jogadores brasileiros envolvidos em práticas de assédio, estupro e outras condutas inaceitáveis no contexto do futebol (Rial, 1987; Cavalcanti; Capraro, 2019).

Nesse sentido, cabe questionar: o que estamos promovendo na formação de nossas crianças e adolescentes que aspiram a ser jogadores profissionais? De outro lado, o que estamos fazendo com a imensa massa de crianças que sonharam um dia serem jogadores de futebol, investiram tempo, dinheiro e muita energia, mas que não se tornaram jogadores de futebol?

Uma possível resposta para essas questões reside na ausência de uma política de formação estruturada e de longo prazo voltada para os principais agentes e instituições responsáveis pelo futebol brasileiro. No estado de Goiás, por exemplo, apenas o Goiás Esporte Clube possui o selo de clube formador da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (Zirpoli, 2024). Esse selo garante condições aceitáveis para a formação de jovens com dignidade. Sem a presença da CBF nos clubes formadores, a própria estrutura esportiva e o investimento nessa importante etapa acabam ficando a desejar, pois ainda se acredita no mito do país do futebol, no dom (Damo, 2005) e que, com isso, teremos grandes jogadores. Ficamos à mercê do acaso, da exceção e, mais grave ainda, formamos mal a grande maioria desses jovens que terão o futebol presente nas suas vidas.

A experiência na Itália revelou uma realidade significativamente distinta, caracterizada por uma estrutura futebolística robusta, organizada por federações e integrada a uma prática comunitária consolidada. Nesse contexto, diversos clubes, pequenos, médios e grandes, atuam em todas as categorias e níveis, promovendo uma articulação ampla entre o esporte e a comunidade local. Esses clubes, ao mesmo tempo que são federados, seguem as orientações e estão respaldados pela Federazione Italiana Giuoco Calcio-FIGC, contam com inúmeros voluntários e o futebol, na sua grande maioria, é praticado em clubes comunitários em pequenas cidades, mantendo competições entre campeonatos e torneios que se estendem entre locais, regionais a nacionais, mas todos têm como ponto de partida as comunidades e os bairros. Essa mesma realidade, Damo (2005) afirma ter encontrado na França, onde o futebol intemediário, o chamado comunitário no Brasil, está integrado ao sistema federativo.

Como professor e pesquisador da área da Educação Física no Brasil, o tema do esporte, e especificamente do futebol, faz parte da minha vida acadêmica e da minha história como prática de lazer, e estando na Itália para um pós-doutorado em Educação Física, colocar o filho nesse ambiente esportivo foi uma decisão que trouxe desafios, pois, como afirma Bourdieu (1999), nossas decisões são tomadas dentro de um campo de possibilidades que dependem dessas predisposições e sempre estão articuladas de um desinteresse interessado. Dessa forma, nossa experiência familiar trouxe reflexões sobre os processos de inserção e desenvolvimento, aliado a toda experiência advinda dessa prática e que a foi transformando em uma oportunidade de análise acadêmico-científica e sistematizada neste relato.

Assim, esse trabalho busca relatar a experiência da inserção de um jovem de 13 anos, que participou intensamente da temporada de 2022/2023, em um clube de futebol na província de Padova, localizada na região do Vêneto, no norte da Itália. A experiência foi analisada sob a ótica do Relato de Experiência (Mussi; Flores; Almeida, (2021), com foco nos aspectos de formação, trazendo à tona semelhanças e diferenças nas experiências nos processos formativos do futebol entre Brasil e Itália.

O objetivo é relatar, a partir dessa experiência, as práticas de formação no futebol em um clube comunitário italiano e contribuir para a compreensão das formas pelas quais esse esporte, de grande popularidade em ambos os países, vem sendo desenvolvido de maneiras distintas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é de natureza descritiva e foi realizado no formato de um relato de experiência sobre a inserção de um jovem futebolista, cuja trajetória é acompanhada desde os 6 anos de idade, e explora os aprendizados proporcionados pela convivência com outros pais e mães, com o ambiente das competições, o funcionamento do clube, o trabalho dos treinadores, as adaptações e os conflitos encontrados nesse percurso. Ao longo desses anos, também como pesquisador da área de futebol e participante ativo desse esporte, compartilho um paralelo entre a vivência no

futebol brasileiro e a experiência de um ano em um clube comunitário na Itália.

Como relato de experiência, tenta articular o particular e social, busca dar sentido ao presente da vivência do passado por compreender que a mediação entre objetividade e subjetividade compõem a pesquisa em ciências sociais, e pesquisar nessa área é sempre com sujeitos, até por que, como afirma Montagner (2007), os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa. “Eles não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: esta construção é realizada a posteriori pelo indivíduo ou pelo pesquisador no momento em que produz um relato oral, uma narrativa (Montagner, 2007, p. 252)”.

Metodologicamente, foi usado o formato de Relato de Experiência-RE desenvolvido por Mussi; Flores; Almeida, (2021). Para os referidos autores, o relato de experiência consiste em um tipo de produção de conhecimento que apresenta como principal característica a descrição de uma proposta de intervenção ou vivência. Para os referidos autores:

[...] o RE em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante) (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 64).

O relato foi estruturado a partir de um quadro de sugestões de Mussi; Flores; Almeida, (2021) e adaptado para esse estudo. Nessa adaptação, o RE foi assim estruturado: a Introdução contextualiza o campo teórico, justifica a relevância do relato e expõe seus objetivos de maneira referenciada e informativa. O Procedimento Metodológico descreve o tipo de estudo, o período temporal, o local e o eixo da experiência, além da caracterização da atividade e do contexto, utilizando abordagens informativas, referendadas e descritivas. A Descrição dos aspectos centrais da experiência destaca eventos-chave, desafios e aprendizados de forma informativa. A Discussão realiza uma análise crítica, articulando categorias centrais com referenciais teóricos e comparações com experiências anteriores. Por fim, as Considerações Finais sintetizam os aprendizados,

apresentando reflexões e sugestões para futuras experiências, além de apontar os limites do RE.

O período do RE aconteceu de setembro de 2022 a julho de 2023 e o local foi no MestrinoRubano Football Club, na cidade de Rubano, província de Padova, no norte da Itália, o qual tem suas raízes na fusão de dois históricos clubes locais: o Mestrino Calcio e o Rubano Calcio, ambos fundados na década de 1970. O Mestrino Calcio, criado em 1972, e o Rubano Calcio, fundado em 1974, desempenharam papéis importantes no desenvolvimento do futebol comunitário na região de Padova no Vêneto, ao longo de várias décadas.

Em 2015, esses dois clubes se uniram, dando origem ao MestrinoRubano, localizado nos municípios de Mestrino e de Rubano, na província de Padova, região do Vêneto. O clube conta com instalações modernas que incluem campos de futebol bem equipados e um centro esportivo de apoio. Essas estruturas são utilizadas tanto para as atividades competitivas quanto para programas de treinamento e eventos comunitários. O clube serve como ponto de encontro para jovens e familiares, consolidando sua presença no cenário esportivo e de lazer local.

O público central no qual se deu parte da vivência, foi uma equipe de futebol sub-14 na categoria Regional do Clube MestrinoRubano. Também fazem parte do relato a equipe técnica e as famílias dos atletas em formação, as quais, em função dos filhos, acompanham os jogos, os treinos e constituem parte importante de todo o processo de formação e de sustentação do clube e dos próprios atletas em formação.

A caracterização da experiência está centrada na inserção de um jovem atleta de 13 anos num clube formador comunitário de futebol italiano onde relato e analiso esta experiência. O tipo da vivência foi através do acompanhamento desse jovem atleta no referido clube. Como pai, pesquisador e professor, acompanhando todo o processo desde os testes de entrada, treinos, jogos, torneios, reuniões e confraternizações promovidas pelo clube com as demais famílias dos jovens atletas em formação.

A análise foi realizada através de uma descrição crítica que, segundo Mussi, Flores e Almeida (2021), refere-se a uma análise reflexiva que

[...] objetiva refletir a ação, revelando a sua nuance e possibilidades que agreguem ao campo acadêmico profissional. (p. 72).

Os cuidados éticos foram respeitados ao serem usadas somente informações vivenciadas, respeitando os agentes sem a revelação de nomes. As fontes utilizadas são, na sua totalidade, públicas e as imagens contidas nesse relato são do próprio clube MestrinoRubano, publicadas no seu anuário, em redes sociais e em arquivos pessoais da família.

DESCRIÇÃO DOS ASPECTOS CENTRAIS DA EXPERIÊNCIA

Neste item, são descritas as etapas vivenciadas pela família no processo de inserção do jovem em um clube italiano, desde a chegada ao país até seu desligamento da instituição.

CHEGADA E A BUSCA POR CLUBES DE FUTEBOL NA ITÁLIA

No dia 1º de setembro de 2022, cheguei com minha família — esposa, filha de 16 anos e filho de 13 anos — à cidade de Padova, no norte da Itália, para realizar um pós-doutorado num período de um ano. Já tínhamos algum conhecimento da cidade, da cultura e do modo de vida italiano, pois, em outro momento, tivemos a oportunidade de vivenciar um período nesse país.

Nosso primeiro desafio foi encontrar um apartamento para alugar, o que seria crucial para garantir a estabilidade familiar e permitir a busca por escola e outras atividades. Após muitos dias de procura, encontramos um apartamento em Rubano, uma cidade ao lado de Padova, e a partir daí iniciamos o processo de inserção dos filhos, primeiro na escola e depois em atividades extracurriculares.

O filho, desde os 6 anos, jogava futebol no Goiás Esporte Clube, na cidade de Goiânia, Goiás, e tinha integrado as equipes principais desse clube no Brasil, portanto, achamos interessante que ele pudesse continuar praticando o esporte na Itália. Ao explorar a região ao redor do novo apartamento, encontramos três clubes com programas de iniciação esportiva e vinculados a FIGC: Padova, Nunsma e MestrinoRubano,

todos localizados num raio de três quilômetros. Esse foi um elemento de surpresa, visto que encontramos muitas crianças praticando futebol num pequeno raio próximo à nossa moradia.

TESTES E PENEIRAS NOS CLUBES

Nosso primeiro contato foi com o Padova, principal clube da província, cuja equipe sub-14 disputava a categoria elite da Federação Italiana. Conversamos com a secretaria do clube, que sugeriu uma semana de testes. Após esse período, fomos informados de que a equipe estava completa para a temporada 2022/2023, uma forma delicada de dizer que nosso filho não havia sido selecionado. Avalio que o nível técnico da equipe estava acima do que ele poderia acompanhar, além da dificuldade com a língua para compreender as orientações do treinador.

A segunda tentativa foi no Nunsma, um clube de bairro com uma equipe sub-14 que competia na categoria provincial de Padova. Ao chegarmos ao local, tivemos uma recepção rude por parte de um dos treinadores, que respondeu de maneira grosseira a uma simples pergunta sobre a secretaria do clube. Apesar do constrangimento, optamos por continuar com o teste, e, após 10 minutos de treino, o treinador já o havia aprovado, elogiando bastante a sua técnica. Ele fez um excelente treino, inclusive marcando, segundo ele, o gol mais bonito de sua vida, o que o motivou ainda mais para ter o futebol no seu horizonte de experiência naquele país.

Por fim, decidimos participar do teste também no MestrinoRubano, cuja equipe sub-15 estava a apenas um quilômetro de nosso apartamento. Mesmo sendo uma categoria acima da idade, ele fez uma semana de testes e foi aprovado. A partir daí, agradecemos ao Nunsma pela oportunidade. No entanto, o treinador do Nunsma insistiu para que ficasse na equipe dele, enviando diversas mensagens com tom de pressão e nada amistosas. Nossa decisão foi pautada justamente por ter a possibilidade de outras equipes acima e, assim, poder se movimentar, visto que, depois da escolha do clube, matrícula e registro na FIGC, não haveria mais a possibilidade de jogar por outro clube na temporada, e tínhamos somente um ano no país.

Seguimos com a matrícula no MestrinoRubano, onde, após um mês de treinos com meninos mais velhos e fisicamente mais fortes, ele foi notado por um membro da equipe técnica do clube que sugeriu que fizesse um outro teste para a equipe sub-14 regional. Mais uma semana de testes sendo avaliado, aprovado e integrado na equipe, na qual jogou toda a temporada de 2022-2023.

A MATRÍCULA NO CLUBE E A VIVÊNCIA NO FUTEBOL ITALIANO

Após a aprovação nos testes, iniciamos o processo de matrícula no clube como jogador em formação. Um dos requisitos principais no formulário de inscrição era a identificação do clube de origem do atleta. Informamos que ele jogava desde os 6 anos no Goiás Esporte Clube, no Brasil, e já havia integrado equipes de base do clube, participando de várias competições, inclusive internacionais.

A dúvida sobre ele ter sido federado no Brasil gerou um impasse, já que essa condição era indispensável para que pudesse competir em jogos oficiais na Itália. Após verificarmos, descobrimos que, apesar de ter jogado no clube por seis anos, ele nunca foi federado no Brasil, o que não é comum na Itália, visto que todos meninos desde os 6 anos em atividade no clube são federados.

A informação se já tinha sido federado era fundamentada em uma norma aprovada na Itália em 2019, que visa a proteger jovens atletas (FIGC, 2019). Segundo essa lei, qualquer transferência nacional ou internacional de atletas menores de 16 anos exige um período de carência de seis meses. Esse requisito busca impedir o tráfico irregular de crianças, especialmente aquelas provenientes de países africanos e da América Latina, assim também, como busca evitar as transferências abruptas desses jovens entre as próprias regiões da Itália. Tal dificuldade pode ser vista na comunicação da secretaria do Clube na mensagem abaixo, e ao mesmo tempo nos documentos exigidos.

Bom dia, Sr. Lazzarotti,
Como o senhor pode ver, Federar o ... está sendo um dilema. A FIGC está me solicitando a complementação de alguns documentos. O documento em anexo é a comunicação que recebemos.

Gentilmente, poderia me enviar os documentos listados abaixo?
Certidão de nascimento do jogador de futebol, da qual constam as informações gerais dos pais;
Situação trabalhista dos pais (cópia do contrato de trabalho ou documentos similares);
Declaração de matrícula e frequência escolar.
Quando estiver com todos esses documentos, o senhor, a senhora (se presente) e jogador deverão comparecer à sede para assinar alguns documentos.

Em nosso caso, algumas particularidades se impuseram, uma vez que a dupla cidadania, italiana e brasileira, gerava dificuldades para o próprio clube no que tange à interpretação dos procedimentos a serem seguidos. Após extensas argumentações e a apresentação de toda a documentação acima exigida, foi solicitado um exame médico habilitando-o para competições (chamado de exame médio agonístico) e comprovação de residência na província. Superar toda essa burocracia e as incertezas, pois, estando num país estrangeiro, não sabíamos como nos movimentar foi um processo que se estendeu por três meses. Durante esse período, embora tenha participado regularmente dos treinos e amistosos, ele permaneceu impedido de atuar em partidas oficiais. Somente em 28 de dezembro de 2022, após a obtenção da autorização da FIGC, foi possível sua participação nos campeonatos federados.

A inscrição no clube para toda a temporada 2022/2023 custou €300, o que correspondia ao pagamento dos treinos e jogos, o material esportivo completo, incluindo mala, camisas, calções, meião, capa de chuva, jaqueta, acasalho, uniforme de treino e de passeio, dentre outros itens para o treinamento.

TREINOS, JOGOS, CAMPEONATO E TORNEIOS

A participação nos treinos teve início antes do processo de federalização e ocorria regularmente às segundas, terças e quintas-feiras, das 17h30 às 20h. A distância entre o local dos treinos e nosso apartamento era de aproximadamente 3 km, percurso que ele realizava, de forma autônoma, utilizando bicicleta. A estrutura dos treinos apresentava uma dinâmica diversificada, incluindo pequenos jogos, treinamento físico, exercícios técnicos e táticos e, ao final, a realização de um jogo coletivo adapta-

do. Esse último era ajustado conforme o objetivo do treino, como, por exemplo, jogos com limitação de dois toques por jogador, situações de ataque contra defesa, pequenos jogos entre outras variações táticas.

Era chamado de “Brasileiro” e logo os estereótipos do jogador brasileiro, habilidoso, driblador e, claro, atacante e fazedor de gols foram atribuídos a ele, mas suas características não eram bem essas. No Brasil, sempre preferiu jogar na defesa, ou como zagueiro, volante, meia, lateral...Na Itália, foi logo alçado como ponta, meia e atacante em função, também, das suas habilidades, mas principalmente em função do estereótipo do jogador brasileiro. Sempre reclamava, pois não sabia e não gostava de jogar nessas posições, mas conversávamos muito da importância de experimentar, já que estava em formação e se o técnico o estava colocando nessas posições era por algum motivo e deveria aproveitar a oportunidade e aprender com elas.

Hoje grande gol do _____. Giacomo lançou a bola para ____ que chutou um missil no gol. Bom domingo. (Mensagem de um pai de outro atleta enviada num jogo que não pude estar presente)

Ao comparar com as experiências anteriores vivenciadas no Brasil, foi possível identificar diferenças significativas na organização e dinâmica dos treinamentos. No contexto brasileiro, as conhecidas escolinhas à brasileira, nas quais a quantidade de horas dedicadas ao esporte era frequentemente limitada pela estruturação do tempo e pela lógica organizacional, eram caracterizadas por uma centralidade na gestão de um maior número de alunos e turmas dentro de um determinado período, além da necessidade de otimizar o tempo dos treinadores. Conseqüentemente, os treinamentos no Brasil apresentavam um enfoque mais nos grandes jogos, o conhecido coletivo. Por outro lado, na Itália, os treinamentos demonstravam uma ênfase maior nos aspectos táticos, em pequenos jogos e em exercícios físicos. Outro elemento distintivo foi a dedicação exclusiva dos treinadores, que não possuíam atividades adicionais antes ou depois dos treinos, o que lhes permitia acompanhar de forma mais próxima e atenta o desenvolvimento dos atletas em formação daquela categoria e estavam sempre disponíveis para conversar com os pais para feedbacks.

Após o registro na FIGC, ele começou a participar do campeonato regional, que havia iniciado em setembro e se estendia até junho. A competição envolveu 18 equipes, no sistema de turno e retorno todos contra todos. Os jogos eram realizados aos domingos pela manhã nos campos dos clubes participantes. A equipe do MestrinoRubano manteve-se entre as cinco primeiras por grande parte do campeonato, mas ficou em 6º lugar ao final da temporada.

Durante a temporada, a equipe sub-14 participou de diversos torneios organizados pelo próprio clube, ou pelos clubes da Região, tanto na cidade de Mestrino quanto em outras localidades. Um dos destaques foi um torneio realizado na cidade de Florença, que envolveu uma viagem de três dias, proporcionando experiências significativas para os atletas e suas famílias. Em comparação com a experiência no Brasil, a vivência futebolística na Itália revelou-se significativamente mais intensa e enriquecedora. Em apenas um ano de atividades, os atletas participaram de um número de jogos que superou mais da metade do total de partidas disputadas ao longo de seis anos de prática no Brasil. Essa diferença evidencia não apenas um maior volume de tempo dedicado ao futebol, mas também a oferta de experiências mais diversificadas e significativas, com uma maior frequência de competições que contribuíram para o desenvolvimento técnico, tático e social dos jogadores.

A PROFISSIONALIZAÇÃO E O VOLUNTARIADO NO CLUBE

A equipe sub-14 do MestrinoRubano era composta por 24 atletas em formação, todos moradores da província de Padova. Alguns desses eram filhos de estrangeiros residentes: um da Armênia, um da Albânia, um da Romênia, um da Moldávia e um do Brasil. A Equipe técnica era composta por um técnico, um auxiliar técnico e um fisioterapeuta. Tanto o treinador quanto o auxiliar eram voluntários, fato comum no clube, no qual muitos cargos eram ocupados por ex-atletas do clube, moradores ou pessoas com vínculos familiares com o clube. Esses voluntários, embora sem formação acadêmica em Educação Física, como é comum no Brasil, possuíam os cursos de capacitação exigidos pela FIGC¹⁰.

¹⁰ A Federação Brasileira de Futebol começa a implantar um sistema parecido com o Europeu e desenvolve cursos regulares de formação chamado CBF Academy. <https://www.cbfacademy.com.br>

O trabalho é tão central e constitutivo da cultura italiana que, mesmo após a aposentadoria ou durante o tempo livre, muitas pessoas continuam a desenvolver atividades consideradas 'voluntárias'. Trata-se, no entanto, de trabalho propriamente dito, com a única diferença de não ser remunerado (Fala de uma colega ítalo-brasileira que mora na Itália há mais de 20 anos)

Alguns cargos, como o de coordenador técnico e secretários, eram remunerados, garantindo o funcionamento administrativo do clube. O técnico respeitosamente era chamado de Mister e possuía uma grande respeitabilidade, tanto pelos atletas em formação como pelos familiares. De idade mais avançada, aposentado na sua profissão, exercia o cargo como voluntário e tinha uma longa história dentro do clube. No final da temporada, em uma confraternização, fez uma fala de agradecimento, pois no ano seguinte iria assumir outra categoria do clube e, no meio da fala, apresentou uma coincidência: relatou que há 15 anos, quando treinava uma equipe da mesma categoria, ao se despedir dela, tinha um atleta que hoje é pai de um atleta desta equipe. Fala emocionada e que apresenta um pouco das relações de pertencimento e comunidade dentro do clube.

A RELAÇÃO ENTRE CLUBE, FAMÍLIAS E ESCOLA

O clube organizou várias reuniões com as famílias ao longo do ano para discutir o progresso dos atletas em formação, compartilhar as perspectivas do clube-equipe e planejar a participação em torneios que exigiam suporte e estrutura financeira para hospedagem, alimentação e transporte. Também houve um encontro com um psicólogo esportivo, abordando o tema de assédio psicológico, moral e sexual. A palestra conceituou tipos de assédios e alertou os pais para estarem atentos a qualquer sinal do tipo com seus filhos, caso ocorresse, orientou que reportassem ao clube para as ações cabíveis.

As famílias dos jovens atletas acompanhavam sempre os jogos, organizando atividades ao final das partidas, geralmente um lanche para confraternizar. Também organizavam as caronas para os jogos, principalmente quando alguma família não conseguia participar e levar os filhos.

Conciliar o tempo dos treinos com as exigências da escolarização no exterior representou um desafio significativo, particularmente em função da língua e da cultura escolar distinta. O horário escolar na Itália é padrão, com início às 8 horas e término por volta das 16 horas. Já os dias de treino — segundas, quintas e sextas-feiras das 17h30 às 20h — e os domingos, reservados para os jogos.

O planejamento de tempo e a gestão de energia tornavam-se essenciais para o equilíbrio entre estudos e atividades esportivas. A dificuldade de conciliação acabou fazendo com que parte significativa dos jovens futebolistas acabassem optando pelo futebol em detrimento da escolarização. Em estudo de 60 jogadores famosos no exterior, Rial (2012) identificou que a maioria não tinha finalizado o ensino fundamental, de modo que apenas 15% completaram o ensino médio e apenas um tinha iniciado o ensino superior, mas tinha abandonado.

Uma situação relevante emergiu ao final do ano letivo, quando nosso filho, no 9º ano, foi confrontado com a necessidade de realizar o exame de maturidade, obrigatório para a transição para o ensino médio na Itália. Considerando nossa iminente volta ao Brasil e as dificuldades enfrentadas, tanto em conteúdos quanto na adaptação linguística e cultural, solicitamos à diretora que avaliasse a pertinência de ele realizar a prova.

Ao compreender o contexto esportivo e de formação do jovem, a diretora propôs flexibilizar a carga horária e oferecer um atendimento especializado, reconhecendo-o em dupla carreira. Em uma abordagem inusitada, a diretora sugeriu que ele autografasse algo para a escola, projetando seu futuro no futebol e incentivando-o a realizar a prova de maturidade. Tal abordagem impactou positivamente sua autoconfiança e contribuiu para que ele se sentisse motivado e preparado para tal exame final e que pode ter contribuído para sua aprovação.

O exame de maturidade era composto da escolha de um tema e, a partir dele, o estudante deveria relacionar com os conteúdos das disciplinas. Ele escolheu o tema futebol e se preparou para a prova, a qual depois apresentou para uma banca de professores.

CONFRATERNIZAÇÕES ENTRE JOGADORES E FAMILIARES

Os jogos se tornaram momentos de confraternização entre as famílias. Muitos pais estavam presentes em todas as partidas e, ao final, organizavam lanches coletivos para os atletas, familiares e equipe. Além disso, no encerramento da temporada, organizaram um almoço comunitário, uma festa na igreja organizada pelo clube e uma outra das famílias da equipe sub 14, na qual houve uma partida de futebol entre pais e filhos, reforçando os laços entre a comunidade esportiva e o clube.

Ainda, o clube organiza eventos no início da temporada para apresentar as equipes, um retiro nas montanhas para construir os laços da nova equipe da temporada, assim como entre os atletas e a equipe técnica. Já em datas festivas, sempre organizava um evento, como no Natal e no encerramento da temporada, com uma grande festa com todas as equipes e familiares, nas quais são apresentadas as equipes do ano, suas conquistas e também já anunciavam novas perspectivas para o próximo ano. Nesse encerramento, apresentavam um anuário com todas as equipes e os patrocinadores do clube, esses geralmente da região.

Obá obá obá... (Abordagem de um pai de outro jovem atleta na festa de confraternização, a princípio não entendemos nada o que queria, mas estava cantarolando uma parte da música Mas Que Nada, de Jorge Ben Jor).

Nossa participação foi efetiva nas atividades organizadas pelo Clube e também em algumas atividades organizadas pelos pais dos jovens futebolistas. Nessas confraternizações, foi possível perceber a presença de pais estrangeiros e que se integravam e trocavam informações culturais sobre suas origens. As curiosidades sobre nossa família e também sobre a cultura brasileira eram frequentes, de modo que conversávamos sobre os jogadores brasileiros, sobre as músicas e artistas brasileiros que conheciam.

Figura 1 – Equipe sub-14 temporada 2022/2023 MetrinoRubano



Fonte: Anuário MetrinoRubano temporada 2022/2023

A participação da nossa família acabou sendo limitada, principalmente nos jogos realizados fora de casa, pois havia a necessidade de transporte e, como não tínhamos carro, pedíamos carona para outros pais ou para a equipe técnica levarem nosso filho. Sempre tivemos apoio, tanto da equipe técnica como dos demais pais que se dispuseram a buscá-lo e a apoiar os demais jovens que, por algum motivo, não podiam se locomover para os jogos e torneios.

Essa experiência no futebol italiano revelou não apenas a importância do esporte para a formação técnica e pessoal, mas também o papel fundamental das famílias e do voluntariado na estrutura do clube. A formação com a construção de laços de amizade, de pertencimento e de apoio das famílias fizeram com que os próprios atletas em formação ficassem mais confiantes no seu processo de desenvolvimento. Em vários momentos o nosso filho, ao chegar em casa, relatava que foi cumprimentado por vários pais, os quais elogiavam a sua atuação no jogo.

Figura 2 - As confraternizações do clube entre atletas e famílias



Fonte: Arquivo da família

O DESLIGAMENTO DO CLUBE

No final da temporada, o Clube começou a apresentar o projeto para o ano seguinte. Apresentou um novo técnico que começou acompanhar os treinos e os jogos finais, assim como a integrar novos jogadores e fazer o desligamento de alguns atletas como o nosso filho, que retornaria ao Brasil. Poucos estavam com convites para testes em clubes maiores e alguns novos atletas, fazendo testes de uma ou duas semanas no clube.

A entrada nos clubes foi mais uma diferença identificada entre os dois países. As ditas peneiras não foram identificadas na Itália, uma vez que, lá, o sistema mais comum era integrar um novo atleta por uma ou duas semanas e avaliar se estava dentro do nível do grupo e também das necessidades de novos atletas. A peneira, como afirma Damo (2012), é

a ação social dos clubes brasileiros, ainda que poucos meninos sejam integrados nelas. Segundo o mesmo autor, geralmente o processo de integração se dá através de um sistema complexo de indicação, de parcerias entre escolinhas e clubes, de agentes (olheiros) ou ex-jogadores que indicam para testes específicos.

Notamos uma preocupação do clube em dar retorno para os atletas em formação e para os pais sobre a situação no processo de formação e no final da temporada. Como por exemplo, dois atletas retornaram à categoria provincial, categoria abaixo, e foi explicado o motivo de que era normal nessa idade estarem instáveis e o fato de voltarem não significaria que iriam permanecer por lá, mas poderiam ficar mais confiantes e, posteriormente, retornarem à equipe principal. Assim explicou o coordenador técnico a todos os atletas, dando um feedback claro dos motivos das tomadas de decisões tanto para incluir novos atletas, como para retornar às equipes de baixo e, ainda, fazendo reuniões individuais com cada atleta em formação e seus familiares.

O desligamento do nosso filho foi marcado por uma linda homenagem: fizeram uma camiseta com a fotografia da equipe e uma pequena festa de despedida de todos os colegas e da equipe técnica. Depois de passado um ano do nosso retorno ao Brasil, ainda acompanhamos o clube e alguns meninos, assim como nosso filho mantém contato com alguns colegas, principalmente através das redes sociais do Clube. No ano de 2024 o Clube fez uma nova parceria e se transformou em Mestrino United, fundindo-se com mais um clube da região.

DISCUSSÃO

O que ficou dessa experiência? Ficou muito aprendizado significativo que, com certeza, marcou e ficará em nossa história; corroborando Bondía (2002), a experiência é o que fica, o que marca, o que toca, não o que passa.

Dessa experiência de um ano em um clube comunitário/formador na Itália, destacam-se elementos significativos que, em nossa perspectiva, contribuem para a formação de jovens futebolistas. Entre esses elemen-

tos, ressaltam-se: o suporte familiar; a estruturação e o papel do clube comunitário; a interação entre voluntariado e profissionalismo no contexto do clube; a conciliação entre a carreira esportiva e a trajetória escolar. Esses aspectos serão analisados com os devidos cuidados, estabelecendo relações comparativas com as experiências anteriores vivenciadas no contexto do futebol brasileiro.

O suporte da família, as amizades e a participação da comunidade na formação do jogador de futebol são fundamentais para a construção de laços de pertencimento, apoio e solidariedade. Esses elementos ajudam os jovens atletas a superarem as inúmeras dificuldades encontradas ao longo do processo formativo.

Uma das medidas que possibilitam essa estrutura de apoio são as proteções legais estabelecidas tanto pela Federação Italiana de Futebol (FIGC) quanto pelo Estado. Na Itália, por exemplo, há um amparo legal que protege menores de 16 anos para garantir que residam com os pais na região, estejam matriculados e frequentem regularmente a escola, além de garantir que o calendário escolar não entre em conflito com o esportivo (EC, 2012; Itália, 2015, 2019; FIGC, 2019).

Esse aspecto nos chamou atenção por representar um grande diferencial em relação ao Brasil. Nosso filho, desde os seis anos, participa das equipes de um clube brasileiro de formação, no qual observamos que muitos de seus colegas enfrentavam dificuldades significativas para conciliar os treinos com os estudos e não recebiam nenhum amparo legal. Alguns adolescentes e crianças chegavam para as aulas e os treinamentos com grande dificuldade, muitas vezes faltando à escola. Além disso, alguns precisavam se deslocar por duas a três horas até o local dos treinos, residindo em alojamentos não oficiais do clube, na casa de amigos ou de familiares distantes.

Também presenciemos casos de famílias que mudaram completamente de cidade ou região para que seus filhos tentassem seguir carreira no futebol, especialmente vindas do Norte do Brasil em direção ao Centro-Oeste. Essa realidade contrasta com o modelo italiano, que busca equilibrar a formação esportiva com a estabilidade familiar e educacional dos jovens atletas.

No caso dos meninos já vinculados ao clube, observamos a atuação frequente de empresários, agentes, olheiros e aventureiros que abordavam os pais com propostas para transferir seus filhos para clubes maiores, especialmente nas regiões Sul e Sudeste. Esse processo ocorria, muitas vezes, sem a devida consideração pelo bem-estar das crianças, afastando-as das famílias, dos amigos e do ambiente onde iniciaram sua formação esportiva. O mesmo tipo de prática também era observado na relação entre clubes de diferentes portes, com os maiores recrutando atletas de clubes menores. Esse cenário parece ser regido pela lógica da competitividade extrema, na qual prevalece a “lei do mais forte”.

Em diversas situações, acompanhamos transferências de jovens jogadores que, ao serem expostos a uma responsabilidade desproporcional para sua idade, retornavam frustrados diante do não cumprimento das promessas feitas. A falta de um olhar atento às necessidades das crianças e de um respeito pelo seu tempo de desenvolvimento era evidente. Além disso, não identificamos a existência de ações concretas ou regulamentações, seja por parte dos clubes, da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ou do Estado, para coibir tais práticas.

A sedução desse tipo de proposta se sustenta na promessa de realização de um sonho e na perspectiva de ascensão econômica da família, muitas vezes percebida como a única alternativa de mobilidade social. Assim, o risco inerente a essas negociações acaba sendo normalizado, e as famílias, sem muitas opções, tendem a aceitar as ofertas, corroborando a tese de que, no Brasil, a trajetória para se tornar jogador de futebol constitui um verdadeiro projeto familiar (Souza *et al.*, 2008; Spaggiari, 2014).

Na Itália, percebemos, também, um cuidado com a dupla carreira esportiva e escolar. O futebol era sempre no contraturno da escola e o calendário escolar dificilmente se chocava com o calendário esportivo, sendo possível a conciliação entre a escola, os treinos e os torneios ou campeonatos de futebol. Também percebemos certa clareza de responsabilidade dos agentes envolvidos nessa formação, principalmente da escola e do clube.

Importante destacar que, na Itália, a dupla carreira possui um arcabouço legal significativo que define as responsabilidades dos envolvidos,

como: EC (2012), Itália (2019) e FIGC (2019). Em estudos de revisão sobre a dupla carreira esportiva no Brasil, Miranda, Santos e Costa, (2020) identificaram que os principais problemas enfrentados na dupla carreira são a conciliação do tempo entre a escolarização e o esporte e a falta de regulamentação específica para a formação dos jovens atletas. Sobre a regulamentação, no Brasil o que existe é um projeto de lei (Brasil, 2019) que se encontra parado, deixando os atletas em dupla carreira totalmente desprotegidos e por não levar em conta dois agentes importantes da formação: as entidades esportivas e a própria família no processo de dupla carreira (Rocha; Pinto; Soares, 2021). Nem familiares, nem escola e nem clubes possuem um arcabouço para se guiarem.

Como resultado, os jovens atletas em formação acabam se movendo dentro desse universo a partir da tradição, quando há um membro na família do meio futebolista que auxilia na carreira ou largados à sorte. Segundo Soares, *et al.*, (2011) estamos diante de uma agência que recruta jovens do sexo masculino, em geral das camadas populares, num tipo de negócio que pode estar em competição com a escolarização básica dos jovens aspirantes a atletas profissionais. A centralidade como negócio e nas perspectivas de lucros pode estar deixando esses jovens em formação cada vez mais à mercê das grandes corporações e, se der certo, tudo bem, caso contrário, na maioria das vezes, os meninos em formação estarão abandonados e sem nada, pois o próprio capital do treinamento de todos os anos de investimento no futebol é difícil ser reconvertido para qualquer outra profissão (Souza *et al.*, 2008; Damo, 2005).

Por ser o futebol um elemento central nas culturas brasileira e italiana, a educação voltada a essa prática corporal deve ultrapassar o simples aprendizado de técnicas e táticas do jogo, promovendo uma formação ampla e integral. Esse tipo de formação visa a incorporar o futebol como uma dimensão cultural presente ao longo de toda a vida do sujeito, enquanto jogador profissional, profissional da área, torcedor ou praticante em momentos de lazer. A lei do Esporte (2023), aprovada recentemente, já traz o esporte para toda a vida como um conceito fundante para o desenvolvimento do esporte no Brasil com essa perspectiva.

O clube onde aconteceu a experiência é uma mescla de comunitário social e esportivo. De um lado, há toda uma cultura do voluntariado, de

participação da comunidade, de encontro e de lazer, próprios de clubes sociais. Do outro lado, identificamos uma forte relação com a FIGC, a qual marca sua presença e sua força na federação, e realiza o registro de todos os atletas, na organização dos torneios e campeonatos, na profissionalização das ações do clube desde arbitragem, formação dos treinadores e na regulamentação dos processos de desenvolvimento do clube. A capilaridade e a força da FIGC podem ser vistas no número de jovens jogadores federados. Em 2018, o número de crianças e jovens do sexo masculino, com idades entre 5 e 16 anos, registrados na FIGC e praticantes de futebol em clubes italianos correspondia a 20% da população nessa faixa etária (Migliorati; Isidori; Maulini, 2020).

Em contrapartida, as experiências vivenciadas no Brasil indicam que o futebol assume, predominantemente, duas formas de manifestação: ou se configura como uma prática comunitária voltada ao lazer (Rigo; Vidinha, 2024), ou se estrutura de maneira privada, principalmente por meio das chamadas escolinhas de futebol “a la brasileira” (Damo, 2005). Mesmo no contexto dos clubes de futebol, como o Goiás Esporte Clube, as chamadas escolinhas funcionam em paralelo com o sistema de formação de base, nas quais os participantes assumem a posição de clientes, com pouca possibilidade de participação efetiva ou de estabelecimento de laços de pertencimento e envolvimento. Essa mesma lógica se reproduz nas diversas escolinhas de futebol no Brasil, que, ao contrário dos clubes italianos, possuem a função de ensinar a modalidade, porém sem vínculo com o sistema federativo de futebol. Como consequência, esses espaços operam à margem de sistema esportivo estruturado, o que limita a mobilidade e a progressão dos jovens atletas em formação.

Mesmo estando com um projeto familiar de um ano e sabendo que, após esse período, retornaríamos ao Brasil, nossa condição, de certa forma, era privilegiada, pois não estávamos apostando na profissionalização do jovem futebolista. Mesmo assim, as dificuldades foram sentidas, principalmente em estabelecer relações mais próximas, assim como na falta da cultura brasileira, dos amigos e da escola.

O processo de formação de jovens é um constante desafio e ter o suporte dessas pessoas garante uma trajetória mais harmoniosa e saudável. Em vários momentos conversamos sobre os colegas dele que tinham saído

do clube para outros estados, regiões e, inclusive, para outros países, ampliando as experiências, mas também vivenciando grandes dificuldades, às vezes insuperáveis.

Vale destacar que o futebol no clube foi a forma como ele se integrou, conheceu lugares, fez amigos e, como família, nos envolvemos nessa jornada, de modo que, a partir do futebol, nos integramos na comunidade, conhecendo outras pessoas e possibilitando uma socialização num país e numa cultura diferente e distante. A todo o momento, nosso filho afirmava que a única parte boa na Itália era sua experiência com o futebol. Mas também relatou uma situação em que se sentiu ofendido com uma discriminação, por ser estrangeiro, sendo xingado por um colega que falou para voltar para o Brasil. Falas típicas de estranhamento e de xenofobia reproduzidas no futebol, mas que foram contornadas com a convivência e com a ação da equipe do clube.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas experiências práticas e das reflexões acadêmicas, este relato buscou refletir e tornar públicos aspectos formativos e sociais que emergem desses processos, evidenciando como o futebol pode marcar e construir laços sociais de pertencimento e de experiências significativas.

Os resultados dessa experiência no futebol italiano foram significativos, tanto no aspecto esportivo quanto no pessoal. Tivemos a oportunidade de dar continuidade à formação futebolística em um ambiente diferente, enfrentando desafios, como a adaptação a uma outra cultura na manifestação do futebol, as barreiras linguísticas, além do clima. O processo de registro na Federação Italiana de Futebol, embora demorado devido à legislação de proteção de jovens atletas, dava todo suporte e segurança, permitindo, também, que vivenciasse competições regionais e participasse de torneios importantes, o que contribuiu para seu desenvolvimento esportivo e sua capacidade de lidar com situações adversas.

Além do crescimento técnico-tático, a experiência trouxe uma rica interação social, para o jovem futebolista assim como para toda a família. O envolvimento dos pais no clube, a organização de confraternizações

e o apoio durante torneios criaram um ambiente de acolhimento e de sociabilidade. O voluntariado no clube também destacou o papel da comunidade local no desenvolvimento do esporte, evidenciando a forte relação de identidade entre gerações de jogadores e suas famílias.

Por fim, é importante destacar o receio inicial em relatar essa experiência, sobretudo considerando a necessidade de preservar aspectos íntimos e singulares que são próprios à vivência familiar. Reconhece-se que tais experiências são únicas e irrepetíveis, uma vez que outras famílias jamais viverão exatamente o mesmo processo. Contudo, transformar essa vivência em objeto de reflexão consciente, avaliá-la e expô-la, por meio de uma metodologia específica, representou um grande desafio. Isso ocorre porque, embora o vivido e o narrado sejam dimensões distintas, ambos se tornam presentes à medida que atribuímos sentido a essas experiências no presente, como afirma Rosenthal (2014).

Esse relato não tem a pretensão de afirmar qual é a melhor forma de construir uma experiência, mas exprime uma forma de ver uma delas a partir de predisposições anteriores, da vivência, de modo a torná-la pública com esse relato. Bondiá (2002) corrobora isso ao afirmar que o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.

A construção de sentidos, a realização de recortes e a seleção dos elementos essenciais dessa experiência para compor este texto revelou-se uma tarefa desafiadora. Isso se deve ao fato de que, nesse tipo de relato, todos os aspectos parecem adquirir relevância. No entanto, foi a partir do campo das possibilidades e das competências do narrador que se elegeram os aspectos aqui apresentados. Espera-se que essa reflexão contribua para o aprofundamento de debates acerca do futebol comunitário e da formação de jovens atletas, especialmente no contexto brasileiro, proporcionando novos olhares e questionamentos sobre essas práticas.

Para concluir, é fundamental ressaltar as limitações desse relato, uma vez que se trata de uma interpretação e uma forma de ver o problema a partir de uma experiência vivenciada em uma cultura distinta, o que deixa muitos aspectos escaparem à nossa compreensão devido ao tempo limitado de permanência no país. Estudos mais aprofundados,

com imersão intencional e uso de diferentes instrumentos de pesquisa, podem contribuir de maneira mais significativa para a compreensão de nuances que não foram captadas nesse relato.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

BRASIL. *Projeto de Lei nº 4.393*, de 2019. Dispõe sobre a assistência, em regime de exercícios domiciliares ou à distância, para estudantes da Educação Básica que participem periodicamente de competições desportivas e paradesportivas ou exerçam atividades artísticas itinerantes. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/138079>. Acesso em: 31 out. 2020.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque.; CAPRARO, André Mendes. Experiências indesejáveis: alguns casos de assédio sexual no futebol. *Movimento*, v. 25, p. e25080, 2019.

EC-EUROPEAN COMMISSION. *Linee Guida UE sulla doppia carriera degli atleti*. Brussels, 2012. Disponível em: https://scuoladello sport.sportosalute.eu/images/sds/Linee_Guida_EU_Doppia_Carriera.pdf. Acesso em: 31 out. 2024.

ITÁLIA. *Legge n. 107 del 13 luglio 2015*. Riforma del sistema nazionale di istruzione e formazione e delega per il riordino delle disposizioni legislative vigenti. Gazzetta Ufficiale, Roma, 15 jul. 2015. Serie generale, n. 162.

ITÁLIA. *Decreto Ministeriale n. 935 dell'11 dicembre 2015*. Programma sperimentale didattica stu-dente-atleta di alto livello, Retrieved September 3, 2019, from https://www.istruzione.it/allegati/2015/prot935_15.pdf. Acesso em: 31 out. 2024.

FIGC. *Tesseramento sportivo del minore calciatore fuori regione*: art. 40 NOIF (Norme organizzative interne FIGC), 2019. Disponível em: <https://www.figc.it/media/1044/tesseramento.pdf>. Acesso em: 22 out. 2024.

MESTRINORUBANO. *Anuário 2022-2023*. IV Edizione, Maggio 2023.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021

MIGLIORATI, Mascia; ISIDORI, Emanuele; MAULINI, Claudia. Promuovere la dual career nel calcio. Una proposta pedagogica. *Formazione & Insegnamento*, v. 18, n. 2, 2020.

MIRANDA, Iuri Scremin De; SANTOS, Wagner Dos; COSTA, Felipe Rodrigues Da. Dupla carreira de estudantes atletas: uma revisão sistemática nacional. *Motrivivência*, v. 32, n. 61, p. 01-21, 2020.

RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. Os estupradores que viraram heróis. *Mulherio* (Fundação Carlos Chagas), n. 32, p. 3-4, out. 1987.

RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. Banal Religiosity Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora. *Vibrant*. v. 9 n. 2. 20212.

RIGO, Luiz Carlos; VIDINHA, Daniel; DA CUNHA, Leonardo Costa. O Futebol Infame no interior do Rio Grande do Sul. In: RIBEIRO R. R; SPAGGIARI, E; ALMEIDA, C. S.; (Org.). *Futebol Popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 79-104.

ROCHA, Hugo Paula Almeida Da; PINTO, Erika Alcantara; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Marco legal da dupla carreira: perspectivas e limites do projeto de Lei N° 4 . 393 / 2019. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, p. 39-53, 2021

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 14, n. 2, p. 227, 2014.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; MELO, Leonardo Bernardes Silva De; COSTA, Felipe Rodrigues Da; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; BENTO, Jorge Olímpio. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 33, n. 4, p. 905-921, 2011.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo De; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 85-III, 2008.

SPAGGIARI, Enrico; RIBEIRO, Rafael Rajão. Por um Futebol Popular: In: RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de. (Orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Editora Ludopédio, 2024. pp. 25-59.

SPAGGIARI, Enrico. Família joga bola. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2015. *Tese* (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ZIRPOLI, Cassio. *CBF divulga lista de “clubes formadores” com sete do Nordeste*; veja relação de 2024. Disponível em: https://cassiozirpoli.com.br/cbf-divulga-lista-de-clubes-formadores-com-sete-do-nordeste-veja-relacao-de-2024/#google_vignette. Acesso em: 22 out. 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a leitura atenta e as contribuições para a melhoria do texto de Alvina de Bastos e Fábio Machado Pinto.

Capítulo 3

LOS CLUBES DE FÚTBOL EN URUGUAY. LOS CLUBES DE BARRIO (OSC) Y SOCIEDADES ANÓNIMAS DEPORTIVAS (SAD)

Diego Alsina Machado

Instituto Superior de Educación Física, Universidad de la Republica (Udelar)

INTRODUCCIÓN

El deporte como consecuencia de determinadas condiciones sociales e históricas se ha constituido cómo un sistema de instituciones y agentes relacionados directa o indirectamente con este fenómeno. Este sistema se constituye por distintas asociaciones pública (en Uruguay la Secretaría Nacional de Deportes y los espacios de las Intendencias Departamentales y los Municipios) y privadas (Clubes y Federaciones deportivas); especialistas y actores de la práctica deportiva (entrenadores, profesores, contratistas, asociaciones, médicos, etc.); y lo referido a la industria de entretenimiento (los productos y productores de artículos asociados al deporte) (Bourdieu, 1981). Siguiendo con la idea del autor, a partir del momento en el que el deporte se conforma con todos estos actores, tiende a funcionar como un “campo” en el cual se dan disputas de poder y de intereses específicos (Bourdieu, 1981). El sistema y las relaciones que se establecen en él, provoca distintos mecanismos de jerarquías que permiten clasificar los rendimientos y las atribuciones físicas de los deportistas bajo la lógica del sistema hegemónico de producción (Brohm, 1981).

A diferencia de los clubes de barrio, aquellos que en su gestión institucional se organizan como una asociación civil sin fines de lucro, que están orientadas hacia la comunidad y promueven la participación activa de los socios en la toma de decisiones y llevan adelante diversas actividades vinculadas a la vida y la dinámica de los barrios, las SAD están dirigidas y controladas por grupos inversionistas. Este modelo de organización elimina la figura de los socios como actores decisivos en la gestión institucional y en su lugar, el control recae exclusivamente en los grupos inversores y en los accionistas quienes administran los clubes a través de un Consejo de Administración. El vínculo entre una SAD y un club de fútbol en Uruguay se lleva adelante a partir de un acuerdo entre ambas partes, es decir, club y SAD establecen un acuerdo que involucra las características del vínculo y el plazo del mismo. En este momento, la SAD comienza a gestionar todos los activos del club, en lo que respecta a la infraestructura, la propuesta deportiva y económica del mismo. De esta manera, los derechos económicos por la imagen y transferencia de los jugadores, los derechos televisivos, los sponsors, el marketing y el merchandising, entre otros aspectos derivados de las actividades deportivas. Además, es necesario recordar que en estos acuerdos existe una cláusula que permite que la SAD renueve el convenio de forma automática, a partir del cumplimiento de distintas metas acordadas en la propuesta inicial. Este trabajo es resultado del trabajo de campo en el marco de mi proyecto de investigación en el Programa de Posgrado en Educación Física de la Universidad Federal de Pelotas, Brasil, donde me propongo estudiar las trayectorias de los futbolistas varones de Maldonado, las cuales incluyen, de una forma muy esquemática, la transición de sus etapas formativas hacia la concreción de un posible contrato profesional.¹¹ Las trayectorias se refieren al proceso que estos jugadores atraviesan durante sus carreras, es decir, desde que fichan por un club con 14 años hasta la concreción del contrato profesional a partir de los 18 años y su continuidad en el fenómeno deportivo (Rigo *et al.*, 2018). Considerar cómo punto de partida a los jóvenes en su constructo

¹¹ Maldonado es un departamento del interior de Uruguay, se encuentra al sur-este del territorio uruguayo, se caracteriza por ser un Departamento con costa sobre el Océano Atlántico, se destaca Punta del Este y José Ignacio como ciudades reconocidas a nivel mundial por el turismo.

histórico, cultural y social permite pensarlos cómo protagonistas de sus complejas elecciones racionales, entender sus constricciones sociales y culturales y analizar sus estrategias a futuro. Esto genera que al momento de pensar o estudiar los procesos formativos y los múltiples factores que influyen en el camino hacia el profesionalismo, los jugadores se encuentren con diversas problemáticas del campo deportivo específicamente, y otras que exceden al desempeño deportivo, haciendo que sean realmente pocos quienes cumplen el objetivo de llegar a ser profesionales. El recorrido dentro de los clubes y la pericia deportiva de niños y jóvenes abren la posibilidad de ser futbolistas profesionales, firmar un contrato aparece como un factor determinante para lograr trascender en su vida adulta (Murzi *et al.*, 2020).

Cómo opción metodológica se lleva adelante una perspectiva biográfica la que permite comprender el impacto en el curso de vida de los futbolistas a partir de estudios cualitativos que analizan las “experiencias biográficas” por un lado, y por otro lado, el análisis de los “hechos biográficos” para complementar la visión total sobre el fenómeno social propuesto (Amarilla, 2021). Esta opción metodológica se fundamenta bajo una forma longitudinal en la construcción del pasado, presente y futuro de los individuos y en la complejidad de los distintos elementos que son parte de estos procesos (Casal *et al.*, 2015). He planificado tres momentos de observación en clubes de fútbol de Maldonado, los cuáles estoy llevando adelante, de la misma manera, estoy realizando entrevistas en profundidad con futbolistas, entrenadores, representantes de futbolistas y otros agentes del fenómeno deportivo. La observación tiene como objetivo detectar las situaciones en que se expresan y generan los universos culturales y sociales en su compleja articulación y relación entre los actores del proceso formativo. El ámbito de lo cotidiano está impregnado de contenido histórico social, donde suceden procesos y relaciones construidas cotidianamente por los sujetos que forman parte y las conforman, así como las impregnan de determinadas significaciones, donde entran en juego procesos institucionales y estructurales con los que interactúan recíprocamente, siendo importantes en el proceso de construcción de identidades.

En este sentido, he dialogado con futbolistas y entrenadores las particularidades de los procesos formativos y de profesionalización, y particularmente las realidades de los clubes de barrio y los clubes que se convierten en SAD, en lo que respecta a los procesos mencionados. En este sentido, a partir de los datos recabados en el trabajo de campo y la utilización de algunas fuentes que vienen atendiendo las realidades de las SAD, pretendo hacer un recorrido que nos permita entender cómo se configuran las Sociedades Anónimas Deportivas y cuál es la realidad uruguaya en este plano. Luego, poder contraponer las realidades y las dinámicas de este tipo de sociedades y la de los clubes de barrio, estos últimos considerados como Asociaciones Civiles sin fines de Lucro. Por último, una pequeña reflexión sobre el impacto de las Sociedades Anónimas Deportivas como forma de gestión en las instituciones deportivas y el papel de los clubes de barrio en la conformación de las sociedades.

LAS SOCIEDADES ANÓNIMAS DEPORTIVAS (SAD) Y LA REALIDAD URUGUAYA

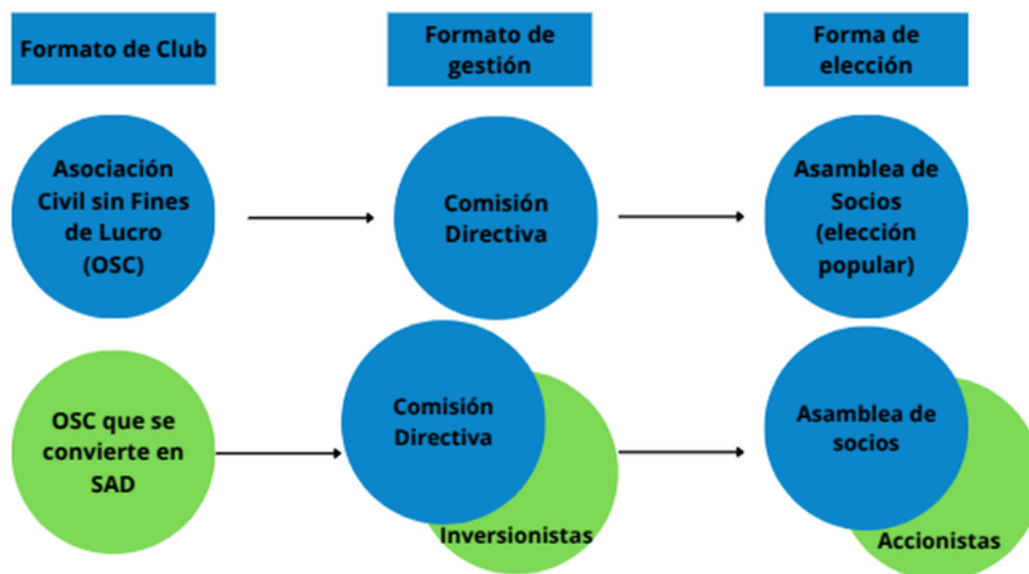
Cualquier forma de organización es compleja en el sentido de la toma de decisiones, del diálogo, de los vínculos, de las personas que se encuentran y se relacionan en esos lugares. Particularmente la forma de burocratización del fútbol siempre fue compleja, y en la actualidad se puede decir que ha incrementado esta dificultad. En esta medida las SAD son una forma de gestión para los clubes, con varias experiencias en distintas partes del mundo, que responde a una manera relativamente nueva que las instituciones optan para llevar adelante sus proyectos deportivos y económicos necesarios para sobrevivir en el mundo del fútbol.

En Uruguay, en el 2001, la Ley N° 17.292, en su artículo 70, posibilitó el acceso de las SAD en el sistema jurídico nacional, permitiendo la posibilidad de optar por dos formas de gestión de los clubes deportivos, las SAD y las asociaciones civiles sin fines de lucro (OSC). La condición necesaria y además el objetivo de cualquiera de los dos tipos de organización, es la participación en competiciones deportivas y el desarrollo de actividades relacionadas. Una clara diferencia entre ambas, es que la OSC están orientada hacia el trabajo con la comunidad, el vínculo con

la sociedad y los socios, y en la participación activa en las decisiones de los socios, mientras que las SAD están dirigidas y controladas por inversionistas. El modelo de las SAD elimina la participación activa de los socios en la gestión de las instituciones y en la elección de la presidencia y consejeros, en cambio, el control y la gestión de los clubes funcionan a partir de los inversionistas, los accionistas y los Consejos de Administración conformados por los antes mencionados y el Club, pudiéndose decir tradicional, pero con menor porcentaje en la decisión. En la figura 1 se presenta, de manera esquemática, la estructura organizativa de los clubes constituidos como OSC y su proceso de conversión en SAD, así como sus modalidades de gestión y los mecanismos de elección de sus autoridades.

Desde sus comienzos en España en 1990, las regulaciones de las SAD buscan favorecer el asociacionismo deportivo y establecer un modelo de responsabilidad jurídica y económica que ayude a los clubes a sostener su participación en competiciones deportivas de carácter profesional, de carácter social en la promoción y el desarrollo de actividades deportivas, así como, otras actividades vinculadas con el fenómeno deportivo en todo su alcance. Su surgimiento se debe a que algunos clubes pasaron por graves crisis económicas y se vincularon con distintas empresas por un tiempo determinado, con la finalidad de superar esas situaciones. En nuestro país, la ley mencionada más arriba, que permitió la integración de las SAD en distintas modalidades todavía intentaba conservar las identidades de los clubes, debido a que necesita al menos el 60% de la aprobación de la asamblea de socios del club para vincularse y para desvincularse, el plazo del contrato, las garantías y los derechos y obligaciones de las partes, en donde todavía se debía de conservar una gran porción de los clubes perteneciente a los socios. El ingreso de una entidad de este tipo al club, permitiría el ingreso de capital externo a la institución con la posibilidad de mejorar las contrataciones, los contratos de los futbolistas, del cuerpo técnico y del personal, la mejora de la infraestructura deportiva (Club Social y las instalaciones vinculadas al fútbol), entre otras cosas.

Figura 1 - Gráfica de organización de los clubes en Uruguay, a partir de 2001



Fuente: Elaboración propia

Sin embargo, con las modificaciones planteadas en la nueva Ley de Rendición de Cuentas (Uruguay, Ley N° 20.212) lejos de presentarse cómo una protección para los clubes colabora con los inversionistas que se pueden presentar. Los porcentajes mínimos de suscripción e integración de capital de las SAD eran los referidos a lo establecido para las Sociedades Anónimas (SA), con la indicación que “deberán cumplirse exclusivamente mediante aportaciones en dinero”. La nueva reglamentación elimina esta puntualización, lo que permitiría aportes no solamente en dinero. La conformación de la Comisión Directiva de los clubes fue otro de los aspectos que se modifica, mientras que eran necesarios entre 5 a 15 miembros, las nuevas disposiciones permiten un mínimo de 2, sin especificar el máximo y quien la preside será quien representa a la SAD. Otra de las modificaciones propuestas es la cesión de activos o de las acciones de las SAD, en lo que respecta a esto, los clubes, o sea, la porción que se sigue sosteniendo cómo una Asociación Civil no puede obtener más del 25% de las acciones de la SAD. Además, que continúa rigiendo la reglamentación sobre la aprobación de la vinculación y desvinculación de los clubes con las SAD, con la salvedad que

ahora la conformación del máximo órgano de gestión y de decisión de los clubes, estará integrado mayoritariamente por la SAD y los vínculos que pueda asegurar.

Las SAD tienen una capacidad mayúscula para atraer capital extranjero y poner sus activos a disposición de un mercado secundario al fenómeno deportivo, lo que está permitiendo proporcionar otras fuentes de financiamiento. La cesión de los activos puede comprender desde los ingresos económicos del club, fichas de futbolistas, el gerenciamiento de la sede social y deportiva, entre otros, que pueden ser propiedad de las SAD. Sumado a que las SAD no están obligadas bajo supervisión de la Secretaría Nacional para la Lucha contra el Lavado de Activos y el Financiamiento del Terrorismo (Senaclaf), a detallar los movimientos realizados en este plano. Además, las SAD, debido a tener características de una SA tradicional, están exoneradas del pago del Impuesto a las Rentas de las Actividades Económicas (IRAE) en las transferencias de los futbolistas.

Las SAD tiene la forma de una empresa que han logrado un óptimo funcionamiento en el fenómeno deportivo, cómo gran negocio en lo que respecta a las inversiones en todos los planos del entretenimiento. Más allá del lógico corrimiento de la gestión de los clubes hacia los inversores, una de las problemáticas centrales es la percepción que la aparición de las SAD provoque que los clubes se alejen de su identidad y valores tradicionales. Un caso que ejemplifica esta situación es el del Club Atlético Torque creado en 2007, aunque sea un club creado hace relativamente poco tiempo, en 2020 el club pasó al dominio del City Football Group, SAD dueña de clubes en cuatro continentes y 11 países, cambiando su nombre a Montevideo City Torque. Cómo podemos observar en la figura 2, en esta situación también hubo otros cambios, más allá del cambio en la forma de gestión, el cambio en el escudo del club, el cual tiene aspectos conmemorativos del City Football Group y de Montevideo.

Figura 2 - Transformación del escudo del Montevideo City Torque



Fuente: Página oficial del Montevideo City Torque¹²

Uno de los casos más paradigmáticos en Uruguay es el del Club Deportivo Maldonado, el cuál es un club fundado en 1928 y que compitió en la Organización de Fútbol del Interior (OFI) hasta 1994 que se afilió a la Segunda División del Fútbol Uruguayo y comenzó a competir de forma profesional, y en el 2009 se convirtió en la primera SAD del fútbol uruguayo. La cuestión paradigmática se refiere a que durante ese tiempo el club era conocido por su disposición como “puente” y donde encontramos que en un club humilde con poca trascendencia deportiva en la competencia aparecían fichajes de futbolistas de nivel internacional, que nunca llegaron a jugar ni un partido en el mismo. El club participaba como un puente entre el vendedor y el comprador, debido a que los impuestos que tiene nuestro país para regular estas transacciones son bajos, teniendo todos los involucrados beneficios económicos.

Uruguay parece ser un lugar fértil para la llegada de estas formas de organización, en donde un club gestionado por personas cercanas al mismo y de forma amateur, pasa a ser gestionado por un grupo de inversionistas con una lógica empresarial y en búsqueda de réditos económicos. También, es una realidad que el fútbol uruguayo, más allá

¹² Disponible en: <https://montevideocitytorque.com/>

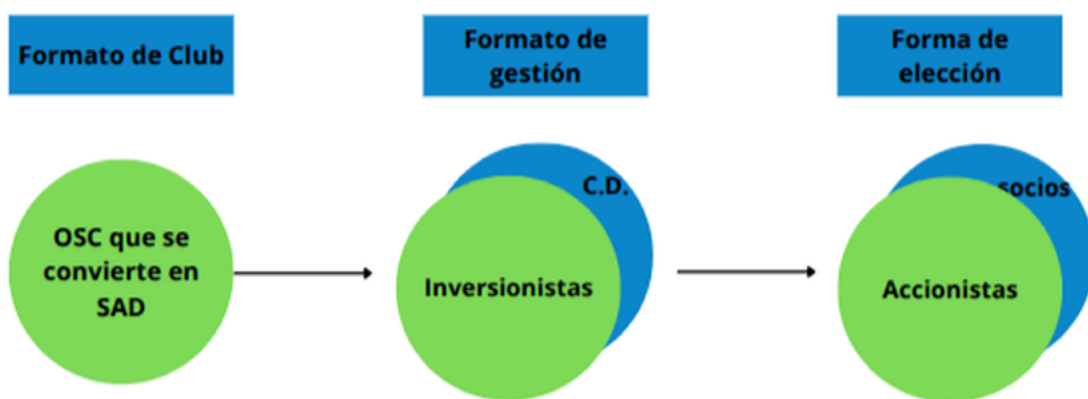
de ser un gran exportador de futbolistas, sus equipos no logran tener grandes resultados en el plano local y regional (la obtención de la Copa Sudamericana o la Copa Libertadores), cómo los montos que se observan en los fichajes son muy dispares con Brasil y Argentina principalmente. Un ejemplo claro de esto último es el caso del futbolista Leonardo Fernández del Club Atlético Peñarol, como una salvedad, en este 2025 el club compró su ficha al Grupo Pachuca (otra SAD internacional), por 7,5 millones de dólares, mientras que los fichajes en Brasil son lo que pagó Palmeiras por Vitor Roque al Barcelona de España, por 22,5 millones de dólares, más variables por el 80% de la ficha del futbolista; por su parte el Botafogo compró a Wendel al Zenit FC por 20 millones de euros y a Thiago Almada del Atlanta United por 19,5 millones de euros; el caso de Carlos Alcaraz del Southampton inglés al Flamengo de Brasil por 18 millones de euros; entre otros. Dentro de este panorama, los clubes en la actualidad se están inclinando por esta forma de organización, de esta manera en Uruguay el 55% de los clubes que compiten en Segunda o en Primera División están vinculados con una SAD.

Es así que Uruguay presenta diversas formas para que los clubes puedan conformarse como una SAD. Una primera manera sería crear una SAD desde un principio, que tendrá que competir desde Segunda División Amateur (cuarta categoría) y ascender por méritos deportivos; o crear una SAD y hacer un contrato para transferir los derechos deportivos a un club asociado a la AUF (Asociación Uruguaya de Fútbol). La segunda manera es la transformación de un club con una organización en sociedad civil sin fines de lucro a SAD, a partir de la decisión de la Comisión Directiva y las acciones mencionadas más arriba. Por último, es la escisión de la institución organizada en asociación civil y la conversión en una SAD. La AUF, está alineada con esta forma de organización para los clubes, en el 2019, cuando Ignacio Alonso asumió como presidente de la misma, señaló el campo fértil en cuanto a formación deportiva que tiene nuestro fútbol y la distancia con el fútbol de países cercanos, por eso señaló la posibilidad de vender el modelo de formación del fútbol uruguayo a distintos inversores que aporten una inyección económica a nuestro fútbol. Los clubes en Uruguay bajo la organización de SAD siguen en aumento, donde actualmente están en Primera División:

Boston River, Juventud de Las Piedras, Miramar Misiones, Montevideo City Torque, Plaza Colonia y Racing. En Segunda División, los clubes son: Albion, Artigas, Central Español, Cerrito, Colón, Deportivo Maldonado, La Luz, Oriental, Rampla Juniors y Rentistas. En resumen, 16 de los 30 clubes del fútbol profesional uruguayo se han devenido en SAD, además de algunos casos recientes que ingresaron en primera y segunda división amateur.

El procedimiento que más se observa en nuestro país es que un inversor crea una SAD y genera un vínculo y un acuerdo con un club con forma de asociación civil, en donde la OSC a cambio de un pago por parte de ese grupo inversor cede los derechos de explotación del activo fútbol por un tiempo determinado. La dirigencia anterior en muchos casos continúa haciéndose cargo de otras ramas deportivas, si tiene una sede o del club social. La SAD brinda dinero al club y a cambio puede ofrecer un porcentaje por las distintas actividades o un monto fijo por mes. La inscripción o no de las SAD al fútbol es un tema controversial que ha traído distintas discusiones en las diferentes partes del mundo, ya sea desde su composición hasta la ejecución de la propuesta y los resultados obtenidos. En la figura 3 se presenta la configuración actual de los clubes constituidos como OSC que han transitado procesos de conversión hacia el modelo SAD.

Figura 3 - Gráfica de organización de los clubes en Uruguay en la actualidad



Fuente: Elaboración propia

SAD VS CLUBES DE BARRIO

El fútbol es considerado una de las manifestaciones sociales y culturales con mayor impacto, en donde el sueño para muchos jóvenes de diversas regiones del mundo, es ser futbolistas profesionales. En Uruguay, el fútbol infantil es una actividad que tiene anclaje territorial a nivel nacional con la inscripción de clubes y ligas en los 19 departamentos del país en la Organización Nacional de Fútbol Infantil (ONFI), registrando cerca de 170.000 niños y niñas entre 6 y 13 años participando de competencias oficiales en todo el país, mientras que un poco más de 48.000 adolescentes son fichados por clubes de la AUF o la Organización de Fútbol del Interior (OFI) (Benítez, 2021).

En 2022 y 2023 llevé adelante una investigación, en el marco de la convocatoria de Iniciación a la Investigación de la Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC), Udelar, la cual tenía como principales cometidos conocer algunos procesos que se iniciaron con Óscar Tabárez como entrenador de la selección uruguaya de fútbol masculino y como coordinador de selección de la AUF; además mapear la realidad del fútbol de Maldonado, Uruguay; y conocer la realidad de los procesos formativos a nivel inicial y juvenil en el departamento. Esta investigación permitió sentar las bases del proyecto de investigación por el cuál ingresé al Programa de Doctorado mencionado. Dentro del proyecto llevé adelante una serie de observaciones en distintos clubes de fútbol de Maldonado, entrevistas con entrenadores y familias, y la búsqueda y el análisis de las páginas web oficiales de OFI y de la Liga Mayor de Fútbol de Maldonado (LMFM), OFI. En este proceso, uno de los elementos que llamó mi atención y creo posible dedicar un lugar en el análisis más profundo, fue los formatos de los clubes, en donde pude destacar aquellos reconocidos como clubes de barrio y aquellos con formato academia.

En este escenario, en donde el sistema deportivo obliga a comenzar con la especialización lo antes posible, y las familias de los niños y de los jóvenes piensan en sus hijos como un proyecto a futuro, se hace necesario comprender las diferencias entre las estructuras deportivas por las cuales circulan los jóvenes en Uruguay.

Los clubes de barrio son denominados como “aquellos clubes que los labura su gente” (comunicación personal, 28 de febrero del 2023), son señalados como clubes humildes, inestables económicamente, con poca posibilidad de pagar salarios de profesionales, compuestos por jóvenes de los barrios, escasez de materiales deportivos e infraestructura adecuada para la práctica deportiva. Son clubes además que no cobran cuota social o cobran una cuota muy baja, que no es necesaria para ser parte del club; no tienen la posibilidad de hacer grandes inversiones, ni tampoco contratar demasiados profesionales, sino que realizan esfuerzos a partir de colectas con los familiares para pagar a los profesionales; realizan beneficios para sustentar parte de las economías necesarios para poder competir en la LMFM (Alsina; Mora, 2024, p. 187).

Los clubes que tienen un formato “academia” han crecido y han aparecido como una opción aparente para los niños y los jóvenes estos últimos años. Dentro de este formato, pude observar algunas características distintas para su conformación, dentro de las cuales podemos destacar que se conforman a partir de un programa metodológico (método Coerver), de la franquicia de un club profesional (escuela del Inter de Milán) o de futbolistas profesionales retirados (Escuela de fútbol Chiche, la gestionan los ex futbolistas Jorge “Chispa” Delgado y Richard “Chengue” Morales) (Alsina; Mora, 2024). Estos formatos permiten que los clubes profesionales puedan vender sus franquicias, la indumentaria, materiales deportivos, un programa formativo, entre otros aspectos.

“Estos clubes se llevan todos los gurises de los clubes, los desarman, porque tienen todo el color y venden algo fantástico” (comunicación personal, 23 de marzo del 2023). Estos lugares cobran cuotas sociales muy elevadas, lo que genera un mecanismo de exclusión y de selección complejo para las trayectorias deportivas. Lo que me permitió observar que genera un sistema de desigualdad en relación a las posibilidades económicas de las familias para acceder a estas propuestas y de la misma manera una exigencia muy grande para aquellos jóvenes que quieren seguir sosteniendo su lugar (Alsina; Mora, 2024, p. 188).

Las características de los clubes o instituciones deportivas definen los objetivos de los procesos formativos, y son espacios que involucran relaciones sociales e interacciones por eso son parte importante de la socialización de los niños y las niñas (Czesli, 2016). En la tesis de Maestría de Federico Czesli (2016) considera a los centros de formación o clubes

formativos como una organización con distintas características. Estas organizaciones presentan jerarquías en distintos niveles de percepción: en relación a las edades, en relación al género, a las capacidades y posibilidades físicas, a las funciones que ocupan, en relación a los procesos de selección, entre algunas de las características que se tienen en cuenta al momento de valorizar a los futbolistas y a los entrenadores. Los individuos en estos procesos actúan a partir de disposiciones formadas a partir de relatos de las familias, de sus experiencias, de lo construido en los medios de comunicación, a partir de las interacciones con compañeros, con entrenadores y otros actores de los clubes y a partir de la posibilidad de ser considerados una promesa dentro del proceso (Czesli, 2016).

Se materializa la funcionalidad del sistema deportivo vinculado a la comparativa de los cuerpos, es decir, para seleccionar a los cuerpos más aptos (Quiroga *et al.*, 2022). Se elige a los más aptos para la competencia deportiva, y dejan por fuera a quienes no cumplen con las expectativas, de esta manera la lógica de las academias permite traer la discusión de Benítez (2021) en relación con las estructuras del fútbol infantil, y en mi caso juvenil, que se piensan en base en la filosofía de las federaciones y al fútbol profesional. Permite pensar que el Sistema Deportivo Hegemónico (SDH) (Quiroga *et al.*, 2022) normaliza los procesos de inclusión y exclusión; los ideales hegemónicos del héroe deportivo; las estructuras de jerarquía y las relaciones de poder; la organización política, los parámetros de masculinidad hegemónica, de clase dominante y de cultura dominante (Quiroga *et al.*, 2022).

En este sentido, los clubes con formato de academia comienzan a ser funcionales al SDH, refuerzan la sustitución de la imagen del futbolista que menciono más arriba, la del “pibe” que se vinculaba en más medida con los barrios, reafirman la cuestión de la promesa y/o la expectativa, también los procesos de inclusión o exclusión deportiva en relación al cobro de una mensualidad, a la infraestructura y a la distancia de los predios respecto de los centros urbanos¹, lo que implica poseer transporte y la posibilidad de acceder a las cuotas (Alsina; Mora, 2024). Además logran conformar equipos de trabajo con distintos profesionales y con futbolistas o ex-futbolistas consagrados, diversidad de materiales depor-

tivos y la posibilidad de acceder a publicidad y propaganda para llegar a gran parte de la población “se venden constantemente, ves en el pueblo los carteles de publicidad, hasta los escuchas en la radio, acaparan todo, todos los niños quieren jugar ahí” (comunicación personal, 28 de febrero del 2023).

Las academias al responder a una franquicia de un club o de una licencia de un programa de entrenamiento tienen la posibilidad de ingresar a un mercado vinculado con los espacios de formación del fútbol, con la intención de expandirse y de establecer un semillero deportivo, así cómo se relacionan con las figuras de las SAD. Esto implica una construcción meritocrática e individual de las trayectorias deportivas, los jóvenes y sus familias se encuentran frente a la expectativa del éxito deportivo, la firma de un contrato profesional, competir en primer nivel de clubes y defender el seleccionado de su país, ser reconocidos a nivel mundial, y por sobre todo, asegurarse una posibilidad económica importante y mejorar la calidad de vida de toda la familia, en definitiva, vuelvo a mencionarlo, los jóvenes son un proyecto familiar. La transformación de los clubes en modelos privados con características empresariales es un verdadero temor de los hinchas de los mismos. Particularmente porque podría suponer un riesgo en el vínculo con la comunidad, debido a que el grupo de inversionistas podría no compartir los valores del club y la tradición de cómo se gestiona. La posibilidad de que los intereses económicos sean mejor considerados que la colectividad genera resistencia, sobre todo por el aporte de estas instituciones en el plano de lo social, cultural y deportivo.

El objetivo principal de los clubes de barrio, más allá de la expectativa económica, se da sobre el desarrollo de la institución en la cultura y el vínculo directo con la comunidad y el barrio en donde está inserto. ¿Cuánto podría importarle a los inversionistas si el club pierde la categoría? ¿Qué cambio significa para los inversores si el club sigue generando ingresos? Para los hinchas esto tendría un valor muy negativo, pero para los inversores su interés seguirá siendo la rentabilidad de los proyectos que presentan. Además, en la actualidad esta realidad provoca otras actividades que empiezan a ser parte importante de los procesos formativos

y el fenómeno deportivo en general. Por ejemplo, los grupos inversores comienzan a vincularse directamente con futbolistas y entrenadores, lo que provoca que los empresarios elijan sus jugadores por encima de los intereses de los clubes, y de la misma manera esto, entre otras cosas, les dará la posibilidad de negociar con los clubes porcentajes de las ventas. En cierta medida hay una distancia entre las dos formas de gestión de los clubes, en donde las SAD son mucho más funcionales al sistema deportivo, pero los clubes de barrio siguen intentando llegar a todos los niños y todas las niñas, y ser así uno de los principales espacios de socialización infantil en la comunidad.

LAS SAD COMO FORMA DE GESTIÓN

En este último apartado, la intención es llevar adelante una breve reflexión vinculado al impacto de la SAD cómo forma de gestión en las instituciones deportivas y al papel de los clubes de barrio en la conformación de las sociedades, ya que parto de lo idea que en el desarrollo y la dinámica cotidiana de los clubes no solo se debate sobre la eficiencia y el prestigio de los mismos, sino también el rol de los socios en la gestión de los clubes y el valor social del club para el barrio y para las personas. Más allá de ello, es necesario considerar que el fenómeno deportivo cómo lo conocemos hoy en día es producto de una ruptura histórica, que comenzó a gestarse en Inglaterra a principios del Siglo XIX, el deporte, como una institución de clase, reproduce ideológicamente las relaciones de producción burguesa y es así que está inserto dentro de los parámetros del sistema capitalista (Brohm, 1982).

En lo que respecta a las SAD, ¿cómo se controla cómo se establece una SAD en el país? ¿Quién está controlando de donde provienen los fondos de inversión y que otros negocios están vinculados con los inversionistas? ¿Quién controla el ingreso al mercado del fútbol? ¿Quién controla o estipula el valor de un futbolista? Si pago una cifra por un futbolista y luego lo vendo por 10 veces más el valor inicial ¿Quién controla ese monto? y por otra parte, ¿quién controla que ese monto es adecuado o se coloca un sobrevalor para justificar que entró ese dinero por otro lado?

En este sentido, Uruguay tiene varias ventajas en relación al valor de mercado de sus futbolistas. En el año 2021, el Centro de Estudios de la Realidad Económica y Social (Ceres) produjo un informe sobre la producción y la compra-venta de los futbolistas de élite y también sobre las causas detrás del fenómeno. En el ranking FIFA¹³, donde Uruguay ocupa el puesto número 11, nos ubicamos primeros con bastante diferencia en relación al valor de mercado y la compra-venta de futbolistas por cantidad de habitantes, cómo podemos observar en la Figura 4. Continuando con lo expresado por la Ceres, nos ubicamos dentro del top 10 en la cantidad de transferencias en la última década con 972 pases de futbolistas al exterior. En nuestro país, el fútbol es un fenómeno masivo y con una alta demanda por parte de nuestra población, alrededor de 60.000 niños y niñas compiten en alguna de las ligas de fútbol infantil (ONFI)¹⁴, en más de 600 clubes, además de la cantidad de personas que se vinculan a través de las familias de estas infancias y del arbitraje de los encuentros.

Figura 4 - Gráfica que relaciona el valor de los futbolistas por habitantes en los países



Fuente: Página oficial de transfer market. Disponible en <https://www.transfermarkt.es/> Acceso en: 10 de setiembre del 2025.

¹³ Disponible en: <https://inside.fifa.com/es/fifa-world-ranking/men> Acceso en: 10 de setiembre del 2025

¹⁴ Disponible en: <https://onfi.Org.uy/> Acceso en: 20 de octubre del 2025

Es decir, Uruguay es un país que tiene un gran vínculo con la actividad futbolística, pero existen algunas diferencias importantes con clubes de la región y entre clubes. En primer lugar, el valor del mercado de sus futbolistas, es particularmente bajo en relación a futbolistas con condiciones similares en Brasil y Argentina; además una clara diferencia entre Peñarol y Nacional y los demás equipos, presentando una diferencia muy grande en relación a infraestructura deportiva, sueldos, profesionales, entre otros aspectos.

El Estado uruguayo a través de la Ley de Urgente Consideración (LUC) (Uruguay, Ley N° 19889 aprobada en 2020) tuvo algunos aspectos vinculados a la economía que favorecieron el vínculo de las instituciones deportivas con las SAD. Entre ellos, encontramos la libertad financiera, en la LUC se modifican y derogan varios artículos vinculados con la Ley de Inclusión Financiera (Ley N° 19.210), de la misma manera que se modificó la Ley Integral Contra el Lavado de Activos (Uruguay, Ley N° 19.574). Con ello, se eliminó la obligatoriedad del pago de salarios por el formato electrónico, posibilitando el pago en efectivo. Al mismo tiempo que implicó la pérdida de los beneficios por pago por medios electrónicos, como era la rebaja en los puntos de IVA. La ley elimina la obligatoriedad de pagar por medios electrónicos a proveedores del Estado y se eleva a un millón de unidades indexadas (alrededor de 120.000 dólares) la posibilidad de pagar en efectivo cualquier tipo de transacciones. Unos de los vacíos legales lo podemos observar en el aumento de los toques de transacciones en efectivo y la flexibilización para los escribanos y otros profesionales de informar actividades sospechosas.

Estos aspectos cómo los más relevantes en este campo, sumado a que con la Ley de Rendición de Cuentas ya mencionada, se mantiene la exoneración de impuestos prevista para las asociaciones civiles sin fines de lucro aunque estén vinculadas con SAD, ya que se entiende que son eventos culturales que favorecen el bienestar de la ciudadanía. De esta manera, no sería necesario controlar e informar, además que no pagan impuestos o lo hacen de forma muy acotada, sobre las ganancias y movimientos realizados en sus actividades. De esta manera, ¿podemos decir que esta forma de gestión institucional favorece la brecha en desigualdad en el

plano de los clubes deportivos? ¿Por qué siguen existiendo los clubes con formato de OSC si las SAD al parecer son un negocio rentable para continuar con el desarrollo del fútbol en nuestro país?

Lo que sí podemos afirmar es que la realidad actual de nuestro país en el plano del fútbol y de los controles estatales favorece la implementación de las SAD, seguramente por ello más del 55% de los clubes tienen un formato de SAD en nuestro país. ¿Podemos señalar una puja o “batalla cultural” (usando el término que emplean algunos autores) para la conformación y las repercusiones que tienen las SAD? Se puede sostener que la AUF abrió las posibilidades para ello, lo mismo que en Brasil y en otros países, y también una resistencia en Argentina lo que permitió un enfrentamiento entre el Gobierno actual (el cuál está a favor de las SAD) y la Asociación de Fútbol Argentino (AFA). Las SAD parecen ser funcionales al SDH (Quiroga *et al.*, 2022), parecen favorecer las trayectorias individuales de los futbolistas al proporcionar inversiones en infraestructura a los equipos y al acercar empresarios con proyectos deportivos a lo largo de todo el mundo lo que favorecería la movilidad y ascenso en sus carreras. Funcionales a una estructura de gestión que en el corazón de la batalla cultural favorece los valores individuales, de producción y de distribución, dentro de los valores del mercado neoliberal que pone al esfuerzo individual en el centro (Grimson *et al.*, 2024).

Uno de los motivos fundamentales para la inclusión de las SAD, es que la vieja figura de los clubes de barrio entorpece el desarrollo económico de los clubes, lo que su renovación implicaría una inyección económica considerable. La estructura actual mencionada permite ganar terreno para la meritocracia, el progreso personal por encima de la correspondencia colectiva, la privatización de los clubes conforme a las necesidades y disposiciones de empresarios, poder comprimir los órganos de deliberación de los clubes y por ende la gestión, y la libertad de acción en los movimientos económicos a realizarse (Grimson *et al.*, 2024). Este individualismo o el foco en las necesidades de los inversores por encima de los socios es parte de las transformaciones sociales que colocaron al mercado en el centro, y también, de las transformaciones culturales que potencian el valor de la mercancía, de la alta producción y de la singula-

ridad en el proceso (Semán, 2024). Para los procesos formativos, vemos diversos discursos de futbolistas que consideran que el ascenso en sus carreras deportivas es por su actitud, siendo responsables exclusivos de sus trayectos, el discurso se ubica en el logro permanente y el mérito individual (Filardo, 2018). Continuando con la autora, estas disposiciones individuales permiten a los jóvenes la adquisición de “competencias sociales” acordes para determinar el “éxito” en las trayectorias (Filardo, 2018).

En definitiva, aún no estamos en posición de saber si las SAD serán beneficiosas para los futbolistas y para los clubes deportivos, ya que tenemos varios ejemplos vinculados al éxito de los clubes y los futbolistas surgidos de estos contextos, es decir, los datos que se observan todavía no cumplen con las expectativas. Lo que sí es importante añadir a esto es el rol del fútbol como fenómeno socializador y el rol de los clubes en los barrios como agentes comunitarios (Alabarces, 2002). Los clubes pueden servir como soporte para los individuos (Merklen, 2010) que se forman en ellos y que continúan asistiendo a sus actividades. Funcionan como una estructura de solidaridad local y como una forma de movilización colectiva (Merklen, 2010), que permite que las identidades permiten incluyan un repertorio de rasgos característicos de las clases, los géneros, la política, las narrativas y los relatos locales y nacionales, entre otras (Alabarces, 2002).

Los clubes de barrio en este sentido permiten cohesión, ya que son una fuente de identidad colectiva que permite la definición de localidad como fuente de prestigio y de conquista de un territorio particular (Merklen, 2010). Por eso podemos observar los colores, las banderas, monumentos, nombres de calles y de espacios públicos vinculados con hitos y héroes deportivos (Cristiano, 2014). El control del territorio como fuente del prestigio del propio grupo (Merklen, 2010). Los clubes de barrio están orientados hacia la comunidad y promueven la participación activa de los socios en las tomas de decisiones vinculadas a la vida y desarrollo del mismo. Las dinámicas, signos y significados impuestos por el grupo favorecen la cohesión del mismo (Merklen, 2010). Los clubes serían una vía de integración por excelencia para los niños y las niñas en un primer momento, pero luego como forma de proyección y cohesión del barrio

en su totalidad. En este sentido los clubes y su forma de organización, a partir de la producción de Merklen (2010) podrían ser considerados como organizaciones locales, que son parte de los mecanismos de solidaridad de cohesión, que permiten ciertos progresos en la calidad de vida sus individuos, que permiten un marco participativo, entre otros.

REFERENCIAS

ALABARCES, P. *Fútbol y Patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, 2022.

ALSINA, D.; MORA, B. Con el cuerpo y con el espíritu: trayectorias deportivas de Maldonado en la era Tabárez. *Ambivalências*, v. 12, n. 24, p. 173-196, 2024.

AMARILLA, D. Las dinámicas de la precariedad en los tránsitos a la vida adulta: desigualdades intra-cohorte y experiencias biográficas de jóvenes de Montevideo y su Área Metropolitana. 2021. Tesis (Maestría en Sociología) – Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República, Montevideo, 2021. Disponible em: <https://hdl.handle.net/20.500.12008/29159>. Acceso em: 7 abr. 2026.

BENÍTEZ, L. Fútbol infantil y gobierno de la infancia. De la Comisión Nacional de Baby Fútbol a la Organización Nacional del Fútbol Infantil en Uruguay (1968-2015). 2021. Tesis (Maestría en Psicología) Facultad de Psicología, Universidad de la República, Montevideo, 2021.

BOURDIEU, P. *El sentido práctico*. Madrid: Taurus, 1981.

BROHM, J. M. *Sociología política del deporte*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

CASAL, J.; GARCÍA, M.; MERINO, R. Pasado, presente y futuro de los estudios sobre las transiciones de los jóvenes. *Revista de Estudios de Juventud*, n. 110, p. 69-81, 2015. Disponible em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5641903>. Acceso em: 7 abr. 2026.

CRISTIANO, J. La música de las tribunas: identidad y violencia en los cantos de los hinchas de fútbol y básquetbol. 2014. Tesis (Maestría en Sociología) – Universidad de la República, Montevideo, 2014.

CZESLI, F. Llegar a Primera. Deseos y prácticas en el camino al fútbol profesional. 2016. Tesis (Maestría en Ciencias Antropológicas) – Universidad Autónoma Metropolitana, Ciudad de México, 2016.

FILARDO, V. “La culpa es tuya”. El individuo como centro en programas públicos dirigidos a jóvenes en Uruguay. *Revista de Ciencias Sociales*, Montevideo, 2018.

GRIMSON, A. *et al.* *Desquiciados: los vertiginosos cambios que impulsa la extrema derecha*. A. Grimson (ed.). Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2024.

MERKLEN, D. *Pobres ciudadanos: las clases populares en la era democrática* (Argentina, 1983-2003). Buenos Aires: Editorial Gorla, 2010.

MURZI, D.; HERBELLA, J. M.; SUSTAS, S. E. Ser futbolista juvenil en Argentina: orígenes, escolarización, vivienda, sentimientos y expectativas de los deportistas en formación de un club de fútbol profesional. *Dilemas Contemporáneos: Educación, Política y Valores*, v. 8, n. 1, p. 1-31, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46377/dilemas.v8i1.2465>

QUIROGA, A.; PASTORINO, M.; MORA, B.; EASTMAN, P.; RUIBAL, L.; ECHENIQUE, P. Deporte, hegemonía y comunidad. Sistematizaciones de la práctica preprofesional de Educación Física en Bella Italia y Kilómetro 16. In: *Las formas de la desigualdad, los modos de lo común: experiencias universitarias desde el territorio*. Montevideo: Tradinco SA, 2022.

RIGO, L. C.; SILVA, D. V. da; RIAL, C. S. de M. Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 263-274, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.71790>

SEMÁN, P. *Está entre nosotros: ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?* P. Semán (ed.). Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2024.

URUGUAY. *Ley n.º 17.292*, 2001. Disponible en: <https://www.impo.com.uy/bases/leyes/17292-2001>. Acceso en: 21 nov. 2025.

URUGUAY. *Ley n.º 19.574*, 2017. Disponible en: <https://www.impo.com.uy/bases/leyes/19574-2017>. Acceso en: 21 nov. 2025.

Capítulo 4

“EU TREINAVA PELO ZOOM E JOGAVA PELADA COM MEUS AMIGOS NO CAMPO DE TERRA NO MORRO”: AS MARCAS DO FUTEBOL DE RUA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA DE ALEXSANDER

Gabriel Orega Sandoval

Doutorando em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP)

Alcides José Scaglia

Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (FCA-UNICAMP)

INTRODUÇÃO

Quando falamos de futebol é difícil não nos remetermos às memórias que constitui nosso imaginário sobre o jogo. Lembrar do primeiro título da equipe do coração, daquele jogo inesquecível de Copa do Mundo e, obviamente, das histórias que rodeiam nossa experiência em torno de jogar o futebol. Temos certeza disso quando lemos os métodos de escrita que João Batista Freire (2022) assume em seu livro sobre o futebol de rua: suas memórias. Segundo ele, foram as lembranças de sua época de criança que possibilitaram conceituar tudo que realizou *à posteriori* como pesquisador. Por isso, parece bobagem fugirmos, quando pensamos em futebol, dos jogos que criamos, dos lugares que jogamos, das sensações que tínhamos, das amizades que fizemos, dos sonhos que realizamos e dos craques que, por poucos segundos, fomos. Um exemplo disso é a fala de Scaglia (2021, p. 173):

Aprendi a amar o futebol desde muito cedo. Jogava muito futebol sozinho, ou com o Sócrates, com o Zico..., certa vez joguei uma copa do mundo, foi em 1982, sendo titular do gol da seleção brasileira no lugar do Waldir Peres. Em um dos principais jogos, protegi com sucesso a meta de todos os chutes do Paolo Rossi e ganhamos da Itália. Depois, na final contra a Alemanha, defendi um pênalti batido pelo Rummenigge no último minuto, garantindo o nosso título.

É por sensações como essas que nossas pesquisas têm se concretizado em diálogo não somente com as experiências relacionadas conosco, enquanto pesquisadores, mas também com aqueles e aquelas que buscamos, conjuntamente, compreender. Não à toa, a Seleção Brasileira de 1982 foi tema de estudo por nós: identificamos seu aspecto exusíaco (Sandoval; Gonçalves; Scaglia, 2024), assim como sua forma fenomenológica de jogar (Sandoval; Scaglia; 2024a). Em outras palavras, jogar o jogo, para eles, parecia ser se deixar levar por aquilo que estava acontecendo no ambiente. A fim, porém, de não ficarmos somente na impressão a partir da leitura de livros ou da descrição dos jogos assistidos, conversamos com cinco jogadores desse elenco e percebemos que essa forma de habitar o jogo pode estar relacionada à formação deles. Todos afirmam terem jogado demasiadamente em campinhos, ruas, futebol amador ou praças. Como consequência, quando são perguntados sobre a forma de jogar após adentrar os clubes, a resposta é semelhante entre todos: não houve alteração drástica. É óbvio que aprimoraram os aspectos físicos e desenvolveram aspectos táticos, porém, a maneira de jogar estava, aparentemente, mais relacionada aos aprendizados em ambiente informal de aprendizagem¹⁵ (Sandoval, 2024).

Sendo compreendida a infância desses jogadores, vivida nos anos 1960 e 1970, a pergunta que nos surge é: como o futebol de rua permeou a vida de jovens que vislumbravam a carreira de jogador de futebol durante a pandemia de Covid-19¹⁶? Nessa inclinação, deparamo-nos com depoimentos que, diante de tamanha riqueza, julgamos pertinente assumir

¹⁵ O ambiente informal de aprendizagem pode ser concebido como aquele que não é comandado por um treinador(a) ou professor(a). O aprendizado se dá na relação que se estabelece com o mundo e com as pessoas que participam. No caso do futebol, é um aprendizado que decorre da imprevisibilidade do jogo, dos desafios que são percebidos e da relação com companheiros(as) e com adversários(as).

¹⁶ COVID-19 é uma doença surgida em 2019, mas que se alastrou pelo mundo em 2020. É uma infecção respiratória aguda consolidada pela ação dos SARS-CoV-2.

a centralidade nesse texto. De tal modo, discutiremos uma publicação no site *The players tribune*, em que Alexander, jogador revelado no Fluminense, trata de sua infância, dos clubes por que passou nas categorias de base e dos jogos no campinho de terra de sua comunidade, os quais praticou durante a pandemia de Covid-19. Sendo assim, apresentamos a maneira que conceituamos o termo rua para refletirmos sobre o momento em que os jogos tradicionais surgem em sua carreira, os aprendizados que foram por ele relatados e as reverberações para sua carreira profissional.

FUTEBOL E PEDAGOGIA: ENCONTRO NA RUA

Para iniciar nosso texto, urge a necessidade de clareamos conceitos para partirmos de pontos em comum. Quando dissemos rua, a que especificamente estamos nos referindo?

As ruas existem em nossos pedaços de terra, nas faixas de asfalto, nos campinhos de grama, nas quadras de esporte ou de prédio, nos quintais das casas, e até nos quartos de dormir. As ruas são mesas de botequim, praias, salões de festas, são todos os lugares em que, com outras pessoas, formamos nossas pequenas sociedades lúdicas, sociedades que comungam de determinada cultura e na qual nada se faz que não seja usufruir da vida, sem qualquer outro compromisso além desse viver fora do tempo contado. (Freire, 2022, p. 3)

A rua, nessa perspectiva, é metáfora para o ambiente informal de aprendizagem, para o local que, desprovido de adultos para regular as brincadeiras infantis, possibilitam seu protagonismo na criação, na manutenção e no encerramento dos jogos, além de sua autenticidade na maneira de jogar. Identifico a rua quando Wisnik (2008) conta de sua experiência no futebol de praia, por exemplo – antes de escrever um ensaio importante relacionado ao futebol brasileiro, conta de onde floresceu toda a paixão pelo futebol: nas praias de São Vicente e de Santos. A rua é, também, o local em que Garrincha aprendeu a jogar. Segundo conta Castro (1995), ele ganhou uma bola com 7 anos e, a partir daí, passou a driblar árvores e chutar em muros. Aos 12, já havia jogado mais peladas do que feito qualquer outra coisa na vida, conta o autor.

Bartholo e Soares (2009) aproveitam tais histórias para realçar como não havia intuito de se aprender a jogar, mas somente gozar do prazer do jogo. Ao invés de local de ensino, era de lazer.

Pelé relatava processo semelhante. Diz que seus primeiros jogos foram no estádio Rubens Arruda – local imaginário que, em decorrência de tamanha entrega ao jogo, construía junto dos amigos, afinal Rubens Arruda era, na verdade, a rua onde morava. Afirmava que não era possível dizer que ali havia um campo em função de pequenos fatores como a utilização de sapatos velhos para marcar o gol, as casas como os limites, e as lâmpadas como o temor do pior: se elas fossem acertadas, todos corriam para não levar bronca (Winter, 2014).

Tal olhar de Pelé nos permite pensar que, para a consagração do desejo pelo jogo, a normatização da sociedade foi posta de ponta-cabeça. Sem lugar adequado para se jogar, a rua, a calçada, as casas e os sapatos foram utilizados de outra maneira que não aquela dada cotidianamente. Eles foram concebidos de uma forma que possibilitasse o jogo acontecer. O jogo, portanto, era o lugar que fazia florescer novos espaços: se antes a porta da casa era a entrada, agora é o limite do jogo; se o sapato serve para ser calçado, agora é a trave do gol. A união dos meninos fomentava a criatividade que culmina na reelaboração do lugar: aquilo tudo se transformava em jogo (Sandoval; Scaglia; 2024b).

Nisso, é interessante notar a forma como Pelé começava a relatar sua Pequena Sociedade Lúdica, termo que Freire (2022) cunhou para designar como a união das crianças promovia uma relação estreita entre elas e uma capacidade de inaugurar um mundo despido das obrigações que os adultos criam. Justamente nessa relação, ele afirmava que o fim do jogo se dava quando a mãe de alguém, ao anoitecer, os chamava para entrar, ou seja, só saíam da Pequena Sociedade Lúdica quando o mundo real os tirava. Isso porque, segundo ele, jogando não se pensava na miséria e nas tragédias, ali todos eram iguais, independente da origem ou condição financeira. A única diferença era a qualidade dos jogadores: Pelé dizia que montava times com números diferentes de jogadores para, jogando com menos gente, equilibrar o jogo.

Mais uma confirmação da aproximação com as Pequenas Sociedades Lúdicas de que fala Freire, pois, nesse local, as crianças fazem o que as satisfazem, o que faz sentido para elas: diferenciar a quantidade de jogadores gerava um jogo mais desafiador, certamente, o que, por consequência, gerava as aprendizagens em decorrência do jogo. Novamente: não um aprendizado formal, mas calcado em uma relação de aprendizagem-aprendizagem, já que eles se encontram em um ambiente informal marcado por um ambiente de aprendizagem colaborativo (Scaglia, 2021b).

Freire (2011), porém, vai dizer que os lugares para se jogar diminuíram e, no final dos anos 1990, ocorreu um fenômeno que, por mais que tenha sido ressignificado, continua até os dias atuais: a emergência e consolidação das escolinhas de futebol. Assim, passou-se a ter um local específico para o aprendizado do futebol, em que os treinadores seguem um método específico que usa como propaganda algum jogador famoso, ou um clube relevante no país ou no mundo. Sendo essa uma das razões possíveis, Godoy *et al.* (2021) assumem que os jogos tradicionais mudaram, mas não acabaram: as crianças continuam brincando, mas obviamente de maneiras diferentes – os jogos virtuais aumentaram, assim como as brincadeiras sozinhas, ou seja, a cultura lúdica se modificou. Marandola Jr. (2014), ao tratar dos deslocamentos da sociedade contemporânea, encontra motivos plausíveis para isso ter acontecido: os muros das casas e condomínio indicam uma sociedade cada vez mais fechada em si, distanciando-se de uma relação saudável com a região ao redor.

Tal mudança é nítida na sequência de artigos publicados por Fischer *et al.* (2023, 2024). Enquanto o primeiro se estabelece em diálogo com jogadores nascidos, majoritariamente, nos anos 1970 e 1980 (Fischer *et al.*, 2023), o segundo acontece com aqueles e aquelas que nasceram depois do ano 2000 (Fischer *et al.*, 2024). Percebe-se que, em ambos os casos, algo é comum: quando perguntados sobre o futebol de rua, todos relatam experiências nesses ambientes. A diferença, porém, que se nota é outra: enquanto os mais antigos caracterizavam suas Pequenas Sociedades Lúdicas, os mais novos falam menos sobre amigos que jogavam juntos e mais sobre brincadeiras solitárias que faziam. É a partir desses achados que podemos pensar os muros que se erguem na sociedade contempo-

rânea como um dos responsáveis pelos jogos de bola com os pés jogado mais sozinho do que em grupo.

Muros, esses, que foram levados à última potência na pandemia de Covid-19. A casa, para muitos, passou a ser o epicentro de qualquer atividade e, por exemplo, as brincadeiras sozinhas aumentaram consideravelmente (Fabiani *et al.*, 2021). No entanto, e nas favelas, nos subúrbios, nos locais em que, como disse Pelé, o jogo era fuga da miséria e da tragédia? Sabemos que o isolamento que se recomendou durante esse período foi diferente nesses lugares. A arquitetura das comunidades não contempla a possibilidade de um isolamento sadio à espera imprevisível da cura para tal enfermidade: casas aglutinadas e absurdamente pequenas para uma vastidão de pessoas trancafiadas, assim como a impossibilidade de trabalho remoto como via para se preservar eram empecilhos para o real resguardo do vírus (Gaia, 2020). Desarmado de moralismo como régua para medir a quarentena nesse local, perguntamo-nos: havia futebol sendo jogado na rua durante esse período? No anseio por tal resposta, encontramos o relato de Aleksander, jogador revelado pelo Fluminense em 2022, que, ainda nas categorias de base do clube durante a pandemia, descreve não somente o encontro com o futebol jogado na rua, mas, além disso, a contribuição dele para toda sua carreira.

ANTES DA PANDEMIA: A HISTÓRIA DE VIDA DE ALEXSANDER

O relato que encontramos de Aleksander foi para o site <https://www.theplayertribune.com/br>. Esse site se caracteriza por possibilitar depoimentos de jogadores e jogadoras de diversos lugares do mundo acerca de sua origem, de questões relativas à saúde mental, ao preconceito relacionado ao futebol de mulheres e entre outros temas. Aleksander, especialmente, publicou seu texto no dia 01 de novembro de 2023, poucos dias antes da final da Copa de Libertadores, título que o Fluminense viria a vencer pela primeira vez naquele ano.

No início, é apresentada sua história. Nascido em Barra de Santa Rosa, na Paraíba, e criado na Zona Norte do Rio de Janeiro, no bairro de Cavalcanti, mais especificamente no alto do morro da comunidade da Primavera, região com duas características, segundo ele, marcan-

tes: a ajuda mútua entre os habitantes (em decorrência dos problemas financeiros) e a criminalidade, marcada pelos recorrentes tiroteios nas proximidades. Não à toa, sua mãe, Lidiane, conta as peripécias que realizava em casa: “Desde pequenininho, ele jogava bola dentro de casa, quebrando meus porta-retratos. Quando eu ia passar o pano na estante, descobria os porta-retratos quebrados e escondidos. Eu perdia a paciência e dizia: ‘vou rasgar essa bola, vou jogar essa bola fora’” (Ângelo, 2023, s. p.). Cavalcanti, além disso, é uma região distante de Xerém, local em que o Fluminense tem seu centro de treinamentos das categorias de base – questão, como veremos adiante, superada por Alexander, dado seu anseio por se tornar um jogador de futebol.

Antes de Xerém, porém, haveria outros obstáculos. Primeiro, participava de um projeto social. Ali, sua notável qualidade com a bola fez o professor recomendar sua mãe buscar uma escolinha, visando a um aprendizado mais formalizado. Como Lidiane sabia de uma vizinha que levava o filho para jogar futsal no Mackenzie, localizado na região do Méier, fez o mesmo com seu filho. Jogando por lá, conseguiu um teste para o filho no futsal do Fluminense. Não somente foi aprovado como, aos 11 anos, passou a integrar, também, a equipe de futebol (de campo) do Fluminense. Apesar do sucesso obtido, o problema passou a ser outro: a distância que percorria o menino para dar conta de todas as obrigações diárias.

Imagina só: um moleque de 12 anos indo pra escola em Cascadura às 6 da manhã, de lá pro treino de campo em Xerém à tarde, depois direto pro futsal em Laranjeiras à noite e voltando pra Cavalcanti só depois da meia-noite. Tudo de ônibus, sozinho e sem celular.

Rapá, a minha mãe ficava muito aflita. Muito. Tu não faz ideia.

Todas as noites ela me esperava lá embaixo no morro pra gente subir juntos pra casa. E todas as noites, assim que me via, ela corria e me dava um abraço de alívio (Alexander, 2023, s.p.).

Cavalcanti-Cascadura-Xerém-Laranjeiras-Cavalcanti. Em uma rápida busca, percebemos que esse deslocamento, realizado diariamente por Alexander, supera os cem quilômetros. O que nos perguntamos, diante disso, é: em que período do dia a criança de 12 anos terá disponibilidade para brincar? Saindo às 6 horas da manhã e voltando à noite, como

ele mesmo relata, a rotina do garoto não permitia momentos de ócio, de lazer, de brincadeiras. Fabiani (2016), investigando essa situação, percebe que há uma institucionalização das crianças na contemporaneidade, uma vez que, na maioria do tempo, estão com adultos não somente as assegurando, mas, somado a isso, direcionando-as. De tal forma, as brincadeiras deixam de ser de autoria da Pequena Sociedade Lúdica formada por elas para se aproximar daquilo que, por exemplo, os professores e as professoras concebem como conteúdos importantes para o seu bom desenvolvimento.

A idade dos 12 anos parece um momento decisivo na vida dos jogadores profissionais de futebol. Se foi com essa idade que Alexander teve sua rotina drasticamente modificada para angariar o sonho de se tornar um trabalhador do futebol, Ford *et al.* (2012), em uma pesquisa realizada com jogadores sub-17 de diversos países, coletando as horas jogadas deles, durante toda a vida, em prática deliberada¹⁷, formal e de competição, concluiu que, no caso dos meninos brasileiros¹⁸, a partir dos 12 anos, as horas em ambiente de treinamento superaram os momentos brincando. A dimensão da aprendizagem-aprendizagem dos jogos informais é, portanto, superada pelos conteúdos evocados na relação de ensino-aprendizagem da formalidade de uma sessão de treinamento protagonizada por um treinador ou uma treinadora. É, definitivamente, o início de uma carreira – um pseudoprofissionalismo.

A imersão nesse ambiente, entretanto, não garantiu a Alexander a estabilidade desejada. Quando estava no sub-14, foi colocado na lista de dispensa do Fluminense e, posteriormente, desligado do clube. Apesar do choque, não desistiu da carreira – não desperdiçava um teste que aparecia. Sem sucesso no Vasco, conseguiu ser aceito no Madureira. Entretanto, não esconde seu desejo na época: gostaria de voltar ao Fluminense. Por isso, sua mãe montou o plano: o trajeto deveria ser o mesmo, entrar no futsal para depois ir ao futebol de campo. E foi o que

¹⁷ A prática deliberada é por ele considerada os jogos/brincadeiras em ambiente informal de aprendizagem, sem a presença de um adulto.

¹⁸ Os jogadores brasileiros, nesta pesquisa, têm gráficos decisivamente diferentes do restante dos países. Há uma chegada ao ambiente formal de aprendizagem e à competição muito mais tardia. Isso decorre das horas jogadas serem relatadas com mais ênfase por parte desses meninos.

aconteceu: ingressou novamente no futsal do clube e após bom desempenho, sendo titular e usando a camisa 10, voltou para o futebol em 2018. A repetição, todavia, não cessou aí: depois de um período, seu nome também voltou a aparecer na lista de dispensa. A questão é que, concomitantemente a isso, foi decretada a Pandemia de Covid-19 e a paralisação do futebol congelou, também, as dispensas nos clubes.

DURANTE A PANDEMIA: A INFORMALIDADE REDENTORA

A pandemia de Covid-19 provocou o isolamento nas cidades brasileiras. De início, tudo fechou: shoppings, universidades, academias, escolas. Apenas o essencial ficou funcionando, como supermercados, farmácias e hospitais. Na época, o maior apelo era o pedido para se ficar em casa, assim se protegia da possibilidade de pegar o vírus e lotar os hospitais. Um dos maiores receios do poder público era o colapso dos hospitais. Tudo isso, porém, era um recado que se direcionava e fazia sentido para uma parcela da população. E as pessoas que moravam nas favelas?

O fator Covid-19 redefiniu a percepção da caracterização das habitações. Se, antes, dizíamos que o racismo ambiental¹⁹ se manifestava em casas que estavam suscetíveis, por exemplo, a deslizamentos de terra em decorrência da impropriedade da região para a habitação, o decreto da quarentena acrescentou outras questões: essa habitação que se desenvolveu sem planejamento e organização, com casas pouco estruturadas, por vezes desprovidas de energia elétrica e saneamento básico, também não tinha espaço suficiente para suportar, em isolamento, a quantidade de pessoas que ali residiam (Gaia, 2020).

O mantra que era ecoado nos canais de televisão “fique em casa” era, portanto, para essas pessoas, insalubre. Não bastasse essa questão, dezenas de trabalhos das pessoas que vivem nessas regiões eram inviáveis de serem realizados a distância, utilizando um computador para isso, por exemplo, afinal quase sempre necessitava da intervenção do corpo. A inviabilidade, em suma, de concretizar o projeto de conten-

¹⁹ Noção de que, à população com menos dinheiro, resta se direcionar a viver em um lugar que está suscetível a maiores incidentes de acidentes ambientais.

ção de danos relacionados à doença culmina, dessa maneira, em mais mortes nesses bairros periféricos (Gaia, 2020).

Nesse cenário e período degradante, Alexander conta sua rotina: “eu treinava pelo Zoom e jogava pelada com meus amigos no campo de terra no morro” (Alexander, 2023, s.p.). Impossibilitados de irem a Xerém, os treinadores conversavam com os jogadores por chamadas de vídeo (utilizando o Zoom²⁰) na tentativa de manter os meninos em atividade neste momento de distanciamento. Para Alexander, isso era treinar já que, certamente, esses treinamentos que realizava de forma remota estavam completamente descontextualizados do jogo de futebol formal, ou seja, as ações realizadas em casa não condiziam com o jogo em si, mas, no máximo, com fundamentos presentes no futebol²¹. O legítimo jogo, por outro lado, estava no campinho de terra. Esse era o lugar que realmente criava uma nova realidade, um mundo próprio (Huizinga, 2019), enquadrado como via ao aperto da residência e da tristeza da pandemia. Nesse caso, portanto, não era somente se manter ativo ou colocar o corpo em movimento, havia a necessidade de encontrar alguma graça em um mundo que não propiciava nada relacionado a isso. Se o futebol no campo de terra não era citado em seu testemunho antes – certamente, em decorrência da rotina coberta de obrigações, como escola, futsal e futebol –, agora passa a ser o protagonista em um mundo que os compromissos para além da casa estavam estacionados e que a situação degradante pedia alguma inversão.

Apesar da apreensão e da incerteza por causa do vírus, eu adorava aqueles rachões. Porque lá era assim: não tinha falta, podia descer a porrada que o jogo não parava. Isso me obrigava a ser mais ligeiro. Soltar a bola rápido, pensar rápido, me desmarcar rápido, ajeitar o corpo rápido, driblar e chutar rápido. Senão tomava pancada (Alexander, 2023, s.p.)

²⁰ Zoom é um programa que realiza chamadas de vídeos.

²¹ Diante da dificuldade de se adaptar ao ambiente virtual para o ensino do futebol, não colocamos essa questão como possível crítica à ação pedagógica de treinadores do Fluminense. Ao invés disso, ressaltamos a diferença notável entre aquilo que Alexander concebia como treinamento e como aquilo que ele entendia como jogo - o que deveria, em um cenário adequado, ser concebido do mesmo modo: o dito treinamento é o local que se joga.

Na falta de um(a) treinador(a) ou de um(a) professor(a), quem marcaria as faltas do jogo? Evitando as discussões do “pediu, parou”²², a Pequena Sociedade Lúdica decide por retirá-la, afinal quem comandava o ambiente eram os próprios jovens. Na temporária falta do contato humano imposto pelo contexto da pandemia, o que a Pequena Sociedade Lúdica de Alexander mais gozava, já que, sem falta, era justamente do contato no jogo. Como asseverou Freire (2022), o encontro desses jovens permite a criação de um mundo próprio, buscando satisfazer os desejos irrealizáveis na sociedade. Jogava-se, então, futebol a seu modo.

Interessante é perceber como isso influenciava diretamente na organização do jogo. Quando Scaglia (2011), por exemplo, evoca a noção de Processo Organizacional Sistêmico, ou seja, as diferentes organizações que o jogo apresenta ao passo que interagem regras, condições externas, jogadores e esquemas motrizes, está diretamente associada à peculiaridade do jogo da turma de Alexander. Pelo fato de não haver falta (uma mudança, portanto, nas regras) toda a organização do jogo se torna própria, promovendo, por conseguinte, um aprendizado específico. Assim, o que seria a necessidade de se tornar mais rápido com a bola para evitar “porrada”, como diz o jogador, senão um aprendizado promovido pela organização própria desse jogo? Se no jogo que jogava no clube havia o treinador ou um árbitro para regular essas questões, na rua, não tinha. A consequência era ter de mudar sua maneira de agir para conseguir se adaptar. Sem ensino, houve aprendizagem.

Como efeito, Alexander passou a mudar a forma com que jogava em decorrência da forma com que o jogo ocorria. Passou a pensar mais rápido, driblar e finalizar com mais velocidade, além de ajeitar o corpo e soltar a bola sem demorar, uma vez que, sem tamanha esperteza, tomava pancada e não haveria um juiz para apitar falta. Algo relevante é perceber como toda essa percepção partiu do próprio jogador, de modo que a falta de um treinador ocasionava justamente a resolução dos problemas provenientes da interação dos próprios jogadores. Sendo assim, tudo acontecia no embalo do jogo. Alexander sentia as necessidades ao

²² “Pedi, parou” é uma alternativa para jogos de futebol que não contem com árbitros: quem julga ter sofrido falta pede a falta e os adversário, concordando ou não, acatam a reclamação.

passo que jogava – e não depois, quando racionalizava, afinal não havia alguém observando e dizendo o que deveria ser feito ou promovendo uma reflexão. Suas opções decorriam daquilo que o jogo o induzia a fazer, dos desafios que se apresentavam e do que sentia a partir disso.

Ali, portanto, havia a materialização de algo que bradamos no que concerne aos estudos dentro da Pedagogia do Esporte: a autonomia de quem joga (Ghidetti, 2020). Dada a ontológica imprevisibilidade que circunda o jogo, há a necessidade de saber se autogovernar nesse espaço e a falta de um treinador leva isso às últimas consequências. A contribuição do jogo no campinho de terra parece ter sido determinante, pois percebemos em pesquisas que poucos são os(as) treinadores(as) e professores(as) que pedagogicamente visam a uma educação que emancipe (Sandoval; Silva; Scaglia, 2022; Silva; Scaglia, 2023). No caso de Alexander, o que o fez se emancipar em jogo, assumir suas decisões e, assim, aprender a jogar melhor foi o ambiente informal de aprendizagem. O trecho a seguir deixa nítido esse ponto:

Quando a gente retomou os treinos presenciais, eu me surpreendi comigo mesmo. Estava jogando mais solto, mais liso. Meus treinadores também perceberam. Eles fizeram uma reunião. Decidiram me tirar da lateral esquerda e me fixar no meio de campo. A partir daí tudo foi dando certo. E eu finalmente me senti um filho de Xerém! (Alexander, 2023, s.p.)

A consolidação de sua evolução se dá quando nota, na volta aos treinamentos formais, sua evolução frente aos outros. Percepção que não se restringiu a ele: os treinadores, concebendo a melhora, o colocam não mais na lateral, mas na região central do campo, afinal, estando suas decisões mais rápidas, faria sentido colocá-lo nessa região, uma vez que estudos como o de Ade, Fitzpatrick e Bradley (2016) expõem que as ações com mais alta intensidade, em um futebol com cada vez menos espaço e carência de dinâmica, acontecem necessariamente na região central do campo. Não à toa, estudos sobre fadiga psicológica acontecem cada vez mais: a alta intensidade das partidas faz com que os jogadores tomem decisões piores e, por isso, é necessário ter mais resiliência para suportar as dificuldades do jogo (Teoldo; Dambroz; Brito, 2024). Pensando em fatores como esses, defende-se, ainda nas categorias de base, a interlocu-

ção com o futsal, uma vez que nesse ambiente estimula-se uma cognição mais apurada para agir (Filgueiras *et al.*, 2023) ou os treinamentos em campo reduzido, já que eles induzem não somente a ter mais gols, mas também maior circulação de bola e, claro, tomadas de decisão com mais frequência e dificuldade (Silvino; Sarmento; Teoldo, 2024). Porém, no caso de Alexander, não foi o futsal ou o treinamento hiper elaborado com o tamanho de campo específico e pausas estabelecidas que promoveu tomadas de decisões mais rápidas e eficazes, foram, simplesmente, os desafios que ele percebeu no jogo no campinho do morro.

A consequência disso é que a melhora que Alexander relata de seu modo de jogar não decorre de uma instrução técnica específica ou de um movimento tático programado – o aprendizado adveio da imersão no jogo. Não houve compartimentalização entre os conteúdos esperados que se aprenda para que se legitime algum conhecimento, mas, o imbricar das situações de jogo; Alexander teve de ser autônomo, pensar por si próprio, ver o mundo (ou o jogo) por outro ângulo e, somente como rescaldo, desenvolveu uma melhora técnico-tática em sua forma de jogar. Como Sandoval *et al.* (2023) afirmam, Alexander manifestou a revolta contra aquilo que o jogo apresentava para conseguir vencer: a fim de superar os pontapés que não significavam falta, teve de ampliar o repertório de ações rápidas e eficazes.

Por mais que dessa situação possa se constatar a falta de uma orientação educacional para legitimá-la, Critelli (1981a) indica o oposto. Inspirando-se na ontologia heideggeriana, responsável por assumir o ser humano em contato inequívoco com o mundo, assegura que a educação está nas relações estabelecidas com os outros na cotidianidade. “Tendo como fundamento o ser-com-os-outros, a educação constrói-se na “circumundaneidade” de que Heidegger nos fala, no existir cotidiano” (Critelli, 1981a, p. 65). Por isso, ela alerta: essa perspectiva desconstrói todo o anseio da educação no ocidente, aquela que sonha com pessoas melhores e mais conscientes. A autora, porém, encontra uma questão positiva nisso tudo: a desilusão pode ser útil “se servir para nos libertar das mistificações que fazemos em torno da condição humana e a aceitarmos como ela é, em sua finitude e limitações, desobrigando-nos de

tentar ser o que jamais seremos – perfeitos e absolutos” (Critelli, 1981a, p. 67) – utilizando, obviamente, os óculos europeus para mensurar essas questões.

Ao passo que consideramos a educação nessa dimensão e tendo em vista os dias atuais em que estudos culturais, realçando as perspectivas de matriz africana que se desenvolveram no Brasil, visam a realçar os saberes florescidos à margem daquilo que se concebia como o conhecimento legítimo, como aqueles que emergiram em ambientes de rua, como em rodas de samba, de capoeira e de terreiros de candomblé, defendemos a necessidade de nos aproximarmos de epistemologias que foram escanteadas durante a modernidade para que, assim, possamos compreender, do ponto de vista ontológico, as várias possibilidades de se relacionar com o jogo. Isso porque não foi depois dos variados treinamentos organizados, mas, despretensiosamente, em um campinho de terra, que Alexander sente ter, definitivamente, evoluído para se manter nas categorias de base do clube. O que pensamos é que, talvez, devamos ser educados pelas reais possibilidades de educação que o jogo abre.

Nessa dimensão, Critelli afirma que educar, vindo do termo em latim *exducere* (ou *educere*), significa conduzir, levar para fora, retirar do lugar que se encontrava – é “a ação de conduzir (arrancar) alguém para fora da condição (ou possibilidade) autêntica e inautêntica em que se encontra existindo” (Critelli, 1981b, p. 45, grifo dela). Nessa interpretação, a educação (como condução) que cita Critelli não está subordinada a uma ação humana. “Se a educação não é algo que “inventamos”, mas que encontramos como um modo de sermos-uns-com-os-outros” (Critelli, 1981a, p. 68), como qualquer relação capaz de nos modificar diante daquilo que éramos, a relação de Alexander com os amigos, as dificuldades no jogo e tantos outros elementos não citados foram os responsáveis por sua educação naquele momento. Dessa forma, ela está relacionada ao mundo vivido de cada um, à forma como cada ser humano percebe o mundo que o rodeia. Nosso constante vir-a-ser está marcado pela ontológica noção de educação – desvelada na relação com o mundo e, assim, aberta a qualquer epistemologia.

Por isso, Critelli (1981a; 1981b) assevera, no que tange a ação efetiva de pedagogos e pedagogas, a possível impotência que marca essa concepção de educação, uma vez que se a educação está na relação com o mundo, nem sempre o(a) pedagogo(a) tem o poder de domá-la. Paulo Freire parece tê-la compreendido e buscado alternativas: uma boa prática pedagógica é aquela que se inclina ao mundo vivido do(a) educando(a) – o conteúdo que se anseia por ensinar deve vir acompanhado da educação ontológica, ou seja, do mundo vivido do(a) aluno(a) (Campos; Mesquida; Kira, 2022). No que concerne ao ensino do esporte, a Pedagogia do Jogo, como método de ensino, parece se aproximar dessa concepção. Sabendo da necessidade de um(a) professor(a), a fim de não reproduzir os possíveis preconceitos e desigualdades da rua, entende que os jogos tradicionais, a partir de seu potencial educativo e de sua relação com a vida dos(as) educandos(as), devem ser o cerne do planejamento e da atuação de professores e professoras (Scaglia *et al.*, 2021). Em associação com essa questão, o relato de Alexander parece endossar essas teses: se foi no campinho de terra, no morro, na Pequena Sociedade Lúdica com os amigos e praticando um dos jogos tradicionais de nossa cultura que a maior virada em sua forma de jogar futebol ocorreu, o ensino em ambiente formal deve, também, estar atrelado à experiência vivida pelos(as) educandos(as).

Notável que tais características são aquelas que Freire (2011) define como dotada de responsabilidade pela dita identidade brasileira de se jogar futebol: é a experiência de se jogar nos campinhos de terra, nas brincadeiras criadas, nas regras adaptadas e na relação com os demais que o futebol brasileiro foi formando jogadores que marcaram a história desse esporte – eles aprenderam a jogar em pequenos grupos (Freire, 2022). Alexander, quando relata esse contexto, reforça com dimensões educativas essa história.

APÓS A PANDEMIA: QUE PROFISSIONAL É ALEXSANDER?

Assim, quando a pandemia cessou e os campeonatos de base foram voltando, a oportunidade entre os profissionais foi se aproximando. O bom desempenho nas categorias de base, jogando em um time repleto de esperanças de bons jogadores, fez com Fernando Diniz, o treinador

tricolor, o relacionasse para os jogos. “No meu primeiro jogo, contra o São Paulo, quando ele chamou meu nome no intervalo, eu comecei a suar. Encharquei a camisa antes de entrar em campo. Parecia um sonho confuso. Fiquei meio avoado” (Alexsander, 2023, s.p.). O que não o impediu do bom desempenho: “E quando dei por mim eu estava tocando na bola pela primeira vez num jogo profissional: um chute forte de fora da área, que o goleiro do São Paulo espalmou e o Cano pegou o rebote pra empatar” (Alexsander, 2023, s.p.).

O detalhe disso é que Fernando Diniz é, provavelmente, o treinador que mais se aproxima de fomentar suas equipes jogando a partir do futebol aprendido na rua. O responsável por escrever o prefácio do livro *O jogo de bola na escola: uma introdução à pedagogia da rua* de João Batista Freire, diz que pensa o futebol da ordem (necessidade do esporte) para o caos (resolução dos problemas no degrading do jogo), fazendo com que o que a rua ensina não seja esquecida, mas, pelo contrário, seja ressaltada (Freire, 2022). Isso porque suas equipes se caracterizam por, na fase ofensiva principalmente, não apresentarem uma organização hermética. Os jogadores têm não só liberdade, mas estímulo para a livre circulação no campo, fazendo com que seja na movimentação que se encontrem as soluções para as dificuldades que podem aparecer (Gonçalves; Sandoval; Scaglia, 2024). Dessa maneira, Diniz está epistemologicamente assumindo-se longe da racionalização que o conceito de tática impele – a gestão intelectual do campo de jogo (Teoldo; Garganta; Guilherme, 2015) –, ao passo que diz que suas equipes jogam não de forma posicional, mas aposicional (Miranda, 2023). Com a liberdade para se locomover, os jogadores vivem os espaços no degrading do jogo e não mantêm aquilo que foi dado antes do jogo começar. Como na rua, os espaços para jogar não estavam dados, eram concebidos na forma com que se percebiam os lugares: se o banco da praça vira o gol quando o desejo é jogar, o espaço do jogo não está limitado pelos posicionamentos *a priori*, mas subordinado pela maneira pela qual cada jogador sente e percebe naquele momento (Sandoval; Scaglia, 2024b).

O que Alexsander tinha no campo de terra era algo extremamente semelhante: necessidade de resolver os problemas a partir de suas percepções,

com total liberdade para se movimentar no caos do jogo – sem posições definidas que deveriam ser respeitadas às últimas consequências. A orientação que o jogador relata que recebeu do treinador em sua estreia esclarece essa aproximação: “Alexsander, presta atenção! O que tu fazia na base tu vai fazer aqui, sem medo de errar. Se tiver que dar caneta, tu dá caneta. Errou, não tem problema. É só correr pra recuperar a bola. Entendeu?” (Alexsander, 2023, s.p.). O que Diniz pretende é fazer com o Alexsander que se descobriu nos campinhos de terra não passe a ser mais um jogador que cumpra somente as funções que o treinador ordenou – algo cada vez mais presente no futebol contemporâneo (Sandoval; Godoy; Scaglia, 2023). Desejando que Alexsander continuasse sendo aquele jogador que fez sucesso na base do clube depois da pandemia, sabe, ao ver o menino jogar, a origem de tal produto: a rua. Para isso, evoca que o jogo seja sentido por ele na mesma dimensão que era no período pandêmico: concebendo os espaços na experiência vivida do jogo – nos desafios que surgem. A caneta que Diniz pede hoje é aquela que foi aprendida para driblar os adversários no jogo sem falta.

Sua proximidade com a obra de João Batista Freire e Alcides Scaglia, garante: Diniz sabe que o futebol de rua não lida com a neurose do equívoco, mas com a possibilidade de tentar e de explorar o jogo para, assim, atingir os objetivos. O estímulo à caneta é o sintoma da congruência entre a informalidade do futebol de rua e as obrigações do futebol como jogo/esporte²³ – união que marca a carreira deste treinador, visando à proximidade dos jogadores com suas memórias, com aquilo que os constitui. Como consequência, mantém Alexsander vivendo o campo de futebol como experienciava o campinho de terra: na tensão do jogo, a leveza para a solução.

Com isso, o jovem jogador teve grande importância nos títulos do Campeonato Carioca e da Libertadores da América de 2023, sendo titular em diversos momentos. Como se não fosse suficiente, foi considerado um dos mais promissores jogadores do futebol mundial. Segundo o

²³ Consideramos o futebol como jogo/esporte na medida em que ele é um jogo (assim como a pelada de Alexsander, por exemplo), mas que foi institucionalizado e, por isso, é regulado por uma Federação. Se na pelada as regras são maleáveis, no futebol, não. O que não retira o caráter, de ambos, de jogo (Scaglia, 2011).

Observatório de Futebol do Centro Internacional de Estudos de Esporte, no fim do ano de 2023, era o 6º meio-campista mais promissor do futebol, ficando atrás somente de Gavi, Doukouré, Zaire-Emery, João Neves e Lavia, todos jogando em clubes europeus (GE, 2023). De tal forma, foi vendido, em 2024, por 9 milhões de euros ao Al Ahli e, em 2025, o Atlético-MG optou por arcar com 6,5 milhões de euros para trazê-lo de volta ao Brasil – isso somente aos 22 anos. Foi dando caneta, marcando e sendo rápido nas ações no meio de campo que Alexander, o egresso do campinho de terra, conseguiu tamanha relevância no futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do anseio pela compreensão do cenário do futebol de rua no período pandêmico, encontramos no relato de Alexander um exemplo de uma relação profícua nesse período. Ressaltamos a forçada mudança de sua rotina nesse período em que, se antes se deslocava mais de 100 quilômetros em um único dia para estudar e treinar no Fluminense, durante a pandemia, com os estabelecimentos fechados e tempo para se divertir, passa a jogar, com frequência, no campinho de terra no morro. Seu depoimento dá conta que, nesses jogos, sem faltas e, assim, com o risco de tomar muitas pancadas, teve de aprender a agir com mais velocidade para ter êxito. Como consequência, com outra forma de jogar, quando os campeonatos voltaram, Alexander, que antes estava na lista de dispensa, tornou-se titular da equipe sub-17. Defendemos, desse modo, que, partindo da concepção de que educação é um exercício ontológico, algo que acontece com todos nós, em qualquer lugar – e não somente dentro de uma sala de aula ou de uma sessão de treinamento –, o futebol de rua parece ter o poder de promover aprendizados importantes para o futebol profissional. No caso de Alexander, em decorrência das características do jogo que jogava, foram as tomadas de decisões mais ágeis. Com sua notável evolução, em 2022 estreia no profissional do Fluminense. Em 2023, é campeão da Libertadores da América. Sendo assim, ressaltamos a necessidade de pensar em propostas de ensino do esporte que considerem a experiência vivida de quem joga, abertura a outras epistemologias

e capacidade didática e sensível de manuseio dos jogos tradicionais, das quais se lance mão para ensinar os conteúdos planejados.

REFERÊNCIAS

ADE, Jack; FITZPATRICK, John; BRADLEY, Paul S. High-intensity efforts in elite soccer matches and associated movement patterns, technical skills and tactical actions. Information for position-specific training drills. *Journal of Sports Sciences*, [s. l.], v. 34, n. 24, p. 2205–2214, 2016. DOI: 10.1080/02640414.2016.1217343.

ALEXSANDER. *Para a Torcida Tricolor*. Disponível em: <https://www.theplayertribune.com/br/posts/carta-alexander-fluminense-para-torcida-tricolor>, Rio de Janeiro, 2023. Acesso em: 18 dez 2025.

ÂNGELO, Lidiane. “Me dediquei 100% em prol do sonho dele”: a saga da mãe de Alexander, joia do Fluminense. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2023/05/12/me-dediquei-100percent-em-prol-do-sonho-dele-a-saga-da-mae-de-alexander-joia-do-fluminense.ghtml>. 2023. Acesso em: 18 dez 2025.

AQUINO, Rodrigo Leal de Queiroz Thomaz De; MENEZES, Rafael Pombo. Abordagens tradicionais e centradas no jogo para o ensino dos esportes coletivos de invasão. *Conexões*, [s. l.], v. 20, n. 00, 2022. DOI: 10.20396/conex.v20i00.8666344. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8666344> Acesso em:

BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Mané Garrincha como Síntese da Identidade do Futebol Brasileiro. *Movimento*, [s. l.], v. 15, n. 1, 2009.

BETTEGA, Otávio Baggliotto; MACHADO, João Cláudio; PASQUARELLI, Bruno Natale; AQUINO, Rodrigo; SCAGLIA, Alcides José. Pedagogia do esporte: bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo. *Revista Inclusiones*, [s. l.], v. 8, 2021.

CAMPOS, Gabriela Ribeiro de; MESQUIDA, Peri; KIRA, Luci Frare. The place of Edmund Husserl’s lifeworld concept in Paulo Freire’s pedagogy for liberation. *Educação e Pesquisa*, [s. l.], v. 48, 2022.

CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FABIANI, Débora Jaqueline Farias. O jogo no horário livre: a educação física na educação não formal. *Dissertação* (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2016.

FILGUEIRAS, Alberto; Stults-Kolehmainen, Matthew; Melo, Gislane; Keegan, Richard. Cognition in soccer and futsal: Evidence of validity of a 4-instrument protocol to assess executive functioning among women athletes. *BMC Psychol.*, v. 11, n. 1, 2023.

- FORD, Paul R. *et al.* The developmental activities of elite soccer players aged under-16 years from Brazil, England, France, Ghana, Mexico, Portugal and Sweden. *Journal of Sports Sciences*, [s. l.], v. 30, n. 15, p. 1653-1663, 2012.
- FREIRE, João Batista. *Pedagogia do futebol*. Campinas: Autores Associados, 2011.
- FREIRE, João Batista. *O jogo de bola na escola: introdução à pedagogia da rua*. Campinas: Autores Associados, 2022.
- GAIA, Ronan da Silva Parreira. Subcidadania, raça e isolamento social nas periferias brasileiras: reflexões em tempos de COVID-19. *Revista Thema*, [s. l.], v. 18, p. 92-110, 2020. DOI: 10.15536/thema.v18.especial.2020.92-110.1827 Acesso em: .
- GE, Redação do. *Instituto coloca Alexander, do Fluminense, entre as principais promessas do mundo; veja lista*. <https://ge.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2023/12/26/instituto-coloca-alexander-do-fluminense-entre-as-principais-promessas-do-mundo-veja-lista.ghtml>, Rio de Janeiro, 2023. Acesso em: 19 dez. 2025.
- GHIDETTI, Filipe Ferreira. Pedagogia do esporte e educação física: A convergência na busca da autonomia em relação aos significados culturais do esporte. *Movimento*, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 1-15, 2020.
- GODOY, Luís Bruno De; LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. Do macrojogo ao microjogo: os vários jogos que compõem o jogo. *Motrivivência*, [s. l.], v. 34, n. 65, p. 1-22, 2022.
- GODOY, Luís Bruno De; SILVA, Luis Felipe Nogueira; FABIANI, Débora Jaqueline Farias; SCAGLIA, Alcides José. Reflexões sobre o brincar na sociedade contemporânea. *Revista Lúdicamente*, [s. l.], v. 10, n. 20, 2021.
- GONÇALVES, Rodrigo Baldi; SANDOVAL, Gabriel Orenge; SCAGLIA, Alcides José. A essência do futebol brasileiro no Fluminense de Fernando Diniz: entre a teoria ecológica e o samba de Cartola. In: FERRARI, Carlos; MOCARZEL, Rafael (orgs.). *Universo do Futebol: Ciências Humanas e Futebol*. Vassouras, RJ: Universidade de Vassouras, 2024.
- LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides. “Temos que devolver o jogo ao(à) jogador(a)”: as dimensões éticas e morais da pedagogia dos esportes coletivos a partir de abordagens baseadas no jogo. *Movimento*, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 1-21, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.119990.
- MARANDOLA JR, Eduardo. *Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. São Paulo: Blucher, 2014.
- MIRANDA, Leonardo. *O que é o “jogo aposicional” que Diniz citou no Bem, Amigos! como sua filosofia tática*. [s. l.], 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/painel-tatico/post/2022/09/20/o-que-e-o-jogo-aposicional-que-diniz-citou-no-bem-amigos-como-sua-filosofia-tatica.ghtml>. Acesso em: 17 dez 2025.
- SANDOVAL, Gabriel Orenge. O jogador em situação: pesquisa fenomenológica com 5 ex-jogadores que disputaram a Copa do Mundo de 1982. 1 recurso online (151 p.) *Dissertação* (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. 2024.

- SANDOVAL, Gabriel Orenge; GODOY, Luis Bruno De; SCAGLIA, Alcides José. O jogador-de-desempenho joga o futebol-obscuro: o futebol na sociedade de Byung-Chul Han. *Revista Esporte e Sociedade*, [s. l.], v. 16, n. 38, p. 1-23, 2023.
- SANDOVAL, Gabriel Orenge; GONÇALVES, Rodrigo Baldi; SCAGLIA, Alcides José. Exu e a seleção brasileira na copa do mundo 1982: resenha do livro 82: uma copa para sempre. *Recordes*. [s. l.], n. 2, p. 1-12, 2024.
- SANDOVAL, Gabriel Orenge; SCAGLIA, Alcides José. O jogar fenomenológico da Seleção Brasileira na Copa Do Mundo de 1982: uma descrição dos jogos a partir da fenomenologia. *Esporte e Sociedade*, [s. l.], v. 17, n. 40, 2024.
- SANDOVAL, Gabriel Orenge; SCAGLIA, Alcides José. Poeticamente o(a) jogador(a) habita o jogo: a serenidade a partir da obra tardia de Martin Heidegger como via à tática do futebol contemporâneo. *Fair Play: Revista de Filosofia, Ética y Derecho del deporte*, [s. l.], no 26, 2024.
- SANDOVAL, Gabriel Orenge; SILVA, Luis Felipe Nogueira; SCAGLIA, Alcides José. A autonomia no ensino do futebol sob a perspectiva de treinadores e treinadoras. *Corpoconsciência*, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 134-148, 2022. DOI: 10.51283/rc.v26i2.13127.
- SCAGLIA, Alcides José. *O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés*. São Paulo: Phorte, 2011.
- SCAGLIA, Alcides José. Será que não é o momento de devolvermos o jogo aos jogadores? Reflexões a partir da sociologia, pedagogia e pedagogia do esporte. In: BENTO, Jorge Olímpio; MOREIRA, Wagner Wey; BOTELHO, Rafael Guimarães; SARANGA, Sílvio Pedro José (Org.). *Desporto e educação física: identidade e missão*. Maputo: EDUCAR: UP-Maputo, 2021. a. p. 173-177.
- SCAGLIA, Alcides José. *Pedagogia, Jogo e... Rua*. Goiânia: Talu Educacional, 2021b.
- SILVA, Luis Felipe Nogueira; SCAGLIA, Alcides José. O 'amalgama' de saberes docentes: articulações epistemológicas na educação física escolar. *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento*, [s. l.], v. Dossiê, p. 139-159, 2023.
- SILVINO, Marcos Paulo F.; SARMENTO, Hugo; TEOLDO, Israel. Comparing the Tactical Behavior of Young Soccer Players in Full- and Small-Sided Games. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, [s. l.], p. 1-10, 2024. DOI: [10.1080/02701367.2024.235766](https://doi.org/10.1080/02701367.2024.235766)
- TEOLDO, Israel; DAMBROZ, Felipe; BRITO, João. Performance of soccer players under acute physical fatigue: An approach based on cognitive, tactical and physical aspects. *Heliyon*, [s. l.], v. 10, n. 9, 2024. DOI: [10.1016/j.heliyon.2024.e30516](https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e30516).
- TEOLDO, Israel; GUILHERME, José; GARGANTA, Julio. *Para um futebol jogado com ideias: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes*. Curitiba: Appris, 2015.
- WINTER, Brian. *Pelé: A Importância do Futebol*. Santos: Realejo, 2014.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Capítulo 5

A OCORRÊNCIA DE LESÕES EM ATLETAS DE FUTEBOL DE PERIFERIA VETERANO NO MUNICÍPIO DE PELOTAS: UM ESTUDO NO ÂMBITO DO PROJETO INTERPERIFERIAS DO FUTEBOL

Marcelo Terra

Mestrando na Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel)

Helen Strelow Knabach

Mestranda na Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel)

Marcelo Cozzensa da Silva

Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel)

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel)

INTRODUÇÃO

O Projeto Unificado de pesquisa, ensino e extensão InterPeriferias do Futebol, desenvolvido pelas universidades Federal de Pelotas (UFPel), de Santa Catarina (UFSC) e de La Republica (UDELAR/Uruguai) articula diferentes dimensões formativas em torno do futebol, da arte, do lazer e do turismo. O projeto tem como público-alvo praticantes veteranos de futebol (nas categorias VT40 e VT50 anos ou mais), além de pesquisadores e estudantes de diversas áreas do conhecimento, artistas, agentes comunitários, entre outros, interessados em temáticas relacionadas ao futebol.

O jogo de futebol em si é, sem dúvida, o sentido que a maioria dos praticantes do projeto dá para a experiência esportiva futebolística. Para esses praticantes, jogar futebol com o melhor desempenho físico, técnico e tático possível é tão importante quanto a própria sociabilidade, bem-estar e qualidade de vida que o esporte pode promover. Além disso, o futebol praticado na região do Pampa, como é chamada a região de fronteira entre Brasil e Uruguai, caracteriza-se por um jogo de maior contato físico, com muitas divididas e embates físicos, o que pode elevar o risco da incidência de lesões, especialmente em praticantes veteranos (Santos, 2010). Nesse sentido, o projeto de futebol veterano e de periferia, além de atender a dimensão do lazer esportivo e/ou de competição, também enfatiza aspectos culturais e educativos, como as questões relacionadas à saúde e integridade física dos participantes.

O jogo de futebol competitivo, mesmo que de forma amadora em praticantes veteranos, pode acarretar em um maior risco e, talvez, maior gravidade de lesões, as quais tendem a levar maior tempo de recuperação e, por conseguinte, afastar os praticantes mais tempo dos gramados quando comparados a futebolistas mais jovens. Baseados nessa premissa, o estudo buscou identificar e compreender o fenômeno das lesões no futebol veterano, seus tipos mais frequentes, os perfis dos praticantes lesionados (ou que não se lesionam), as situações em que essas lesões ocorrem, a sua gravidade, os dias de afastamento e como esses jogadores lidam com elas.

Este artigo analisa os dados coletados em um grupo da pesquisa exploratória com objetivo de levantar hipóteses para a segunda etapa da pesquisa, quando ampliaremos a coleta para diferentes clubes e associações em que ocorre o futebol veterano em Pelotas/RS. O grupo analisado participa do Projeto unificado InterPeriferias do Futebol, desenvolvido pelas universidades UFPel, UFSC e UDELAR, o qual articula diferentes dimensões formativas em torno do futebol. Assim, o público participante do projeto e da pesquisa mantém vínculo com o Clube Brillhante²⁴ e está matriculado na atividade extensionista da UFPel, realizando suas atividades esportivas em campos de Futebol II e 7, sintético ou gramado natural.

²⁴ Para saber mais sobre o Clube Brillhante. Disponível em: <https://www.clubebrilhante.com.br>.

O CONTEXTO DA PESQUISA: FUTEBOL DE PERIFERIA PELOTENSE

O futebol de periferia e veterano na cidade de Pelotas possui muitos adeptos.²⁵ As quadras de futebol society, de gramado sintético, se integraram à paisagem da cidade como espaço de prática esportiva e lazer.²⁶ Ao mesmo tempo, a cultura do futebol de campo (Fut II) vem se transformando, mas mantendo uma precária infraestrutura, especialmente relacionada à gestão dos campos e associações. Hoje, apenas os dois clubes profissionais em Pelotas apresentam iluminação para prática esportiva em horário noturno, o que inviabiliza sua prática durante a semana, especialmente para aqueles que estudam ou trabalham durante o dia. Aos finais de semana, observamos alguns campeonatos sendo realizados nas categorias veteranos, o que inclui as categorias de 50 e 60 anos. Segundo Santos (2010), o futebol é um esporte com um grau de exigência físico elevado para seus atletas. Assim, a incidência de lesões no futebol veterano é algo que preocupa pela frequência que ocorre e pela demora da recuperação e retorno dos atletas, em alguns casos levando até ao abandono da prática.

O período de coleta de dados, em 2022, coincide com o retorno das atividades na UFPel ainda no contexto da pandemia COVID19. No retorno às quadras ou aos campos, após o período de isolamento social, tivemos alguns depoimentos dos organizadores e praticantes de futebol do clube sobre a frequência dos casos de lesões. É fato que a pandemia trouxe inúmeros desafios para as sociedades, entre eles, reforçou a importância da manutenção da saúde relacionada ao desenvolvimento de hábitos saudáveis, dentre os quais a realização de atividade física, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), para fins de saúde e bem-estar, é de no mínimo ou 75 a 150 minutos de exercício intenso, ou 150

²⁵ O futebol uma das principais expressões culturais da modernidade (Tiesler; Coelho; Cabral, 2006) e, segundo Giulianotti *et al.* (2002), é o "esporte das multidões", um fenômeno esportivo associado ao campo político, econômico e sociocultural, por meio do qual podemos melhor compreender o tempo presente e a vida em sociedade.

²⁶ Só no Clube Brilhante de Pelotas, importante sociedade esportiva, temos inscritos nos seus quatro campeonatos e amistosos de FUT7 mais de 250 praticantes, sendo que destes em torno de 125 são veteranos. Nos últimos campeonatos, de 2022 a 2024, estima-se que em torno de 30% dos praticantes sofreram algum tipo de lesão durante os jogos. (informação da Direção de Esporte do FUT7)

a 300 minutos semanais de atividade física em intensidade moderada (Camargo; Añes, 2020).

Estudos como de Myskiw (2012), Rigo *et al.* (2010) e Stigger (1997) mostram que o futebol aparece como um dos destaques entre as opções de lazer dos trabalhadores, mobilizando um número significativo de participantes, sendo um importante aliado para manter as populações ativas. Por outro lado, ele também oferece riscos à saúde se não houver acompanhamento profissional e cuidados com o corpo que precisam ser considerados, como a importância da preparação física, do aquecimento, do acompanhamento médico e do profissional da Educação Física nas atividades diárias.

Contudo, temos poucas pesquisas que nos ajudam a compreender o fenômeno das lesões no futebol de periferia veterano, como e por que ele ocorre. Talvez isso explique por que, a partir dos 50 anos, temos uma desatenção com o condicionamento físico dos praticantes, o que pode estar contribuindo para o aumento das lesões esportivas. Acreditamos que algumas medidas preventivas possam ser importantes para diminuição da probabilidade de lesões esportivas em decorrência da sua prática.

O longo período de isolamento social, imposto pela pandemia, principalmente na faixa etária a partir dos 50 anos, pode ter provocado uma diminuição no condicionamento físico dos praticantes, o que pode ter contribuído para o aumento das lesões esportivas no retorno às atividades. Porém, outras variáveis aparecem como possíveis elevados números de lesões nas atividades esportivas realizadas em clubes reconhecidos da cidade pode estar relacionada ao tipo de piso utilizado nos campeonatos e “treinos”. A transição para o gramado sintético, por exemplo, tem sido apontada pela literatura como uma variável que vem contribuindo para o aumento de lesões, especialmente aquelas relacionadas às articulações de tornozelos e joelhos. (Aoki *et al.*, 2010). Contudo, é o praticante de final de semana, ou mesmo aqueles que quase não praticam o futebol e que negligenciam a preparação físico/esportiva adequada à prática do futebol veterano os que mais preocupam, que consiste, provavelmente, no principal fator para o risco de lesões.

Estudos como de Ribeiro, Mezquita e Del Vecchio (2013) mostram que o futebol é uma das principais opções de lazer dos trabalhadores, veteranos, sendo um importante aliado para manter as populações ativas. Por outro lado, ele também oferece riscos à saúde se não houver acompanhamento profissional e cuidados com o corpo que precisam ser considerados, como a importância do condicionamento físico, do aquecimento, do acompanhamento médico e do profissional da Educação Física nas atividades diárias.

Segundo Whiting e Zernicke (2001), os benefícios da prática esportiva têm levado os especialistas a prescreverem atividades e manterem os indivíduos na ativa como forma de promover a qualidade de vida, com redução do risco de diversas doenças, maior sociabilidade e melhora do desempenho em esportes, dentre eles o futebol. As lesões em todos os esportes, especialmente naqueles que exigem contato físico e maior desempenho, são um risco inerente a sua prática. Porém, é possível diminuir o risco que elas ocorram em certas circunstâncias e com tanta frequência?

A literatura nos ensina que as lesões acontecem porque o limite de tolerância das estruturas envolvidas no movimento foi ultrapassado, podendo, então, serem identificadas alterações celulares e teciduais. Diversos estudos esclarecem que as lesões esportivas (LEs) ocorrem durante um treino ou competição, impedindo o jogador de participar da formação normal ou competição, tendo como características a dor, a incapacidade funcional e a perda da performance (Paschoal, 2003; Rombaldi *et al.*, 2014; Nunes *et al.*, 2021).

No futebol, modalidade esportiva que exige muito esforço físico do atleta, se faz necessário um equilíbrio entre a preparação e as exigências atléticas. Em situações em que o atleta possui 40 anos ou mais, as especificidades de treino, jogo e recuperação de lesões esportivas precisam ser dimensionadas de forma adequada a cada situação/atleta, mas também considerando esta fase avançada da sua vida e do seu corpo. Sendo assim, a ciência esportiva vem buscando uma melhor compreensão da fisiologia, já que, por causa das alterações músculo esqueléticas do envelhecimento, o atleta se torna mais vulnerável a lesões. Além disso,

outras variáveis como o material utilizado na prática esportiva, o tipo do terreno onde ela ocorre, a preparação para o jogo (aquecimento), além de aspectos comportamentais, nutricionais, socioafetivos desses praticantes extracampo, entre outros. Atento à frequência com que as lesões ocorrem no futebol de veteranos e a demora da recuperação e retorno, que incidem ausências prolongadas nos gramados, desmotivação e até abandono da prática, esta pesquisa exploratória nos permite refletir sobre a prevenção e o aprofundamento dos estudos. (Pascoal, 2003).

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: PESQUISA EXPLORATÓRIA SOBRE AS LESÕES NO FUTEBOL DE PERIFERIA.

Essa pesquisa surgiu da queixa constante de praticantes veteranos de lesões e da falta de conhecimento sobre como evitá-las ou tratá-las. Ao estudar o tema, pensamos em descrever quais são as lesões e por que elas ocorrem. Identificar as lesões e os seus motivos pode auxiliar em estudos futuros sobre as formas de prevenção e recuperação de lesões entre veteranos.

Esta primeira etapa da pesquisa, de natureza quali-quantitativa, busca dialogar com a literatura a partir dos dados de um primeiro questionário, de algumas observações e acompanhamento de uma equipe de futebol II durante os primeiros 10 meses de vigência do Projeto InterPeriferias do Futebol em Pelotas. A pesquisa tomou como fonte parte de um grupo formado por aproximadamente 50 praticantes de 40 a 70 anos e que realizou treinamentos semanais de duas horas e um jogo quinzenal de futebol II. O grupo também participa de pesquisas conduzidas pelas universidades às quais o projeto está associado, como por exemplo, a pesquisa (auto)biográfica, ou ainda de medidas e avaliações, anamnese e o PAR-Q.²⁷ Nos jogos e treinamentos costuma-se utilizar aquecimento antes e depois dos jogos, com orientação esportiva, fisioterapêutica e médica, além da aplicação do protocolo FIFA II+.

²⁷ O PAR-Q (Physical Activity Readiness Questionnaire - PAR-Q) é um protocolo desenvolvido na década de 1970 como um método para identificar as pessoas que o aumento da atividade física possa ser contraindicado. O seu objetivo é identificar possíveis limitações e restrições existentes na saúde da pessoa que tenciona fazer exercícios físicos. (Andreazzi *et al.*, 2016).

O FIFA II+ foi desenvolvido em 2006 pelo OSTRC (Centro de Pesquisa de Trauma Esportivo de Oslo), uma Fundação de Pesquisa em Medicina Esportiva e Ortopédica de Santa Mônica e o F-MARC. Trata-se de um programa completo de aquecimento com exercícios de corrida no início e no final e exercícios preventivos. Além de buscar reduzir os índices de lesões, o protocolo busca ativar o sistema cardiovascular, o fortalecimento muscular, o desenvolvimento do equilíbrio e da agilidade, com a finalidade de aquecimento e preparação do jogador para prática esportiva (Bizzini; Junge; Dvorak, 2013). Entretanto, no Brasil, ainda não foram realizados estudos relacionados à aplicação do procedimento no treinamento esportivo. (Silva *et al.*, 2021).

A coleta de dados foi realizada em duas semanas consecutivas durante o mês de novembro de 2022, e foi conduzida por entrevistadores treinados que aplicaram um questionário a 21 participantes do projeto, os quais participavam com regularidade dos treinamentos e jogos.

O questionário consistiu em três blocos de questões relacionadas às questões antropométricas e antropológicas da população estudada para caracterizar o público, informações e dados esportivos sobre os praticantes e, finalmente, as informações sobre as ocorrências de lesões no último ano de atividade, como em jogos, campeonatos, treinamento funcional de futebol e fortalecimento na sala de musculação da ESEF/UFPel.

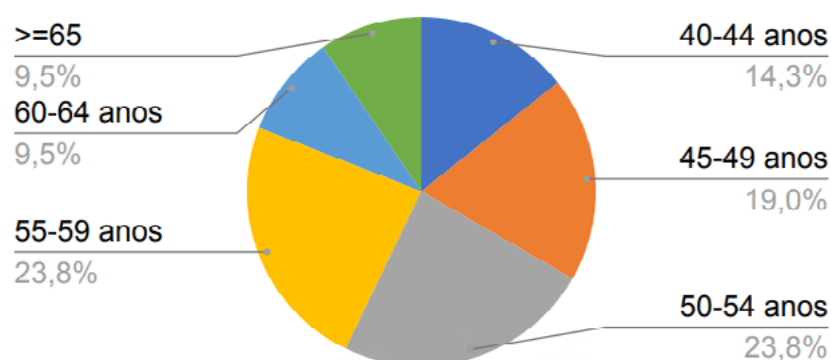
A análise estatística compreendeu a realização do cálculo das medidas de tendência central (média, com seus respectivos desvios padrão, e mediana) para as variáveis contínuas e cálculo de proporções para as variáveis analisadas de forma categórica. Os dados foram digitados no Programa Excel e, posteriormente, transferidos para o pacote estatístico Stata versão 13.0, onde os dados foram analisados.

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ESTUDADA: ANÁLISE DOS DADOS SOCIOANTROPOMÉTRICOS E BIOMÉDICOS

Os participantes da pesquisa relatam que praticam o futebol como uma de suas práticas de lazer preferidas desde a infância. A amostra é estri-

tamente masculina e os praticantes possuem entre 42 e 67 anos de idade, como podemos observar na figura 1. O grupo conta com indivíduos nascidos no Rio Grande do Sul e no Uruguai, mas todos são residentes da cidade de Pelotas/RS. Atualmente, a maioria está associado e é praticante de futebol no Clube Brillhante²⁸, e participam do projeto de extensão InterPeriferias do Futebol, da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia (ESEF/UFPel).

Figura 1 - Idade da Amostra

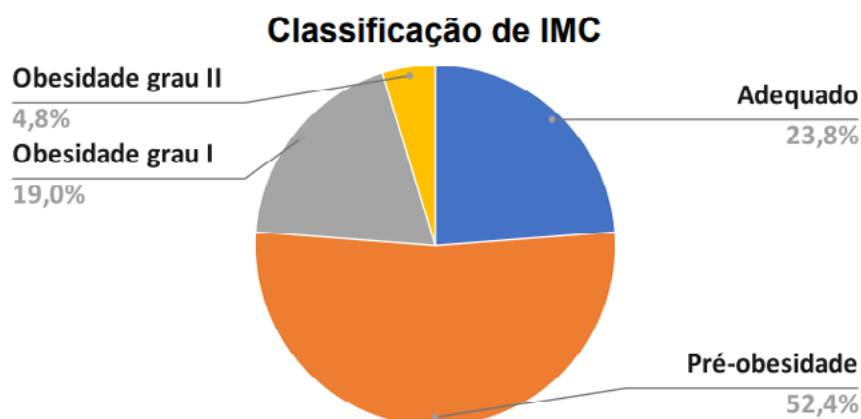


Fonte: os autores.

Para o estudo, os praticantes foram questionados sobre o seu peso e altura, e após a coleta e análise dos dados, os pesquisadores utilizaram o cálculo de Índice de Massa Corporal (IMC), desenvolvido pelo matemático Lambert Quételet (Anjos, 1992), para estipular se os indivíduos estavam dentro do seu peso em relação à altura. Assim, como demonstrado na Figura 2, foi encontrado que apenas 24% dos participantes estão classificados como eutróficos, ou seja, com um IMC considerado adequado, enquanto mais de 50% da amostra encontra-se com pré-obesidade e mais um terço está entre obesidade grau I e grau II.

²⁸ Alguns deles também são associados e praticam futebol em Pelotas no Clube Português, na Associação dos Sargentos e Tenentes da Brigada Militar e Parque Tênis Clube.

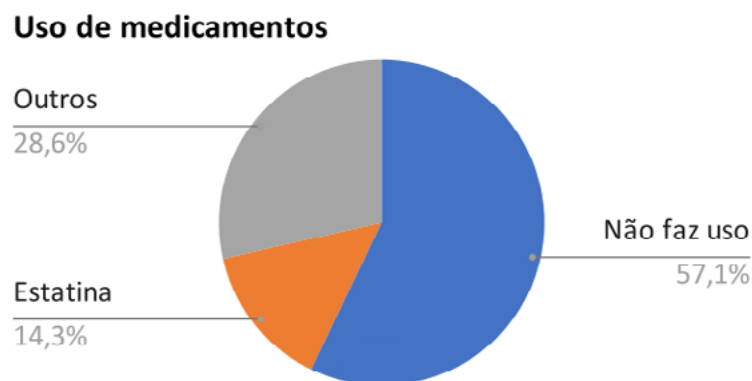
Figura 2 - Classificação da amostra em relação ao IMC



Fonte: os autores.

Na figura 3, encontramos os resultados da amostra quando inquiridos sobre a utilização de algum medicamento de uso contínuo, como medicação para cardiopatias, hipertensão, diabetes, entre outros. Aproximadamente 60% dos participantes não fazem uso de nenhum medicamento. Nos casos em que utilizam algum medicamento, 14,3% citam o uso de estatina para cardiopatias e controle do colesterol.²⁹

Figura 3 - Utilização de medicamentos de uso contínuo pelos praticantes



Fonte: os autores.

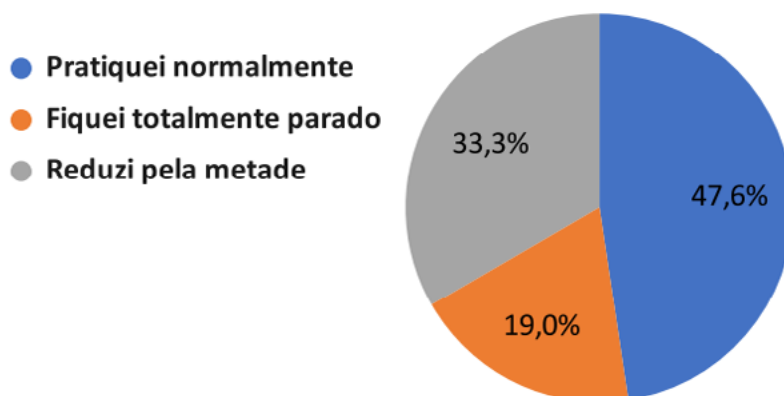
²⁹ Alguns estudos correlacionam o uso de estatina e a incidência de lesões, o que pode atingir cerca de 5 a 10% dos pacientes, se manifestando como dores, câimbras ou rigidez muscular, além da redução de força muscular em idosos. (Joy; Hegele, 2009).

Outro item analisado foi o consumo de álcool dos indivíduos, a partir do qual encontramos que 47,6% da amostra costuma ingerir bebidas alcoólicas após a prática do futebol.³⁰ O uso do álcool após a prática esportiva é bem frequente entre os praticantes e está associada à sociabilidade no pós-jogo, momento em que a “resenha” se faz presente.

Por fim, na figura 4 verificou-se que, durante a pandemia (2020–2021), quase metade dos entrevistados praticaram normalmente suas atividades, enquanto, aproximadamente um terço reduziu pela metade, e menos de um quarto da amostra cessou as atividades por completo durante o período. Esse resultado evidencia que, mesmo diante das restrições impostas pela pandemia, a maioria manteve algum nível de prática esportiva, demonstrando a importância do futebol como elemento de socialização e bem-estar. Ao mesmo tempo, a redução ou interrupção parcial das atividades reflete os impactos das medidas sanitárias e o receio de contaminação, revelando como o contexto pandêmico afetou de forma desigual os hábitos corporais dos praticantes veteranos.

Figura 4 - A figura representa a prática de atividade física dos praticantes durante a pandemia do COVID-19.

Prática de atividade física durante a pandemia



Fonte: os autores.

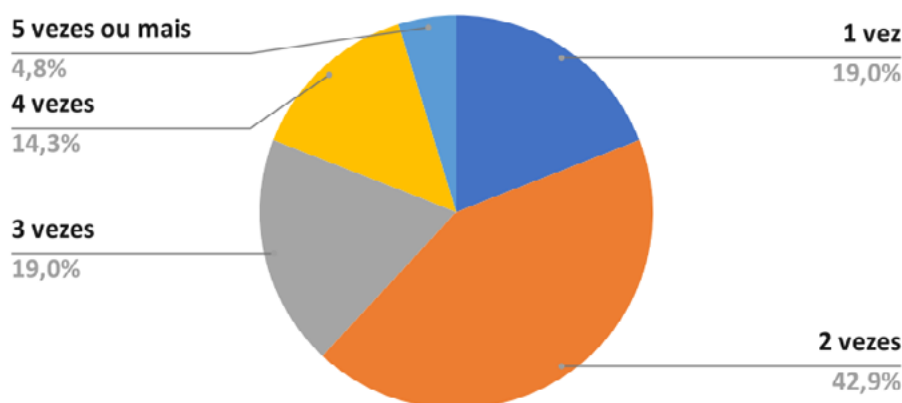
³⁰ Quando ingerido em pequenas doses, o álcool tende a causar no sujeito um estado de euforia e desinibição, já quando consumido em excesso chega a provocar a redução da coordenação motora e dos reflexos do indivíduo. (Sutter; Schutz, 2008).

Esta caracterização inicial do grupo entrevistado apresenta alguns dados antropométricos e sociais, permitindo compreender diferentes traços dos atletas para, posteriormente, entender como estes fatores se relacionam com a ocorrência de lesões entre jogadores veteranos.

ANÁLISES PRELIMINARES SOBRE OS DADOS ESPORTIVOS E A INCIDÊNCIA DE LESÕES

Ao observar os dados esportivos, identificamos que 81% dos entrevistados têm como local mais frequente para a prática do futebol o gramado sintético de fut7, o qual é utilizado no campo do clube Brilhante, seguido de 14,3% o gramado natural de fut7 e 4,7% o gramado natural de fut11. Além da prática futebolística ser predominante no sintético, vimos que a maioria, aproximadamente 43% dos praticantes, jogam futebol duas vezes durante a semana. Para os praticantes que jogavam uma ou três vezes, a porcentagem encontrada foi a mesma, de 19%, e outros resultados menos frequentes podem ser vistos na Figura 5.

Figura 5 - Frequência semanal em que os praticantes praticavam futebol.

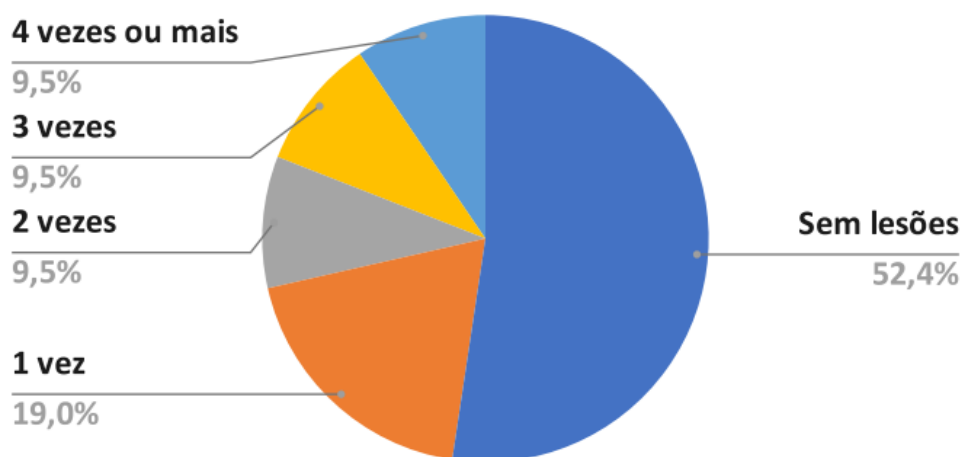


Fonte: os autores.

O estudo mostrou, ainda, que mais de 47% dos praticantes de futebol veterano relataram algum tipo de lesão durante o ano de 2022; elas podem vir acompanhadas de custos físicos, emocionais e econômicos inevitáveis,

além da perda de tempo e da função normal (Whiting; Zernicke, 2001). Como podemos observar na figura 6, muitos dos praticantes acabam se lesionando mais de uma vez dentro do período analisado, além do mais, 50% dos casos de lesões ocorreram em sequência, ou seja, logo após se recuperar de outra lesão, o que pode ser um indício de que o corpo ainda não estava bem preparado para voltar aos gramados.

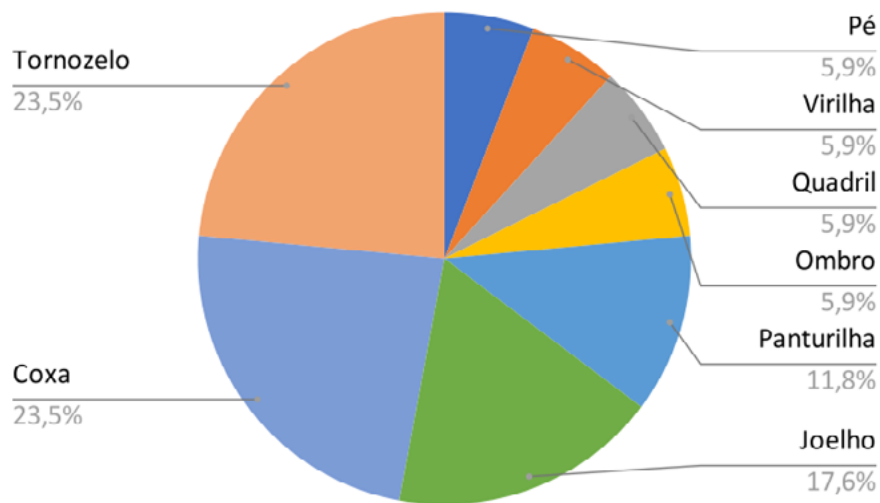
Figura 6 - Quantidade de lesões por indivíduo em 2022.



Fonte: os autores.

As regiões do corpo onde estas lesões ocorreram com maior frequência, foram de membros inferiores, principalmente na coxa e no tornozelo, ambas com 23,5% de prevalência, seguidas pelo joelho com 17,6%, e a panturrilha com 11,8%. Assim, como vemos na figura 7, outras regiões menos comuns também foram identificadas, como o pé, virilha, quadril e ombro.

Figura 7 - Região lesionada pelos praticantes.

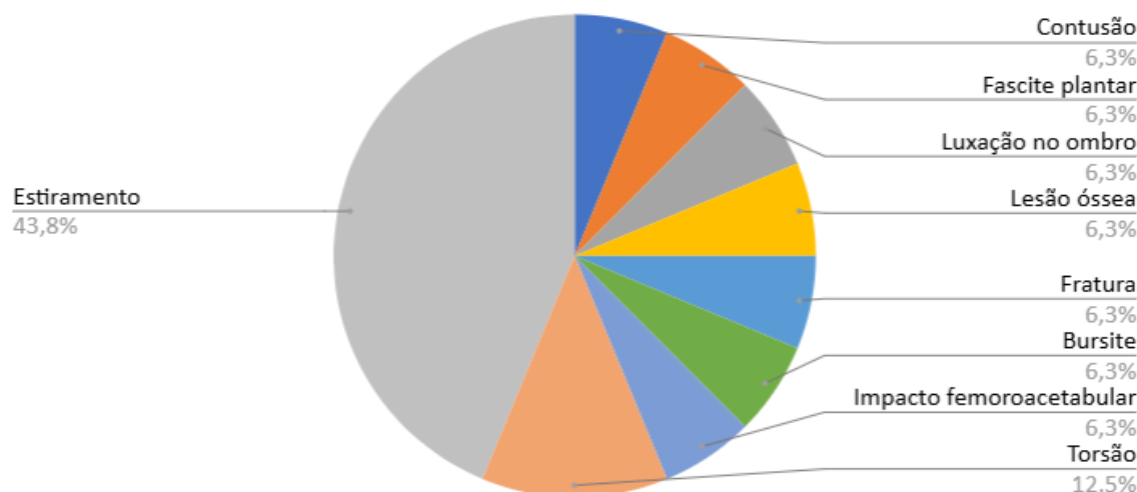


Fonte: os autores.

A maior parte das lesões, aproximadamente 44%, foram diagnosticadas como estiramentos e distensões³¹, seguidas por 12,5% de casos detectados como torções, e outras lesões menos frequentes, as quais podem ser vistas na figura 8. Além do mais, outro dado observado, foi de que 60% dessas lesões aconteceram sem choque físico durante a partida de futebol. Alguns fatores podem levar a esse tipo de lesão, tais como a falta de flexibilidade dos indivíduos, formações anatômicas irregulares, má postura lombar, fadiga, aquecimento inadequado e a diferença de força entre músculos opostos (Ross, 2008).

³¹ A diferença entre o estiramento e a distensão é basicamente o local da lesão. No estiramento a lesão ocorre nas fibras musculares vermelhas localizadas no meio do músculo, já a distensão ocorre no tendão ou na junção músculo-tendínea, local próximo da articulação onde há a união entre o tendão e o músculo.

Figura 8 - Tipo de lesão sofrida pelo praticante.



Fonte: os autores.

Em relação ao tempo de afastamento da prática esportiva após a ocorrência das lesões, a grande maioria, cerca de 60% dos praticantes, ficaram seis semanas ou mais em recuperação, 20% ficaram duas semanas, 10% em torno de cinco semanas e 10% por quatro semanas. Ademais, os praticantes foram questionados sobre como se deu o tratamento de suas lesões, e foi obtido como resultado que 40% dos praticantes realizaram tratamento médico com medicamento e fisioterapia, 20% utilizaram apenas o tratamento fisioterapêutico, 20% aguardaram a recuperação natural, sem nenhum tipo de tratamento, 10% realizaram tratamento médico, cirúrgico e fisioterápico e 10% realizaram algum tipo de tratamento caseiro.

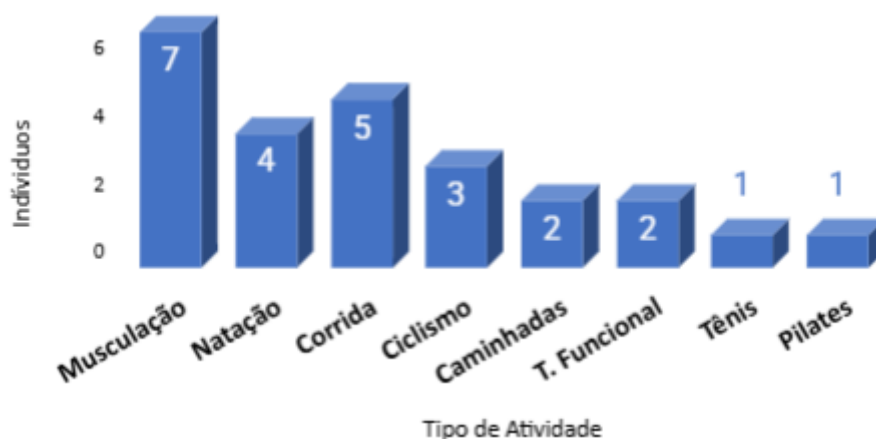
Ao serem entrevistados, 38% dos praticantes relataram ainda sofrer com algum desconforto muscular ou articular, sendo que 75% destes desconfortos estão relacionados à prática do futebol. Desses indivíduos, alguns aguardaram a recuperação natural e resultado de exames, enquanto outros estão realizando diferentes tratamentos, entre eles, tratamento caseiro, tratamento médico com medicamento, fisioterapêutico e aguardo de tratamento cirúrgico.

Os praticantes também foram questionados sobre a realização da prática de exercícios físicos além do futebol; os resultados apresentaram que

38,5% dos praticantes realizam alguma outra modalidade esportiva ou preparação física que auxilie na prática do futebol durante cinco vezes ou mais durante a semana, enquanto 15,4% praticam quatro vezes, 30,8% realizam três vezes, 7,7% duas vezes, e 7,7% apenas uma vez na semana.

Destas atividades, conforme a figura 9, a musculação aparece como principal atividade entre os entrevistados, seguida pelas práticas de corrida, natação e ciclismo, respectivamente, além do mais, foram identificadas outras atividades, como caminhada, treinamento funcional, tênis e pilates. Os resultados foram bastante diversificados, contemplando desde atividades de baixo risco e intensidade, para as mais vigorosas e competitivas.

Figura 9 - Modalidades esportivas praticadas pelos praticantes.



Fonte: os autores.

DISCUSSÃO SOBRE ASPECTOS SOCIAIS, COMPORTAMENTAIS E LESÕES

O estudo evidenciou que o grupo que mais apresentou maior frequência de lesões, possuía entre 50 e 54 anos, seguidos pelos sujeitos de 40 a 44 anos. Os praticantes acima de 65 anos não apresentaram ocorrência de lesão, o que é surpreendente. Isso pode estar relacionado à intensidade que cada atleta imprime no jogo ou o biótipo físico dos atletas investigados.

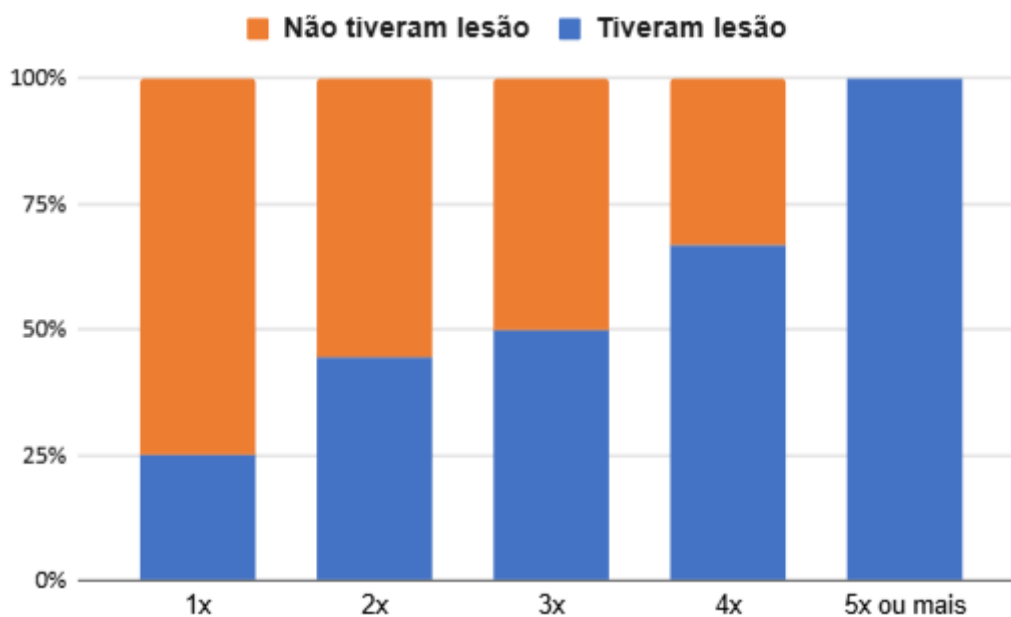
Tabela 1 - variáveis idade e percentual de lesões.

Grupo amostral	Quantidade da amostra	Casos de lesões	Percentual de lesões
40-44 anos	3	2	66,60%
45-49 anos	4	1	25%
50-54 anos	5	4	80%
55-59 anos	5	2	40%
60-64 anos	2	1	50%
>=65	2	0	0%

Fonte: os autores.

Os atletas que praticavam o esporte mais vezes durante a semana, parece que foram os que tiveram mais chances de se lesionar. Assim, como mostra a figura 10, apenas 25% dos atletas que jogaram uma vez na semana tiveram alguma lesão através do futebol, enquanto todos os atletas que jogaram cinco vezes ou mais na semana tiveram alguma lesão. O gráfico demonstra que, quanto mais se pratica o futebol durante a semana, maior a probabilidade de se lesionar.

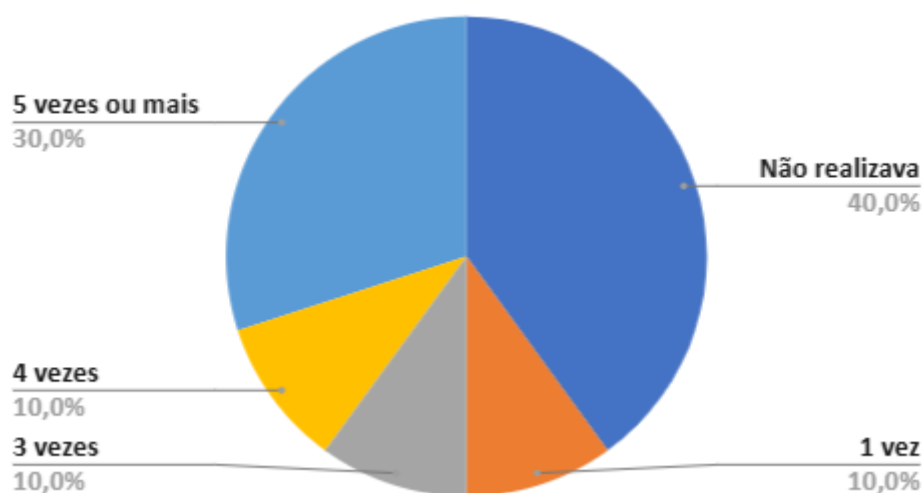
Figura 10 - Relação entre lesão e a frequência semanal de prática do futebol.



Fonte: os autores.

Outro fato observado é de que as lesões parecem ter sido mais frequentes entre os que não realizavam algum tipo de exercício físico, além do futebol, e no grupo que realizava atividades cinco vezes ou mais durante a semana. Partindo desse resultado, reforça-se a hipótese que o exercício necessita de sobrecargas adequadas ao sujeito a ser treinado, ainda mais em se tratando de praticantes futebolistas veteranos. Conforme a literatura, para que o atleta melhore seu desempenho, a quantidade de tensão aplicada ao corpo deve ser adequada a sua capacidade em relação aos quesitos de intensidade e duração, pois estímulos demasiadamente intensos ou prolongados podem levar a reações negativas do organismo, incluindo o aparecimento de lesões (Moreira; Gentil; Oliveira, 2003).

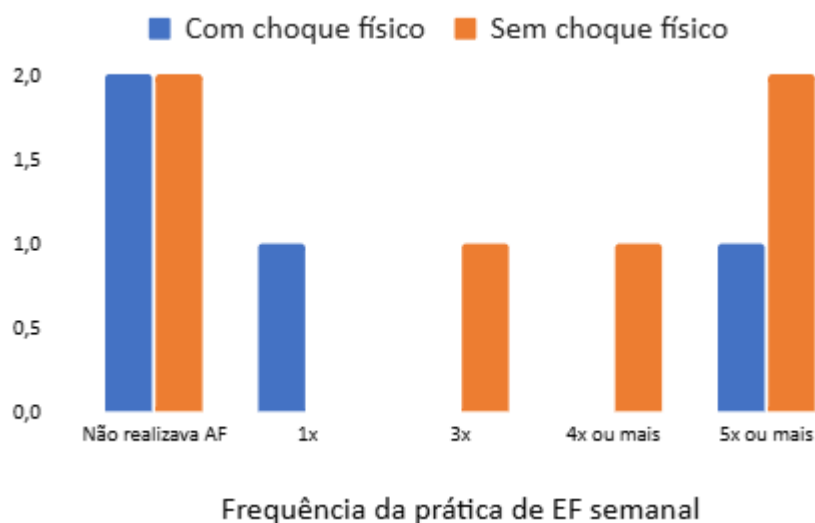
Figura II - Frequência semanal da prática de exercícios físicos do grupo de indivíduos lesionados.



Fonte: os autores.

Por ser o futebol um desporto de contato entre os jogadores, deduz-se que muitas das lesões são traumáticas, entretanto, a carga excessiva de jogos e treinos aos quais os atletas são submetidos também interferem e proporcionam a ocorrência de lesões (Santos, 2010). Na figura 12, estão diagramadas a ocorrência de lesão através de choque físico e a frequência da prática de exercício físico semanal que não envolvia o futebol. Chama a atenção que a elevada frequência de lesões entre os praticantes em atividades que não envolviam choque físico, ou seja, o praticante se lesionou sem entrar em contato com outro corpo, solo ou objeto, ocorreram no grupo que praticava um volume maior de exercícios físicos durante a semana, reforçando que o excesso da prática de exercícios ou mesmo a intensidade em que ocorrem devem ser dosados cuidadosamente e individualmente a cada atleta.

Figura 12 - Relação entre frequência da prática de exercícios físicos e o tipo de contato ocorrido na lesão.



Fonte: os autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apresentados, conclui-se que a prática do futebol entre veteranos envolve tanto aspectos positivos de convivência e saúde quanto desafios relacionados às lesões. A frequência elevada de lesões (47% dos casos), principalmente de estiramentos e torções, indica que fatores como intensidade do jogo, idade e falta de preparo físico adequado podem aumentar o risco de contusões. Além disso, percebe-se que o excesso de treinos ou a ausência de descanso adequado também contribuem para novas ocorrências de lesões. Esses achados reforçam a importância de cuidados preventivos e de uma rotina equilibrada de atividades para que os praticantes possam manter o esporte de forma segura e prazerosa.

Outros fatores que podem contribuir para o surgimento de lesões, embora não tenham se mostrado evidentes neste estudo, incluem o sobrepeso ou a obesidade, o consumo excessivo de álcool, o uso de medicamentos como estatinas, além da ausência de preparação física ou de um aquecimento adequado antes dos jogos. No entanto, o fator “campo” merece destaque: o uso frequente do gramado sintético — de uma a cinco vezes por semana — e as condições do solo, muitas vezes consideradas duras

pelos praticantes, podem estar relacionados ao maior número de ocorrências. Essas variáveis combinadas podem aumentar a probabilidade de lesões entre os veteranos, especialmente em um contexto de prática esportiva contínua e de alta exigência física.

O período de recuperação das lesões levou em média de quatro a seis semanas para 80% dos casos, sendo que apenas 20% se recuperaram em menos de duas semanas. As formas de tratamento e recuperação das lesões variaram, sendo que a maioria buscou auxílio médico e fisioterapêutico adequado. Mais de 30% destes praticantes se mantinham ativos mesmo com desconforto ou dor muscular ou articular, o que pode ter prolongado o período de recuperação, atrapalhado no tratamento ou levado à cronicidade da lesão.

Como resultados preliminares desta pesquisa exploratória, considera-se a contribuição do acompanhamento e orientação profissional de médicos, nutricionistas, fisioterapeutas e do educador físico, para que os atletas veteranos se lesionem menos e/ou levem menor tempo para se recuperar das lesões advindas da prática do futebol. Além disso, faz-se necessário um controle adequado não apenas da quantidade de jogos durante a semana, mas também da intensidade que cada atleta imprime durante o jogo. Por exemplo, campos duros devem ser evitados ou utilizados o mínimo possível. Nestes casos, deve-se prestar especial atenção para uso de material adequado, como, por exemplo, o uso de chuteiras com amortecimento ou palmilhas que aliviam o impacto.

Jogadores veteranos também necessitam de preparação física para melhorar seu desempenho e evitar as diversas lesões decorrentes da prática esportiva. Sugerimos, ainda, a orientação sobre a forma adequada de aquecimento no pré-jogo, para que o jogador veterano saiba preparar seu organismo para atividade esportiva mais intensa como o futebol exige, especialmente os jogos de fut7 e fut11.

Os protocolos utilizados em nosso treinamento têm o objetivo de tentar minimizar o risco de lesões durante os treinamentos e jogos, entretanto, é cedo para que possamos concluir que o FIFA +11 verdadeiramente é eficaz na prevenção de lesões entre os jogadores veteranos. O desempenho físico dos atletas em treinamentos e em competições é notável

pela observação, mas somente no último ano iniciamos testes físicos e avaliações que podem indicar a dimensão deste avanço.

Esta pesquisa é de caráter exploratório, auto declarativa, e indica a necessidade de novos estudos, com uma amostra maior e representativa de todos os praticantes veteranos de futebol de periferia.

REFERÊNCIAS

ANDREAZZI, Ingrid Maturo *et al.* Exame pré-participação esportiva e o PAR-Q, em praticantes de academias. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 22, n. 4, p. 272-276, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/vWDzvVprXJ8fRgIf6dFGJWB/> Acesso em: 20/07/2024.

ANJOS, Luiz A. Índice de massa corporal (massa corporal/estatura) como indicador do estado nutricional de adultos: Revisão da literatura. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 26, n. 6, p. 431-436, 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/Lfjb8r8CwsZnznrnQcJsXFK/> Acesso em: 20/09/2022.

AOKI, Haruhito *et al.* Incidence of injury among adolescent soccer players: a comparative study of artificial and natural grass turfs. *Clin J Sport Med*. 2010;20(1):1-7. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20051727/> Acesso em: 21/10/2024.

CAMARGO, Edina Maria de; AÑEZ, Ciro Romelio Rodriguez. Diretrizes da OMS para atividade física e comportamento sedentário: num piscar de olhos. Genebra: *Organização Mundial da Saúde*, 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/337001/9789240014886-por.pdf>. Acesso em: 04/07/2023.

BIZZINI, Mario; JUNGE, Astrid; DVORAK, Jiri. Implementation of the FIFA 11+ football warm up program: How to approach and convince the Football associations to invest in prevention. *Br J Sports Med* 2013; v. 47 n. 12, p. 803-06, 2013. Disponível em: <https://bjsm.bmj.com/content/47/12/803>. Acesso em: 11/07/2023.

GIULIANOTTI, Richard; BRANT, Wanda Nogueira Caldeira; DE OLIVEIRA NUNES, Marcelo. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

JOY, Tisha R.; HEGELE, Robert A. Narrative review: statin-related myopathy. *Ann Intern Medicine*, v. 150, n. 12, p. 858-868, 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19528564/> Acesso em: 04/07/2023.

MOREIRA, Paulo; GENTIL, Daniel; OLIVEIRA, César de. Prevalência de lesões na temporada 2002 da Seleção Brasileira Masculina de Basquete. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 9, n. 5, p. 258-262, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/6cT87YJ9cbcFGtrHd9P6T3K/?lang=pt> Acesso em: 05/07/2023.

MYSKIW, Mauro. Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. 415 fls. *Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.*

NUNES, Heloyse Elaine Gimenes *et al.* Prevalência e fatores associados às lesões esportivas em jovens jogadores de futebol. *Arch. Health. Sci.* v. 28, n. 1, p. 34-37, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1369563> Acesso em: 05/07/2023.

PASCOAL, A. G. Prevenção de lesões desportivas. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, n. 26, 2003, p. 41-52. Disponível em: <http://boletim.spef.pt/spef/index.php/spef/article/download/116/103> Acesso em: 02/07/2023.

RIBEIRO, Yuri; MEZQUITA, Luis; DEL VECCHIO, Fabrício. Revisão sistemática dos efeitos do futebol recreacional em adultos não atletas. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, Pelotas/RS, v. 18, n. 6, p. 655-668, nov. 2013. Disponível em: <https://rbafs.Org.br/RBAFS/article/view/3301> Acesso em: 01/03/2024.

RIGO, Luis Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. *Movimento*. Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 153-177, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/10499/10014> Acesso em: 06/08/2024.

ROMBALDI, Airton José *et al.* Prevalência e fatores associados à ocorrência de lesões durante a prática de atividade física. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 20, p. 190-194, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/ccZ5FZDjZSXyFd7vPRPSn7I/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 09/07/2023.

ROSS, Allan Clark. Hamstring Injuries: Risk Assessment and Injury Prevention. *Annals Academy of Medicine Singapore*, v. 37, n. 4, p. 341, 2008. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18461220/> Acesso em: 06/07/2023.

SANTOS, Priscilla Bertoldo. Lesões no futebol: uma revisão. *Revista Digital EFDeportes.com*, Buenos Aires, v. 15, n. 143, 2010. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd143/lesoes-no-futebol-uma-revisao.htm> Acesso em: 09/07/2023.

SILVA, Paloma dos Reis *et al.* Efeitos do Programa “FIFA 11+” Em diferentes atletas de Futebol: Revisão da Literatura. *Perspectiva: Ciência e Saúde*, Osório, v. 6, n. 1, p. 11-21, 2021. Disponível em: <http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/517/432> Acesso em: 24/07/2023.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. *Movimento*, v. 4, n. 7, p. 52-66, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2367> Acesso em: 24/07/2024.

SUTTER, Paolo Mirco.; SCHUTZ, Yves. The effect of exercise, alcohol or both combined on health and physical performance. *International Journal of Obesity*. v. 32, n. 6, p. 48-52, 2008. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/ijo2008206> Acesso em: 09/07/2023.

TIESLER, Nina Clara; COELHO, João Nuno; CABRAL, Rui. O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica (Introdução). *Análise Social: revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, Lisboa, v. 41, n. 179, p. 313-343, 2006. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/41012272> Acesso em: 24/05/2024.

WHITING, William C.; ZERNICKE, Ron F. *Biomecânica Funcional e das lesões musculoesquelética*. 1. ed. Editora: Guanabara Koogan, 2001.

Seção 02

RELAÇÕES DE PODER, GÊNERO E RAÇA

Capítulo 6

VÁRZEA E GÊNERO: AMADORISMO, MASCULINIDADES E FUTEBOL DE MULHERES EM BELO HORIZONTE NOS ANOS 1970 E 1980

Raphael Rajão Ribeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)

O objetivo do presente texto é debater questões de gênero no contexto de conformação de um circuito³² do futebol de várzea em Belo Horizonte. Como destaca a bibliografia sobre o tema (Scott, 2005; Pedro, 2005), a imposição de diferenças baseadas na oposição entre os sexos, longe de ser natural, insere-se em dinâmicas sociais e históricas, com efeitos sobre os mais diferentes ramos da vida, incluindo-se o dos esportes. Nessa perspectiva, pode-se colocar em questão tanto lugares desempenhados por homens, como aquele performado por mulheres no universo do futebol amador, em busca de compreender como eles se transformaram ao longo do tempo.

Como tratado em outra ocasião (Ribeiro, 2021), a constituição de um *circuito* de várzea na capital mineira atravessou um longo processo que dialogou com fenômenos como a diferenciação entre clubes menores e aqueles que hegemonizaram as entidades dirigentes locais, com a ascensão do profissionalismo e, principalmente, com a implantação de uma política nacional desportiva, a partir dos anos 1940. Todo esse movi-

³² A opção por denominar circuito o amplo universo de práticas desenvolvidas por equipes componentes de um meio esportivo formal e informal reconhecido como aderente ao futebol amador se dá, em especial, a partir do diálogo com dois autores (Myskiw, 2012; Damo, 2018).

mento foi circundado pelos esforços concomitantes para a conformação de um *circuito* do futebol espetáculo em Belo Horizonte.

Ao longo desse processo de criação de um universo apartado denominado de “a várzea”, grupos de praticantes que se reuniam a partir de vínculos diversos – de vizinhança, laborais, parentais etc. – passaram a integrar um mesmo *circuito*, estabelecendo relações entre si e, principalmente, vivenciando disputas esportivas em seu tempo livre. Tal experiência transbordava para outros aspectos do cotidiano desses indivíduos, com uma vida associativa que afetava esferas do lazer, da articulação comunitária e das disputas pelo direito à cidade (Lefebvre, 2001).

Nessa medida, o *circuito* da várzea era atravessado pelas reconfigurações da paisagem urbana, reorganizando-se frente a essas modificações. Desde transformações do tecido da cidade, passando por renovações comportamentais, até alterações conjunturais da política local e nacional poderiam repercutir na dinâmica cotidiana do amadorismo. Nesse sentido, em busca de compreender de que forma as percepções de gênero foram afetadas em meio a esse universo, elegeu-se o foco nas décadas de 1970 e 1980, período durante o qual, por diferentes motivos, mudanças relevantes reposicionaram as percepções do que era ser homem e o que era ser mulher na várzea.

Para tanto, vale lembrar que a organização das atividades esportivas dos clubes varzeanos, com a montagem de suas equipes e de suas disputas, sempre teve como referência um grupo específico: o homem adulto jovem. Eram nos primeiros e nos segundos quadros das agremiações que se concentravam suas atividades atléticas. Enquanto o time principal reunia os mais qualificados, seja por sua técnica ou por seu vigor, a formação secundária compunha-se dos ainda muito novos, ou dos mais velhos, ou daqueles não tão hábeis ou não tão em forma. Cabia a esses dois conjuntos ocuparem posição de destaque na programação dos festivais, aventurarem-se em excursões e ingressarem nos torneios.

Ao examinar a virilidade operária europeia, Thierry Pillon (2013) aponta que:

Sem dúvida, os valores da combatividade e do esforço nem por isso desapareceram completamente. Eles se encontram nos mais jovens, nesses “últimos bastiões da expressão da virilidade” que são as práticas desportivas, os jogos coletivos, principalmente o futebol, por exemplo, em que uma relação masculina se mantém e se reproduz ao sabor dos desafios e dos arrebatamentos. Demonstração pública das qualidades físicas da combatividade, da agressividade; valorização do poder, da resistência à dor; ritos coletivos, tal como a ducha. (Pillon, 2013, p. 391)

A demonstração de tais qualidades, que seriam a base de uma noção de virilidade, podia ser encontrada, principalmente, entre adultos jovens, com compleição física formada e no auge de suas energias³³. Eram embates entre conjuntos compostos por esses atletas aqueles capazes de oferecer as partidas mais absorventes, no sentido proposto pelo antropólogo Clifford Geertz³⁴. Para eles voltavam-se os olhares das comunidades, inclusive o interesse feminino. Como relatou Márcio Rodrigues de Lima, o “Marcinho”, dirigente do Montanhês Atlético Clube: “Oh, Bicho! Todo mundo queria ser namorada de jogador do Montanhês, cara. Era status. ‘Ah, sou namorada do Jorge, Jorge Batom que é jogador do Montanhês’. ‘Eu sou namorada do Zé Carlos Dengo que é jogador’. ‘Sou namorada do Coca’” (Lima, 2018). Reconhecidos por aqueles e aquelas que acompanhavam as agremiações como símbolos de masculinidade, os atletas eram alvo da admiração alheia.

O fato de esse grupo centralizar as atenções e os investimentos dos clubes não significava que a modalidade se restringia a ele. Em horários menos disputados e com menor repercussão, homens de outras faixas etárias se envolviam com a prática. Mudanças na várzea, a partir dos anos 1970, faziam com que suas possibilidades e o interesse em torno deles aumentassem.

³³ Julio Frydenberg identifica aspectos parecidos entre futebolistas argentinos do início do século XX (Frydenberg, 2011).

³⁴ Ao investigar a rinha de galo em Bali, Geertz nota a forte identificação que aquelas disputas eram capazes de promover entre a assistência, cunhando a noção de jogo absorvente (Geertz, 1989).

AS CATEGORIAS MENORES

A ocupação dos campos de várzea pelos mais novos trata-se de um movimento esperado, tendo em conta o desenrolar do futebol como fenômeno social em Belo Horizonte. Nos anos iniciais do século XX, ruas, praças e parques da cidade eram tomados por garotos que corriam atrás de uma bola (Ribeiro, 2018). Desde a institucionalização do amadorismo na capital mineira, com a criação do Departamento de Futebol Amador (DFA), em 1948, como parte da Federação Mineira de Futebol, observava-se a manutenção de competições para categorias de juvenis e aspirantes, voltadas para jogadores adolescentes e recém-ingressos na idade adulta (O D.F.A. não cuida do futebol juvenil, 1949). Tal medida, que não contava com o entusiasmo das agremiações varzeanas locais, respondia a demandas de uma política nacional de esportes, preocupada com os fins educacionais e formativos da prática (Souza, 2008).

Se por um lado havia a pressão estatal e das entidades dirigentes para a manutenção de categorias menores, por outro, como apontou Simoni Guedes ao examinar escolinhas fluminenses nos anos 1990, os treinos com crianças e adolescentes respondem à demanda de socialização esportiva que se conecta à construção de um corpo masculino (Guedes, 1998). Era na experiência de disputas entre garotos que se forjavam os jogadores que integrariam o primeiro quadro³⁵. Não raro, atletas tinham trajetórias por todas as etapas de uma agremiação até alcançar o conjunto principal (Pereira, 2016).

Apesar da importância da socialização esportiva, não havia grande interesse na promoção das atividades regulares para as equipes das categorias menores³⁶. Volta e meia elas compunham a programação de festivais esportivos, sempre nos horários iniciais, ou eram objeto de torneios avulsos (Torneio “Elio Mosci”, 1950). Havia alguns poucos clubes dedi-

³⁵ Eduardo Archetti chama a atenção para a passagem da condição de garoto para homem como um dos pontos chave da construção da masculinidade, em especial a esportiva (Archetti, 2016).

³⁶ Em 1949, a Liga Esportiva Suburbana propôs disputas das categorias infantis, infanto-juvenil, juvenil e aspirantes, competições que não tiveram vida longa, dada a extinção da entidade. (Majoradas as taxas da LES, 1949).

cados exclusivamente às classes infantil e juvenil (5º aniversário do Natal FC, 1962; Ribeiro, Araújo, 2017).

A distribuição das categorias, especialmente entre as crianças, reunia garotos de idades diversas, com compleições físicas díspares. Como recordou Márcio Antônio Coelho, o “Grapete”, do Inconfidência Esporte Clube: “Do petiz que passava para o juvenil direto. Era outro rabo que você pegava. Os meninos, deixa eu falar com você, o jogador subia muito novo. [...] antigamente, o jogador de 11 anos tinha que jogar com o de 15 anos. A diferença é muita, é igual na minha época” (Coelho, Vale, Jesus, Monteiro, 2016). Com divisão pelas classes de petiz, infantil, juvenil e aspirantes – também chamado “juvenil estourado” (Almeida Filho, Dias, Almeida, 2016) –, as disputas atendiam, em essência, à socialização e ao lazer dos menores.

Mudanças no futebol espetáculo repercutiam na forma como o amadorismo entenderia as categorias menores. Por um lado, a partir dos anos 1960, a várzea aos poucos perde a sua condição de “celeiro de craques”, com o advento da ideia científica de formação do atleta e com a noção da conformação do gesto esportivo (Florenzano, 1998, p. 31-43), as quais desaconselhavam a passagem direta, comum até os anos 1950, do jogador varzeano adulto às equipes profissionais.

Por outro lado, a constituição mais sistemática de categorias de bases nos clubes profissionais hegemônicos, com o prognóstico de formação do atleta dentro de uma metodologia científica desde o final da infância (Florenzano, 1998, p. 36-43), reposicionaria o papel do *circuit*o varzeano no sistema de abastecimento do futebol profissional com novos talentos. Não seria mais a oferta do jogador adulto, já formado, mas sim o fornecimento de adolescentes aptos, cujos gestos precisariam ser moldados, a maior contribuição do amadorismo ao desenvolvimento do espetáculo esportivo.

Em meados dos anos 1960, pode-se identificar a promoção, por veículos de imprensa, de competições de garotos, como o Campeonato dos bairros realizado pelo Estado de Minas, que aceitava inscrições de meninos de 9 a 16 anos (Lima, 1964). Uma preocupação maior com as categorias de formação se expressaria alguns anos depois, em 1970, no Campeonato dente de leite, organizado pelos Diários Associados, e que contava com

equipes de menores de clubes varzeanos e profissionais (Esta é a tabela do futebol dos meninos, 1970). Com nova divisão, que melhor distribuía as crianças segundo a idade, a disputa ocorreu no mesmo ano em que um certame semelhante foi criado na cidade de São Paulo (Florenzano, 1998, p. 37).

A nova perspectiva de formação de atletas repercutia na organização das categorias menores das agremiações. Ao longo da década de 1970, a maior segmentação dos jogadores segundo a faixa etária se consolidou, com a remodelação da classificação genérica petiz, à qual se acrescentava o dentinho e o dente de leite (Olimpíada da Católica, um torneio de todos os esportes, 1979). Se, entre os mais envolvidos com os clubes varzeanos e inseridos numa *cultura esportiva popular*, o interesse principal seguia voltado para a atuação do time “amador” – masculino adulto –, para os veículos de imprensa e aqueles mais alinhados ao futebol espetáculo, a perspectiva da formação de novos talentos desde tenra idade movimentava iniciativas de exploração comercial e midiática das competições de garotos. Em 1979, o Diário da Tarde comentava sobre nova iniciativa do gênero:

Desta vez, a Reunião da Associação dos Clubes Amadores de Minas Gerais, realizada no Palácio do Rádio foi um sucesso absoluto. [...] Serão ainda promovidos torneios de Petiz, Dente de Leite e Juvenil, também para os clubes, com todos os jogos sendo disputados domingo de manhã e possibilidades de televisionamento pela TV Alterosa. (Técnicos da Várzea vão ouvir Coutinho, 1979)

A escolha dos domingos de manhã revelava um esforço de racionalização do uso dos campos, com o escalonamento dos horários por categoria, sendo que, ao masculino adulto, prevalecia a reserva do principal turno, o domingo à tarde. O torneio dente de leite da Associação dos Clubes Amadores de Minas Gerais, realizado ao longo de 1980, contou com a participação de 50 equipes de Belo Horizonte e de sua região metropolitana (Um grande torneio de garotos, 1980), recebendo constante cobertura do Diário da Tarde que repercutia cada rodada em detalhes (Notícias da Várzea, 1980a).

No processo de dinamização de atividades do Departamento de Futebol Amador, com a ampliação do número de filiados, a incorporação de novas categorias também seria observada. Além dos juvenis que tradicionalmente atuavam em competições organizadas pela entidade, a partir de 1983 foi criado o campeonato infantil para atletas de 13 a 15 anos (Notícias da Várzea, 1983g).

Ainda durante a criação da política nacional de esportes, na década de 1940, noções de disciplina das classes populares, em especial da juventude, com o afastamento de vícios e más influências, orientavam a defesa das atividades atléticas (Parada, 2009; Souza, 2008). Tal visão seria atualizada nos anos 1970 e 1980, frente aos novos perigos sociais difundidos por órgãos estatais e pela imprensa. Em 1982, o Diário da Tarde publicou ampla matéria que alertava sobre o risco do consumo de drogas, citando acordos internacionais recentemente assinados pelo Brasil para o controle do uso e de medidas do Conselho Federal de Entorpecentes, o Confen e de outros órgãos da União:

O Ministério da Educação e Cultura pretende desenvolver nas escolas de primeiro e segundo graus de todo o País, a partir do próximo ano, um trabalho contra o uso de drogas, alertando os alunos para as consequências do consumo de tóxicos. “É importante que se introduza nas escolas um processo educativo que vise à prevenção ao uso de tóxicos, desde que o Ministério da Justiça reprima o tráfico dessas drogas”. (Alerta geral, 1982)

O alinhamento do país a uma política internacional de combate às drogas ilícitas implicava na realização de ações que iam de campanhas publicitárias e informativas até a repressão ao tráfico de entorpecentes. A difusão dessas ações contribuía para que a ideia de uma ameaça às juventudes, em especial às mais pobres, ganhasse força. Grupos, a exemplo de associações evangélicas, lançavam-se na missão da regeneração do que qualificavam como “jovens viciados e delinquentes” (Uma esperança para jovens delinquentes, 1976). Rapidamente a prática esportiva seria apresentada como antídoto ao uso e abuso de tóxicos, como ressaltava a manchete “Quem faz esporte não puxa fumo” que relatava experiência estadunidense de prevenção às drogas por atividades atléticas (Quem faz esporte não puxa fumo, 1977).

Em meio a esse debate, os varzeanos e seus representantes assumiriam, especialmente por meio das atividades com as categorias menores, o papel de condutores de medidas de prevenção à introdução de crianças e adolescentes no consumo de drogas ilícitas. Durante a tramitação de projeto de lei estadual para geração de recursos para o esporte por meio da loteria, um deputado apresentou justificativa de emenda em favor do amadorismo que, dentre outros, ressaltava:

JUSTIFICAÇÃO: Além de celeiro inesgotável de craques, juízes e dirigentes para o profissionalismo brasileiro, o futebol amador representa uma grande conquista social, eis que afasta dos ambientes perniciosos à sua formação moral e até física, os nossos jovens que se congregam em torno das agremiações varzeanas. [...] Esta emenda, sem nenhuma dúvida, ensejará um autêntico e verdadeiro ato de justiça, pois premiará com um reconhecimento a gloriosa tarefa daqueles que, congregando a juventude, afasta-a dos tóxicos, dos entorpecentes, dos caminhos tortuosos do crime e a prepara, através da disciplina e do amor que o esporte oferece, para um futuro saudável e promissor. Deputado Rufino Neto (Otacílio mostra o que está fazendo pelo futebol amador, 1980)

Transformações sociais reposicionavam a centralidade de categorias menores para atividades dos clubes. Ainda que essas não concentrassem as principais preocupações dos dirigentes das agremiações, passavam a servir de estratégia de afirmação da relevância social da manutenção das entidades e de seus espaços de jogo. Se na maior parte dos casos o quadro “amador” seguia sendo o foco da atuação das entidades, em certas ocasiões o ingresso em disputas de base, como as da então criada classe de juniores, era possibilidade de entidades varzeanas enfrentarem, com equilíbrio de forças, as tradicionais associações profissionais.

As décadas de 1940 e 1950 foram marcadas por intersecções entre os clubes aderentes ao profissionalismo e aqueles que mantinham o estatuto amador, permitida por um frágil e incipiente sistema de remuneração dos atletas. Nessa medida, varzeanos e grandes clubes disputavam a contratação de atletas, em regime de relativa equidade de condições. Com a maior estruturação do espetáculo esportivo na cidade, principalmente após a inauguração do estádio do Mineirão, em 1965³⁷, já não havia a possibilidade de equilíbrio competitivo entre equipes dos dois circuitos.

³⁷ Sobre a construção do Mineirão ver Schetino (2014).

Nessa nova conjuntura, passava a ser nos campeonatos de juniores que confrontos entre times originados desses dois universos poderiam ser reeditados. Nesse sentido, três agremiações belo-horizontinas se destacaram nos anos 1980, o Santa Cruz (Soares, 2016), o Venda Nova (Sá, 2016) e o Santa Tereza (Santos, Matias, 2018).

O caso dessa última equipe é exemplar de uma mudança de perspectiva de atuação dentre os clubes que integravam a elite do circuito varzeano local. Situado no bairro homônimo³⁸, o Santa Tereza passou a representar força tradicional do amadorismo local, tendo sido pentacampeão do DFA nos anos 1940 (Títulos conquistados pelo Santa Teresa, 1950). Ao final dos anos 1970, foi assumido por nova direção, capitaneada por um empresário do jogo do bicho e um ex-atleta, os quais passaram a enfatizar a atuação do clube na formação de atletas, para o que foi construída toda uma estrutura de treinamento, com campo, refeitório e alojamentos. Ao longo dos anos 1980 e 1990, os times infantil, juvenil e de juniores do clube tiveram atuação destacada, com a conquista do título mineiro infantil de 1984, juvenil de 1992 e de juniores de 1987 e 1993, em competições que contavam com a participação das principais agremiações do profissionalismo. Ao mesmo tempo, o clube abandonou o foco central nos “amadores” – homens adultos –, que tiveram atuação apenas discreta no mesmo período (Santos; Matias, 2018).

Santa Cruz e Venda Nova fizeram opção parecida, já que, em ambos os casos, houve a construção de centros de treinamento para as categorias menores, ainda que continuassem a dar importância às disputas dos “amadores”. A valorização e o interesse externo pela formação de atletas fariam com que esses e outros clubes do circuito varzeano passassem a dispensar maior atenção para as equipes mais jovens³⁹. A nova dinâmica do espetáculo futebolístico e do sentido social do esporte permitiria que crianças e adolescentes ganhassem espaço nas agremiações. Na mesma medida, novas possibilidades de experimentação das atividades

³⁸ O bairro Santa Tereza teve ocupação já no início do século XX. Nos anos 1920, sua urbanização foi acelerada, com a presença de militares, funcionários públicos e operários. Na parte baixa, próximo ao Ribeirão Arrudas, registrou a formação de favelas. (Arreguy; Ribeiro, 2008)

³⁹ Dois estudos que tratam da formação de atletas na várzea de São Paulo são: Silva (2017) e Spaggiari (2015).

atléticas abririam campo para outro grupo masculino até então pouco representado.

OS VETERANOS

Nas tradições varzeanas, a realização de partidas entre atletas veteranos era algo comum, especialmente em contextos de festivais (Acontecimento de realce nas atividades do futebol amador, 1951) e de jogos festivos (O Edis vai enfrentar o Panair, 1952), formas de disputa consolidadas na cultura esportiva popular (Ribeiro, 2021). A participação de futebolistas experientes, componentes das diretorias das agremiações amadoristas, poderia ser motivo de interesse, uma oportunidade dos mais jovens verem atuar nomes que marcaram época (A Floresta descera em peso, 1949). Mas igualmente poderia ser motivo de troça, dada a má forma dos contendores, como no anúncio que dizia que: “Os amantes do futebol caricato terão um bom motivo para ir amanhã cedo ao campo do Renascença. Ali jogarão os quadros do ‘Edis’ E.C. e da ‘Panair do Brasil’ F.C., composto na sua maioria de veteranos, antigos ‘astros’ do passado” (O Edis vai enfrentar o Panair, 1952). Ao referir-se à disputa entre a representação do Legislativo Municipal e a da empresa aérea, o cronista do Diário da Tarde qualificava a partida como demonstração do “futebol caricato”.

Como apontava a defesa dos exames para atletas e o discurso médico de meados do século XX, havia grande temor quanto aos riscos do esforço atlético, especialmente entre os portadores de cardiopatias, tema de um anúncio do laboratório *Squibb*:

Figura 1 – Anúncio *Squibb produtos farmacêuticos*, 1950.



Fonte: Diário da Tarde, Belo Horizonte, p. 7, 22 de agosto de 1950.

O anúncio da empresa farmacêutica trazia alertas sobre os perigos do esforço físico para homens portadores de doenças do coração, ressaltando a incompatibilidade entre essas más formações e a realização de atividades intensas, especialmente para aqueles acima de 40 anos de idade. A série de imagens reforçava a receita de uma vida segura: exames regulares, controle do peso, ausência de sobrecarga nas práticas atléticas e preferência por lazeres amenos com a família.

Preocupações similares se refletiam no próprio ordenamento do futebol, o qual preconizava que, a partir dos 35 anos, jogadores só seriam autorizados à prática esportiva no caso de se submeterem a exames ante uma junta médica e conseguirem uma autorização especial. Essa regra levou a um intenso debate sobre a escalação de um atleta de 39 anos por uma equipe durante a disputa do campeonato do Departamento de Futebol Amador, em 1950 (O limite máximo de idade para atleta, 1950). Nessa medida, participações de veteranos em disputas varzeanas restringiam-

-se a momentos pontuais; ainda que esse grupo se mantivesse ativo, seja integrando os segundos quadros dos clubes ou organizando peladas pelos campos de terra, havia preocupações e restrições ao seu engajamento em competições que demandassem maior intensidade física⁴⁰.

Se, por um lado, o futebol das categorias menores representa uma liminaridade do auge da masculinidade esportiva, um momento de socialização do jovem jogador, ainda sem o vigor e a agressividade esperados, para, aí sim, o ingresso na efetiva disputa, por outro, a passagem à condição de veterano representa o extremo oposto dessa fronteira. A progressiva decadência física implicaria na incapacidade de suprir as exigências da participação no alto rendimento. A perda da vitalidade significaria o próprio abalo da virilidade. Interessante notar o papel cumprido pelos segundos quadros, nos quais os melhores dentre os mais jovens e dentre os mais velhos se encontram, um espaço de trocas de experiência e de preparo para a transição que afetará ambos⁴¹.

A representação da várzea como o “celeiro de craques”, com a celebração de inúmeros jogadores que acessaram o *circuito* de espetáculo, encontra na atuação dos veteranos seu contrário. Esse espaço significa para eles um local de retorno, um porto seguro para o qual voltam os atletas envelhecidos após sua aventura pelo profissionalismo. Um caso exemplar dessa realidade foi a equipe do Raposão, com longa trajetória no *circuito* varzeano da capital mineira. Formada por antigos craques do Cruzeiro, dedicou-se à participação em amistosos, festivais e excursões desde os anos 1950 (Nova exibição do Raposão, 1950), mantendo-se ativa ainda na década de 1980.

Se a equipe do Raposão representava o desejo de antigos atletas seguirem ativos, exibindo-se em Belo Horizonte e no interior, uma nova forma de atuação de veteranos egressos do profissionalismo se apresentava no final dos anos 1970. Era um período de reorganização das associações de trabalhadores no Brasil, à qual os futebolistas não ficaram alheios:

⁴⁰ Luiz Carlos Rigo ressalta a criação tardia de equipes de veteranos nos clubes da cidade de Pelotas. (Rigo, 2004)

⁴¹ Fenômeno semelhante é observado por Marco Paulo Stigger, nas peladas de veteranos que contam com a presença de jovens para completar os times. (Stigger, 1997)

Independente dos resultados em campo, das rivalidades clubísticas, dos campeonatos, das partidas disputadas, os jogadores conquistaram em 77 uma grande vitória: a criação da AGAP – Associação de Garantia ao Atleta Profissional, com sede na Av. do Contorno, 4.505. Ela foi fundada em dezembro de 76, e começou a funcionar em agosto deste ano, procurando dar total assistência ao atleta profissional, amador, ex-atletas. [...] O seu objetivo primeiro é o de conscientizar o atleta de seus direitos e deveres. [...] Além disto, a Associação tem interesse em promover cursos profissionalizantes, palestras, assistência financeira, distribuição de bolsas de estudos. [...] A mensalidade é calculada em 8% do salário de referência e cada tipo de sócio tem uma contribuição diferente. (AGAP, 1977)

A fundação da Associação de Garantia ao Atleta Profissional (AGAP) tinha por principal idealizador o ex-jogador Wilson Piazza. Tão logo a entidade representativa foi formada, sua direção organizou uma seleção de veteranos, com diversos futebolistas renomados do passado, a qual começou a realizar, principalmente, excursões pelo interior do estado como mecanismo para arrecadação de fundos para a instituição (Notícias da Várzea, 1982d; Notícias da Várzea, 1983a). A promoção de partidas de exibição por antigos craques tinha mais representantes pelo país naquele período, a exemplo do Milionários F. C. que contava com Garrincha, Djalma Dias e Djalma Santos, dentre outros (Falta um semifinalista no classista, 1978).

A experimentação esportiva para veteranos não se restringia a atletas egressos do profissionalismo, de modo que um sem número de anônimos ocupava os campos de terra da cidade, sendo tradicionais as realizações de peladas no primeiro horário do domingo, inaugurando as atividades do espaço de jogo naquele dia (Pimenta, 2016; Souza, Santos, 2016). Alguns clubes seriam criados com o intuito de reinserir os mais velhos em uma nova vivência esportiva, sem a preocupação com a competitividade, como foi o caso do Veteranos Unidos da Vila Oeste que agrupava ex-integrantes do Reunidos e do Alvorada dois clubes da Vila Oeste⁴² filiados ao DFA (Silva, 2016).

⁴² A Vila Oeste teve ocupação urbana a partir da década de 1930, por grupos trabalhadores variados. Apesar disso, por longos anos, manteve-se pouco articulada à porção central da cidade, já que não havia transporte direto até ali, conectava-se por meio do acesso à estação de trem da Gameleira. (Arreguy; Ribeiro, 2008)

Se o costume varzeano das peladas e das partidas de veteranos havia atravessado décadas, mobilizando os atletas mais experientes, novas tendências culturais ajudavam a enfatizar a importância do ativismo físico desse grupo, em especial a campanha nacional “Esporte para todos” que teve destaque no final dos anos 1970 (Linhales, 1996). Nesse contexto, o discurso médico de restrição à prática física dos homens mais velhos perdia espaço para a defesa da massificação dos exercícios e o combate ao sedentarismo. Ainda assim, por anos as disputas de veteranos seguiriam restritas a embates avulsos. Ao contrário das categorias menores, cujas competições oficiais foram criadas nos anos 1980, para esse grupo, tal movimento só se verificou na década seguinte (Silva, 2018). A várzea se ampliava, novos grupos masculinos se engajaram mais intensamente com as disputas esportivas e receberam reconhecimento dos envolvidos com o *circuito*. Esse movimento de expansão de fronteiras, vivenciado nos anos 1970 e 1980, não estava, contudo, terminado, já que outro segmento ainda se afirmaria, assumindo novo protagonismo nesse universo.

AVÁRZEA TAMBÉM É DELAS

A política nacional de esportes, do início dos anos 1940, conduziu à institucionalização do meio varzeano, com a criação de entidade oficial atrelada à Federação Mineira de Futebol – FMF. Em sua abrangência, o Decreto-Lei 3.199/1941 teria outros efeitos sobre a organização do futebol no país, incluindo a proibição de sua prática por mulheres⁴³. Uma normativa do Conselho Nacional de Desportos – CND, ainda em 1941, considerou que a modalidade não era atividade conforme a natureza feminina e a colocou no rol dos esportes vedados a elas (Ribeiro, 2023).

Nessa medida, desde o início da década de 1940, tentativas de organização de embates futebolísticos entre mulheres eram passíveis de intervenção do CND e das forças públicas para a sua proibição. A vedação legal da prática da modalidade dialogava com visões da época quanto

⁴³ Dentre artigos que examinam o momento da proibição do futebol de mulheres, pode-se citar: Costa (2017), Franzini (2005), Goellner (2005), Mourão e Morel (2005).

à inadequação entre o ativismo esportivo e padrões de feminilidade (Veado, 1951; Albuquerque Junior, 2013).

Se a proibição não significou a falta de envolvimento feminino com o futebol, em seus mais diferentes aspectos, como demonstrava sua participação no cotidiano das agremiações de bairro, não é possível falar em acesso igual às experiências esportivas. A crônica especializada era um desses campos de interdição, como dava a ver a iniciativa de uma coluna de comentários femininos sobre o tema no *Diário da Tarde*, em 1953:

Cantinho Feminino... O que apresentará esta matéria, com o decorrer do tempo na página esportiva deste travesso, mas brilhante vespertino, com o título fixo desta natureza, capaz de agradar um grupo e deixar desconfiado um outro? Muito simples, leitor. Afinal de contas isto é uma idéia de Domingos Dangelo que Afonso de Souza resolveu aproveitar e executar. Acharam pela cidade o elemento feminino, avis-rara no jornalismo esportivo nacional, por falta de iniciativa ou de oportunidade para comentar, incentivar fatos e pessoas do esporte. Mas no incentivo está incluída implicitamente a crítica. (Lolita, 1953, p. 7)

Com apenas duas publicações no periódico, a primeira sob o nome de “Cantinho Feminino Esportivo” e a segunda intitulada “Chute de Eva” (Lolita, 1953, p. 11), a tentativa de produção de uma voz feminina acerca do esporte seria interrompida. Essa breve presença ajudava a clarear uma longa ausência, a qual se estendia também para os campos. Referências vindas de agências internacionais permitiam emergir uma imaginação sobre a prática efetiva do futebol por mulheres, como o caso da atleta albanesa Mjryan Feliti que figuraria na seleção masculina de seu país (A melhor “crack” da Albania é uma linda jovem de 20 anos, 1954).

Apesar da interdição, há registros de partidas entre mulheres no Brasil durante a proibição⁴⁴. Em Belo Horizonte, em 1957, um jogo marcante foi a disputa entre dois quadros femininos do Araguari Atlético Clube, da cidade homônima, uniformizados como Atlético e América, realizado no estádio Independência, como preliminar do embate entre o campeão mineiro e a seleção dos melhores do ano em Minas Gerais, promoção dos Diários Associados. Para que o certame acontecesse, o jornalista responsável teve que se ausentar da cidade, de modo a não receber a

⁴⁴ Para casos em São Paulo e no Rio Grande do Sul ver Silva (2015), Rigo, Guidotti, Theil e Amaral (2008).

intimação do CND para a suspensão do evento (A mulher entrando em campo, 1984). Partidas em festivais esportivos também foram registradas na cidade de Vespasiano, vizinha à capital, no final dos anos 1960 (Ribeiro, 2018).

A proibição do futebol de mulheres pelo Decreto-Lei 3.199/41 foi atualizada na Ditadura Civil-Militar, por meio de deliberação do Conselho Nacional de Desportos que incorporou modalidades recém-criadas como futebol de salão e futebol de praia ao rol daquelas consideradas em desacordo com a natureza feminina (Conselho Nacional de Desportos, 1965). A partir daí, seguiria uma fase de recrudescimento da interdição.

O final dos anos 1970 foi marcado pela emergência de novos discursos feministas. Em um contexto de enfraquecimento do regime ditatorial e de diálogos com ideias e movimentos originados na Europa e nos Estados Unidos, observavam-se questionamentos à discriminação das mulheres (Lage, 1977). Temas como o mercado de trabalho e a necessidade de salários equiparados, divórcio, aborto, agressões e homicídios contra mulheres eram recorrentes no período (DT-Debates, 1978).

Outra frente de atuação do grupo na época tratava-se da luta pela anistia aos exilados e aos presos políticos, conduzida pelo Movimento Feminino pela Anistia (Quinze mil mulheres na luta pela anistia, 1977) que tinha em Belo Horizonte um de seus principais núcleos. Em evento promovido pela organização como parte das atividades pelo Dia Internacional da Mulher, uma de suas integrantes, a física e professora da UFMG Beatriz Alvarenga aproximaria a luta feminista da temática do futebol:

Beatriz fez uma extensa análise da atual condição da mulher, principalmente na área trabalhista e na educação familiar do brasileiro em geral. Falando sobre a educação da família brasileira, a professora afirmou que “nossa criação fez e faz com que a mãe afaste o filho da cozinha, justificando a ele que isso seria serviço de mulher, enquanto, por outro lado, proíbe a filha de jogar futebol e outras atividades tidas como masculinas”. (Mineiras lutam pela anistia e pelos direitos da mulher, 1978, p. 3)

A fala da professora e ativista demonstrava que a imposição de constrangimentos à prática do futebol pelas mulheres inseria-se no vasto espectro de questões que norteavam os debates conduzidos pelos movimentos

feministas do período. A transformação social pensada por aqueles grupos também passava por renovações no universo esportivo.

A proliferação de ideias de emancipação feminina, com o questionamento de restrições à participação de mulheres em vários setores da sociedade repercutiria no futebol de várzea. Dentre as centenas de equipes inscritas na Copa Arizona, grande torneio de várzea realizado no final dos anos 1970, algumas chamavam a atenção pela presença de presidentas, como a manicure Valdivina Rosa de Melo à frente do Bangu Atlético Clube (*Ela sabe dirigir um salão de beleza, 1977*) ou a psicóloga Miriam Artuzo que dirigia o time classista do Minas-Forte (*Uma psicóloga dirige o time do Minas-Forte, 1978*).

A participação feminina tornava-se mais marcante nas arquibancadas, com destaque para a torcida da Associação Ferroviária Esportiva, como publicou o *Diário da Tarde*:

A Ferroviária possui três torcidas. Uma é o Dragão Vermelho, a torcida feminina do clube. Ela comparece aos campos uniformizada. Sua organizadora é Neuzizia. Entre suas componentes estão Verinha, Loura, Aninha, Taninha e Cleuza. Seu lema é acompanhar o time onde ele estiver. (*Ferroviária Esportiva, 1979, p. 21*)

A criação da torcida feminina implicava em mais responsabilidade e protagonismo para as mulheres do que apenas comporem um grupo liderado por homens. Toda a coordenação do coletivo passava pelas participantes. Outras agremiações varzeanas registrariam organizações semelhantes no período, mostrando que o Dragão Vermelho não era um fato isolado (Silva; Costa; Pereira, 2017; Souza; Isaac; Isaac, 2017).

O regulamento da Copa Arizona previa a indicação de uma candidata à rainha por cada equipe. A competição paralela servia ao *Diário da Tarde* que produzia conteúdos variados acerca das concorrentes, explorando as imagens e a presença feminina em sua sessão esportiva. Dentre as postulantes, o jornal destacou a representante do Cruz de Malta, Valdívia Navarro:

Valdívia Ribeiro Navarro, de 24 anos, será a candidata do Cruz de Malta F.C., do bairro Sumaré, no concurso de rainha da IV Copa Arizona.

- “Eu já tive várias experiências em desfiles anteriormente. Já fui rainha da Pipoca e da Primavera no Grupo Ricardo de Souza Cruz, no Caiçara, onde estudei. Fui rainha do Samba em São Paulo, da Nova [Granada]. E agora, sou rainha do Cruz de Malta”, disse a bonita candidata do Cruz de Malta. Valdívnia morou durante dois anos em Bauru, no interior de São Paulo. E jogava futebol de salão. “Lá, em Bauru, o Noroeste tinha duas equipes femininas de futebol de salão. Eu era ponta esquerda, e meio-campo. Lá eles me gozavam, dizendo que eu caía muito”. (A rodada de amanhã sai hoje no palácio do rádio, 1978, p. 17)

Com participação em concursos de rainha, Valdívnia também se destacava pela sua vivência esportiva, tendo atuado como atleta do Noroeste de Bauru no futebol de salão. As diferentes aproximações das mulheres das equipes varzeanas estavam ligadas ao gosto pela modalidade, o qual também se expressaria pela prática ativa do jogo.

Assim como a rainha do Cruz de Malta, apesar da proibição, mulheres praticavam o futebol na cidade, ainda que não pudessem organizar equipes e participar de disputas sistemáticas. Foi o que revelou reclamação endereçada à seção “Alô! Alô!” do Diário da Tarde, em 1977:

- Era só o que faltava!
- O que?
- Pelada mista e noturna!...
- Pelada mista?
- Isso mesmo. Na rua Vicentina de Souza, atrás do campo do Sete de Setembro, entre São Felipe e Santa Clara, aqui, na Sagrada Família. Moleques de toda ordem, pivetes, maconheiros. E moças no meio, jogando bola até às 23 horas. Não respeitam ninguém. [...] (Alô! Alô!, 1977, p. 2)

Segundo a reclamação de morador do Sagrada Família⁴⁵, bem nas proximidades do estádio Independência, uma pelada que reunia garotos e garotas acontecia com frequência, dando a ver uma das tantas estratégias para a vivência feminina do futebol mesmo em contexto de proibição. Ainda no ano de 1977, uma partida entre times formados por mulheres era anunciada:

⁴⁵ O Sagrada Família originou-se da junção de três vilas operárias da década de 1930: Maria Brasilina, Mauá e São João. Não se vinculava a uma atividade econômica específica, ainda que estivesse nas proximidades do bairro ferroviário do Horto. (Arreguy; Ribeiro, 2008)

Para quem gosta de ver mulheres jogando futebol, o que sempre é uma atração, a oportunidade vai surgir em Betim: o Sete de Setembro Futebol Clube promove, amanhã, uma festa esportiva, tendo sido incluída no programa a apresentação de equipes femininas. Elas formaram duas equipes: do próprio Sete e da Associação Atlética Barreirinho, vestindo as camisas do Atlético e do Cruzeiro. (Betim faz festa com futebol de mulheres, 1977, p. 20)

Realizada em um final de ano, como parte do festival de uma agremiação amadora da vizinha cidade de Betim, a disputa apontava que o circuito varzeano e as disputas próprias de uma cultura esportiva popular⁴⁶ seriam espaço propício para a retomada da prática do futebol de mulheres. Ao longo de 1978, certames do tipo seriam registrados em Belo Horizonte, como na comemoração do 32º aniversário do Bonsucesso (Classista, festivais e amistosos movimentam a várzea hoje e amanhã, 1978) ou na festa do Maravilha, do bairro Santa Maria⁴⁷, onde se enfrentaram os times femininos do Maravilha e do Flamengo (CEMIG vibra com seu torneio início, 1978).

As iniciativas de organização de partidas femininas pontuais em meio a festivais de entidades varzeanas eram a primeira demonstração da retomada da prática do futebol pelas mulheres. Elas evidenciavam a existência de uma rotina de treinos ou de disputas de menor visibilidade, difícil de ser documentada. Se a vivência ocasional da modalidade já era possível, o próximo passo seria a maior organização para que, assim como os homens, elas pudessem se engajar na manutenção de um calendário ininterrupto de fins de semanas com jogos.

Enquanto as mulheres experimentavam cada vez mais a modalidade em Belo Horizonte, no contexto esportivo nacional, a interdição à prática feminina do futebol era revista pelo Conselho Nacional de Desportos que estabeleceu, em dezembro de 1979, a remoção da proibição. Seus efeitos, no entanto, eram condicionados à regulamentação da entida-

⁴⁶ Aira Bonfim aponta que as primeiras disputas de futebol entre equipes femininas no início do século XX se deram justamente durante festivais esportivos. (Bonfim, 2019)

⁴⁷ Bairro de ocupação recente, em meados do século XX, o Santa Maria teve seus loteamentos aprovados em 1970. Situado na parte noroeste da cidade, nas proximidades da divisa com o município de Contagem, às margens da BR-040. (Arreguy; Ribeiro, 2008)

de internacional, no caso a FIFA. Portanto, mesmo sem uma vedação expressa, a modalidade seguia não reconhecida (Silva, 2015).

Nesse período, já se identificava a formação de equipes femininas associadas aos clubes varzeanos. O caso mais notório foi o do Panterloco que, como indicava reportagem:

A equipe de futebol feminino do Panterloco Esporte Clube, do bairro Concórdia – a filial do Inconfidência (o time feminino tem outro nome – (sic) participou no último domingo de um festival esportivo de aniversário do Novo Oriente, do bairro Serrano. [...] Oficialmente, o Panterloco foi lançado no dia 15 de agosto de 78 (embora já existisse extraoficialmente há mais de quatro anos). (Mais um time de futebol feminino, 1980, p. 18)

Em outra reportagem, foram indicadas novas informações sobre a constituição do time:

O Paterloco (sic), do bairro Concórdia, tem uma história: foi o primeiro a adotar o futebol feminino em Minas, muitos anos antes de sua legalização. Primeiro era apenas uma brincadeira de fins de semana: as moças se reuniam e faziam um animado jogo entre (sic) casadas e solteiras. Depois fundou-se dois times (do mesmo bairro), Panteras e Locomotivas. Em 78, fundiu-se num só, o Panterloco, que tem diretoria independente (sic) (o presidente e também técnico é Péricles Gonçalves Filho). (Panterloco, o pioneiro do futebol feminino, 1983, p. 30)

A presença do retrato da equipe do Panterloco nas páginas do Diário da Tarde significava a veiculação de uma imagem inédita para o *circuito* varzeano:

Figura 2 – Equipe do Panterloco, 1980.



Fonte: Notícias da Várzea. Diário da Tarde, Belo Horizonte, p. 16, 29 de outubro de 1980b.

A trajetória do Panterloco evidencia inúmeros aspectos do desenvolvimento do futebol de mulheres. A começar pela precocidade da prática, a qual se iniciou muitos anos antes da própria constituição do clube, ou seja, ainda na primeira metade da década de 1970. Começando por jogos festivos, como as partidas casadas x solteiras, as integrantes foram lentamente avançando até a constituição de duas equipes que, por fim, se fundiram, no final de 1978, para a criação da agremiação. Ou seja, toda uma trajetória que se deu ao longo do período da proibição.

A imagem posada do time também é reveladora do perfil, se não de todas as mulheres que compunham a equipe, ao menos daquelas que competiam nas principais disputas. Duas características saltam aos olhos: a juventude e a negritude das atletas. Originárias do bairro Concórdia⁴⁸, região de forte tradição operária e popular, com notáveis expressões da cultura afro-brasileira local, como escolas de samba, guardas de congado e terreiros de candomblé (Arreguy; Ribeiro, 2008), as carac-

⁴⁸ A Vila Concórdia foi a primeira vila operária criada em Belo Horizonte, no final dos anos 1920. Para lá foram transferidos antigos moradores do Barro Preto e de áreas desocupadas no que se tornariam os bairros de Lourdes e Santo Agostinho. (Arreguy; Ribeiro, 2008)

terísticas étnicas das atletas articulam-se com a trajetória da comunidade do lugar. Sua pouca idade igualmente aponta para condições do engajamento esportivo feminino e para as dificuldades da manutenção da prática na idade adulta, com as imposições do trabalho, tanto fora de casa, quanto no ambiente doméstico, com poucas oportunidades de tempo livre.

Outro aspecto de destaque é a vinculação com os clubes estabelecidos no circuito varzeano, havendo uma relação dúbia entre eles e os times de mulheres. Se, por um lado, o Panterloco e outras equipes femininas se aproveitavam de campos e vestiários, por outro, ainda que vestissem as camisas das agremiações, o futebol de mulheres era quase sempre entendido como um projeto à parte, como demonstra a memória social sobre o tema⁴⁹. Durante a realização dos festivais do Panterloco essa distinção ficava clara, uma vez que eram eventos de meio dia, apenas pela manhã, o que demonstrava que as integrantes da entidade, mesmo em uma ocasião tão especial, não tinham condições de conseguir o acesso integral ao espaço de jogo (Panterloco faz festa, 1982).

Em meio ao sucesso da Ferroviária durante a Copa Arizona, uma equipe feminina seria criada no clube, como relataram suas integrantes ao Diário da Tarde:

Apesar de proibição de futebol feminino no Brasil, alguns clubes mesmo assim o pratica (sic). E BH não foge à regra. Há pouco mais de um mês, foi fundado um time feminino. É Márcia Cristina, um dos destaques da equipe, quem explica: “De repente deu uma vontade louca em todas nós de fundar (sic) este time. Além de gostarmos muito de futebol, somos torcedoras de clube”.

Este clube é a Associação Ferroviária de Esportes, do bairro São Cristóvão. Uma agremiação muito conhecida no futebol varzeano de BH e da Região Metropolitana. [...]

O time feminino da Ferroviária: Isabel, Verinha, Rosa, Simone e Rita; Vânia, Loura e Márcia; Lucrécia, Roseli e Aninha. [...]

A idade média do time é de 18 anos. Todas as jogadoras acharam ótima a iniciativa de formar uma equipe feminina. (Futebol feminino, nova atração da Ferroviária, 1980, p. 18)

⁴⁹ Os times femininos são lembrados, em regra, como iniciativa de um núcleo autônomo que representava o clube sem integrá-lo efetivamente. (Oliveira; Gomes; Diniz, 2017; Soares, 2016; Vieira; Magalhães Junior; Silva; Herculano, 2017)

Das arquibancadas para o campo, a equipe de mulheres da Ferroviária originou-se da torcida feminina do clube. Verinha, Loura e Aninha, agora integrantes do time, foram algumas das aficionadas destacadas na reportagem do ano anterior, sobre o Dragão Vermelho.

Da mesma forma que nas agremiações varzeanas, das torcidas do profissionalismo originavam-se times femininos, a exemplo do Camisa 12, formado por apoiadoras do Cruzeiro. Já em 1981, a equipe viajava pelo interior, enfrentando selecionados locais (O futebol das mulheres, 1981). Excursões eram uma das formas das equipes de mulheres se manterem ativas. Elas também participavam de festivais (Notícias da Várzea, 1980b) e amistosos (Coordenação convoca Paulinho e Ilacir da Ferroviária, 1981), criando, assim, um calendário ininterrupto de fins de semanas com jogos.

A falta de uma regulamentação do futebol de mulheres que, apesar de ter tido a proibição suspensa, não tinha previsão oficial de existência, impedia a realização de competições chanceladas. Da mesma forma, impunha barreiras às agremiações do circuito de espetáculo para a criação de equipes femininas⁵⁰, as quais se vinculavam a elas por meio de subterfúgios, a exemplo da Camisa 12 do Cruzeiro, que recorria a uma torcida organizada, e do time da Vila Olímpica do Atlético, que se associava ao clube de lazer da entidade (Notícias da Várzea, 1982a).

Mesmo sem a regulamentação do futebol de mulheres no país, competições do gênero começaram a ser disputadas. Coube ao Centro Social e Urbano do Eldorado, na cidade de Contagem, a promoção do primeiro campeonato metropolitano de futebol feminino que contou com nove times e teve a equipe do Camisa 12 como campeã (Notícias da Várzea, 1982c). No final de 1982, a competição teve sua segunda edição vencida pelo Benfica que enfrentou o Panterloco na final (Notícias da Várzea, 1982e; Notícias da Várzea, 1983e).

No início do ano seguinte, o futebol de mulheres avançava e ganhava novos palcos, dando a ver o rápido desenvolvimento por que passava. Como informou o Diário da Tarde:

⁵⁰ Giovana Capucim cita tentativas de criação de times femininos por clubes profissionais. (Silva, 2015)

O Camisa 12, que antontem jogou no Mineirão, fazendo a preliminar de Cruzeiro e Guarani – tornou-se o primeiro time feminino a se exibir naquele estádio – vai participar no Rio de um campeonato brasileiro, promovido pelo Radar. O Camisa 12 é um dos pioneiros na prática de futebol feminino. Foi campeão invicto da Taça Torneio do Povo, promovido em 82 pela Belotur e pela Prefeitura de BH, com a participação de 49 equipes. (Notícias da Várzea, 1983c, p. 18)

A equipe do Camisa 12 ganhava destaque por superar novas fronteiras para o futebol de mulheres. O time, que dois meses antes havia atuado em uma promoção beneficente ao lado da Associação de Garantia ao Atleta Profissional (AGAP), quando enfrentaram, respectivamente, uma seleção feminina e uma masculina de artistas no estádio Independência (Notícias da Várzea, 1983a), agora jogava no Mineirão. A notícia transcrita acima ainda se referia ao torneio feminino feito pela Prefeitura, com dezenas de times e aos preparativos do clube para o primeiro torneio nacional da modalidade.

Tudo isso ocorreu na semana que antecedeu à regulamentação do futebol de mulheres no país, cuja liberação, após posicionamento da FIFA, foi publicada em 11 de abril de 1983, estabelecendo a modalidade, inicialmente, como de caráter amador (Futebol feminino, I Mundial no Brasil, 1983). Sem a barreira imposta pelos órgãos oficiais, tudo levava a crer que um rápido desenvolvimento seria experimentado. Notícias como o sucesso na realização do I Torneio de Futebol Feminino, no Rio de Janeiro, com equipes de quatro estados diferentes (Notícias da Várzea, 1983d), e o jogo entre o Camisa 12 e o Bangu no Maracanã, como preliminar da disputa masculina entre Flamengo e Corinthians (No maracanã, as meninas do Camisa 12, 1983), reforçavam essas expectativas.

A partir da liberação, o Atlético oficializou a criação do seu time feminino, usando como base o Benfica, campeão do segundo campeonato metropolitano (Na preliminar, a versão feminina, 1983), e agregando atletas da Vila Olímpica. A equipe ainda seria acusada de tentar a contratação da principal jogadora do Camisa 12, a atacante Nunes. Ela, contudo, já teria estabelecido um acordo com o Cruzeiro que “se compromete a dar-lhe assistência médica, hospitalar e material esportivo, além de ajuda de custo, cujo valor é mantido em segredo, Nunes recebeu do Camisa 12 um

adiantamento de Cr\$ 20 mil⁵¹, como luvas” (Notícias da Várzea, 1983f, p. 18). Assim como na várzea, o estatuto amador não implicava na ausência de vantagens financeiras.

Com o atrativo da reprodução das rivalidades do futebol espetáculo, vivenciava-se a expectativa da organização da primeira competição oficial da modalidade no estado. Considerando-se seu caráter amador, coube ao Departamento de Futebol Amador da FMF a realização da competição que ainda contaria com a promoção do Diário da Tarde (Atlético, Cruzeiro e América vão disputar o futebol feminino, 1983). Enquanto se desdobravam as inscrições, foi realizada a primeira partida feminina oficial, com árbitros do quadro do Departamento de Futebol Amador, entre Panteras (antigo Panterloco) e Santa Cruz (Federação programa o primeiro jogo oficial de futebol feminino, 1983). Ao final, a competição contou com cinco equipes do interior, além de 11 clubes da capital (Na quarta, o arbitral do feminino de futebol, 1983). A decisão entre Atlético e Cruzeiro, vencida pelo primeiro, renderia extensa cobertura (Deu Galo também entre elas, 1983) e destaque na primeira página (Galo, 1º campeão feminino, 1983).

No ano seguinte, em 1984, seria realizado o I Campeonato Municipal de Futebol Feminino, dessa vez, organizado por um Departamento Feminino, criado na Federação Mineira de Futebol. A participação se restringia às equipes filiadas ao Departamento de Futebol Amador, sem o envolvimento dos times ligados aos clubes profissionais (FMF distribui dinheiro e isenta clubes de taxa, 1984). Rebatizado de campeonato amador feminino, a disputa contou com seis equipes de Belo Horizonte (Notícias da Várzea, 1984).

Apesar do bom desenvolvimento, o futebol de mulheres encararia desafios para sua afirmação, demonstrados já nos anos iniciais de sua retomada. Discursos sobre a violência do esporte e os riscos a que jogadoras se expunham estavam presentes (No clássico feminino, violência e vitória do Galo, 1983). Se por um lado, observava-se a fundação de equipes focadas exclusivamente na prática atlética, por outro, iniciati-

⁵¹ Valor correspondente a pouco menos de um salário mínimo do período, cotado a Cr\$ 23.568,00. (BRASIL, 1982).

vas que exploravam comercialmente a imagem feminina, desvinculada do jogo, também eram identificadas. Foi o caso do Belô Esporte Clube que, nas palavras de seu diretor, Walter Lage:

- “Esse time é muito interessante e diferente. Possuímos (sic) três equipes femininas. Uma, de competição, com 26 jogadoras, que está disputando o Torneio “Léia Campos”. E duas de exibição apenas, praticando um “futebol-show”. São integradas por meninas de visual agradável. São quase quarenta meninas. O objetivo então é dar ao público um futebol divertido, de exibição (Belô tem planos para motivar o futebol feminino, 1983, p. 34).

A proposta de “um futebol divertido, de exibição”, “com meninas de visual agradável”, sem paralelo entre os homens, podia ser colocada, no mínimo, no campo do exótico, não trazendo contribuições à modalidade. No contexto varzeano, equipes femininas ainda enfrentavam a disputa de horários pelo uso dos campos. Entendido, em muitos casos, como projeto a parte, o futebol de mulheres, por vezes, seria preterido às categorias menores ou aos times “amadores”, vendo-se impossibilitado de manter um espaço de treinamento⁵².

Se, por um lado, a proibição imposta a partir de 1941 havia sido derrubada, por outro, as operações de generificação que afirmavam que o corpo feminino não era adaptado ao jogo e que aquela modalidade não se enquadrava aos padrões de feminilidade estavam longe de serem superadas. Ao longo dos anos 1980, apesar do começo promissor, as iniciativas do futebol de mulheres acabariam se escasseando, com a descontinuidade de competições e de equipes recém-fundadas.

Por meio desse breve panorama, buscou-se aqui apontar como, ao longo da conformação do *circuito* da várzea em Belo Horizonte, questões de gênero estiveram em pauta. Muito longe de serem aspectos naturais da experiência esportiva, baseados exclusivamente em fatores físicos, as inserções de grupos etários masculinos que fugiam ao padrão prevalente de virilidade, atribuído ao homem adulto jovem, dependeu de aspectos conjunturais que se transformaram ao longo do processo. Os debates sobre a socialização futebolística, a formação de atletas para o futebol

⁵² Pasta da A.E. Tupinambás no Departamento de Futebol Amador. Acervo do Departamento de Futebol Amador da Capital / Federação Mineira de Futebol.

espetáculo e a prevenção do uso e abuso de drogas foram temas que atravessaram a vivência de crianças e adolescentes. Na mesma medida, a liminaridade imposta à condição do veterano tensionava discursos médicos, transição do profissionalismo de volta ao amadorismo e o desejo de homens mais velhos de se manterem integrados à prática competitiva do jogo.

No que se refere à experiência feminina, deve-se ressaltar que essas nunca foram ausentes das agremiações varzeanas, uma vez que, desde a conformação desse *circuito*, encontraram abrigo, especialmente, nos departamentos sociais, responsáveis pelas festividades e atividades comunitárias dos clubes. Contudo, por muito tempo, se viram apartadas da prática ativa do futebol, o que era respaldado não apenas pela proibição, mas também por visões generificadas que delimitavam os espaços destinados à mulher.

Foi no *circuito* da várzea que a constituição de equipes femininas de maior duração encontrou espaço, já em um contexto de enfraquecimento da proibição, como bem demonstra o exemplo do Panterloco, time feminino criado em meados dos anos 1970. Foi ainda no âmbito do futebol amador que as primeiras competições disputadas por mulheres aconteceram. Apesar desse pioneirismo, não se pode afirmar que era um meio em que as contradições de gênero estavam superadas, como ficou demonstrado pelo rápido arrefecimento do surgimento inicial de times femininos.

O apontamento de como essas questões atravessaram o *circuito* do amadorismo buscou aqui demonstrar a complexidade desse microcosmo no contexto urbano nacional. Em meio aos fins de semanas ocupados por jogos, uma série de disputas ocorria (e ocorre) dentro e fora de campo, dando a ver inúmeras contradições que permeiam o cotidiano popular das grandes cidades. Em sua aparente simplicidade, a várzea é uma inusitada janela para se pensar a realidade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 5º ANIVERSÁRIO DO NATAL FC. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 2º caderno, 20 de dezembro de 1962;
- A FLORESTA DESCERÁ EM PESO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 28 de junho de 1949.
- A MELHOR “CRACK” DA ALBANIA É UMA LINDA JOVEM DE 20 ANOS. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 19 de fevereiro de 1954.
- A MULHER ENTRANDO EM CAMPO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 2 de outubro de 1984.
- A RODADA DE AMANHÃ SAI HOJE NO PALÁCIO DO RÁDIO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 17, 22 de abril de 1978.
- ACONTECIMENTO DE REALCE NAS ATIVIDADES DO FUTEBOL AMADOR. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 28 de maio de 1951.
- AGAP: uma grande vitória dos profissionais em 77. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 17, 24 de dezembro de 1977.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1940)*. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 43.
- ALERTA GERAL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 13, 19 de junho de 1982.
- ALMEIDA FILHO, José Fernandes de [61 anos]; DIAS, José Gonçalves [77 anos]; ALMEIDA, Tadeu Felipe Fernandes de [27 anos]. [mar. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 12 mar. 2016.
- ALÔ! ALÔ! *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 1º de abril de 1977.
- ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, polo y tango en la Argentina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Deldragón, 2016.
- ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão (coord.) *Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Noroeste*. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade, 2008.
- ATLÉTICO, CRUZEIRO E AMÉRICA VÃO DISPUTAR O FUTEBOL FEMININO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 29 de junho de 1983.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013, p. 189-220.
- BELÔ TEM PLANOS PARA MOTIVAR O FUTEBOL FEMININO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 34, 25 de julho de 1983.
- BETIM FAZ FESTA COM FUTEBOL DE MULHERES. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 20, 31 de dezembro de 1977.
- BONFIM, Aira Fernandes. Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à

proibição (1915-1941). 2019. *Dissertação* (Mestrado em História) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL. *Decreto nº 87.743*, de 29 de Outubro de 1982. Fixa novos níveis de salário-mínimo para todo o território nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-87743-29-outubro-1982-437988-publicacaooriginal-1-pe.html>

CEMIG VIBRA COM SEU TORNEIO INÍCIO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 11 de novembro de 1978.

CLASSISTA, FESTIVAIS E AMISTOSOS MOVIMENTAM A VÁRZEA HOJE E AMANHÃ. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 19, 28 de outubro de 1978.

COELHO, Márcio Antônio [62 anos]; VALE, Bertolino do [63 anos]; JESUS, Gardoni Miguel de [52 anos]; MONTEIRO, Cristiano Fernandes [44 anos]. [mai. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 2 mai. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS. *Deliberação nº 7*, de 7 de agosto de 1965. Disponível em: <http://cev.Org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>. Acesso em: 13 de setembro de 2020.

COORDENAÇÃO CONVOCA PAULINHO E ILACIR DA FERROVIÁRIA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 11 de novembro de 1981.

CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Coord.). *História da virilidade - volume 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Leda Maria da. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 13, Rio de Janeiro, p. 493-507, 2017.

DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set.-dez. 2018, p. 49

DEU GALO TAMBÉM ENTRE ELAS. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 29, 19 de dezembro de 1983.

DT-DEBATES – A discriminação da mulher. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 13 de março de 1978.

ELA SABE DIRIGIR UM SALÃO DE BELEZA. E um clube de futebol. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 33, 14 de março de 1977.

ESTA É A TABELA DO FUTEBOL DOS MENINOS. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 15, 15 de maio de 1970.

FALTA UM SEMIFINALISTA NO CLASSISTA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 19, 5 de setembro de 1978.

FEDERAÇÃO PROGRAMA O PRIMEIRO JOGO OFICIAL DE FUTEBOL FEMININO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 16, 8 de julho de 1983.

FERROVIÁRIA ESPORTIVA: um time que está brilhando na Copa este ano. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 21, 9 de maio de 1979.

- FLORENZANO, José Paulo. *Afonsinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora, 1998, p. 31-43.
- FMF DISTRIBUI DINHEIRO E ISENTA CLUBES DE TAXA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 16, 5 de janeiro de 1984.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, São Paulo, p. 315-328, 2005.
- FRYDENBERG, Julio. *Historia social del fútbol*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.
- FUTEBOL FEMININO, I MUNDIAL NO BRASIL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 13 de abril de 1983.
- FUTEBOL FEMININO, NOVA ATRAÇÃO DA FERROVIÁRIA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 23 de julho de 1980.
- GALO, 1º CAMPEÃO FEMININO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 19 de dezembro de 1983.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 185-213.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v.19, n. 2, São Paulo, p.143-151, jun. 2005.
- GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, EDUFF, 1998.
- GUEDES, Simoni Lahud. A construção do corpo masculino nas escolinhas de futebol. In: GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, EDUFF, 1998, 117-136.
- LAGE, Márcia. Luta secular da mulher contra a discriminação. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 10, 25 de setembro de 1977.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LIMA, Márcio Rodrigues de [68 anos]. [jan. 2018]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 13 jan. 2018.
- LIMA, Veiga. COLUNA DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 2 de setembro de 1964.
- LINHALES, Meily Assbú. A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos. 1996. *Dissertação* (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996, p. 157-160.
- LOLITA. Cantinho Feminino Esportivo. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 11 de julho de 1953.
- LOLITA. Chutes de Eva. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 11, 29 de julho de 1953.

MAIS UM TIME DE FUTEBOL FEMININO: o Panterloco. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 7 de novembro de 1980.

MAJORADAS AS TAXAS DA LES. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 30 de dezembro de 1949.

MINEIRAS LUTAM pela anistia e pelos direitos da mulher. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 3, 9 de março de 1978.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n. 2. Campinas, SP, p. 73-86, jan. 2005.

MYSKIW, Mauro. Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

NA PRELIMINAR, A VERSÃO FEMININA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 7 de maio de 1983.

NA QUARTA, O ARBITRAL DO FEMININO DE FUTEBOL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 5 de agosto de 1983.

NO CLÁSSICO FEMININO, VIOLÊNCIA E VITÓRIA DO GALO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 30, 25 de julho de 1983.

NO MARACANÃ, AS MENINAS DO CAMISA 12. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 11, 16 de abril de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 26 de março de 1980.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 16, 29 de outubro de 1980.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 30 de janeiro de 1982.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 12 de fevereiro de 1982.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 25 de março de 1982.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 12, 9 de outubro de 1982.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 4 de novembro de 1982;

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 18 de janeiro de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 28 de janeiro de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 5 de abril de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 8 de abril de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 12 de abril de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 6 de maio de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 33, 30 de maio de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 13 de março de 1984.

NOVA EXIBIÇÃO DO RAPOSÃO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 18 de maio de 1950.

O D.F.A. NÃO CUIDA DO FUTEBOL JUVENIL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 4 de maio de 1949.

O EDIS VAI ENFRENTAR O PANAIR. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 2 de agosto de 1952.

O FUTEBOL DAS MULHERES. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 15, 18 de setembro de 1981.

O LIMITE MÁXIMO DE IDADE PARA ATLETA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 13 de julho de 1950.

OLIMPÍADA DA CATÓLICA, UM TORNEIO DE TODOS OS ESPORTES. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 21, 21 de junho de 1979.

OLIVEIRA, José Pimenta Gomes de [71 anos]; GOMES, Pedro Pimenta [65 anos]; DINIZ, Marco Antônio [60 anos]. [fev. 2017]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 8 fev. 2017;

OTACÍLIO MOSTRA O QUE ESTÁ FAZENDO PELO FUTEBOL AMADOR. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 16, 12 de novembro de 1980

PANTERLOCO FAZ FESTA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 3 de janeiro de 1981;

PANTERLOCO, o pioneiro do futebol feminino. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 30, 18 de abril de 1983.

PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2009, p. 58;

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005

PEREIRA, Rosalvo Conceição [78 anos]. [mar. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 29 mar. 2016.

PILLON, Thierry. Virilidade operária. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (coord.). *História da virilidade – volume 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 391.

PIMENTA, Carlos Roberto [60 anos]. [mai. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 13 mai. 2016;

QUEM FAZ esporte não puxa fumo. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 17, 25 de julho de 1977.

QUINZE MIL mulheres na luta pela anistia. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 10, 24 de outubro de 1977.

- RIBEIRO, Laudelino Gonçalves [85 anos]; ARAÚJO, João Batista [67 anos]. [abr. 2017]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 22 abr. 2017.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola, as ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Rio de Janeiro: Drible de Letra/Multifoco, 2018, 211-217.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). *Mosaico*, v. 9, n. 14, Rio de Janeiro, p. 48-69, 2018.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. A várzea e a metrópole: Futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989). *Tese* (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2021.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957). *Tempo*, v. 29, n. 2, Rio de Janeiro, p. 86-106, mai. 2023.
- RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia Garcia; THEIL, Larissa Zanetti; AMARAL, Marcela. Notas sobre o futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, mai. 2008.
- RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira*. Pelotas, RS: UFPEL, Editora Universitária, 2004.
- SÁ, Nival Dias de [64 anos]. [mar. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 29 mar. 2016.
- SANTOS, Ademilson dos [45 anos]; MATIAS, Valter Matos de [59 anos]. [jan. 2018]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 24 jan. 2018.
- SCHETINO, André Maia. Os gigantes e as multidões: estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965). 2014. *Tese* (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade* (Porto Alegre). v. 20, n. 2, p. 71-99, jul-dez 1995.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p.77-98, 2005.
- SILVA, Giovana Capucim e. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. *Dissertação* (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SILVA, Maria da Conceição [89 anos]; COSTA, Eliana da Conceição [62 anos]; PEREIRA, Carlos [51 anos]. [mar. 2017]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 10 mar. 2017;

SILVA, Nilton Graciano da [81 anos]. [ago. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 21 ago. 2016.

SILVA, Roberta Pereira da. Campo de terra, campo da vida: Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube. 2017. *Dissertação* (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SOARES, Claudio Henrique [64 anos]. [ago. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 19 ago. 2016.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil em ação! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 83-84.

SOUZA, Elias de [70 anos]; ISAAC, José [73 anos]; ISAAC, João [70 anos]. [fev. 2017]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 19 fev. 2017.

SOUZA, Sebastião Bento de [75 anos]; SANTOS, Helder Gonçalves dos [55 anos]. [abr. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 15 abr. 2016.

SPAGGIARI, Enrico. *Família joga bola: Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. *Movimento*, Porto Alegre, v. 4, n.7, p.52-66, 1997.

TÉCNICOS da várzea vão ouvir coutinho. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 21, 28 de junho de 1979.

TITULOS conquistados pelo santa teresa. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5 e 7, 27 de maio de 1950.

TORNEIO “Elio Mosci”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 4 de agosto de 1950.

UM GRANDE torneio de garotos. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 1º de fevereiro de 1980.

UMA ESPERANÇA para jovens delinquentes. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 30 de junho de 1976.

UMA PSICÓLOGA dirige o time do Minas-Forte. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 17, 29 de março de 1978.

VEADO, Lucia. Secção feminina. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 14 de fevereiro de 1951;

VIEIRA, Alúcio [60 anos]; MAGALHÃES JUNIOR, Márcio [30 anos]; SILVA, Nilton Pereira da [58 anos]; HERCULANO, Leonardo [30 anos]. [ago. 2017]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 10 ago. 2017.

Capítulo 7

NEGOCIAR FEMINILIDADES E PERTENCIMENTOS POR MEIO DO FUTEBOL DAS ADVOGADAS: SENTIDOS E FRONTEIRAS E NA PRÁTICA ESPORTIVA COMUNITÁRIA DE MULHERES ADULTAS

Mariana Zuaneti Martins

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Samara Ventureli Furtado

Licenciada pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Edinalva Brito Gomes

Comissão de Direito Desportivo da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/ES)

Sâmara Sena Araujo Franca

Licenciada pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

INTRODUÇÃO

Se, no Brasil, o futebol organiza simbolicamente os imaginários da nação, e, neles, as mulheres foram historicamente excluídas e silenciadas dessas representações (Rial, 2013). O esporte mais praticado no país se constitui como uma das últimas áreas de sociabilidade reservada aos homens e, por isso, serve como espaço privilegiado para manifestação e afirmação de uma masculinidade viril e agressiva, que vem se tornando repudiada socialmente em outros contextos (Dunning, 1986).

A anulação simbólica e as barreiras culturais e históricas à presença de mulheres no futebol, como a invisibilidade e proibição da prática, entretanto, não significaram sua inexistência (Goellner, 2005). Ao longo do século XX e XXI, as mulheres praticaram e praticam futebol, seja de forma clandestina, precária ou invisibilizada, desafiando os discursos culturais que as afastam desse esporte (Kessler, 2015; Martins; Reis, 2020; Silva, 2015; Soares de Almeida, 2016). Por outro lado, essa resistência não anula o enorme abismo de gênero nas oportunidades de participação e engajamento no futebol. Enquanto 57% dos homens brasileiros que praticam esporte têm o futebol como atividade física, menos de 6% das mulheres brasileiras se envolvem nessa modalidade esportiva, de modo que os homens representam 94% de quem joga futebol no Brasil (Martins; Silva; Vasquez, 2021). Essa desigualdade de participação está relacionada aos discursos culturais de gênero, que ainda afirmam o esporte e, em particular, o futebol, como produtor de masculinidades (Dunning, 1986; Messner, 2010).

Esse cenário está mudando. Acontecimentos recentes como a Copa do Mundo de Futebol Feminina transmitida nos canais abertos de televisão no Brasil e a existência de equipes femininas nos clubes tradicionais do futebol contribuíram para que o interesse e a visibilidade do futebol de mulheres ganhassem repercussão no Brasil. O início do processo de espetacularização do futebol de mulheres repercutiu no fomento a projetos e equipes amadoras dessa modalidade, criando ou ampliando um circuito comunitário desse futebol, o que não ocorre, ainda, sem que existam barreiras.

Considerando esse cenário, o objetivo desse capítulo foi compreender os sentidos do futebol comunitário de mulheres adultas, como espaço onde elas negociam pertencimentos, gênero e direito ao lazer diante de um contexto esportivo bastante masculinizado. Com isso, evidenciamos os desafios e oportunidades enfrentados por essas mulheres ao praticarem futebol, destacando o agenciamento delas diante da concorrência de tempo com a carreira, da vigilância de seus corpos, das responsabilidades domésticas, assim como os sentidos que o esporte adquire em suas vidas.

O primeiro capítulo, a seguir, aborda os estudos de gênero e como eles contribuem para que compreendamos o futebol como uma área de reserva masculina, na qual mulheres necessitam negociar gênero e feminilidades para participar. Na sequência, discutimos a particularidade da matriz comunitária no futebol de mulheres. Em terceiro lugar, evidenciamos a metodologia do estudo, para, na sequência, apresentar os temas nos quais categorizamos os resultados. Por último, esboçamos nossas considerações finais.

FAZER, DESAFIAR E NEGOCIAR GÊNERO NO FUTEBOL

O cenário de desequilíbrio nas oportunidades de participação entre os gêneros no futebol permite caracterizá-lo como um espaço social para reprodução de masculinidades no país (Dunning, 1986; Messner, 2010; Monteiro, 2003). Todavia, a resistência das mulheres ao longo do tempo aponta para o desafio desse cenário. Segundo Cláudia Kessler (2015), o futebol tem sido um espaço para mulheres contestarem esses discursos culturais e expressarem gênero, desafiando as normas da feminilidade heteronormativa.

As lentes dos estudos de gênero nos ajudam a compreender que a organização da diferença socialmente percebida entre sexos é construída histórica e culturalmente (Scott, 1995). Os mecanismos que produzem aquilo que entendemos como masculino são os mesmos que diferenciam o feminino, processo esse que é atravessado por relações de poder, constituindo desigualdades de oportunidades e de recursos para os gêneros (Louro, 1999; Meyer, 2003).

Ademais, podemos considerar que o comportamento do corpo sexuado, por mais rotinizado e “natural” que pareça, é “produzido e imposto por práticas reguladoras da coerência de gênero (...), [sendo] uma identidade [que] é performativamente construída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados” (Butler, 1990, p. 48). A coerência da matriz de gênero refere-se à expectativa de linearidade entre o construto denominado como sexo (macho ou fêmea), a expressão de gênero (entendida em termos binários, como masculino e feminino) e o desejo heterossexual

(Butler, 1990). Para Butler (1990), não temos gênero, mas fazemos gênero ao reiterarmos, em nossas práticas e nossos discursos cotidianos, a norma dessa matriz. Como prática cotidiana, por outro lado, está sujeita a incoerências e desvios.

Nessa leitura, por sua vez, gênero não é um “papel” que alguém assume ou absorve na infância; é um processo multilateral e social, que é parte das interações e ações cotidianas, das instituições e do universo simbólico que nos rodeia (Messner, 2010). Mais do que uma identidade fixa, gênero se faz por meio de uma ação rotineira, performativa, na qual não só reiteramos suas normas, como também negociamos, transgredimos, resistimos e refratamos (Butler, 1990). A performatividade de gênero, por essa via, é recheada de perturbações, baseadas em relações de poder, materializadas nos discursos, códigos, práticas e instituições. Este poder produz não somente corpos, mas discursos sobre comportamentos “apropriados” ou “não apropriados”, classificando corpos e definindo hierarquias e normas, constituindo pedagogias de gênero, que circulam em diversas instituições sociais (Louro, 1997, p. 24).

Nesse sentido, fazemos gênero através de nossas interações sociais no cotidiano. “Fazer gênero”, de acordo com West e Zimmerman (2009), é criar e referendar as diferenças entre o que se entende socialmente por homem e por mulher, por meio das nossas interações e práticas sociais, um processo eminentemente cultural. O esporte contribui para fazer gênero no cotidiano, ao enfatizar que há diferenças substanciais entre homens e mulheres, tornando os primeiros mais fortes, velozes, potentes e competitivos, naturalizando essas características, fazendo-as parecer inevitáveis e não questionáveis (Deutsch, 2007). Fazer gênero, então, é uma performatividade cotidiana, cuja repetição cria o aspecto de materialização e naturalização das diferenças e hierarquias (Butler, 2011). A feminilidade normalizada, que assume características socialmente estereotipadas como femininas, é uma forma de fazer e materializar gênero em nossa sociedade.

Nesse sentido, não é possível excluir possibilidades de transgressões e de subversões em identidades flutuantes de gênero, como é o caso da inserção de mulheres em uma “arena” considerada “masculina”, como

o futebol. Isso porque os discursos culturais associados à feminilidade enfatizam características como passividade, sensibilidade, delicadeza e fragilidade, que são antagônicas àquelas reconhecidas no esporte. Nessa via, Scraton *et al.* (1999) destacam a complexidade com que feminilidades e sexualidades se manifestam quando mulheres adentram os ‘esportes masculinos’ (Scraton, Fasting, Pfister e Bunuel, 1999). O esporte se constituiu, historicamente, como um espaço de validação de uma masculinidade relacionada à virilidade, força, competitividade e violência – aspectos esses que reafirmariam uma supremacia dos homens em relação às mulheres (Messner, 2010). Deste modo, com feminilidades desviantes, ao desafiarem essa norma de gênero, as mulheres que jogam futebol são estigmatizadas como masculinizadas e têm sua (hetero)sexualidade colocada sob suspeita (Silveira; Vaz, 2014; Soares de Almeida, 2016).

AS MATRIZES DA LINGUAGEM DO FUTEBOL NO BRASIL: ONDE ESTÁ O FUTEBOL PRATICADO PELAS MULHERES?

Para desviar dessas expectativas sociais em torno do feminino e do masculino, expondo a pluralidade possível de expressões de masculinidades e feminilidades, Kessler (2015) propõe a adoção do termo “futebol de mulheres”. A decorrência política dessa virada terminológica é também demonstrar que o uso do gênero no futebol feminino pode ter como efeito disciplinar que tipo de comportamento se espera das mulheres que se engajam nesse esporte. Como segunda decorrência, também expõe que o futebol que precisa ser adjetivado é aquele que “ainda não é”, menor, marcado por um discurso de ausências, sempre comparado ao “futebol”, aquele que não precisa ser completado e tem implícito que é o praticado por homens da matriz espetacularizada (Damo, 2007; Kessler, 2015).

Pensando na pluralidade de possibilidades de envolvimento com o futebol, Arlei Damo (2006) sugeriu a existência de uma estrutura comum entre as diferentes práticas da apropriação desse esporte que as identifica socialmente como a linguagem do futebol. A linguagem do futebol envolve um jogo entre duas equipes que perseguem objetivos idênticos

(fazer o gol, evitar tomar gol, ganhar o jogo), mas opostos, disputando a posse de uma bola. A interação é permitida, mas regulada, a partir de um conjunto de regras que define o espaço, o tempo e as ações, restringindo o uso das mãos com algumas exceções. Esta estrutura é presente na maioria das variações do futebol (como o futsal, *Society*, beach soccer e suas variações de rua), permitindo que falemos em futebóis (Damo, 2018). A partir dessa base, surgem quatro matrizes da prática: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar, além do futebol de mulheres.

O *futebol espetacularizado* é aquele que vemos na grande mídia, caracterizado pela forte divisão social do trabalho e profissionalismo, tanto dentro quanto fora do campo, com distinção entre jogadores e espectadores, além de uma rede de especialistas que incluem treinadores, fisiologistas, árbitros e dirigentes, todos contribuindo para transformar o jogo em um espetáculo midiático. O *futebol bricolado* é praticado de forma mais livre e improvisada, sem a rigidez das regras oficiais, geralmente em espaços informais como ruas, praias e campos improvisados, valorizando a criatividade e a espontaneidade, permitindo que os jogadores experimentem diferentes papéis e estilos de jogo. O *futebol comunitário*, também conhecido como futebol de várzea, é organizado em nível local e serve como uma importante atividade social, promovendo um senso de comunidade, com equipes frequentemente compostas por moradores locais que jogam pelo prazer e pelo espírito comunitário. Embora tenha uma estrutura organizacional mais definida do que o futebol bricolado, com dirigentes e técnicos, não possui a mesma profissionalização do futebol espetacularizado. Os jogos são realizados em ligas locais e são menos orientados pela mídia. O *futebol escolar* é integrado ao currículo de educação física e ocorre dentro do contexto educativo.

No caso do futebol de mulheres, Kessler (2015) sugeriu a existência de uma matriz diferente, denominada por ela como futebol participativo. Segundo a autora, ele é um híbrido entre de elementos da *matriz de futebol bricolada*, da improvisação e informalidade típica das “peladas”, e da *matriz de futebol comunitária*, do sistema organizado, mas não tão rígido quanto, e da busca por resultados. No futebol de mulheres participativo, as regras não são tão rígidas e variam conforme as situações

apresentadas e a organização muda de acordo com os elementos disponíveis. Há criatividade, improviso e indisciplina para conseguir realizar campeonatos e torneios diante da ausência de estrutura e compromisso (Kessler, 2015). Face à carência de outros projetos disponíveis e a escassez de recursos para o futebol de mulheres, o futebol participativo se constitui como um espaço comunitário que oportuniza o direito ao lazer para as jovens e adultas de um contexto social. Por essa razão, o futebol de mulheres participativo pode ser um espaço potente no qual as mulheres negociam gênero, pertencimentos e afetos diversos.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que busca compreender as experiências das mulheres que compõem uma equipe comunitária de futebol. Para encontrar tais mulheres, a pesquisa se desenvolveu junto ao núcleo/ às equipes de prática de futsal/ fut7 da Caixa de Assistência dos Advogados do Espírito Santo (CAAES), que possui equipes femininas desde 2021. Essas equipes são compostas de advogadas associadas a CAAES, que realizam treinamentos semanais visando à qualidade de vida e lazer, bem como representam a categoria nas competições esportivas entre advogados e em competições locais. Qualquer mulher advogada pode compor as equipes nucleadas em diferentes cidades da Grande Vitória e do interior capixaba.

As equipes de futebol Society de mulheres advogadas existem no Espírito Santo há cerca de 3 anos. Existiam outras equipes femininas de outros esportes anteriormente, assim como uma masculina de futebol Society. Hoje, as mulheres se dividem em 6 núcleos/ equipes, organizados de acordo com a cidade na qual atuam: Vitória, Vila Velha, Cariacica, Colatina, Linhares e Cachoeiro do Itapemirim. A maior parte das mulheres que compõem essas equipes tem até 32 anos, sugerindo uma participação ativa sobretudo no início da carreira profissional delas. Por outro lado, cerca de 10%, possui mais de 43 anos, indicando uma diversidade geracional entre elas. Além disso, um terço dessas mulheres possui filhos, ressaltando o equilíbrio desafiador entre a carreira profissional e a maternidade. No que diz respeito à orientação sexual, 62%

das participantes se identificam como heterossexuais, enquanto um terço se declara homossexual ou bissexual, refletindo a diversidade de orientações presentes entre elas. Quanto à composição étnica, a maioria das advogadas declara-se branca, entretanto, é importante mencionar que aproximadamente 15% delas são mulheres negras, evidenciando uma falta de representatividade que acompanha a da profissão, já que segundo dados da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), apenas 6% das advogadas no país são negras (Patriolino, 2023).

A produção dos dados ocorreu por meio da realização de um grupo focal. Segundo Oliveira e Freitas (2006 p. 327), o grupo focal “[...] propicia riqueza e flexibilidade na coleta de dados, em geral, não disponíveis quando se aplica um instrumento individualmente, além do ganho em espontaneidade pela interação entre os participantes”. Para o grupo focal, utilizaremos três blocos: i) história de vida relacionada às práticas corporais e ao esporte, a fim de conhecer experiências anteriores e dificuldades; ii) sua relação prévia com o futebol, seja como espectadora ou como praticante, a fim de conhecer, também, as razões pelas quais essas mulheres foram buscar um espaço para a iniciação na idade adulta; iii) sua experiência na equipe e a forma como elas percebem que a participação esportiva repercute na sua vida, a fim de explorar os diferentes sentidos e possibilidades que a prática do futsal está proporcionando, além da forma como elas percebem seu desenvolvimento na modalidade esportiva, bem como as dificuldades que estão visualizando. As participantes do Grupo Focal foram 6 atletas da equipe da cidade de Vitória. O quadro 1 sintetiza o nome fictício de cada participante (escolhido por ela mesma ao indicar uma personalidade do esporte que ela admirava) e as relações delas com o futebol.

Quadro 1 - Participantes da Pesquisa

Nome	Vínculo com futebol
Gabi Guimarães	Jogava futebol com o irmão desde criança, no interior. Voltou há 3 anos à equipe.
Marta	Jogava futebol com primos no interior; jogou durante a fase escolar e declinou na faculdade. Jogou handebol e sempre competiu. Não foi fazer teste em times porque família não deixou. Está na equipe há 2 anos.
Bernardinha	Jogava futebol com primos na rua. Não treinou em escolinha porque futebol não era “de menina”. Jogou handebol competitivo. Parou de treinar na faculdade. Voltou à equipe há 3 anos
Messi	Sempre praticou esporte, mas não treinava futsal. Só na escola e com primos. Só treinou nessa equipe.
Edmunda Animal	Jogava futebol com meninos na rua. Além disso, surfou, que também era considerado esporte “de homem”, que a família não deixava. Irmão do meio apoiava. Nunca foi de competir e não acompanha o esporte.
Nadia Comaneci.	Fez ginástica artística na infância e jogou no gol no futebol com as crianças na rua.

Fonte: elaboração das autoras.

Para a análise dos dados produzidos pelo Grupo Focal, utilizamos a análise temática reflexiva (Braun; Clarke, 2019) e organizamos os resultados em três temas distintos. O primeiro tema aborda as experiências daquelas para quem o esporte é um aspecto identitário e como as negociações de feminilidade permeiam essa identidade esportiva. O segundo trata das razões pelas quais essas mulheres se sentem pertencentes ao espaço esportivo, destacando o esporte como um ambiente de lazer, qualidade de vida e pertencimento social e profissional. Este tópico também explora como o esporte contribui para o reforço de aspectos da identidade profissional de advogadas. Por fim, o terceiro analisa como as participantes resistem a diversas questões que atravessam a prática esportiva e profissional. Isso inclui o enfrentamento de preconceitos e exclusões presentes no contexto profissional da advocacia, e como essas questões são refletidas e desafiadas na prática esportiva.

NEGOCIAÇÕES DE GÊNERO NO PERTENCIMENTO E IDENTIDADE NO FUTEBOL PARTICIPATIVO DAS MULHERES ADVOGADAS

As mulheres que compõem esse ambiente de prática comunitária de futebol vão buscá-lo em razão das experiências esportivas que tiveram ao longo da infância e da adolescência. O futebol, para a maioria delas, funciona como uma fonte de constituição identitária. Considerando a fluidez das identidades e a forma como elas são circunstancialmente acionadas e agenciadas (Hall, 2006), bem como os atravessamentos de gênero delas, o esporte transpõe negociações de gênero que se transformam ao longo da experiência de vida delas (Meyer, 2003). O esporte é uma prática generificada, influenciada por discursos culturais mais amplos que normalizam como as pessoas negociam suas feminilidades de maneiras localizadas e radicalmente contextualizadas, social e historicamente (Francombe-Webb; Toffoletti, 2018).

A inserção das mulheres no futebol está intrinsecamente ligada a um processo complexo de negociação de feminilidades, que se inicia na infância. A primeira grande negociação que essas mulheres precisaram fazer envolvia a sua própria entrada e permanência no esporte, um campo frequentemente marcado pela exclusão devido às normas culturais que associam o futebol à masculinidade. A maioria começou a jogar futebol na infância, como Marta, Bermardinha, Gabi Gumaraes e Edmunda, cujas experiências esportivas foram marcadas por jogar bola na rua com outros meninos. Segundo relatam Marta e Bernardinha:

Marta: Eu jogo futebol desde criança, desde que me entendo por gente. Venho de uma família muito grande, e a maioria dos meus primos da minha idade eram meninos. No interior, nossos domingos tinham um ritual muito claro: a gente passava a manhã com a família, almoçava todo mundo junto e, à tarde, ia jogar futebol até escurecer, até umas 7 horas da noite. A gente jogava descalço, era o futebol raiz mesmo. Foi assim a minha infância inteira. Na escola, eu continuei jogando futebol. Era uma coisa natural, fazia parte de quem eu era e do que eu gostava de fazer. No ensino fundamental, cheguei a ter a chance de fazer testes em alguns times, mas não fui. Não fui por causa do contexto familiar, daquela ideia muito presente de que futebol não era coisa de menina, e também pela falta de incentivo. Ninguém dizia explicitamente que eu não podia, mas também ninguém dizia que eu devia ir. Hoje, o futebol feminino tem muito mais visibilidade.

Uma menina de 12 anos que joga bem, que se destaca entre os meninos, tem mais caminhos possíveis, mais oportunidades. Na minha época, isso não existia da mesma forma. Então, eu não tive esse tipo de oportunidade. Ou melhor, até tive algumas chances, mas não tive o incentivo necessário para transformar essas chances em um caminho.

Bernardinha: Eu também amo esporte, na verdade. O futebol, digamos, é a minha maior paixão. Eu jogava desde criança com meus primos. Acho que essa é uma história que se repete com muitas meninas mais velhas do nosso time, com quem eu já conversei. Todo domingo, a gente se reunia na casa da minha avó, com meus tios e primos. Eu morava perto, então jogava futebol com meus primos na rua. Sempre acabava machucando o dedão, chutando o chão, né? Mas eu tinha um pouquinho de habilidade, e começaram a falar pros meus pais: “Ela joga bem, ela joga bem, coloca ela numa escolinha, deixa ela jogar por um time” E aí vem aquela história de que futebol não é coisa de menina, né?

Marta e Bernardinha dialogam sobre algo que também ocorreu com Gabi Guimarães e Edmunda: o despertar do interesse pelo futebol era tolhido pela família, que não permitia uma participação esportiva mais séria. Essas mulheres começaram a jogar futebol na década de 1980 e 1990, contexto no qual o futebol feminino acabara de sair da clandestinidade e da proibição, sem possuir visibilidade e reconhecimento social no Brasil (Goellner, 2005). Deste modo, além da falta de credibilidade em torno de uma carreira esportiva nesse esporte, já que era simbolicamente anulado nos meios de comunicação da imprensa esportiva, ainda se nutria uma imagem de que o futebol de mulheres era repleto de comportamentos que eram antitéticos com as expectativas em torno da feminilidade normalizada. Essa preocupação, por exemplo, fez com que na década de 1990, a Federação Paulista de Futebol contratasse modelos para compor equipes e reformulasse o futebol feminino paulista para demonstrar que as atletas ancoravam a expectativa estereotipada de feminilidade (Souza Junior; Reis, 2023). As famílias dessas mulheres, refletindo os discursos culturais predominantes da época, frequentemente desestimulavam a prática do futebol, visto como uma atividade inadequada para meninas. Esse desestímulo estava associado à ideia de que o futebol era um espaço de construção de masculinidades, e, portanto, impróprio para a edificação de uma feminilidade normalizada, entendida como frágil e delicada.

Durante a infância e adolescência, a família desempenhou um papel de interdição na prática esportiva mais intensa. Embora as participantes tivessem oportunidades de ingressar em escolinhas de futebol, a família não via o esporte como uma atividade apropriada para a construção de feminilidades.

Gabi Guimarães: Sou vascaína. Meu pai é vascaíno, meu irmão é flamenguista. Meu irmão sempre teve camisa de time. Meu pai nunca comprou uma camisa para mim, nunca me deu. Não era falta de dinheiro.

No entanto, as mulheres que perseveraram no esporte fizeram isso através de uma constante negociação com as expectativas familiares e culturais. Essas negociações frequentemente significavam que, embora continuassem jogando, elas não conseguiam transgredir totalmente as barreiras que impediam uma dedicação mais intensa e séria ao futebol. A dedicação ao esporte em um nível mais competitivo e profissional esbarrava em expectativas familiares que interseccionam os marcadores de classe e gênero. Provenientes de família de classe média, essas mulheres enfrentaram expectativas familiares que as incentivavam a se dedicar a carreiras profissionais que gozassem de maior prestígio social. Por exemplo, Bernardinha relatou que queria cursar educação física, mas seus pais não permitiram

Bernardinha: Minha mãe falou assim: "Você pode escolher o curso que você quiser." Aí eu pensei: beleza, vou escolher Educação Física. Mas ela insistiu: "Não, filha, você não vai escolher Educação Física." Meu pai, que é advogado, já tinha um escritório e disse: "Vai para o Direito." Então, eu fui para o Direito. Não me arrependo da profissão, que eu amo bastante. Também não me vejo em outra profissão... a não ser se eu fosse atleta.

A intersecção de classe e gênero é evidente na resistência das famílias em aceitarem suas filhas como futuras atletas profissionais. As famílias de classe média, em particular, promoviam uma feminilidade associada à fragilidade e delicadeza, incompatível com a prática intensa do futebol. Essa visão de feminilidade está associada às mulheres brancas e de classe média (Carneiro, 2019; Hooks, 2019). Este cenário foi exemplificado, acima, na fala de Bernardinha, que menciona a impossibilidade de estudar Educação Física, sendo encorajada a cursar Direito, uma

profissão mais alinhada às expectativas de classe média sobre status e sucesso profissional.

A fala de Edmunda, a seguir, explicita um cenário semelhante. Para sua família, o futebol de mulheres não produzia capital simbólico suficiente para gerar reconhecimento social. Ao contrário, historicamente proibido e culturalmente marginalizado, a prática de futebol podia produzir suspeita moral, desvio ou desvalorização. Por outro lado, a profissão de advogada funcionou como uma espécie de “compensação simbólica” na visão de seus familiares. Ela reinsere essa mulher dentro de um regime de feminilidade legítima.

Edmunda Animal: Era um desespero para você chegar e ter o respeito da família. Teve que toda uma geração mudar, seja pelas políticas públicas, seja pelo que passou a aparecer na televisão. Acho que tem muito a ver com essa mudança de visão também, com o que a Marta trouxe. Passou a existir esse pensamento de: “Não, pô, pode sim, por que não?” Aí vem aquele reconhecimento: “Minha filha é advogada, ela trabalha, ela tem dignidade, ela tem respeito, ela faz tudo direitinho.” A Gabi Guimarães fala muito disso também. O pai dela diz: “Beleza, vai lá fazer seu esporte.” Mas isso só porque ela não vai mais ser jogadora. Muda um pouco a perspectiva, entendeu? A família e a cidade apoiam, mas apoiam de certa forma, porque é visto como lazer, não como profissão.

O cruzamento entre gênero e classe social opera como um mecanismo de regulação das possibilidades de reconhecimento, de modo que a participação no futebol é tolerada desde que não comprometa a inserção em trajetórias profissionais associadas à respeitabilidade e à dignidade. Nesse sentido, o esporte é socialmente aceitável enquanto prática de lazer, mas encontra limites como projeto profissional, revelando as tensões entre feminilidade normativa, respeitabilidade de classe e reconhecimento social.

Assim, a feminilidade futebolística, antes interdita na infância por estar associada a uma sociabilidade com meninos e a atividades consideradas agressivas, é ressignificada na vida adulta. O apoio familiar à prática esportiva, então, estava condicionado ao entendimento de que o futebol não interferiria nas identidades profissionais das mulheres. Essa aceitação parcial permitiu que elas mantivessem uma feminilidade

que combinava sucesso profissional e autonomia, sem romper com os padrões culturais de feminilidade de sua classe.

Essa trajetória ajuda a entender porque, para as atletas também, o futebol passa a ser situado como um espaço possível, mas delimitado. Se, no ambiente familiar, o reconhecimento e o respeito estavam condicionados à inserção em profissões consideradas legítimas, essa lógica não desaparece quando elas se tornam advogadas, continuando a organizar a forma como o futebol é aceito apenas como uma atividade secundária na vida delas. Isso aparece quando elas próprias passam a definir o futebol como um espaço de lazer, e não como profissão.

Bernardinha: o futebol reflete na nossa vida profissional. A maioria das meninas advoga e tem escritório, então nós somos as próprias chefes, entendeu? Se você se machuca no futebol, quebra uma perna e tem uma semana de audiência, o que você vai fazer? Vai trabalhar com a perna quebrada ou vai ter que contratar um colega para cobrir? Financeiramente, isso tem um reflexo. Isso é algo que o treinador sempre fala também. Acho que o nosso núcleo, a vibe do nosso núcleo, é essa: de não ser tão “carro e fogo”, justamente porque encaramos como um lazer, um momento de lazer. Porque isso não é a nossa profissão, né? Teve um jogo do ano passado, do masculino, em que um rapaz levou um soco, fraturou o maxilar e ficou 90 dias parado. Eu penso: meu Deus, eu não posso ficar 90 dias parada, porque sou autônoma, sou dona do meu próprio escritório. Então encaro isso como lazer e tenho que ter muito cuidado para não me machucar.

Essa visão do futebol como lazer é também destacada pelas mulheres sobre sua rotina de conciliação profissional com o esporte. Elas destacaram a dificuldade em conciliar a prática do futebol com suas intensas rotinas profissionais, marcadas por longas horas de trabalho e muitas responsabilidades, mesmo assim, se dedicam para conseguir treinar, a despeito dos julgamentos:

Marta: Cheguei no treino e a treinadora já estava até fazendo o aquecimento com as meninas. Eu vinha de um dia extremamente estressante. Várias vezes, no meio do caminho, eu falava pra mim mesma: “cara, eu vou, eu vou pra casa”. Mas eu sei que, se eu for pra casa, vou ficar martelando que deveria ter ido, né? Hoje, o futebol é prioridade pra mim. É terça e quinta. Eu só não venho treinar se eu estiver lesionada, se for por recomendação médica. Se não, terça e quinta, eu não falto treino.

Bernardinha: Eu encaro como uma hora de cuidado com a minha saúde, como uma hora de atividade física. E aí vêm os bônus: o bônus de estar com as pessoas que eu gosto, de fazer uma coisa que eu gosto de fazer. E os ônus, que tudo na vida tem, né? Os prós e contras. Mas eu não sou casada e não tenho filho, não. Tenho só um pinto pra dar água, então é mais fácil. Eu admiro a Nadia e as amigas que têm filhos também, as meninas do nosso time que são casadas e têm filhos. Porque é aquela história: “vai deixar a família pra jogar futebol?”. O homem tem o horário do futebol dele, né? Pra eles, tá tudo certo. Agora a mulher, poxa, vai deixar a casa lá? A família, pra jogar futebol?

A prática esportiva é acompanhada por uma série de cuidados complementares, como consultas a nutricionistas, fortalecimento muscular na academia, e sessões de fisioterapia, visando à sustentabilidade da prática ao longo do tempo.

Marta: Faço plano alimentar, fisioterapia. Porque, no ano passado, por exemplo, joguei o ano todo, só que convivi o ano inteiro com algum tipo de lesão. Tive uma lesão no calcâneo, tive uma fratura por estresse na canela. Joguei o Brasileiro com fratura por estresse na canela. Tive que tomar uma injeção porque descobri na véspera da viagem, e era a única coisa que eu conseguia fazer naquele momento. Mas, este ano, estou me preparando para jogar sem lesão. Apesar de que estou com o dedão lesionado, porque lesionei o ligamento num amistoso, mas estou tratando. A gente faz fisioterapia e tem plano alimentar com nutricionista.

Essa valorização da dedicação e da disciplina se vinculam a uma ideia de meritocracia, vista como a capacidade de alcançar o sucesso através do esforço pessoal, a qual está fortemente alinhada à feminilidade das mulheres de classe média no esporte (Azzarito, 2010). A meritocracia não apenas legitima sua participação esportiva, mas também reforça uma identidade esportiva que é, ao mesmo tempo, independente e empoderada, permitindo que elas conciliem as demandas de classe e gênero em suas trajetórias pessoais e profissionais. Trata-se de uma subjetividade neoliberal incorporada que busca a autorrealização e demonstra condução de si mesmas através de monitoramento, vigilância e auto investimento (Francombe-Webb; Toffoletti, 2018).

Portanto, os discursos culturais que afirmam que o futebol não é “coisa de menina” são continuamente negociados pelas mulheres, que, ao desafiarem essas normas, reconfiguram as fronteiras da feminilidade no

esporte, saindo de uma feminilidade transgressora, associada à masculinidade, a uma feminilidade “empoderada” neoliberal, que incorpora as normas de gênero interseccionadas à classe social. Essa é fruto de difíceis negociações de gênero, frequentemente limitadas pelas expectativas sociais e familiares, que refletem a complexa relação entre “escolha”, agência, poder e subjetividade (Francombe-Webb; Toffoletti, 2018).

OS DIFERENTES PERTENCIMENTOS MOBILIZADOS NO FUTEBOL PARTICIPATIVO DAS MULHERES ADVOGADAS

As razões pelas quais as mulheres participam do futebol vão além da prática esportiva em si, revelando diversos sentidos de pertencimento que emergem de suas experiências. Em primeiro lugar, o futebol é identificado como um espaço de lazer e sociabilidade. Muitas mulheres relataram que começaram a frequentar a equipe de futebol por meio de um convite de outra mulher já integrante do grupo. Esse ambiente proporciona um local para fazer novas amizades e encontrar um lazer significativo.

Gabi Guimarães: Fiquei uns 20 anos sem jogar futebol e retornei há uns 3 anos, que é mais ou menos o tempo de formação das Vitorianas. Foi muito bom porque conheci mais gente, fiz um novo ciclo de amizade. O futebol voltou pra minha vida num momento muito importante, porque me ajudou a sair um pouco da inércia em que eu estava depois da pandemia. Eu corria, sempre gostei de corrida de rua, mas depois da pandemia não conseguia voltar pra atividade física, pra nada. Então o futebol virou uma terapia. Eu vinha até machucada, só pra ficar ali sentada, esperando, brincando, conversando, pra não perder o hábito de vir. Pra mim, é realmente muito terapêutico. A gente briga, a gente ouve as ansiedades umas das outras, conversa sobre tudo.

Esse sentido de pertencimento vinculado ao futebol participativo destaca o apoio social e a reciprocidade que emergem na experiência esportiva partilhada (Walseth, 2006). Essa forma de pertencimento destaca o papel de apoio mútuo e da partilha como forma de constituir essa comunidade. Os vínculos criados no campo de futebol, muitas vezes, transcendem para outras áreas de suas vidas. Elas relatam atividades realizadas fora do contexto esportivo, como a ida a uma trilha em Pedra Azul/ES ou

encontros para beber, fortalecendo ainda mais os laços comunitários e de pertencimento criados no futebol.

Nadia Comaneci: Mas a preferência é o futebol, porque relaxa. Eu chego muito mal durante o dia, e quando chego lá, já estou bem. Sempre tem alguém rindo, sempre tem alguém contando alguma coisa do dia, sempre tem um rolê. O rolê é o melhor, a resenha. Sempre tem uma resenha. Às vezes tem comida, tem piadas, brincadeiras que fazem parte do nosso contexto.

Marta: O ambiente. A gente tem um ambiente muito saudável e muito parceiro. Criamos laços extracampo, somos amigas. Eu vim do interior e não conhecia ninguém além dos meus chefes no trabalho e da minha amiga que mora comigo. Não conhecia absolutamente ninguém. Então, pra mim, foi um total acolhimento.

Esse sentido de pertencimento comunitário vai além do futebol e se estende para o âmbito profissional. As conexões estabelecidas no esporte resultam em parcerias de trabalho e indicações profissionais entre as jogadoras, ou seja, criam laço fortes de pertencimento e de apoio social (Walseth, 2006) que se traduzem em redes dentro do espaço de trabalho, uma esfera distinta da do lazer:

Bernardinha: Inclusive, tenho parcerias profissionais que surgiram por causa do futebol.

Marta: As meninas, as duas meninas aqui, foram isso aí, entendeu? A gente se indica, porque o Direito é muito amplo. Eu faço criminal, ela faz trabalhista, a outra faz tributário. Então, se eu tenho um cliente e preciso de outra área, a gente troca figurinha. Isso reflete na nossa vida pessoal e na nossa vida profissional.

Bernardinha: Eu já indiquei para as meninas e também sou indicada. Tenho parcerias com elas nesse sentido, porque eu não conhecia elas antes, entendeu? Não conhecia. É uma coisa muito nossa isso. Você indica pela confiança. Porque você percebe que mulheres têm que indicar mulheres. Quando surge uma oportunidade, a gente pensa em indicar umas às outras.

A rede de apoio criada é caracterizada, por uma delas, como o “feminismo” que permeia sua vida, criando uma comunidade de suporte mútuo e solidariedade entre mulheres. Em um contexto profissional extremamente masculino, que mimetiza a representação do esporte, um time

feminino não apenas resiste a essa representação, como contribui como um espaço para criação de redes profissionais por fora das masculinas, o que é fundamental para favorecer a inserção das mulheres nesses ambientes (Eagly; Boston; Haber, 2009).

Bernardinha: Feminismo, pra mim, não é levantar bandeira, é incentivar outra mulher. Quando preciso contratar advogados para ser correspondente, eu já falei para minha estagiária: se tiver uma lista, às vezes do interior, com cinco homens e uma mulher, liga primeiro pra mulher. Se não conseguir, aí vai para o homem. Eu, particularmente, entendo que feminismo é isso. É incentivar outra mulher. É trocando figurinha, tipo: "ah, eu trabalho com isso, isso e aquilo. Tenho um cliente aqui, você aceita?" Vamos embora, entendeu? E eu também indico. Já indiquei muitas meninas. Então, é um ambiente que tem o esporte, mas tem o lado profissional também. A gente consegue conciliar.

Por outro lado, trata-se de uma visão de feminismo que pode ser atrelada ao feminismo branco de classe média, que trata as mulheres como iguais, ignorando outras nuances que criam diferentes desvantagens entre as próprias mulheres (Crenshaw, 1991). Elas relatam que, a partir das conexões feitas no futebol, surgem oportunidades profissionais que reforçam o sentimento de pertencimento e cooperação. No entanto, as que acessam essa rede de solidariedade são aquelas que não só possuem a carreira profissional estabelecida, como ainda têm condições sociais de frequentar os treinos de futebol – e tiveram acesso a esse esporte na infância. Esse fenômeno demonstra como o futebol se torna um espaço que intersecciona gênero e classe nas experiências de pertencimento e desenvolvimento pessoal e profissional.

Portanto, o futebol participativo, para essas mulheres, promove um sentido profundo de pertencimento, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, articulando suas experiências de gênero e classe. Essa experiência coletiva contribui para a criação de uma comunidade de mulheres que se apoiam e se fortalecem mutuamente, demonstrando a importância do esporte como um meio de resistência dentro de sua realidade.

QUANDO OS PERTENCIMENTOS SE ENCONTRAM COM AS FRONTEIRAS DE GÊNERO

A análise dos dados revela que, embora as mulheres consigam criar espaços de pertencimento através do futebol participativo, elas enfrentam barreiras significativas relacionadas às fronteiras de gênero e sexualidade, que dificultam a consolidação desses pertencimentos dentro da categoria profissional de advogadas. Elas mencionam que seu futebol é frequentemente estereotipado, refletindo uma visão distorcida e estigmatizante de suas atividades esportivas. Um exemplo claro é o estigma de serem chamadas de “barraqueiras”, especialmente quando ocorrem conflitos durante as competições:

Bernardinha: O que eu já ouvi é que nós somos muito barraqueiras. É tipo assim: “sempre são as meninas da confusão”. Porque a maioria dos jogos tem confusão. Eu até estava comentando com um advogado que, no último campeonato, todos os jogos tiveram briga. Mas no masculino também tem, só que eles abafam, né? Um homem dá um soco na cara do outro e é visto como machão. Se a mulher grita, é barraqueira.

As mulheres apontam que, embora brigas também ocorram em outros esportes, inclusive no futebol masculino, quando acontecem no futebol feminino, elas são vistas de maneira negativa, caracterizando-as como desordeiras. Esse estigma é reforçado pela percepção de que demonstrações de agressividade são incompatíveis com a feminilidade, enquanto no contexto masculino, tais comportamentos são aceitos como expressões normais da masculinidade. Assim, ao ultrapassarem essa fronteira de gênero e exibirem comportamentos considerados agressivos, as mulheres são estigmatizadas e segregadas.

Nadia Comaneci: No último jogo agora, eu ouvi um colega levantar e falar: “é por isso que não dá pra fazer futebol feminino”, porque teve uma briguinha lá no final.

Outra fronteira significativa é a da sexualidade. A presença de mulheres homossexuais no futebol feminino, muitas vezes, leva à estigmatização de toda a equipe.

Marta: Ficamos sabendo que os meninos da seleção masculina de advogados, que jogam o Brasileiro, disseram que a nossa seleção feminina não teria muito sucesso porque tinha muito sapatão e que precisava ter mais mulher no time.

As participantes relatam que frequentemente são rotuladas como “sapatão” simplesmente por jogarem futebol, e há uma pressão para que não se assumam publicamente como homossexuais, sob o risco de descredibilizar a categoria. Esse estigma reflete a resistência a aceitar formas de feminilidade que desafiam a norma heteronormativa e os padrões de classe. A falta de porosidade dessas fronteiras evidencia como o futebol ainda é visto como um espaço predominantemente masculino dentro da categoria das advogadas.

Por outro lado, a necessidade de se contrapor a esses discursos também contribui para gerar pertencimento entre ela, como uma missão que precisam enfrentar coletivamente. Esse tipo de dificuldade pode ser uma das condições estruturais para o pertencimento dentro dessa forma de comunidade (Walseth, 2006), como relatam:

Marta: A gente precisava ter um reconhecimento, não só por ser um time feminino de advogadas, mas pelo nosso desempenho. Foi necessário trazer um ativo para que os meninos fizessem o campeonato de futsal no ano passado, que foi o primeiro, e foi a primeira vez que convidaram as meninas para jogar. Isso nunca tinha acontecido. Este ano está acontecendo o Campeonato do Advogado e, pela primeira vez, convidaram as meninas. Estamos em uma fase de transição, e essa mudança, esse marco de visibilidade, aconteceu do ano passado pra cá.

No plano individual, a vigilância sobre os corpos e o tempo das mulheres também constitui uma fronteira difícil de atravessar. Embora as jogadoras consigam conciliar suas rotinas intensas de trabalho com a prática esportiva, a maneira como vinculam suas identidades ao esporte muitas vezes gera controvérsia.

Marta: Algumas meninas do nosso time são da seleção e têm filhos. E aí perguntam: “Você é casada? Está viajando, disputando o estadual, e com quem ficam seus filhos?” Mas, se o marido viaja, ninguém pergunta com quem os filhos ficam.

Há uma percepção de que, ao se dedicarem seriamente ao futebol, estariam negligenciando outros aspectos de suas identidades profissionais. Essa visão limita a possibilidade de um envolvimento mais profundo e sério com o esporte, reforçando a dificuldade de atravessar essa fronteira.

Marta: Como a gente treina e tem patrocínio, também precisa dar mídia do que está fazendo — treinando, jogando, viajando para campeonato — como contrapartida para os patrocinadores do time. E aconteceu comigo e com mais umas duas ou três meninas. Teve gente respondendo aos stories assim: “Ué, parou de advogar? Não está advogando mais, não?” “Por quê? Porque eu só vejo você postando coisa de futebol. Você não posta nada de você numa audiência, num fórum.” Eu mesma já deixei de repostar stories do time e dos treinos para não ter tanta coisa de futebol nas redes sociais. Já ouvi questionamentos do tipo: “Ah, está em Vitória e não está advogando mais, só jogando bola.” Então, evitei postar.

Essa presença do futebol nas redes sociais indica a importância do esporte na vida das participantes, evidenciando que o pertencimento à equipe e a dedicação ao futebol são fontes significativas de identificação. O compartilhamento dessas experiências com outras mulheres do projeto reforça uma identidade esportiva saliente, que atravessa e influencia a gestão das feminilidades e das identidades pessoais.

Essas fronteiras pouco porosas demonstram que, apesar de os espaços de pertencimento criados entre as mulheres no futebol participativo serem significativos, esses pertencimentos encontram resistência dentro da categoria profissional. O futebol, mesmo enquanto ambiente de construção de identidades e relações sociais, ainda é permeado por barreiras que limitam a plena aceitação e integração das mulheres. Comparado a outros esportes femininos, como o vôlei, o futebol feminino enfrenta maior resistência e estigmatização, reforçando a percepção de que o futebol é um espaço de masculinidade.

Nadia Comaneci: A gente não tinha acesso à CAAES, era tudo muito fechado. E só tinha futebol masculino. Ouvi falar que tinha o vôlei feminino, mas era só de madame, daquelas advogadas, porque teve uma época em que o advogado era todo imponente.

Marta: Mas eu aposto com você que a seleção de handebol não vai ter 50% da dificuldade que o futebol tem, porque o handebol é um esporte feminino e o futebol não. Você não vai ter homem querendo jogar handebol, entendeu? Eles não vão se sentir ameaçados com o handebol. Mas com o futebol, eles se sentem, porque o futebol sempre foi deles.

Portanto, mesmo que o futebol participativo ofereça um sentido de comunidade e pertença tanto pessoal quanto profissional, as mulheres enfrentam resistências estruturais e culturais que dificultam a travessia dessas fronteiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos das mulheres deste estudo permitiram observar as relações de pertencimento construídas por meio do futebol participativo, que desempenha um papel plural na vida das advogadas, funcionando não apenas como uma atividade esportiva, mas também como um espaço de sociabilidade, identidade e resistência às normas de gênero. A análise dos dados permitiu identificar três principais dimensões de sentido que essas mulheres encontram no futebol, bem como as barreiras de gênero que atravessam e moldam essas experiências.

A primeira dimensão de sentido envolve a negociação de feminilidade para inserção no futebol. Desde a infância, essas mulheres enfrentaram resistências familiares e culturais que associavam o futebol à masculinidade, delimitando-o como um espaço interdito para elas. A entrada e permanência no esporte foram marcadas por uma constante negociação com as expectativas familiares e os discursos culturais, que reforçavam uma feminilidade associada à fragilidade e delicadeza. Embora essas mulheres tenham conseguido continuar jogando, as barreiras impostas pela interseção de classe e gênero impediram uma dedicação mais séria e competitiva ao esporte. Essa experiência inicial destaca a necessidade de desafiar as normas culturais que restringem a participação feminina em atividades consideradas masculinas.

A segunda dimensão é de pertencimento, demonstrado pelo papel do futebol como um espaço de lazer, sociabilidade e autocuidado. As advo-

gadas relataram que o futebol proporciona uma válvula de escape do estresse cotidiano e um meio de fazer novas amizades. A prática esportiva é vista como essencial para o autocuidado, tanto físico quanto mental, incentivando a adoção de práticas complementares, como fisioterapia e consultas a nutricionistas. A competição, embora presente, é valorizada pelo seu aspecto social e pelo fortalecimento dos vínculos comunitários. Essas experiências reforçam a importância do futebol como um espaço onde as mulheres podem desenvolver uma feminilidade autônoma e empoderada, desafiando a exclusão baseada em normas de gênero.

A terceira dimensão revela as fronteiras de gênero e a estigmatização enfrentada pelas mulheres no futebol participativo. As advogadas relatam que seu futebol é frequentemente estereotipado e estigmatizado, sendo rotuladas como “barqueiras” quando ocorrem conflitos, um estigma não aplicado ao futebol masculino. Além disso, a presença de mulheres homossexuais no futebol feminino é vista com preconceito, refletindo uma resistência à aceitação de feminilidades que desafiam a norma heteronormativa. Essas fronteiras pouco porosas dificultam a plena aceitação das mulheres no esporte e reforçam o futebol como um espaço de masculinidade. A vigilância sobre os corpos e o tempo das jogadoras também constitui uma barreira, com percepções de que a dedicação ao esporte compromete outros aspectos de suas identidades profissionais.

A interseção das relações de gênero com questões de classe se reflete nos sentidos que o futebol participativo tem para as advogadas, revelando um panorama complexo de resistência e acomodação à retórica neoliberal feminista. O futebol emerge como um espaço de contestação das normas de gênero, proporcionando às mulheres um sentido de pertencimento e identidade que desafia a fragilidade e a delicadeza tradicionalmente associadas à feminilidade. Ao mesmo tempo, essas experiências são constantemente influenciadas pelas perspectivas ideológicas que aderem à meritocracia.

Essas dinâmicas refletem a necessidade de um contínuo questionamento e transformação das normas de gênero que permeiam o esporte e a profissão de advogada. O futebol participativo, ao oferecer um espaço de

sociabilidade e autocuidado, demonstra o potencial de reconfigurar as fronteiras da feminilidade, promovendo uma identidade empoderada e autônoma. No entanto, a persistência de estigmas e resistências evidencia que essas fronteiras ainda são rígidas e requerem esforços coletivos para serem atravessadas.

Assim, infere-se que as experiências dessas mulheres destacam a importância de espaços de pertencimento que desafiem as exclusões baseadas em gênero, promovendo uma visão mais inclusiva e equitativa, tanto no esporte quanto na esfera profissional. Jogar futebol, nesse contexto, é desafiar as expectativas em torno da feminilidade das mulheres advogadas, ao mesmo tempo que ratifica aspectos próprios do campo profissional que elas ocupam. Com isso, transitam e se redesenham pelos espaços profissionais, chamando a atenção para os regimes de poder que operam dentro da retórica neoliberal pós-feminista.

REFERÊNCIAS

- AZZARITO, Laura. Future Girls, transcendent femininities and new pedagogies: Toward girls' hybrid bodies? *Sport Education and Society*, [s. l.], v. 15, p. 261–275, 2010.
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: On the discursive limits of sex*. [s. l.]: Taylor & Francis, 2011.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 313–323.
- CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, [s. l.], v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991.
- DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. [s. l.]: Aderaldo & Rothschild Editores, 2007.
- DAMO, Arlei S. Futebóis—da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *FuLiA/UFMG*, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 37–66, 2018.
- DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. *Esporte e Sociedade*, [s. l.], v. 1, n. 01, p. 1–43, 2006.

- DEUTSCH, Francine M. Undoing gender. *Gender & society*, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 106-127, 2007.
- DUNNING, Eric. Sport as a male preserve: Notes on the social sources of masculine identity and its transformations. *Theory, Culture & Society*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 79-90, 1986.
- EAGLY, Alice H.; BOSTON, Linda L. Carli; HABER, Paige. Through the labyrinth: The truth about how women become leaders. *NASPA Journal About Women in Higher Education*, [s. l.], p. 247, 2009.
- FRANCOMBE-WEBB, Jessica; TOFFOLETTI, Kim. Sporting Females: Power, Diversity and the Body. In: MANSFIELD, Louise et al. (Org.). *The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education*. London: Palgrave Macmillan UK, 2018. p. 43-55. Disponível em: https://doi.org/10.1057/978-1-137-53318-0_4 Acesso em: 29 mar. 2024.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva SA, 2019.
- KESSLER, Claudia Samuel. Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese (Doutorado em PPG Antropologia social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. *Sexualidade, gênero e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. El país del fútbol también es de las mujeres: de la lógica del mercado al activismo feminista en la cobertura de la Copa del Mundo de 2019. In: HIJOS, Nemesia; MOREIRA, Veronica; SOTO-LAGOS, Rodrigo (Orgs.). *Los días del mundial*. Buenos Aires: Clacso, 2020. p. 52-55.
- MARTINS, Mariana; SILVA, Kerzia; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: interseções de gênero, classe e raça no Brasil. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, [s. l.], v. 27, p. e27006, 2021.
- MESSNER, Michael A. *Out of play: Critical essays on gender and sport*. [s. l.]: Suny Press, 2010.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 27.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. *Torcer, lutar, o inimigo massacrar—Raça Rubro-Negra!:* uma etnografia sobre futebol, violência e masculinidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

PATRIOLINO, Luana. Advogados refletem sobre racismo e relatam discriminação no Judiciário. *Correio Braziliense*, Brasília, 24 dez. 2023. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2023/12/6775042-advogados-refletem-sobre-racismo-e-relatam-discriminacao-no-judiciario.html> Acesso em: agosto de 2024.

RIAL, Carmen S.. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. *Nueva Sociedad*, [s. l.], n. 248, p. 114-126, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, [s. l.], v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Giovana Capucim. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. 154 f. *Dissertação* (Mestrado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015).

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandez. Doping e controle de feminilidade no esporte. *Cadernos Pagu*, [s. l.], p. 447-475, 2014.

SOARES DE ALMEIDA, Caroline. Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações. In: KESSLER, Claudia Samuel (Org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 107-133.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; REIS, Heloisa Helena. *Futebol de mulheres: a batalha de todos os campos*. Paulínia: Autoresporte, 2023.

WALSETH, Kristin. Sport and Belonging. *International Review for the Sociology of Sport*, [s. l.], v. 41, n. 3-4, p. 447-464, 2006.

WEST, Candace; ZIMMERMAN, Don H. Accounting for doing gender. *Gender & society*, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 112-122, 2009.

Capítulo 8

OUTRAS ARBITRAGENS, OUTROS FUTEBÓIS: A ATUAÇÃO DE ÁRBITROS NEGROS EM UMA COMPETIÇÃO DE VÁRZEA E NO CONTEXTO DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

João Cauê Benedeti Morales

Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Arlei Sander Damo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Este texto aborda temas desdobrados de duas pesquisas etnográficas realizadas entre 2018 e 2025, uma delas tendo como universo empírico a atuação de árbitros de futebol no circuito da várzea porto-alegrense e outra compreendendo a formação e atuação no circuito federado/profissional com abrangência nacional e internacional (Morales, 2020; 2025). O objetivo deste texto, em particular, é colocar em evidência as tensões étnico-raciais que permeiam a arbitragem no futebol e a sociedade englobante na qual as respectivas atuações se realizam.

Ainda que compartilhem o mesmo espaço de atuação ao longo de uma partida, na comparação com o jogar e o torcer, arbitrar as ações de um jogo de futebol só aparece no discurso cotidiano como pertencendo ao espetáculo em seu aspecto de negação do evento – quase como um anticlímax. Não deixa de soar paradoxal, também, que em um universo cada vez mais espetacularizado, a performance da arbitragem seja

considerada tanto mais eloquente quanto mais discreta. Por um lado, há toda uma expertise de condução de uma partida – constitutiva do jogo – que é pouco considerada. Por outro lado, a notoriedade de seus agentes se restringe a momentos controversos de tomada de decisão ou a escândalos implicando corrupção.

Soma-se a esse panorama outro aspecto ambivalente, atrelado ao contexto das relações raciais no futebol brasileiro: ao mesmo tempo em que a participação de pessoas negras no futebol pode ser celebrada enquanto um pilar importante deste esporte no país, ela pode, por outra perspectiva, ser também problematizada em face de que tal exaltação tem, na atuação de jogadores, seu lugar quase exclusivo. Em outros termos, se não é raro o destaque de negros no futebol, no Brasil assim como noutros países, é improvável que eles sejam outra coisa que não atletas. Ao considerarmos as distintas funções existentes na organização futebolística, em especial as de destaque hierárquico dentro e fora das quatro linhas – treinadores, dirigentes e, como relataremos adiante, árbitros – é possível perceber obstáculos relacionados ao acesso e à consecução de carreiras para pessoas negras.

Para analisarmos tais cenários e suas intersecções, levamos em conta, primordialmente, a pesquisa sobre a atuação de pessoas negras – basicamente, homens – na arbitragem de competições amadoras disputadas na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Nesse contexto, é destacada a presença de árbitros negros, ao passo que é escasso o trânsito deste mesmo público no âmbito das competições profissionais, nas quais se observa uma espécie de censura racial – hostilizações advindas de torcedores, maledicência entre colegas e, no limite, falta de respaldo institucional – que configura barreiras capazes de propiciar experiências de desencorajamento para seguir adiante no ofício. Investigar a presença de negros na arbitragem é adentrar num terreno movediço marcado por ambiguidades, pois se é fato que a arbitragem possui autoridade, por representar as instituições que organizam o espetáculo dentro de campo, dentre as quais o *fair play*, o maior de todos os valores apregoados pelo esporte, de outra parte eles são estigmatizados pelo público e pela exposição de eventuais erros.

ARBITRAGEM: UMA ALTERIDADE EM SI?

A respeito da abordagem das Ciências Sociais sobre o trabalho da arbitragem de futebol, é possível dizer que o tema tem sido alvo de curiosidade e interesse crescente. Algumas reflexões propostas por pesquisadores que se debruçaram sobre o assunto (Paulis; DeWaelle, 2019; Sautchuk, 2014; Correia, 2020) apontam para um paradoxo que circunscreve a atuação de árbitros entre situações que podem ser classificadas como de discricção cotidiana e de exposição pela sua participação em lances que engendram interpretações divergentes. O primeiro elemento abrange aspectos da qualificação, dos treinamentos, dos testes, de redes de apoio, e da interlocução com instâncias institucionais do futebol que auxiliam na preparação para atuar dentro de campo. Como estes momentos não costumam ser tão analisados quanto os dos jogos, diz-se que esta faceta do trabalho é a parte discreta, quase invisível da atuação. Já o segundo elemento foca na relação dos árbitros com os erros de que são acusados de cometerem ao interpretarem lances do jogo, ou seja, com o processo de responsabilização ao qual são submetidos em face de tomadas de decisões tidas como controversas e/ou equivocadas. São justamente estes momentos que mais notabilizam os árbitros no imaginário do futebol a respeito do exercício de sua função.

Nesse sentido, evidenciar algumas pessoas ou um trabalho apenas pelo que acontece de errado pode ser encarado com certa dose de questionamento, pois é algo que, em qualquer outra área, pode ser considerado inadequado ou injusto, mas dificilmente é normal ou desejável. Por que a exposição dos árbitros em momentos de equívoco possui uma notoriedade maior do que em outros momentos de seu trabalho? Para responder a essa pergunta, parece ser mais profícuo se voltar para a situacionalidade de quem define do que questionar a validade da definição. E quem os define dessa forma no dia a dia? Torcedores, cronistas, jogadores, dirigentes, ou seja, o público envolvido com o futebol em algum momento.

É possível argumentar que o futebol, em seu âmbito mais abrangente, é organizado e difundido em torno das percepções que há nos sentimentos de “pertencimento clubístico” (Damo, 1998) a sua centralidade

sociológica. Desse modo, o estranhamento em torno da atividade da arbitragem e da figura do árbitro de futebol pode ter relação com a dificuldade em apreender alguém envolvido com o jogo que atue sem este vínculo clubístico específico. Mais do que isso, alguém que interfira nas possibilidades competitivas dos times que representam os clubes a partir de uma perspectiva privilegiada por este motivo, já que cabe ao árbitro de futebol deliberar sobre as ações dos jogadores e jogadoras dentro do campo de jogo. É uma espécie de alteridade intransponível do ponto de vista de quem possui um pertencimento, pois, mesmo na relação entre um torcedor e seu rival, existe uma dinâmica de troca – jocosidades, xingamentos etc. Já os árbitros não têm nestes personagens o seu rival. Do ponto de vista de alguém que está engajado “clubisticamente”, hostilizações contra os árbitros podem ter uma conotação maior de denúncia do que de interlocução propriamente. Para estes, o árbitro apenas os rouba: um lance que poderia favorecer determinada equipe, um grito de gol ou a alegria de uma vitória.

A imputação aos árbitros da alcunha de ladrão é uma das mais presentes no contexto da repercussão por parte de jogadores, comissões técnicas e torcidas a respeito das atitudes levadas a cabo pelas equipes de arbitragem – desde aquelas que se dão anteriormente ao início dos jogos em si, como a inscrição dos jogadores em súmula até a saída de campo. Ao longo das partidas de futebol acompanhadas por ocasião da pesquisa, foi possível depreender que quase toda intervenção (ou falta dela, eventualmente) no fluxo do jogo era interpretada e repercutida no registro de ações lesivas, ora pelos partidários de uma equipe, ora doutra, e não raro por ambos. Esta “marcação” permanente da atuação da arbitragem auferia ao ambiente dos certames, já atravessados pelo confronto, uma conotação a mais de tensão. Como confidenciou um interlocutor, ao repercutir as hostilidades com as quais a arbitragem costuma se defrontar, para os “senhores do apito não há presunção de inocência”. Este *a priori* na interpretação da atuação dos árbitros por parte do seu entorno postula certos entendimentos e abordagens para aqueles que exercem o ofício, principalmente em contextos que não envolvem competições profissionais. Pareceu-nos característica, nesse sentido, a ratificação

de posturas consideradas austeras, firmes e sem titubeação dentro do campo. Atitudes essas que visavam evidenciar, para além da técnica, a autoridade do árbitro na condução do jogo. Para esse ideal de imposição, por assim dizer, certas características apareceram como desejáveis para que alguém se torne um árbitro apto a lidar com os desafios apresentados pelos jogos. Uma estatura física sobressalente, a demonstração de força, a entonação grave na voz e até o asseio com o uniforme são elencados como elementos indispensáveis para o reconhecimento da autoridade, sendo condensados pelos termos “postura” ou “presença” (Morales, 2020, p. 72-79). De acordo com alguns árbitros ouvidos, o entendimento a respeito deste comportamento almejado parece ser capaz de contrabalançar potenciais dificuldades de compreensão da equipe de arbitragem como a vilã do jogo; pessoas cujas decisões se embasariam na intenção de prejudicar esta ou aquela equipe.

Se, por um lado, pode-se tomar a controvérsia como constitutiva do jogo, por outro, a presença física de um terceiro elemento na disputa faz convergir para si toda sorte de imperfeição que precisa ser corrigida. Ao apreciarmos tal situação, levando em conta um regime de prestações futebolísticas, o suposto roubo atribuído aos árbitros parece expressar o estatuto da diferença na qual tal figura é colocada na relação com os protagonistas do evento esportivo. Chanial (2008) considera, ao refletir sobre o regime da dádiva, que o ato de tomar expressa uma relação de não-reciprocidade, algo se encontra no registro da violência. Supomos, a partir do argumento sustentado pelo autor, que a alteridade (e a própria autoridade, talvez) do árbitro dentro do jogo assume, de certa maneira, esse lugar de recusa. O árbitro raramente dá; por definição ele não pode dar, nem receber. Nos momentos em que assinalam algum lance discutível – um pênalti inexistente, por exemplo, – se diz que eles roubaram (que é um ato violento, sem dúvidas); ao mesmo tempo, eles jamais recebem a contradádiva; o máximo que podem esperar é a invisibilidade, a negação, serem o estranhamento per se – eles existem para salvar o fair play, mas isso porque o esporte supostamente não conseguiu colocar-se acima das reivindicações mundanas e, portanto, o princípio do jogo leal, enquanto

um ideal de classe, jamais se realiza por si só, como imaginaram os ideólogos do esporte vitoriano⁵³.

VÁRIOS FUTEBÓIS, VÁRIAS ARBITRAGENS

O futebol, por sua notoriedade e difusão, pode assumir particularidades contextuais, ainda que as possibilidades, interdições e os objetivos do jogo sejam bem delimitados e reconhecidos por uma ampla gama de seus praticantes. A tarefa de explicitar algumas singularidades apresenta desafios, pois leva em conta uma comparação que geralmente tem como referência a dinâmica do futebol profissional ou de espetáculo, tendo em vista que seu panorama institucional e normativo pode ser considerado hegemônico. São as semelhanças e diferenças com este domínio que apresentam um caminho para que a pluralidade de formas que o futebol comporta possa ser conhecida. Por esta razão, inclusive, faz sentido se pensar de forma plural, em futebóis (Damo, 2018). Dentro desta conjuntura, a própria presença ou ausência da arbitragem torna-se um elemento que pode matizar o modo como o jogo é encarado e aproximá-lo de diferentes circuitos, independente do fato de ser jogado por homens ou mulheres.

Em linhas gerais, poder-se-ia dizer que todos os futebóis possuem suas arbitragens correlatas – e as variações poderiam ser pensadas em três grandes módulos: [a] os futebóis cuja arbitragem é realizada pelos próprios jogadores, sendo as regras oficiais adaptadas ao contexto das práticas, algo que pode ser denominado como arbitragem participativa⁵⁴. Um exemplo comum da ocorrência desta modalidade é no que colo-

⁵³ Elias e Dunning (1992), clássicos da Sociologia do Esporte, refletiram com aprofundamento acerca do atravessamento de classe presente nas práticas corporais que vieram a redundar no movimento esportivo inglês.

⁵⁴ A caracterização participativa da arbitragem, onde os próprios envolvidos precisam promover entendimentos conjuntos para possibilitar o prosseguimento do jogo, foi pensada a partir da ideia de auditoria participativa, presente na certificação de mercadorias agroalimentares (Radomsky, 2015). A validação ocorreria de forma análoga nos dois contextos.

quialmente se conhece em partes do Brasil como peladas⁵⁵; [b] os jogos arbitrados por uma terceira parte, não implicada no jogo, mas sem o suporte das agências ligadas ao sistema da Fédération Internationale de Football Association/International Football Association Board - FIFA/IFAB ou qualquer outro que lhe atribua um atestado de qualificação ou ofereça garantias da integridade física. Nesses circuitos, a arbitragem pode ser escolhida a partir de acordos diversos cujos mecanismos asseguram, em parte, sua legitimidade sempre instável. Esta organização pode variar desde um campeonato de abrangência municipal, em que se podem excluir jogadores/equipes, até as ligas locais, em que a arbitragem tem escasso suporte institucional e conta apenas com a própria experiência – ou astúcia, quando for o caso – para conduzir a partida. No caso do campeonato de várzea no qual a pesquisa de campo foi realizada, a agência promotora do evento, a Prefeitura Municipal, contrata, via licitação, uma “liga de arbitragem”. Trata-se de entidades de caráter empresarial – geralmente empresa de pequeno porte, coordenadas por uma ou poucas pessoas – especializada na prestação de serviço de arbitragem de futebol, a sua realização em um contexto de jogos amadores. Essa especialização advém não apenas da expertise em si, mas da capacidade de mobilização e formação de diferentes equipes de arbitragem e da possibilidade de habilitação da empresa perante as eventuais exigências burocráticas dos contratantes – concorrência em editais, chamadas públicas etc.; [c] a arbitragem no espectro do sistema FIFA/IFAB, no qual está prescrita uma série de protocolos em relação à arbitragem e há uma instância extracampo – os tribunais esportivos – para punir infrações mais graves, incluindo-se, entre elas, a agressão à arbitragem de campo, o que não impede, mas inibe, de forma efetiva, o uso da violência física, sendo os casos mais frequentes de punição extracampo

⁵⁵ Pelada, Baba, ou Racha são os nomes dados aos jogos de futebol cuja aplicação das regras é distinta dos protocolos vinculados aos órgãos oficiais de controle do esporte. O consenso em torno a certos aspectos ditos estruturais do jogo – como o tempo de duração, o espaço destinado à prática, o que é considerado infração etc. – podem variar de acordo com o entendimento das pessoas envolvidas no jogo. É curioso salientar que mesmo nessa modalidade, algumas fórmulas de disputa acabam ganhando notoriedade, o que facilita a mediação entre as partes. Uma das mais corriqueiras é a chamada “dois gols ou dez minutos”, utilizada em situações em que a quantidade de pessoas esperando para praticar o jogo é considerada grande para o espaço destinado à prática. Desta forma engendra-se um revezamento que contempla todos os participantes.

os de violência verbal contra a arbitragem. Mesmo levando em conta as diferenças acima esboçadas, do ponto de vista de uma classificação mais formal, é preciso ressaltar que as divisões entre arbitragens não operam de forma estanque. Elas se influenciam e buscam elementos umas nas outras que possam auxiliar na resolução dos desafios que um jogo de futebol costuma apresentar. No caso de arbitragem por terceira parte, por exemplo, é o árbitro quem toma a decisão final, ainda que possa ser contestado, pressionado e até ameaçado pelas partes, o que ocorre com frequência no contexto amador. Daí a importância que assumem a qualificação, a experiência/identificação com o ambiente de jogo e o suporte que recebe de fora – a possibilidade de, senão institucionalizar, tornar oficiais as decisões de um árbitro de alguma maneira. Essas três características modulam, dentro de um mesmo *modus operandi*, por assim dizer, diferentes experiências⁵⁶.

É o caso da experiência de trabalho constituída por ocasião da pesquisa realizada no circuito do futebol de várzea. Ela se intensificou entre os meses de agosto e dezembro do ano de 2019, quando a inserção junto ao cotidiano de árbitros de futebol se configurou com a participação de um dos autores como mesário⁵⁷ em uma competição promovida pela Prefeitura de Porto Alegre – a 27ª edição do Campeonato Municipal de Futebol Várzea. No Municipal, como o torneio também é chamado, busca-se congrega os representantes das ligas que são disputadas dentro dos próprios bairros, onde os seus vencedores são indicados para participar do torneio. Por essa característica, de contar com clubes designados das ligas locais, o Municipal costuma ser disputado todos

⁵⁶ Na investigação que se debruçou sobre a formação de árbitros e árbitras para a atuação em competições profissionais, foi possível observar que, por conta do suporte mais estruturante das agências de organização do esporte, a compreensão da atuação da arbitragem se constitui balizada por protocolos, treinamentos e testes que tem por ideal a padronização da atuação da arbitragem nas competições que acontecem sob a salvaguarda do sistema FIFA/IFAB. Tais orientações redundam no que é denominado no âmbito da formação de “os quatro pilares da arbitragem” – físico, técnico, mental e social.

⁵⁷ Em competições amadoras, o mesário é um componente integrante da equipe de arbitragem que tem como principal atribuição o preenchimento da súmula. A súmula, por sua vez, é um documento que serve como uma espécie de ata de um jogo de futebol. É nela que ficam registradas as informações a respeito de uma partida. São exemplos dessas informações os nomes dos jogadores que participaram de um jogo, o número de gols marcados pelas equipes, as infrações punidas com cartão etc. No Municipal, são de especial interesse para os clubes, os anúncios de ordem disciplinar advindos desses registros. Eles foram analisados na ocasião por uma comissão específica da organização do torneio.

os anos no segundo semestre. O campeonato é dividido em diferentes categorias cujos critérios envolvem idade e gênero. Nesta pesquisa foram acompanhados os jogos disputados por homens em duas categorias: uma cuja idade mínima aceita no regulamento é acima dos 40 anos (categoria veterano) e outra cuja idade mínima aceita é de 48 anos (categoria *master*).

No que diz respeito à dinâmica de trabalho dos árbitros de futebol em competições de várzea, chama a atenção, a partir do Municipal, a compreensão que se faz desta atividade na sua espacialidade e itinerância, ou seja, as escalas para os jogos empreendidos em seus fluxos. A cada rodada, uma equipe distinta era escolhida para comparecer a determinada praça esportiva de modo que, a partir do desempenho exercido, os integrantes da equipe se habilitavam ou não para seguirem tendo oportunidades de trabalho nessa competição e, eventualmente, em outras organizadas por distintas entidades. Esse “acerto” para definir aqueles que continuavam e aqueles que não seguiam se dava pela interlocução entre três agentes-chave: os próprios árbitros de futebol (considerando aqui as pessoas que atuam como árbitros principais e assistentes), as ligas de arbitragem e as ligas de futebol existentes na cidade, a partir das ações desempenhadas pelos seus representantes.

Para se ter uma ideia da rotatividade em questão, alguns dados retirados das súmulas da competição podem ser ilustrativos: o montante total de 33 árbitros, todos homens, trabalhou no Campeonato Municipal, levando-se em conta as duas categorias em disputa – no *master* foram disputadas 43 partidas e no veterano 19 jogos. Desta soma, 11 estiveram presentes em sete jogos ou mais e 22 atuaram em no máximo seis jogos.

A partir do que foi observado sobre a dinâmica de trabalho dos árbitros no Municipal e levando-se em conta a interação/avaliação entre as partes mencionadas, utilizamos esse panorama para aproximá-lo de algumas reflexões apresentadas por Zelizer (2005) a respeito do que a autora denominou como circuito comercial. A sugestão empreendida é que a arbitragem de futebol de uma forma geral, e em especial a que foi acompanhada a partir do Municipal de Várzea, pode ser entendida

enquanto um circuito⁵⁸, no qual o exercício desta atividade engendra as negociações constantes que acontecem no contexto do futebol amador, seja dentro do campo de jogo, seja fora dele. Tais negociações redundam em aspectos nos quais a suspeita, o reconhecimento, as decisões tomadas, a técnica e a confiabilidade circunscrevem a itinerância ao longo dos jogos e se articulam enquanto instância de mediação.

Na medida em que a convivência com o circuito da arbitragem acompanhado se tornou mais próxima, pudemos compreender que algumas histórias compartilhadas entre colegas da arbitragem, em momentos pré e pós-jogos, acabam se tornando exemplares da linha tênue sobre a qual muitas atuações se ancoram e que levam em conta os elementos acima elencados. Às vezes são situações heterodoxas – entendidas assim ao menos para quem as observa de fora – que separam o que é considerado um jogo bem conduzido até o seu final (a ratificação da disputa leal a partir das regras e a segurança de todos os envolvidos pode ser entendido como o objetivo a se almejar) de uma jornada malsucedida.

Uma dessas resenhas⁵⁹ foi relatada por um ex-árbitro, considerado um dos pioneiros no futebol de várzea da região. Disse ele que, há alguns anos, em um campeonato que era disputado em um município do interior do Rio Grande do Sul, um jogador fez fama por ser considerado um espancador de árbitros. Pelo que constava entre os participantes assíduos da competição, tal jogador era aparentado com o delegado da cidade e, em função dessa ligação, conseguia se livrar das acusações que lhe eram imputadas. A notoriedade de um jogador assim gerava dificul-

⁵⁸ A noção de circuito também é muito utilizada na Antropologia Urbana brasileira, difundida a partir do trabalho de Magnani (2002) para compreender as experiências cotidianas e os sentidos atribuídos aos espaços e fluxos – formas de apropriação – que compõem a cidade. Apesar da coincidência do termo utilizado para nomear a categoria de análise e da convergência das possibilidades analíticas, a opção pelo diálogo com Zelizer se ancora na perspectiva de apreensão de práticas econômicas que organizam de maneira situada a formação de mercados, como o caso da “liga de arbitragem” permite ilustrar.

⁵⁹ Resenha é uma expressão utilizada pelas pessoas que participam do contexto futebolístico brasileiro para se referir às histórias e casos que tem como tema a própria a vivência no futebol. Partidas emblemáticas, gols bonitos e momentos inusitados são rememorados em situações que precedem ou sucedem os jogos. De acordo com Balacó, Guimarães e Futilli (2023), a expressão surgiu como uma reapropriação feita por jogadores profissionais do gênero textual resenha, utilizado por jornalistas esportivos para escrever e/ou debater sobre as partidas, em especial o programa “Grande Resenha Facit” popular entre os anos de 1960 e 1970 na Tv Globo do Rio de Janeiro.

dade para os organizadores do campeonato contratarem uma equipe de arbitragem. Nas cidades próximas, árbitro algum se habilitava, o que obrigou os dirigentes do torneio a recorrerem aos árbitros da capital.

Para que ninguém fosse surpreendido na hora do jogo, a ordem de serviço, por assim dizer, chegou à liga de arbitragem de Porto Alegre com especificações bem explícitas – na ocasião seria disputada uma partida de semifinal na qual um jogador de uma das equipes era famoso por agredir árbitros. A situação gerou burburinho. Entre aqueles que consideraram demasiado viajar até outra cidade para apanhar e aqueles que desconfiaram da caracterização da partida, uma equipe foi designada. Copérnico⁶⁰, o árbitro principal, segundo o relato, era daqueles de “pavio curto”, escolha que deixou os pares desconfiados de que algo grave pudesse acontecer.

Temerosos com o que talvez ocorresse, os árbitros de Porto Alegre optaram por se deslocar de carro até a cidade do torneio em questão. Estavam em quatro pessoas. O árbitro principal, dois assistentes e mais um – o narrador – que além de fazer as vezes de motorista, havia se juntado ao grupo com a designação de ajudar seus companheiros, seja lá o que ajudar pudesse significar naquele contexto. Ao chegarem ao local do jogo, o árbitro principal logo perguntou para um dos organizadores quem seria o tal jogador. O organizador então apontou o dedo para um homem cuja altura e força física se destacava entre os jogadores que se apresentariam naquela ocasião. Além de seus dotes atléticos, o jogador em questão parecia muito querido entre o público, que gritou o nome dele – Tião – já no aquecimento. Segundo o árbitro-testemunha daquele encontro, é sempre desabonador que o jogador encrenqueiro seja o querido da torcida, pela possibilidade de que ele jogue o público contra a arbitragem, mas àquela altura já não havia como voltar atrás.

Chegada a hora do pontapé inicial, o árbitro chamou os capitães das equipes para o sorteio da saída de jogo. Após o discurso protocolar de incentivo ao *fair play*, o árbitro ouviu do “espancador” que se ele tentasse roubar da equipe dele, seria desconjuntado ali mesmo, ameaça que foi ignorada para que as coisas não começassem mal. Ao longo de todo

⁶⁰ Tanto o nome do árbitro quanto o do jogador são fictícios.

o primeiro tempo, a tentativa de condicionar a arbitragem foi ostensiva por parte de Tião e de sua equipe, ao passo que, em uma reclamação após falta assinalada, a paciência do árbitro se esgotou: aos gritos e com gestos ríspidos, Copérnico apresentou cartão amarelo a Tião: “É a última vez que quero ouvir sua voz”, e ainda sentenciou: “Se eu escutar mais uma palavra vinda de você, é rua!”. Acostumado que estava e ver árbitros temerem a sua imposição, Tião não encarou bem a reprimenda. Tentou ir para cima de Copérnico no intervalo do jogo, mas foi contido por seus companheiros. Após frustrada sua tentativa, prometeu, em alto e bom som, que ao final da partida ia se ver com Copérnico.

A explosão de fúria no intervalo parece ter arrefecido a tensão da disputa entre os jogadores. No entanto, a expectativa com o fim do jogo podia ser sentida à medida que o tempo passava. Copérnico e Tião não trocaram uma palavra ao longo da segunda etapa. Eventualmente se encaravam, o que era o suficiente para a torcida presente no campo puxar coros de ameaça ao árbitro. Provoações como: “eu quero ver você sair daqui!” ou “vai morrer!” foram sendo cantadas cada vez mais alto. Aos 40 minutos do segundo tempo, após uma marcação de escanteio, Copérnico chegou perto de seu assistente e cochichou para que, assim que ele soasse o apito final, ele caísse em campo. Meio atordoado com a recomendação, o assistente perguntou se aquilo era sério, ao passo que Copérnico foi enfático: “Eu apito e você cai”.

Chegada a hora decisiva, com três sopros de apito, Copérnico anunciou o final da partida. Mal havia tirado o apito da boca, avistou Tião rumando em sua direção. Logo em seguida um grito de “Ai!” e o barulho de um corpo caindo no chão. O árbitro, então, correu em direção ao seu assistente, o pegou no colo e saiu de campo correndo e gritando que seu colega estava passando mal, solicitando atendimento médico. A situação gerou perplexidade entre os jogadores dentro de campo e a torcida. A sensação paralisante de surpresa gerada pelo mal súbito do árbitro assistente deu tempo suficiente para que Copérnico e sua equipe corressem até o carro e saíssem da cidade o mais rápido que puderam.

Por mais inusitadas que tenham sido as situações rememoradas – ao estilo dos causos que, como se diz no ditado popular “quem conta um

conto, aumenta um ponto” – a história reforça dois elementos dentre os quais a arbitragem de várzea está inserida: a ausência ou precariedade do suporte legal/institucional – a atuação se dá num âmbito bem diferente do que o sistema FIFA pode fornecer – e também uma espécie de pedagogia da várzea que apregoa que um árbitro deve conduzir um jogo até o seu encerramento, independentemente de quais sejam as situações que ameacem esse transcurso.

A arbitragem tal qual narrada pela história, a despeito das excentricidades apresentadas, pode ser interpretada como presente no sentido que os interlocutores mencionaram. As tentativas de condicionamento e reclamação do primeiro tempo foram dissipadas na segunda etapa. O clima de animosidade que estava mais generalizado no jogo, convergiu para a contenda entre Copérnico e Tião. O jogador, aliás, foi punido com cartão amarelo e, apesar de seu descompasso emocional no intervalo, atuou no segundo tempo com foco na partida. O pequeno teatro da arbitragem ao final subverteu uma expectativa de confronto por parte da torcida e jogadores, garantindo a saída segura da equipe – mesmo que assustada – do campo de jogo.

Atravessada por uma conotação jocosa e com elementos que quiçá nem correspondam aos fatos, a história reproduzida pelo ex-árbitro vai ao encontro dos momentos emblemáticos que certas histórias do futebol tendem a cristalizar. Ainda que sejam mais conhecidas as histórias envolvendo jogadores, os árbitros também têm o seu cabedal de lendas do apito. A produtividade destas lendas se dá à medida que, em determinadas ocasiões, é necessário mais do que o conhecimento das regras e a sua correta interpretação para tornar-se um árbitro presente para a ocasião. É preciso sensibilidade e sintonia com o ambiente do jogo como um todo. Parte do aprendizado desta percepção é adquirida pela itinerância, o que talvez justifique a importância da compreensão de que, em alguns circuitos percorridos, os árbitros reconheçam estar em um ambiente mais ou menos hostil – o que redundará em uma maior intimidade com organizadores de ligas, jogadores e, de uma forma mais abrangente, com as comunidades – e, em outros, os árbitros se sintam mais alheios, mais estranhos – o que influi na sensação de suscetibilidade a hostilizações verbais e físicas.

RAÇA ENQUANTO HORIZONTE DA ARBITRAGEM

Um dos objetivos a que a investigação se propôs, ao retrazar o circuito de arbitragem, foi delinear um panorama sobre a presença de pessoas negras atuando neste ofício. Isso ocorre por conta de uma situação que julgamos em aberto⁶¹ nos estudos que entrecruzam as temáticas raciais com as pesquisas sobre o futebol: a percepção inicial de uma baixa presença proporcional de pessoas negras na arbitragem das principais competições nos apontava, então, para uma situação na qual, mesmo no ambiente do futebol – notabilizado em princípio como de consagração e destaque da população negra (Filho, 2003) –, prefigura uma divisão do trabalho na qual esse público, ainda que seja tido como protagonista do espetáculo ou do evento, parece possuir dificuldades para acessar cargos e postos de uma maior responsabilidade laboral e/ou liderança no cotidiano da organização deste esporte. Tal percepção foi corroborada, no âmbito da investigação que teve como contexto empírico a formação de árbitros, a partir da elaboração de um procedimento de heteroidentificação ancorado em fotografias de árbitros e árbitras que integram o Quadro Nacional, no site da CBF. Realizado por estudantes universitários e conduzido por um dos pesquisadores, o exercício chegou à consideração de que, dentre 352 profissionais analisados na lista cadastrada pela confederação, 113 eram negros e 240 brancos, uma média de 32% de pessoas negras. Acreditamos que, diante dos questionamentos que pudessem ser postulados perante o trabalho calcado na heteroidentificação, essa solução se apresentou como a mais razoável para contornar problemas metodológicos, ainda que postule as limitações desta operação.

⁶¹ Ver debate da Revista Estudos Históricos (1999), no qual Antônio Soares (1999a; 1999b), Ronaldo Helal, Cesar Gordon Jr (1999) e Maurício Murad (1999) travam um debate acadêmico que tem como foco o estatuto da questão racial para a formação histórica do futebol brasileiro. Por um lado, Soares defendeu que as relações raciais conformariam um elemento discursivo – uma tradição inventada, nos termos do autor – de ratificação de um projeto de identidade nacional que tem na obra de Mario Filho sua fonte de propagação. Em contrapartida, os demais autores defendem, de maneira geral, que a caracterização feita por Filho (2003) das questões raciais tratadas em sua obra, engendra uma gramática que torna inteligível a realidade e a relevância destas relações para a história do futebol no país; a pesquisa empreendida por Tonini (2010) também tematiza a interseção entre raça e futebol no Brasil.

Desta forma, a convivência junto ao circuito de arbitragem pesquisado, nos pareceu uma oportunidade profícua de estudar como a eventual interação entre pessoas negras e brancas inseridas em um contexto futebolístico similar – ainda que de menor escala de abrangência e não mediatizado, ressalvas essas que distinguem o contexto do futebol amador e o futebol profissional – e numa seara de atuação demandante dessa ingerência de atuação (a arbitragem de futebol), reproduziriam ou não a conjuntura percebida tal qual acima resumida.

Cabe salientar que, considerando o contexto histórico-social, nas primeiras décadas do século XXI no Brasil, nota-se a retomada da discussão étnico-racial. Dentro desse panorama, reflexões clássicas têm sido revisitadas e novas contribuições aportadas, especialmente aquelas que visam apresentar uma elucidação mais aprofundada sobre a experiência subjetiva de ser uma pessoa marcada pela diferença na sociedade e como essa percepção incide na convivência – seja em momentos mais gregários, seja em momentos mais conflituos – entre grupos entendidos como racialmente distintos.

O futebol e as suas circunstâncias não passariam inalteradas a esse novo momento. Casos nos quais são observadas hostilizações de cunho racial têm sido mais repercutidos pela crônica esportiva do que nas décadas precedentes e o comportamento preconceituoso tem sido objeto de *compliance* de distintas Ligas e Federações no âmbito nacional⁶². Ainda que a grande maioria das hostilizações sejam endereçadas por torcedores a jogadores⁶³, já houve casos em que árbitros negros tiveram que se defrontar com a discriminação racial – um caso em especial com grande repercussão – situação que adiciona uma camada a mais de instabilidade em uma atividade que já é, em princípio, vista com uma menor consideração pelo seu entorno.

⁶² A título de exemplo, uma iniciativa que visa divulgar o combate ao racismo no âmbito da Federação Gaúcha de Futebol é a campanha/manifesto “Protocolo Zero: fim de jogo para o racismo”. Acesso em <https://fgf.com.br/protocolozero/>

⁶³ Os relatórios anuais da elaborados pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol tem servido como referência para dimensionar alvos e algozes dos casos repercutidos pela imprensa. Acesso em <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>

Na investigação que se debruçou sobre a participação de pessoas negras na arbitragem, a partir do seu contexto de formação, buscamos analisar casos nos quais árbitras negras e árbitros negros foram alvos de hostilizações de cunho racial (Morales, 2025, p. 166). Tais situações têm sido mais comuns em partidas de abrangência regional ou de menor expressão (divisões inferiores e categoria de base). Elas ocorreram, com maior frequência, advindas de torcedores – eventualmente dirigentes – que se aproveitavam da condição de relativo anonimato em meio às arquibancadas e da escassa cobertura midiática para proferirem insultos verbais sem serem identificados. Especificamente quanto à característica dos insultos, foram registradas reiteradamente a palavra macaco e algumas expressões associadas à cor negra – são exemplos: urubu, semente de melancia, picolé de asfalto, pau de fumo etc. Também foram registrados usos da palavra negro seguidas de alguma deferência pouco elogiosa – são exemplos mais corriqueiros as expressões: negro de merda ou negro safado. Ou, então, o uso de expressões que aludem de alguma forma o período da escravidão – “volta para a senzala”, “fazer negreiro”, entre outras. Dado esse panorama, não é fortuito que um caso de racismo como o ocorrido com o então árbitro, Marcio Chagas, tenha gerado tanta repercussão. Afinal, tratou-se, naquela ocasião, de uma situação ocorrida em uma partida de primeira divisão de uma competição estadual relevante em termos de cobertura midiática: o campeonato gaúcho.

No que concerne ao entendimento destas relações percebidas no contexto das competições de futebol de várzea estudado e, mais particularmente, relatado pelos árbitros com quem a interlocução se estabeleceu na pesquisa, algumas considerações são passíveis de serem destacadas. De um modo geral, chama a atenção de quem frequenta esses espaços a participação significativa de árbitros negros atuando no circuito; esta constatação é reforçada pelo testemunho de pessoas que frequentam o futebol de várzea em Porto Alegre desde longa data. De acordo com o levantamento feito por ocasião da pesquisa, do total de 33 árbitros que participaram da competição etnografada, 20 se identificaram como pessoa negra – preta ou parda segundo o critério observado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE) – e 13 como branca, ou seja, a participação de pessoas negras – homens negros, no caso – se mostrou

majoritária naquele contexto. Ainda que se possam fazer ressalvas com relação à escala dos distintos contextos de atuação investigados – o circuito da várzea tendo fornecido um quantitativo bem mais reduzido do que o Quadro de árbitros da CBF – se compararmos, em termos percentuais, os dados estimados pelas duas pesquisas, há uma sugestão de que a participação de pessoas negras, da várzea para o profissional, se altera, praticamente invertendo a relação percentual: se os árbitros negros em atuação no Municipal configuraram cerca de 66% do universo apreendido, no profissional esse percentual recai para 32%.

É preciso, entretanto, tecer algumas ponderações acerca da forma como se constituiu nas pesquisas esse processo de identificação. No que diz respeito ao circuito de arbitragem no futebol de várzea, a ida a campo para investigação se deu tendo como referência de uma maior objetividade neste intuito a possibilidade de apreender as informações que seriam auferidas a partir da autoidentificação de cada pessoa e orientando-se pelo critério apregoadado pelo IBGE, tendo em vista esse ser o critério oficial de classificação racial utilizado no país. No entanto, à medida que questionava os meus interlocutores negros, boa parte deles me apresentavam classificações raciais que não se restringiam apenas às utilizadas no critério estipulado pelo Instituto. As informações, por vezes, extrapolavam os parâmetros do critério oficial: *nego-loiro*, *sarará*, *azulão* e *café-com-leite* são alguns exemplos dessas classificações. Ainda que esse tipo de entendimento, heterodoxo na sua relação com o critério oficial, não seja uma novidade e que a própria elaboração de um critério oficial tenha sido uma tentativa de dar uma maior inteligibilidade a um conjunto variado de classificações, nos parece oportuno salientar que, por trás delas, certas lógicas operam vinculadas ao contexto no qual certas identificações são manifestadas.

Como mencionado, o critério oficial de classificação parece incidir para condensar um conjunto de identificações particulares bem mais heterodoxo. Esse aspecto aparenta ser expressivo no conjunto de identificações que está associado às pessoas autoidentificadas com a categoria negro. Já entre as pessoas que se identificam como brancas houve uma convergência mais significativa entre o critério oficial e a maneira de se autodecla-

rar quanto à raça/cor. Acreditamos que essa dinâmica na forma como se identificar reverbera as clássicas considerações de Nogueira (2007) sobre a ideia de marca (e o preconceito que ela engendra), ou seja, a ênfase em características corporais, fisionomias e gestos associados às pessoas negras e brancas. A implicação do conceito apresentado pelo autor é o de que as pessoas negras tenderiam a “suavizar as suas marcas” como uma forma de ficarem menos visadas ou sujeitas às disposições/attitudes oriundas do preconceito na sociedade brasileira. Dentro da seara do futebol, os registros feitos por Mario Filho (2003) sobre a trajetória de determinados jogadores podem ser entendidos como sintomáticos nesse sentido, pois para se adaptarem e prosperarem nos clubes do futebol carioca do período retomado pelo jornalista, alguns jogadores se valeram destas estratégias de “suavização⁶⁴”.

Em princípio, essa mesma tendência poderia ser rebatida para o contexto da competição de várzea e as classificações heterodoxas, interpretadas como formas narrativas de operacionalizar a ocultação de marcas avaliadas como sujeitas a preconceitos tais quais sugerem os textos clássicos mencionados. Entretanto, ainda que essa dinâmica possa existir, enquanto referência de uma configuração existente na sociedade englobante, a prescrição de uma lógica contextual sugere que uma outra experiência está sendo engendrada nesta situação. Outros contextos etnográficos nos quais o futebol de várzea foi abordado já chamaram a atenção para essa possibilidade. Um exemplo, nesse sentido, foi a investigação realizada por Chiquetto (2014) acerca do “Peladão Indígena” disputado em Manaus. Nas disputas que se dão naquele torneio, sustenta o autor, a identificação de jogadores e jogadoras como indígenas contrasta dois pontos de vista distintos: um que coloca ênfase em formas de purificação e delimitação de critérios que sustentam a configuração da identidade e outro que leva mais em conta as formas de hibridização que atravessam a experiência que uma identidade pode comportar – junção de estilos, formação de alianças, afinidades, entre outros.

⁶⁴ Algumas das situações reverberadas por Filho (2003) disseram respeito aos casos dos jogadores Arthur Friedenreich - com relação ao tempo que demorava no vestiário para alisar e prender em uma rede o seu cabelo crespo - e Carlos Alberto que, ao passar pó de arroz na pele de seu rosto, era “denunciado” por torcidas adversárias, tendo inclusive gerado uma alcunha que se associou ao clube onde atuou (Fluminense F.C.).

Tomando como base essas considerações sobre o “Peladão Indígena” para pensar a experiência de campo na várzea porto-alegrense, especulamos que a prática do futebol de várzea no circuito estudado propiciou um ambiente no qual foi possível para as pessoas negras (re)elaborarem suas marcas em um outro registro – não tomando apenas o influxo do preconceito, mas no da própria expressividade de identificações particulares em diálogo entre si e com perspectivas diferentes da oficialidade. Ao identificarem-se de forma particular quanto a sua raça/cor, árbitros e eventualmente jogadores podem estar procurando evidenciar outros aspectos da sua personalidade/subjetividade – para além da “suavização de marcas” – dentro de um contexto de sociabilidade propício para tal. Reforça essa impressão o fato de que algumas classificações mencionadas terem sido utilizadas de forma jocosa, como interpelação de terceiros, ou seja, inferimos que os interlocutores se valem do ambiente “familiar” do futebol de várzea para lidarem com suas marcas em um registro diferente do da oficialidade e, nesses casos, o fluxo da “resenha” é o que impera.

Um aspecto que também nos leva a crer nessa possibilidade foi o fato dos interlocutores afirmarem que preconceito e/ou discriminação racial não foram encaradas como questões que incidem no circuito de competições no qual estavam atuando. Nesse sentido, nenhum árbitro mencionou ter sido hostilizado racialmente ou discriminado de outra forma, seja no Campeonato Municipal, seja em outro torneio arbitrado na cidade de Porto Alegre – em especial nas regiões periféricas da cidade, onde os jogos que arbitram acontecem mais comumente. Alguns árbitros ressaltaram, entretanto, terem passado por experiências de discriminação racial – no geral hostilização verbal, por vezes conjugada com agressão física, por parte de jogadores ou da torcida – quando tiveram a oportunidade de atuar em outras localidades do Estado do Rio Grande do Sul, especialmente naquelas em que predominam descendentes de imigrantes europeus – italianos e alemães. Tais considerações nos fazem atentar para a ideia de pedaço proposta por Magnani (2002) em sua tipologia conceitual de etnografia urbana, de modo a ser possível pressupor que, nos circuitos de arbitragem que são convergentes com os pedaços dos árbitros, o preconceito e a discriminação racial não aparecem como uma

questão justamente por se tratarem de espaços conhecidos – cuja relação com tais locais se dá no registro da intimidade – e de comunidades de maior presença da população negra na periferia de Porto Alegre. Já em outros pedaços, situações de conflitos raciais passam a ser lembradas.

Os interlocutores negros que atuavam como árbitros na várzea, quando questionados acerca do contraste entre a proeminência de pessoas negras naquele contexto e a escassez delas no circuito profissional, mencionaram como ponto principal da discrepância o fato de que a arbitragem de futebol na maioria dos casos não ter sido um projeto nas suas trajetórias, antes uma contingência. Em boa parte dos casos, houve migração da prática do futebol para a arbitragem, sem que houvesse uma formação nos cânones exigidos para atuação profissional.

Ainda assim, existem casos de pessoas que possuem ambições com a arbitragem de maneira mais engajada. Neste panorama, outro tipo de dificuldade se impõe. No Estado do Rio Grande do Sul, o futebol amador, em nível institucional, não tem uma ligação formal com as entidades que gerem o futebol profissional – dinâmica diferente de outros Estados. Mesmo havendo pessoas destacadas para atuar na arbitragem de competições profissionais, elas dependeriam quase que exclusivamente da própria iniciativa⁶⁵ para fazer a transição. Desta forma, é preciso certa adequação às exigências necessárias ao ingresso no curso de formação de árbitros da Federação Gaúcha de Futebol. Tais adequações incidem tanto em aspectos objetivos – exigência de idade mínima e máxima, bem como de formação escolar mínima; investimento financeiro para pagar o curso, eventualmente treinamento físico com orientação adequada, deslocamento para eventuais jogos, entre outros – quanto em aspectos subjetivos da formação – consentimento com o que poderíamos chamar de ética do ofício, que preconiza certo comportamento público das

⁶⁵ É preciso fazer a ressalva que, eventualmente, alguns donos de ligas de arbitragem amadora, por já terem concedido oportunidades de atuação para árbitros que vieram a se tornar federados, podem mobilizar essa rede de contatos em favor de algum aspirante à arbitragem que essas pessoas venham a apadrinhar. Portanto, ainda que não exista uma ligação formal entre várzea e profissional, nessas situações específicas, donos de ligas de arbitragem podem atuar como gatekeepers entre os domínios mencionados para auxiliar pessoas que julguem com potencial para arbitrar jogos profissionais.

pessoas relacionadas com a arbitragem, a exigência de uma disciplina determinada durante as sessões de treinamento e assim por diante.

Talvez por conta desta circunscrição observada no contexto do futebol de várzea, os árbitros do circuito se notabilizem enquanto árbitros comunitários em um sentido forte, ou seja, pessoas que ajudam a propiciar um evento significativo no cotidiano de outras naquele entorno. Nesse sentido, é possível perceber que os árbitros mais experientes no circuito se sentem e atuam, de certa maneira, como salvaguardas do futebol de várzea, em especial aqueles que possuem o entendimento de que esta prática é uma das poucas opções de lazer coletiva em comunidades localizadas em bairros periféricos. A partir da arbitragem, eles ampliam suas redes de contato, tornam-se conhecidos e respeitados pelo papel que exercem, ainda que no calor do jogo possam ser hostilizados, ameaçados, eventualmente agredidos.

Não é fortuito que essa importância possa ser auferida a um grupo de pessoas que, em sua maioria, seja composta por homens negros. Em primeiro lugar, porque o futebol de várzea traz para a arbitragem um senso de respeitabilidade que, talvez pela precária institucionalidade que ela configura, seja mais compreensível de se ter nesse ambiente do que no do futebol profissional. A arbitragem não somente toma/rouba um jogo – quando atua mal –, mas também constrói o jogo em sua atuação. Para isso, é necessária uma interlocução constante com os atletas dentro de campo, afirmando a autoridade sem exceder-se; marcar a atuação pela “presença”, para usar um jargão recorrente dos interlocutores, uma condução do jogo envolvendo mediação que se equilibra entre consensos instáveis ajustados constantemente, entre tolerâncias e intransigências de parte a parte. O aspecto produtivo da atuação extrapola o momento do jogo em si e se reporta para a construção da interação entre as diferentes comunidades participantes das competições de futebol. Nesse sentido, é possível ir além e observar não apenas a configuração de uma oficialidade em um momento específico da duração de uma partida, mas também a elaboração de um senso coletivo dentre aqueles que participam do circuito e que o futebol de várzea coloca em causa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto apresentado, buscamos justapor dois âmbitos empíricos de investigação que visaram refletir sobre a presença e a atuação de homens negros na arbitragem de futebol; o primeiro no futebol de várzea e o segundo em um curso de formação para a atuação em competições profissionais. Para isso, em um primeiro momento, nos debruçamos sobre as possibilidades de apreensão da arbitragem de futebol pelo seu entorno. Nesse contexto, propomos uma interpretação antropológica, tanto para a categoria de acusação de que a arbitragem é costumeiramente alvo – os árbitros são reconhecidos pelo seu entorno como ladrões –, quanto para a compreensão que os próprios árbitros fazem de sua atuação nos dois contextos elencados – a ênfase que se tem, na várzea, da ideia da presença do árbitro e da conseqüente sagacidade que tal presença engendra para a condução de uma partida e, no ambiente do curso de formação, para a ideia de controle do jogo, as valências necessárias para que essa condução se dê de maneira protocolar e homogênea.

Dessas dinâmicas, argumentamos, decorrem fricções entre percepções e entendimentos que não restringem o ideal de uma arbitragem considerada desejável ao domínio da autoridade que se exerce ou das técnicas que se empreendem. Estes aspectos se correlacionam com a compreensão de quem são as pessoas que melhor podem exercer este ofício. É neste registro que o marcador racial assume importância para a nossa reflexão. Dentro deste contexto, nos chama a atenção que, ao aproximar as distintas realidades empíricas investigadas, a presença de árbitros negros possa ser observada de maneira contrastante.

A investigação sobre atuação de árbitros negros no circuito de arbitragem de futebol de várzea em Porto Alegre-RS revela formas situadas de desempenhar este ofício, que não apenas sustentam o jogo em seu transcorrer, mas contribuem para caracterização da várzea enquanto um lugar de sociabilidade singular. Embora os árbitros sejam mais comumente percebidos por seu entorno como pessoas que exercem um trabalho malquisto – talvez maldito –, no contexto pesquisado, essa atuação assume uma certa visibilidade e importância pela circulação

que exerce entre as comunidades. Salientamos, também, que a maioria das pessoas que se ocuparam desse trabalho no período da pesquisa foi composta por homens negros, presença que contrasta com a aparente escassez da presença de árbitros negros no âmbito da arbitragem de competições profissionais.

Chamou-nos a atenção, ainda, que a forma de expressão da identificação racial, bem como a percepção dos problemas oriundos destas relações, está relacionada à abrangência do circuito do qual os árbitros negros participam e reconhecem como íntimos. Dentro das comunidades que habitam nas periferias de Porto Alegre, localidades com as quais mantêm relações de familiaridade e onde a população negra é mais presente, os árbitros relataram que o preconceito e a discriminação racial não são encarados como questões incidentes. Este aspecto da sociabilidade do futebol de várzea pode abrir margem para que as considerações sobre as identificações raciais de pessoas negras possam ser elaboradas para além do influxo que o racismo lega às marcas raciais. Em contrapartida, percepções sobre situações de preconceito e discriminação racial são rememoradas de forma mais frequente quando ocorrem em localidades com as quais não existe uma ligação perene.

Por fim, ao atuarem nas competições de várzea, os árbitros negros, ao lançarem mão de sua presença em campo, não apenas regulam as discórdias de forma mais ou menos ortodoxa. A partir de uma instância de respeitabilidade que constroem pela ampliação de seus contatos nas comunidades, estas pessoas se tornam figuras importantes para a própria constituição daquele contexto futebolístico, no qual os jogos são compreendidos como uma das poucas opções de lazer coletivo.

Tal panorama contrasta ao migrarmos para o contexto de atuação profissional. Chama a atenção, nesse caso, a sub-representação de pessoas negras na arbitragem de futebol, com o destaque para a falta de dados oficiais sobre a presença de árbitros negros nas federações brasileiras, o que já aponta para uma brecha institucional. Para elaborar uma estimativa sobre essa presença, foi necessário realizar um exercício de hetero-identificação com base na lista de árbitros presente no site da CBF. Foi a partir deste exercício que inferimos que a presença de árbitros e árbitros

negros é minoritária nas competições de abrangência nacional. Embora reconheçamos as limitações da metodologia empreendida para basear essa consideração, reforçamos a importância de questionar essa ausência, tanto simbólica quanto estatística, pois ela contribui para a manutenção de desigualdades estruturais no futebol e na sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

BALACÓ, Bruno; GUIMARÃES, Carlos; RUTILLI, Marizandra. A reinvenção da resenha via Mesacast: o modelo brasileiro de podcast esportivo. In: *Anais... 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)*. 2023.

CHANIAL, Philippe. *Esquisse d'une grammaire des relations humaines en clé de don*. La Société vue du don. Manuel de sociologie anti-utilitariste appliquée. La Découverte/Bibliothèque du MAUSS, p. 557-571, 2008.

CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. Entre índios e boleiros no Peladão Indígena. Ponto Urbe. *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n. 14, 2014.

CORREIA, Gabriel Farias Alves. Uma grande solidão em meio à multidão: histórias e memórias da arbitragem de futebol de Minas Gerais. *Dissertação* (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

DAMO, Arlei Sander. Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

DAMO, Arlei Sander. Futebóis-da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *Fulia/Ufmg*, Faculdade de Letras da UFMG. v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Lisboa: Difel, 1992.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2003.

HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. *Revista Estudos Históricos*, v. 13, n. 23, p. 147-166, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 17, p. 11-29, 2002.

MORALES, João Cauê Benedeti. Moldes e modulações da arbitragem de futebol: um estudo antropológico sobre a formação de árbitros e relações raciais no Brasil. *Tese* (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2025.

MORALES, João Cauê Benedeti. Entre a discórdia e a regulação: uma etnografia a partir do circuito de arbitragem de futebol de várzea em Porto Alegre. *Dissertação*

(Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

MURAD, Mauricio. Considerações possíveis de uma resposta necessária. *Revista Estudos Históricos*, v. 13, n. 24, p. 431-446, 1999.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo social*, v. 19, p. 287-308, 2007.

PAULIS, Emilien; DE WAELE, Jean-Michel. Les arbitres de football en Belgique: profils et motivations de citoyens «engagés». [Bruxelas]: CEVIPOL/ULB, 2019. Disponível em: http://cevipol.ulb.ac.be/sites/default/files/dewaelepaulis_2019_etude_arbitragefr_nl.pdf. Acesso em: 8 abr. 2026.

RADOMSKY, Guilherme Francisco Waterloo. *O poder do selo: imaginários ecológicos, formas de certificação e regimes de propriedade intelectual no sistema agroalimentar*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2015.

SAUTCHUK, Carlos. *Entre erros e imagens: dilemas da arbitragem de futebol*. Humanidades (Brasília), v. 60, p. 45-56, 2014.

SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção das tradições no Campo do Futebol. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 119-146, 1999a.

SOARES, Antônio Jorge. A modo de resposta. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 166-173, 1999b.

TONINI, Marcel Diego. *Negros no futebol brasileiro: olhares e experiências de dois treinadores*. Oralidades, 2010.

ZELIZER, Viviana. Circuits within Capitalism. In: NEE, Victor; SWEDBERG, Richard (eds). *The Economic Sociology of Capitalism*. Princeton: Princeton University Press, 2005, p. 311-342.

AUTORAS E AUTORES

ALCIDES JOSÉ SCAGLIA

Livre Docente em Pedagogia do Esporte e Pedagogia do Jogo pela Universidade Estadual de Campinas. Doutor em Pedagogia do Movimento Universidade Estadual de Campinas (FEF-UNICAMP). Mestre em Pedagogia do Esporte pela Universidade Estadual de Campinas (FEF-UNICAMP). Licenciado e Bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (FEF-UNICAMP). Atualmente, é professor associado na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA-UNICAMP) no curso de Ciências do Esporte. Tem experiência nas subáreas da Educação Física escolar e Pedagogia do Esporte, com ênfase em aspectos epistemológicos, didáticos e metodológicos do ensino-aprendizagem-treinamento dos jogos coletivos de invasão, futebol da iniciação ao treinamento, e na relação da teoria do jogo com as ciências humanas.

ARI LAZZAROTTI FILHO

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio doutoral na Università Cattolica del Sacro Cuore de Milan (Itália) e pós-doutorado na Free University of Bozen-Bolzano (Itália). É professor associado da UFG e professor colaborador da Universidade de Brasília (UNB). Atua como editor da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF/UFG) e pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Estudos do Futebol, com foco em futebol, formação e lazer.

ARLEI SANDER DAMO

Professor associado na UFRGS e coordenador do PPG em Antropologia Social. Doutor pela mesma instituição, realizou estágio de pesquisa no *Institut d'Ethnologie Méditerranéenne et Comparative* (França). É pesquisador do CNPq e referência na antropologia do esporte, analisando também gênero, economia e política. É autor do livro *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, obra vencedora dos prêmios Capes e Anpocs de melhor tese em 2005.

DIEGO ALSINA MACHADO

Licenciado y magister en Educación Física por el Instituto Superior de Educación Física, Udelar. Doctorando en el programa de pos graduación en Educación Física, Universidad Federal de Pelotas, Brasil. Integrante del Grupo de Estudios Sociales

y Culturales sobre Deporte, ISEF. Profesor Asistente en el Departamento de Educación Física y Deporte, ISEF en el Centro Universitario Regional Este. Temas de investigación masculinidades en el deporte, formación y trayectorias deportivas, estudios sobre jóvenes y juventud.

EDINALVA BRITO GOMES

Advogada desportiva, especialista em Direito no Futebol, Direito Público, Direito e Processo Trabalhista. Atua nas áreas de Direito Desportivo, Família e Cível, com trajetória voltada à promoção da justiça, dos direitos humanos e da participação de mulheres no esporte. É membra da Comissão de Direito Desportivo da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/ES) e do Tribunal de Justiça Desportiva Unificado do Espírito Santo (TJDU/ES). Exerceu cargos de liderança ligados ao esporte feminino capixaba, incluindo a coordenação da Seleção Capixaba de Advogadas e das modalidades femininas da Caixa de Assistência dos Advogados do Espírito Santo (CAAES), além de atuar em projetos sociais e de defesa dos direitos das mulheres.

FÁBIO MACHADO PINTO

Graduado em Educação Física pela UFSC, Mestrado em Sociologia pela Universidade de Lisboa, Mestrado e Doutorado em Sciences de L'Éducation pela Université de Paris 8, França. Com pós-doutorado em Ciências da Educação na UFPel e, Interdisciplinar em Ciências Humanas, na UFSC. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Titular da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. É vice-líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC). Membro de equipes de pesquisa na França, Portugal e Uruguai, atua como membro da linha Futebol de Várzea e Comunitário e Coordenador de Eventos Internacionais do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Estudos do Futebol Brasileiro (INCT) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

GABRIEL ORENGA SANDOVAL

Mestre em Educação Física e Sociedade pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP). Bacharel em Ciências do Esporte pela Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (FCA/UNICAMP). Atualmente, é doutorando em Educação Física e Sociedade pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP). Integrante do Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte (LEPE) e do Nomear (Fenomenologia e Geografia). Estuda, dentro da subárea da Pedagogia do Esporte e da Filosofia do Esporte, questões relacionadas ao futebol de rua, estudos sobre o jogo e fenomenologia do esporte.

HELEN STRELOW KNABACH

Mestranda do programa de pós graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora da linha de Formação Profissional e prática

pedagógica. Participante do Projeto Interperiferias do Futebol (Pelotas) desde 2022, atuando na coleta de dados e escrita sobre lesões no futebol veterano. Atleta amadora de futebol e futsal colonial.

JOÃO CAUÊ BENEDETI MORALES

Jornalista e antropólogo brasileiro, mestre e doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua atuação acadêmica destaca-se pela investigação das ciências sociais aplicadas ao esporte, com ênfase no futebol. Dedicou-se especialmente ao estudo das dinâmicas de trabalho, processos de profissionalização e relações raciais na arbitragem de futebol no Brasil. Autor de tese pioneira sobre a formação de árbitros e o racismo estrutural no esporte nacional, o pesquisador também analisa o futebol de várzea e a cultura popular, conectando comunicação, antropologia urbana e desigualdades sociais.

LUIZ CARLOS RIGO

Torcedor do Grêmio Esportivo Brasil. Professor Titular da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Coordenador da Futebol de Várzea e Comunitário do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Estudos do Futebol Brasileiro (INCT) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Possui graduação e mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona e Pós-doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Autor do livro “Memórias de um Futebol de Fronteira (Editora Universitária da UFPEL; (2005) e de vários artigos que tratam do futebol a partir da perspectiva das ciências humanas e sociais.

MARCELO OLIVEIRA TERRA

Profissional de Educação Física e mestrando na área de Comportamento Motor. Atua com desenvolvimento infantil, iniciação esportiva e projetos esportivos, tendo participado de ações de extensão universitária voltadas ao futebol veterano InterPeriferias do Futebol na ESEF UFPEL. Dedicou-se a estudos e práticas relacionados ao esporte, saúde e desenvolvimento motor.

MARCELO COZZENSA DA SILVA

Possui graduação e mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e doutorado em Epidemiologia pelo Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPEL. Realizou Pós-Doutorado (Estágio Sênior no Exterior - bolsa CAPES) na University of California San Diego (UCSD) ((2020). É professor titular da Universidade Federal de Pelotas nos cursos de graduação de Educação Física e Fisioterapia e atua no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da mesma instituição. Sócio fundador da Sociedade Brasileira de Atividade Física & Saúde e membro do GEEAF (Grupo de Estudos em Epidemiologia da Atividade

Física). Tem experiência na área de Atividade Física e Saúde e Epidemiologia, atuando principalmente nos seguintes temas: epidemiologia da atividade física, atividade física, exercício e promoção da saúde, atividade física e problemas musculoesqueléticos e epidemiologia ocupacional.

MARIANA ZUANETI MARTINS

Professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atuando nos cursos de Educação Física e no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado). Doutora e mestra em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde também se formou em Educação Física e em Ciências Sociais. Pesquisa Sociologia do Esporte, Pedagogia do Esporte e estudos de gênero. Coordena a GRUPA (Grupo de Estudos em Gênero e Esporte). É autora e coautora de diversos livros sobre futebol, entre eles O Futebol de Mulheres no Brasil: Desafios e Perspectivas, As Meninas e o Futebol e a cartilha pedagógica O Futebol é Delas.

MAURO MYSKIW

Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), mestre em Ciência do Movimento Humano e mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no curso de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID). Membro do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS). Membro da linha Futebol de Várzea e Comunitário do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Estudos do Futebol Brasileiro (INCT) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO

Doutor em História, Política e Bens Culturais na Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC). Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do FULIA/UFMG – Núcleo de estudos sobre futebol, linguagem e artes. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). É autor do livro “A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)”, e organizador das coletâneas “Futebol Popular”, em parceria com Enrico Spaggiari e Caroline Almeida, e “História Oral e Futebol”, em parceria com Bernardo Buarque de Hollanda.

SAMARA VENTURELI FURTADO

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bacharel pela Faculdade Multivix. Atua em projetos esportivos de caráter social vinculados ao futsal e é treinadora de futsal feminino. Desenvolve interesses nas áreas de pedagogia do esporte, dupla carreira e participação de meninas em contextos esportivos.

SÂMARA SENA ARAÚJO FRANCA

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), treinadora de handebol e árbitra de esporte escolar e integrante da GRUPA (Grupo de Estudos em Gênero e Esporte). Pesquisa temas relacionados à participação esportiva de mulheres, formação de treinadoras e construção de espaços seguros no esporte.

SILVANA VILODRE GOELLNER

Professora titular aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciatura em Educação Física (UFSM), Mestrado em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Doutorado em Educação (UNICAMP) e Pós-doutorado em Desporto (Universidade do Porto). Experiência em pesquisas sobre gênero e esporte, história e memória, futebol e mulheres. Vice coordenadora do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO), do Projeto Registrando Memórias: História Oral, Educação Física e práticas corporais (UFMG) e da rede de Mulheres Pesquisadoras de Futebol.

SOFIA COVELLO DA ROCHA

Graduanda em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, integra o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) e o Grupo de Estudos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer (GESOE) da UFRGS. Participou da linha de pesquisa Futebol Comunitário e de Várzea do INCT Estudos do Futebol Brasileiro entre 2023 e 2024, atuando como bolsista de iniciação científica. Desenvolve interesse nas áreas de sociologia e antropologia em interface com a Educação Física, com ênfase em corridas de rua e lazer em contextos de crise climática.

AB4 PUBLICAÇÕES

